



A Leitura Literária

na Escola Pública Potiguar

ide

Cláudia Santa Rosa
ORGANIZADORA

A Leitura Literária

na Escola Pública Potiguar

ide

Natal - 2011

Copyright © 2011, IDE



INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (IDE)

Av. Antônio Basílio, 3066 / 105 - Lagoa Nova

59056-500 - Natal/RN - Brasil

Fone: + 84 3611-0968

ide@ideducacao.org.br

www.ideducacao.org.br

Coordenação: Cláudia Santa Rosa

Projeto Gráfico, Capa e Ilustrações: Joab Isídio Santos

Foto da Capa: Marcelo Barroso

Fotografias: Marcelo Barroso e Arquivos das instituições

(As fotos de Marcelo Barroso foram feitas na Escola Estadual Hegésippo Reis, pelo que agradecemos as imagens cedidas)

Revisão: Francisca Freire da Costa

Apoio: Instituto C&A

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Leitura Literária na escola pública Potiguar /
Cláudia Santa Rosa, organizadora. -- Natal, RN :
Ide, 2011.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-99932-02-5

1. Educação - Rio Grande do Norte 2. Educadores -
Formação 3. Escolas públicas - Rio Grande do Norte
4. Leitores 5. Leitura 6. Literatura 7. Mediação
8. Pedagogia I. Santa Rosa, Cláudia.

11-07406

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Projeto da Rede Potiguar de Escolas Leitoras :
Leitura literária na escola pública :
Práticas de mediação : Educadores :
Formação : Educação 370.71

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem a prévia autorização do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE).

Impresso no Brasil - julho de 2011

Às pessoas – adultas e crianças – e às instituições que, cotidianamente, dedicam esforços para construir a Rede Potiguar de Escolas Leitoras.

Ao Instituto C&A pelo programa “Prazer em Ler”, pela parceria no Rio Grande do Norte e pelos 20 anos de investimentos na Educação das crianças e adolescentes brasileiros.

[...] Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. [...]

Manoel de Barros

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
PREFÁCIO - Um livro para falar de leitura literária na escola	13
<i>Paulo Castro</i>	
PRIMEIRA PARTE – Conhecer o terreno, propor uma rota	17
Um lugar para a leitura literária na escola pública potiguar	19
<i>Cláudia Santa Rosa</i>	
Como vai a leitura literária nas escolas públicas estaduais?	47
<i>Luiz Ricardo Ramalho de Almeida e Tácia Maria Ataíde Pereira</i>	
Comunicação a serviço do Social	63
<i>Taciana Chiquetti</i>	
SEGUNDA PARTE – Fragmentos de uma rota teórica e prática	71
Práticas de Mediação para a Formação do Leitor e de Comunidades de Leitores.	73
<i>Maria do Rosário Beserra Guerra</i>	
Espaços de leitura: concepção, identidade, visibilidade e dinamização	79
<i>Verônica Maria de Araújo Pontes</i>	
A formação do acervo literário	93
<i>Maria do Socorro de Azevedo Borba</i>	
Classificação em cores: Uma metodologia inovadora na programação das bibliotecas escolares do município de Rondonópolis-MT	101
<i>Mariza Inês da Silva Pinheiro</i>	
O lugar do livro na cultura ocidental: ordens e fugas	115
<i>Nilma Lacerda</i>	
A leitura literária como direito da criança	131
<i>Maurício Veneza</i>	
A estética na literatura infantil	137
<i>Laura Sandroni</i>	
O papel da ilustração em um livro	151
<i>Angela Lago</i>	
Cultura popular, literatura e padrões culturais	157
<i>Ricardo Azevedo</i>	
A formação continuada do mediador de leitura literária	177
<i>Adriano Lopes Gomes</i>	

As práticas de leitura literária desenvolvidas na escola antes e depois da formação do programa prazer em ler <i>Helena Fernandes Neta</i>	183
TERCEIRA PARTE – Escola de Leitores: o que dizem as experiências?	201
Escola de Leitores: formação e acompanhamento <i>Grace Helen Rabello de Azevedo</i>	203
O sentido da leitura literária na escola <i>Elisimar Lopes</i>	221
Bairro Leitor <i>Maria Evania de Oliveira</i>	235
Abrindo as portas do saber literário <i>Maristella Costa da Silva e Isabel Cristina Teixeira de Castro</i>	253
Restaurante Literário <i>Angélica Fernandes de Oliveira Vitalino e Miriam Antunes Rodrigues da Silva</i>	267
Uma escola pública com sabor de leitura <i>Alzenir Araújo Santos</i>	277
Aprendizagens da Instituição Formadora <i>Cláudia Santa Rosa</i>	297
Aprendizagens das Escolas Vencedoras <i>Alzenir Araujo Santos, Angélica Fernandes de Oliveira Vitalino, Elisimar Lopes, Francisca Marilda Pinheiro, Maria Evania de Oliveira e Maristella Costa</i>	301
Repercussões do Concurso Escola de Leitores para a Educação do Estado do Rio Grande do Norte <i>Tânia Maria Leiros Cunha Cavalcanti, Maria Aparecida Gomes Barbosa e Helena Fernandes Neta</i>	307
QUARTA PARTE – Base Legal e Mobilização	313
Lei Estadual Nº 9.169, de 15 de janeiro de 2009	315
Carta de Lançamento do Fórum Potiguar de Escolas Leitoras	321
Portaria de Criação do Comitê Gestor do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE)	323
Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores	324
Termo de Adesão ao Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores	329
QUINTA PARTE – Mapeando a Rede Potiguar de Escolas Leitoras	331
Polos de Leitura de Natal e Parnamirim	333
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	345

Apresentação

É com prazer e forte sentimento de realização que apresentamos este livro, planejado há mais de dois anos. Ele revela parte de uma espécie de bordado, que vem sendo desenhado a partir do segundo semestre de 2007, ao ser iniciado o projeto de formação de professores mediadores de leitura nas escolas, no âmbito da parceria entre o Instituto C&A e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC), contando com a coordenação técnica do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE). Durante esse tempo, as contribuições ao projeto, dos muitos profissionais talentosos, têm sido tão especiais quanto o trabalho das bordadeiras que entrelaçam linhas para ornar um tecido. Aos poucos, ações coletivas foram enriquecendo o bordado, sobremaneira, numa trama que resultou no projeto da “Rede Potiguar de Escolas Litoras” e na ampliação das parcerias, em 2010, envolvendo as secretarias de educação dos municípios de Natal e Parnamirim.

Durante esses anos, aconteceram, aproximadamente, 400 horas de formação, realizadas por especialistas em cada temática. Já são 145 instituições participantes, cada uma com o seu projeto de leitura e suas importantes experiências. Para esta coletânea, organizada em cinco partes, reunimos o prefácio que foi escrito pelo Diretor Presidente do Instituto C&A, vinte e três textos, cinco documentos, um mapa e uma rica seleção de fotografias, as quais, mais do que ilustrações, são conteúdos preciosos que expressam situações de leitura, professores mediadores em atividades e em espaços de formação, além de bibliotecas e salas de leitura ambientadas. Realçamos a importância do texto das “orelhas” desta obra ter sido escrito pela Governadora Rosalba Ciarlini, justamente pelo que esse gesto representa para o movimento por uma política pública de promoção da leitura literária nas escolas do Estado do Rio Grande do Norte.

A primeira parte de “A leitura literária na escola pública potiguar” discorre sobre o cenário, a proposta do projeto e o diagnóstico inicial, bem como a contribuição da área de comunicação social. Na segunda parte, à exceção do texto “Classificação em cores: uma metodologia inovadora na organização das bibliotecas escolares do município de Rondonópolis-MT”, assinado pela professora Mariza Inês da Silva Pinheiro, os (as) demais autores (as) trabalharam conosco, de forma presencial, nos encontros de formação e seminários e dessas

participações decorreram os seus artigos.

Na terceira parte, representantes das cinco escolas vencedoras do concurso “Escola de Leitores”, certame promovido pelo Instituto C&A, em parceria, no Estado potiguar, com o IDE e a SEEC, relatam sobre os seus projetos. São escolas que, em agosto de 2010, designaram dois educadores para integrarem uma comitiva composta por cinquenta brasileiros que, durante uma semana, vivenciou um intercâmbio cultural em Bogotá/Colômbia, conhecida como “Capital Mundial das Bibliotecas”. Também participei dessa experiência, oportunidade singular de conhecer bibliotecas excelentes, participar de seminários com renomados especialistas nas áreas de Educação e Leitura, conversas com escritores, bibliotecários e educadores, o que rendeu incontáveis aprendizados e reforçou pelo menos uma certeza: biblioteca não é luxo, mas, sim, um equipamento de fundamental importância para garantirmos o direito de toda população de acesso à cultura escrita.

Diante dessa assertiva e dos êxitos dos projetos premiados, de uma forma ou de outra, este livro pretende provocar algumas indagações: Por que será que negligenciamos nos cuidados com as poucas bibliotecas públicas que temos? Por que não espalhamos bibliotecas pelos bairros distantes do centro? Por que será que há tantas escolas sem bibliotecas, sem bons acervos e sem professores que promovam a leitura? Por que secundarizamos o papel da biblioteca escolar, mesmo sabendo que a maioria dos alunos e suas famílias têm limitadas chances de serem consumidores em livrarias e sebos?

Não é por acaso que a quarta parte reúne documentos como a Lei Estadual Nº 9.169, de 15 de janeiro de 2009, que dispõe sobre a política estadual de promoção da leitura literária nas escolas e o “Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores”. Por fim, a quinta e última disponibiliza o mapeamento dos polos de leitura de Natal e Parnamirim seguido da relação das escolas e bibliotecas com os respectivos endereços. Ao final, uma bibliografia foi organizada para complementar as referências dos artigos.

A nossa expectativa é de que este livro faça sentido para educadores, gestores públicos, parlamentares e quantos tenham interesse de saber sobre o processo de construção de um bonito e delicado bordado social que tem sido elaborado a muitas mãos, tendo em vista um Rio Grande do Norte de Leitores.

PREFÁCIO

Um livro para falar de leitura literária na escola

Transformar em livro a experiência de estimular a leitura literária nas escolas públicas potiguares é para nós, do Instituto C&A, a evidência concreta de que é possível construir uma sociedade leitora no Brasil. Mais do que isso, esta publicação mostra a importância de formar leitores, a potência do incentivo à leitura literária assumido pelo poder público e por organizações da sociedade civil como pilar de uma boa educação a que tem direito todos os cidadãos brasileiros.

Desde 2006, com o lançamento do programa *Prazer em Ler*, o Instituto C&A vem focando grande parte de seus esforços em estabelecer parcerias e apoiar projetos que agreguem intencionalidade às práticas de incentivo à leitura nas escolas, promovendo a formação de leitores e desenvolvendo o gosto pela leitura. Acreditamos que ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura. É por meio da leitura de literatura que o sujeito amplia suas possibilidades de inserção social e cidadã, que ganha condições para o desenvolvimento de habilidades diversas como a de argumentar, criticar, comparar e raciocinar, além de possibilitar a ampliação do repertório cultural e o acesso ao patrimônio universal da humanidade.

Mas o gosto pela leitura não é inato e não se dá apenas por meio do contato com as letras. É uma construção social e enquanto tal precisa ser **transmitida**. Por isso, o papel tão essencial do professor leitor, da leitura literária em casa, na comunidade e na biblioteca. Foi com a intenção de incidir nesse cenário que, a partir de 2007, uma parceria entre o Instituto C&A e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte, com apoio técnico do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), deu início à Rede Potiguar de Escolas Leitoras. As atividades começaram em 76 escolas de Natal e três de Parnamirim, com professores e estudantes do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Em 2010, o envolvimento das secretarias municipais de educação de Natal e de Parnamirim garantiu que o projeto chegasse a 145 escolas públicas.

As ações dessa rede estão baseadas nos eixos do programa *Prazer em Ler*, que estabelece como fundamental para alcançar seu objetivo um acervo de qualidade, um espaço de leitura acolhedor e bem ambientado e a atuação de mediadores de leitura capazes de facilitar o desenvolvimento do gosto pela leitura e de promover a cultura leitora nas comunidades. A atuação da Rede Potiguar de Escolas Leitoras vem colhendo importantes resultados. Um dos mais relevantes foi a aprovação das leis que dispõem sobre a criação de políticas de leitura no Rio Grande do Norte e no município de Natal. É esse marco legal que ajudará a garantir a perenidade e o alcance em uma escala maior dessas iniciativas. Fazer com que o poder público aposte no estímulo à leitura literária para melhorar os índices educacionais é um ganho e tanto.

Fortalecer a rede de mediadores de leitura para dar conta desse novo panorama, além da estrutura das bibliotecas escolares e do acesso a obras de qualidade é sempre um desafio. Para tanto, foi criado o Fórum Potiguar de Escolas Leitoras, um espaço de mobilização, articulação, formação e troca de experiências. Ao mesmo tempo, em 2010, o Instituto C&A propôs um novo modelo de atuação com as escolas organizadas em polos de leitura, conferindo mais autonomia às instituições participantes e otimizando os aprendizados.

Para contribuir com a mobilização da rede pública de ensino e incentivar a implantação, consolidação e aprimoramento de projetos de leitura, o Instituto C&A criou, em 2009, o Concurso Escola de Leitores. Em parceria com instituições locais com trajetória na promoção da leitura e com as secretarias municipais e estaduais de Educação, o concurso aconteceu em quatro localidades e foi pautado pelos princípios que norteiam o programa *Prazer em Ler*. No Rio Grande do Norte, a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura foi parceira do prêmio, outorgado a cinco escolas que apresentaram projetos já iniciados de promoção da leitura literária. As iniciativas ganhadoras receberam recursos financeiros para aplicar na melhoria das instalações, equipamentos, acervo, processos de atividade e/ou contratação de recursos humanos, além de um acompanhamento técnico-pedagógico por um ano, neste caso realizado pelo Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE). O concurso ofereceu ainda uma viagem à Colômbia para participar de troca de experiências e conhecer as iniciativas desse país-referência em políticas de promoção da leitura literária; oportunidades de intercâmbio com outras iniciativas de incentivo à leitura no Brasil; e espaços para divulgar e apresentar seus projetos no Seminário Potiguar Prazer em Ler, em 2010, e no Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens de 2011. Neste livro encontramos importantes registros do que representou para os municípios de Natal e Parnamirim participar do Concurso Escola de Leitores.

A experiência acumulada nos últimos anos nos permitiu compreender que a promoção da leitura literária envolve temas mais amplos nas instituições de ensino. Ao focalizar essa questão é possível trabalhar, por exemplo, a relação do educador com o educando, a formação dos educadores, seu compromisso com o ato de educar, o envolvimento dos familiares e da comunidade com a escola, além de fomentar uma visão crítica do mundo, o que permitirá ao aluno uma inserção no mundo mais ligada à cidadania, aos direitos humanos e à justiça social. Porque a leitura de literatura nos ajuda a dar sentido à vida. E esse é um direito de todos, e que ainda não está escrito.

O Instituto C&A tem muito orgulho de colaborar na busca por esse direito, dos parceiros e das escolas que se engajaram nessa ideia conosco. Este livro guarda as dificuldades e as conquistas de um caminho que é longo e que precisa de todos nós para se tornar cada vez mais uma realidade. Nosso agradecimento a todos os que se dedicam e apostam nesta causa.

Boa leitura!

Paulo Castro
Diretor Presidente do Instituto C&A



Foto: Marcelo Barroso

Primeira Parte

**Conhecer o terreno,
propor uma rota**

Foto: Marcelo Barroso



Um lugar para a leitura literária na escola pública potiguar

Cláudia Santa Rosa¹

A EDUCAÇÃO POTIGUAR

O Rio Grande do Norte (RN) é um estado da região Nordeste dividido, administrativamente, em 167 municípios. Com aproximadamente 3.137.541 habitantes, posiciona-se em 18º lugar entre os estados, representando 1,6% da população do país, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009).

No ano de 2009, o Censo Escolar revelou que a matrícula inicial, na educação básica – da educação infantil ao ensino médio – do RN, foi de 944.406 alunos, distribuídos em 4.086 instituições de ensino de dependência administrativa federal, estadual, municipal e particular. Levando-se em conta a matrícula e o total da população, constata-se ser de quase um terço o percentual dos potiguares atendidos na escola básica.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad – 2009) informou 19,5% a taxa de analfabetismo do Estado. Conforme análise do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 18,1% dos potiguares maiores de 15 anos são analfabetos, 6º índice mais alto do país, num estado em que a média de anos de estudo é a 7ª mais baixa entre os Estados: 6,5. No que diz respeito ao analfabetismo funcional, consideramos que os estudos ainda não são seguros e definitivos para precisarem o percentual daqueles que decifram os códigos, mas não compreendem a mensagem que os mesmos transmitem.

¹ Professora, especialista em Psicopedagogia, mestra e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), este último com estágio na Universidade do Porto - Portugal. É uma das fundadoras do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) e, desde 2005, coordena os projetos implementados pela organização, em parceria com o Instituto C&A. Em 1990, passou a integrar o quadro da Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte e, a partir de julho de 2006, coordena a implementação do “Casa de Saberes”, projeto político-pedagógico da Escola Estadual Hegésippo Reis.

Ao certo, já se sabe que os resultados dos exames oficiais, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), revelam lacunas nas competências básicas de leitura, escrita e conhecimentos da matemática, situando o ensino norte-rio-grandense em posição desconfortável. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), divulgado a cada dois anos, confirma: numa escala de 0 a 10, excetuando-se a rede privada, o Quadro 1 aponta a evolução das médias do ensino potiguar.

Fases de Ensino	IDEB Observado		
	2005	2007	2009
Anos Iniciais do Ensino Fundamental	2,6	3,0	3,5
Anos Finais do Ensino Fundamental	2,6	2,7	2,9
Ensino Médio	2,6	2,6	2,8

QUADRO 1 - Evolução das médias do ensino potiguar, conforme o IDEB. Fonte: Inep, com dados do Saeb e Censo Escolar - <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>

Corroborando com os dados do IDEB, verifica-se o resultado da última edição do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) - realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) - que avalia leitura, matemática e ciências em 65 países. Apesar de o Brasil ter apresentado avanços com a sua média de 401 pontos, impõe-se o 53º lugar em ciências e leitura e 57º em matemática, quando comparado aos demais países que participaram. O Rio Grande do Norte, juntamente com os estados do Amazonas e do Acre, obteve 371 pontos, a 3ª média mais baixa entre os 27 estados brasileiros.

Os indicadores educacionais suscitam a necessidade de medidas urgentes, que cuidem da base, da formação das crianças e adolescentes, especialmente do processo de alfabetização e letramento, pois as competências leitoras e escritoras são condições para que o estudante tenha êxito nas demais áreas de conhecimento. Porém, não custa lembrar que uma recente pesquisa do Instituto Pró-Livro dá conta de que a média de livros lidos, pelos brasileiros, fora da escola, é de apenas 1,3 habitante/ano, ou seja, escola, bibliotecas públicas, famílias e sociedade não estão conseguindo formar leitores de texto literário. No estado potiguar essa realidade não é diferente.

Em consonância, o 1º Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais revelou, em 2010, que o Rio Grande do Norte ocupa o terceiro lugar entre os

estados nordestinos que mais receberão kits de implantação de bibliotecas, do Ministério da Cultura, justamente por ser o sétimo com maior déficit de bibliotecas em seus municípios. E isso sem que tenham sido analisadas as condições de funcionamento das bibliotecas públicas que foram contadas na estatística.

No que diz respeito às bibliotecas escolares, em 2010 a informação do Ministério da Educação é de que 68% das escolas públicas do país não possuem biblioteca, evidenciando a dimensão do desafio para cumprir o que determina a Lei Federal 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização, em até dez anos, das bibliotecas nas instituições de ensino públicas e privadas do país.

No Brasil, os livros ainda são considerados de custo elevado para as condições sócio-econômicas da população. Mas essa justificativa é insuficiente quando se verifica a dívida educacional e cultural do Estado junto à população. Quando se lê pouco, vende-se pouco o produto livro, têm-se poucas livrarias e, conseqüentemente, publica-se com tiragens pequenas, encarecendo o valor final da obra. Porém, a formação de uma geração de leitores requer, indiscutivelmente, investimentos tanto em bibliotecas públicas quanto nas escolares, a partir de um conceito que mobilize as pessoas para adentrarem num ambiente leitor.

O PROGRAMA “PRAZER EM LER” NO RIO GRANDE DO NORTE

Os preocupantes indicadores educacionais do Estado potiguar persistem há anos. Eles motivaram, a partir de agosto de 2007², a implementação de um projeto³ de promoção da leitura literária nas escolas – o Rede Potiguar de Escolas Leitoras –, no âmbito da parceria entre o Instituto C&A (IC&A) e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC), aten-

² Durante o ano de 2006, as atividades vinculadas ao programa “Prazer em Ler” aconteceram em Natal, na Escola Municipal Antonio Campos, no bairro Mãe Luiza, onde o Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) já atuava desde 2005, contando com a parceria do Instituto C&A. Em 2007, o trabalho transferiu-se para a Escola Estadual Hegésippo Reis, também em Natal, no bairro Nova Descoberta, através do projeto “Lugares onde moram as palavras”. Nessa instituição o projeto foi marco zero no trabalho de formação de leitores e os resultados, em poucos meses, motivaram a expansão para dezenas de outras escolas.

³ O projeto já adotou diferentes nomes: projeto “Prazer em Ler nas escolas”, “Formação de Mediadores de Leitura nas Escolas”, “Escola de Leitores” e “Rede Potiguar de Escolas Leitoras”, esse último em consonância com o Art. 11 da Lei Estadual Nº 9.169, de 15/01/2009. Todos os ajustes ou modificações expressaram as tentativas das instituições parceiras de encontrar uma identificação que desse conta da abrangência do projeto. Portanto, aqui e acolá, nas referências e documentos impressos ou digitais, além de outras formas de registros, poderão ser encontradas essas variações.

dendo as 76 escolas estaduais, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, localizadas em Natal e três no município de Parnamirim. Atendendo ao convite do IC&A, o Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), organização não-governamental, sem fins econômicos, desde então trabalha de maneira compartilhada, como instituição formadora, responsável técnica na implementação do projeto. Em 2010, a parceria foi ampliada para as secretarias de educação dos dois municípios e o projeto atingiu 145 escolas, entre estaduais e municipais.

É importante ressaltar que o projeto nasceu ancorado no “Prazer em Ler” (GARCIA, 2006; 2007; ARAÚJO, 2009), programa criado pelo IC&A, no ano de 2006, orientado pelo princípio de que “Ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura”. A partir dos eixos espaço de leitura, acervo, mediação e gestão, o programa trabalha a formação de leitores através de parcerias com ONGs, bibliotecas, escolas e distintas instituições educacionais, não somente realizando investimento de recursos financeiros, mas, sobretudo, oferecendo respaldo técnico qualificado por meio de encontros de formação, disponibilização de material pedagógico e visitas de assessoria aos projetos espalhados por diversas cidades brasileiras, como é o caso da experiência potiguar.

O projeto do RN foi discutido sempre reconhecendo as trajetórias das secretarias de Educação na condução dos seus projetos de incentivo à leitura. A gestão estadual pretendeu fortalecer o projeto executado através da 1ª Diretoria Regional de Educação (DIREDE), iniciado em julho de 2006, o “Mediadores de Leitura”, voltado para qualificar as práticas dos (as) professores (as) das escolas de Natal, tendo em vista a formação de leitores (as) entre os estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A proposta envolve um instrumento móvel com cerca de 80 livros que é deslocado para a sala de aula, no momento que o professor programa a mediação de leitura. Além deste, destacamos o programa “Biblioteca para Todos” e as ações do “Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)”, cujo comitê estadual, há anos, é sediado na SEEC. Igualmente relevantes são os programas e projetos desenvolvidos pelas secretarias municipais.

As estatísticas educacionais, as possibilidades de atuação em parceria – poder público, iniciativa privada, sociedade civil organizada – e o respaldo de um programa bem estruturado, como é o “Prazer em Ler”, tem permitido um trabalho singular no RN, voltado para que se compreenda a pertinência da leitura ocupar o âmago dos projetos pedagógicos das escolas, mas, sobretudo,

construir um sentimento de corresponsabilização que garanta o acesso à cultura escrita, tomada como ferramenta de inserção social.

Ao se decidir por um projeto referenciado pelo “Prazer em Ler”, os representantes das instituições parceiras refletiram em diversas reuniões sobre a importância de todas as áreas de conhecimento, mas enxergavam a leitura como promotora de aberturas para o exercício da cidadania. Uma ideia recorrente: “a pessoa que lê acessa informações, conhece o acervo cultural da humanidade. Logo, quem lê e desenvolve o gosto pelo texto literário torna-se curioso, emancipa-se, potencializando-se para agir e interagir no meio social e político”.

A intenção do projeto sempre foi colaborar para a formação de uma geração de leitores (as) e, portanto, de cidadãos (ãs). Logo, se a escola é uma instituição que agrega quase a totalidade da população infantojuvenil, tem, por conseguinte, um papel fundamental. Especialistas afirmam que é lendo que se aprende a ler e completamos: no caso da leitura literária, aprende-se a gostar de ler permitindo “aos livros o poder de juntar pessoas numa trama de afeto que incentiva a relação criança-livro de maneira lúdica, enfatizando o espaço do encantamento e do direito ao prazer” (PRADO, 2007, p. 21). Para tanto, no âmbito do projeto “Rede Potiguar de Escolas Leitoras”, constitui-se como determinante a existência, na escola, de um espaço de referência para a leitura (biblioteca ou sala de leitura⁴), de um bom acervo e da mediação entre o leitor em potencial e o livro, realizada por professores leitores.

As ações do projeto “Rede Potiguar de Escolas Leitoras”, o diálogo dos envolvidos e da sociedade civil organizada com o parlamento e o poder público resultaram em duas leis anteriores à Lei Federal, 12.244: a 9.169, de 15 de janeiro de 2009, que dispõe sobre a criação da política estadual de promoção da leitura literária nas escolas públicas do Rio Grande do Norte e a versão para o município de Natal, a 6.094, de 29 de abril de 2010. São marcos legais – ancorados no referencial do programa “Prazer em Ler” – para fomentarem políticas públicas que transcendam as alternâncias de poder. Com as práticas de promoção da leitura literária fortalecendo-se nas escolas e nas comunidades, a expectativa é de que a formação de leitores ajude a alterar, positivamente, os indicadores educacionais do Estado.

⁴ Trabalhamos, também, com a proposta de salas de leitura, considerando a realidade do Estado, caracterizada, ainda, pelo baixo investimento para que tenhamos bibliotecas escolares. Entretanto, o debate busca materializar políticas públicas que sejam capazes de garantir biblioteca em todas as escolas, por ser um equipamento de formato universal e capaz de assumir o lugar de “centro dinamizador da leitura e difusor do conhecimento produzido pela coletividade” (MAROTO, 2009, p. 75).

Assim, necessário se faz criar as condições para a mediação da leitura literária, efetivamente, acontecer nas escolas, de modo que promova impactos positivos na vida do público-leitor.

LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

É animador ver que a leitura literária está passando a ocupar espaços cada vez mais ampliados nos meios de comunicação e em fóruns da sociedade. As reuniões do Fórum Potiguar de Escolas Leitoras têm-se configurado em espaços para mobilização, articulação, formação e troca de experiências, tendo em vista promover políticas públicas de leitura literária nas escolas de educação básica. Os sucessos de público e de conteúdos debatidos têm-se repetido, mostrando o quanto as pessoas estão interessadas em fazer da leitura prática social, partindo das unidades escolares às comunidades.

Num dos seus trabalhos, ao tratar do que chamou de “Algumas confusões sobre a leitura literária”, Colomer (2007) ajuda-nos a refletir sobre o desafio que subjaz às iniciativas de dezenas de educadores, participantes do projeto da Rede Potiguar de Escolas Leitoras, de construir o lugar da leitura literária na escola pública potiguar. A autora assim se expressa:

[...] quando a sociedade se queixa de que os meninos e as meninas não lêem, parece que se lamenta de não os ver sentados com uma obra literária nas mãos, mas o que se teme é que não dominem a língua escrita, de maneira que não tenham êxito na escola e comprometam com isso sua ascensão social. Pensa-se, pois, na função utilitária da leitura própria das sociedades alfabetizadas, um objetivo que inclui aspectos tão distintos como o uso cotidiano do escrito ou o acesso à informação e ao conhecimento (p. 34).

Embora o compromisso da Rede seja com a democratização do acesso à cultura escrita, por meio de obras literárias, a partir de uma perspectiva teórico-metodológica que atenua o valor utilitário do ato de ler, não podemos desconsiderar a contribuição do trabalho das bibliotecas escolares e da mediação de leitura para o processo de alfabetização. A experiência com as escolas tem mostrado que ouvir o texto ou construí-lo através da leitura de imagens mobiliza as crianças para a descoberta do código e o consequente desenvolvimento das competências leitoras e escritoras. São recorrentes depoimentos

delas na seguinte linha: “Descobri que pelos livros posso conhecer muitas histórias e isso me fez ter vontade de aprender a ler do jeito da professora aqui da sala de leitura” (Pedro Henrique, 8 anos, aluno da Escola Estadual Hegésippo Reis – Mar./2011).

Bajard (2010, p. 22-23) chama a atenção para a diferença linguística de recepção entre o texto impresso e o sonoro: “o primeiro exige a longa aprendizagem da alfabetização, enquanto o segundo é entendido mesmo pelo analfabeto, se a língua do texto corresponde à sua cultura.” A tradição oral, o peso da língua falada, o ouvir o texto lido por outra pessoa não têm importância menor, antes pelo contrário. Manguel (1997, p. 132) conta o quanto era prazeroso a escuta do texto lido pela sua babá: “eu simplesmente gozava a sensação voluptuosa de ser levado pelas palavras”, provavelmente a mesma sensação que sentiam os operários – quase todos analfabetos – das fábricas de charutos de Cuba, durante as sessões de “leitura pública”, realizadas no século XIX. Os enroladores de charutos ouviam narrativas enquanto trabalhavam. O autor ressalta, ainda, diferentes situações, desde séculos atrás, em que se recorria à estratégia de uma pessoa ler para outra ou para grupos.

Nas escolas, tanto a contação de histórias quanto a leitura de livros em voz alta têm as suas importâncias, mas predominam quando persistem as fragilidades na condução do processo de alfabetização e/ou se adota um tipo de pedagogia de baixo investimento na autonomia e, portanto, centrada na reprodução de informações, histórias e textos escritos por meio da fala de quem domina o código, o professor.

Ao se evocar a relevância das escolas conceberem os seus projetos de promoção da leitura literária, há uma clara intenção de possibilitar o acesso, desde a mais tenra idade, à literatura, seja antes, durante ou depois da alfabetização. Inicialmente por meio do contato com professores leitores que fazem da prosódia recurso de encantamento para a escuta de histórias contadas nos livros; acesso ao acervo cuidadosamente montado e a um ambiente mediador de leitura – a biblioteca escolar ou sala de leitura – pensado em detalhes. Vimos que o aluno Pedro Henrique falou dos efeitos de um projeto de leitura, a partir da sua experiência pessoal, do movimento cognitivo para sair do lugar de quem ouvia o texto lido pela professora da sala de leitura para alguém capaz de conhecer, por si só, o texto desconhecido (BAJARD, 2010, p. 25), inaugurando o processo de alfabetização e letramento, pela consciência do papel social da leitura e da escrita.

Durante uma roda de conversa com quatro crianças da Escola Estadual

Hegésippo Reis, buscamos conhecer os reflexos dos dois anos do projeto de leitura da instituição. Essas crianças foram escolhidas por residirem próximo à Escola – era período de férias, no mês de fevereiro de 2009 – e serem assíduas às atividades da sala de leitura, desde 2007. Elas concordaram e a conversa foi gravada em vídeo. Bastou uma questão inicial para desencadear toda conversa. Perguntamos: É possível vocês expressarem como se sentem ao ler um livro?

As falas das crianças foram de uma riqueza ímpar, ensinamentos que nos fizeram progredir na direção do que parecia funcionar. “Quando estou lendo eu me sinto como se tivesse viajando dentro do livro. A gente pensa várias coisas através da leitura [...]. A gente inventa. Às vezes a gente fala pra professora o que inventou através do livro”, confirma Ana Beatriz Leite dos Anjos, 11 anos, a assertiva de que o ato de ler é atividade de sujeitos pensantes, por ser o leitor quem confere vida ao texto, com ele dialogando. Ela completa: “Assim, por exemplo: um livro que fala sobre a mentira, aí a gente inventa assim: que o menino viu o arco-íris e viu o pote de ouro. Então a gente já inventa que existe o pote de ouro, através do livro e vai inventando várias coisas.”

Samuel Augusto da Silva, 9 anos, falou da vinculação afetiva entre leitor e livro: “Quando ainda estou no primeiro capítulo, eu já vou me sentindo bem com o livro. Quando a pessoa gosta do livro aí fica parecendo que é irmã do livro, porque a gente gosta do livro”, o que nos faz lembrar Clarice Lispector, em “Felicidade Clandestina”. Por outro lado, na sala de aula não é sempre que se escolhe um livro, Ana Beatriz, destaca: “Eu gosto de ler, mas de ler um livro, quando eu quero. [...] Às vezes a professora pede pra a gente ler um texto ou até um livro, mas a gente não gosta, não se sente bem lendo, mas a gente tem que ler para a classe ouvir a leitura.” Não é fácil gerir, na sala de aula, a dimensão da leitura didática, aquela que converge sempre para uma única conclusão, ou seja, uma resposta e a da leitura literária, aquela que deixa aberturas para o leitor concordar, discordar, reinventar o texto do autor. Vejamos o que ensina Ana Beatriz:

Às vezes a professora pede pra ler um livro e às vezes a gente escolhe o livro que a gente quer e a gente gosta de ler. Quando a professora pede para ler um livro, eu me comporto como uma aluna e quando eu leio porque eu quero, eu me comporto como eu mesma. O meu comportamento como aluna é estudando, lendo os livros das matérias e sendo eu mesma é lendo os livros de qualquer tipo que for, tamanho, qualidade, de qualquer tipo.

A sala de aula, por natureza, sempre evocará, em maior ou menor grau, a postura de aluno (a) diante de um currículo acadêmico. Decorre dessa realidade a relevância de a escola ter o seu projeto de leitura, de formação de leitores que contemple o acesso ao texto literário. Estamos cada vez mais convencidos do quanto é fundamental a biblioteca escolar. Ana Beatriz lembra: “Esta sala significa muita coisa. Significa, assim... a gente tem orgulho da nossa escola ter esta sala de leitura.” Sentimento compartilhado pela pequena Vanessa Lidiane Medeiros, de 7 anos: “Quando a gente viu a sala de leitura ficou muito alegre, muito alegre. A gente sentou e começou a ler muitos livros, muitos livros legais e interessantes.”

As crianças também acabaram avaliando o trabalho da professora mediadora de leitura que, desde o começo do projeto, atua na sala de leitura:

É muito bom o trabalho da professora Evania aqui na sala de leitura, porque ela incentiva muito a gente para a leitura. Ela fala da leitura em tom de brincadeira. Quando ela lê pra gente um livro muito legal, a gente quer que ela leia sempre aquele livro e também a gente pega emprestado pra ler. (Ana Beatriz Leite dos Anjos).

Dessa fala destacamos a percepção da criança que sinaliza alguns comportamentos que devem caracterizar o perfil do professor que atua na biblioteca escolar: o incentivo às crianças para a leitura; o falar da leitura como uma experiência lúdica e prazerosa; ler para as crianças, conhecê-las e saber escolher bem o livro a ser mediado. A fala evidencia, também, um comportamento entre as crianças que as caracteriza como leitoras: pegar emprestado para ler aquele livro com o qual tiveram contato e que lhes despertou interesse, comportamento reforçando por Ana Beatriz quando disse: “Quando a gente foi à Bienal, a gente queria comprar um monte de livros porque a gente via que tinha vários livros legais.”

Vanessa Lidiane discorreu sobre o funcionamento da sala de leitura e a sua dinâmica:

Aqui na sala de leitura a gente ler sozinho, mas às vezes um amigo quer ler com a gente e então a gente ler com o amigo, também pode juntar todos os alunos e ler todos os alunos. A professora ler o livro que a gente gostou, depois se a gente quiser, só se a gente quiser, pode fazer uma pecinha, pode fazer uma conferência.

Verificamos, pelas falas, muitas referências à possibilidade de escolher o livro que deseja ler. Perguntamos como realizam essas escolhas. Ana Beatriz disse: “Eu escolho o livro pelo título, pelo texto, às vezes pelas ilustrações. Pelo tipo de texto, assim: poesia.” Vanessa Lidiane diz: “ Eu escolho o livro porque o título é interessante, o desenho é bonito e também o livro parece ser legal.” Percebe-se o peso que tem a definição do título da obra, um bom projeto editorial e as ilustrações para encantarem a criança.

Do mesmo modo que acontece com o leitor autônomo, crianças que ainda estão no processo de consolidação da autonomia, enquanto leitoras dispensam livros que começam a ler, mas não lhes agradam: “Há livros que têm um monte de coisas do mal e outros livros têm histórias de coisas boas. Eu não gosto de histórias de coisa do mal, só gosto de histórias alegres”, afirmou Amanda Kelly da Silva Gomes, de 8 anos. Samuel Augusto relatou firme: “Eu desisto de ler, quando é livro... li o dos Três Porquinhos e aí vai ter a tragédia que os três porquinhos vão sair e aí eu pego e deixo prá lá, não gosto mais. Eu não leio mais por causa das tragédias que têm no livro. Gosto das histórias que têm mais alegria. Eu me sinto melhor.” Ana Beatriz opina com riqueza de detalhes:

Às vezes eu leio a metade do livro e no outro dia é que eu leio a outra metade. Eu fico interrompendo para ler outros livros. Mas às vezes as histórias que eu paro de ler são histórias que não têm nada a ver comigo e quando tem história assim de medo, de tragédia... dependendo, assim: se for uma história que acontece na vida real eu leio, se for história, assim, falsa eu não gosto. Toda história que é criada pelo autor vira verdade pela nossa imaginação, mas têm umas histórias que, assim, não entram na nossa imaginação e aí a gente não gosta. A gente diz que são histórias que não acontecem.

É inegável a importância da sala de leitura nas vidas das crianças dessa escola. Elas, certamente, representam outras tantas que têm a oportunidade de contar com um espaço especialmente preparado para promover a leitura literária.

O desafio de garantir um lugar para a leitura literária na escola precisa ser enfrentado com políticas públicas. Já há um entendimento de que a sociedade atual concebe a biblioteca escolar como espaço “para o desenvolvimento da leitura e da pesquisa [...] professores, alunos e bibliotecário poderão juntos buscar o conhecimento e discutir passo a passo os obstáculos para se

chegar a ele” (MAROTO, 2009, p. 75).

Não é verdade que para uma escola funcionar basta professor, aluno e sala de aula. A contemporaneidade pede que igual atenção seja dispensada à biblioteca escolar, aos laboratórios de ciências, de inclusão digital, oficinas de artes, equipamentos para a prática do esporte, entre outros, todos montados com os recursos – físicos, humanos e materiais – necessários para se completarem com as atividades de sala de aula, tendo em vista a educação integral das crianças e adolescentes.

Quando as escolas apresentam indicadores educacionais preocupantes, como é o caso da maioria das unidades do Estado do Rio Grande do Norte, convém se analisar quais as condições de desenvolvimento e aprendizagem que estão sendo oferecidas à população em idade escolar.

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 1 - Oficina de Artes enriquece as experiências das crianças da Escola Estadual Hegésippo Reis

A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) MEDIADORES (AS) DE LEITURA

Resguardadas as especificidades das realidades das escolas de Natal e Parnamirim, conhecidas através do relatório do diagnóstico, realizado na primeira etapa do projeto (INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2007a), a equipe tomou por base o princípio do programa “Prazer em Ler” e as

diretrizes emanadas do documento orientador do Instituto C&A (2007, p. 3-4), para as suas ações de formação de educadores mediadores de leitura:

- Preservar o respeito pela instituição educacional parceira e por sua história institucional.
- Assegurar aos profissionais mediadores de leitura a formação necessária para o exercício de uma educação transformadora, tendo na leitura e na escrita a medida de uma boa ferramenta para a compreensão do mundo.
- Promover a interação constante das práticas de leitura no contexto local das instituições parceiras, de modo a gerar a coesão das forças aí existentes: família, escola, grupos organizados e outros afins.
- Formar o sujeito leitor, capaz de ler e escrever diversos tipos de texto, em distintos suportes, de modo a produzir sentido sobre aquilo que se lê.
- Valorizar a diversificação das linguagens pedagógicas utilizadas nos processos educativos de formação do leitor.

Ao se optar por determinado encaminhamento metodológico, para a condução de um processo de formação, é certo que acaba por expressar uma concepção de mundo, de Homem, de sociedade, de educação, que orienta a maneira como esse Homem interage, conhece, constrói e preserva seus valores e sua cultura. Nessa perspectiva, o projeto “Rede Potiguar de Escolas Leitoras” toma a criança, em especial, mas também o (a) educador (a) e os demais que integram a comunidade escolar como sujeitos, por entender a leitura um direito inalienável à cidadania.

No âmbito do projeto em tela, o compromisso com a promoção da leitura se materializa pela via da formação de educadores mediadores de leitura, tendo em vista o potencial multiplicador desses profissionais junto às suas escolas e à formação do (a) leitor (a). As atividades de formação partem do princípio que todo ser humano é um pouco aprendiz e um pouco ensinante, portanto, nas relações pedagógicas implementadas, são considerados os estudos de teóricos interacionistas, como o psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934), o educador francês Célestin Freinet (1896-1966) e o brasileiro Paulo Freire (1921-1997), que defendem o conhecimento como resultado de uma ação mediada por sujeitos mais experientes, que dialogam e interagem com aqueles (as) que

ainda aprendem sobre um determinado objeto.

O trabalho de formação dos (as) educadores (as) mediadores (as) de leitura tem exigido, em todas as circunstâncias, que os formadores assumam o compromisso de provocar para que esses (as) educadores (as) sintam-se parte do processo, partilhando os seus saberes, as suas culturas e as experiências pedagógicas vivenciadas nas escolas, num contexto de respaldo para a verticalização de conhecimentos e ampliação do universo cultural, considerando valores da escola democrática e cidadã, como: a autonomia, autoria de pensamento, cooperação, participação, corresponsabilização, construção, investigação (SANTA ROSA, 2008).

Abrir espaço para a pedagogia da expressão e da participação tem sido fundamental para a consecução dos objetivos do projeto, a partir da mobilização do (a) educador (a) para refletir na/sobre as suas práticas de leitores e mediadores de leitura, estimulando-os a criar, experimentar, escrever, publicar e falar sobre essas experiências.

As diferentes etapas do projeto e as atividades que as compõem foram estruturadas para produzirem, pela leitura literária, um duplo movimento: primeiro o reconhecimento do (a) educador (a) quanto à importância de ser um (a) leitor (a) e segundo a construção de práticas de mediação de leitura que transcendam o pretexto para a instrução e inspirem a sistematização de uma política de escola voltada para a promoção da literatura. Para tanto, o projeto já desenhou distintos formatos, em três etapas: a primeira durou um ano e meio, a segunda um ano e a terceira encontra-se em curso, iniciada em março de 2010. Objetivando recuperar informações que poderão ser úteis para outros contextos, aduziremos os principais detalhes que caracterizaram cada etapa do projeto.

1ª Etapa – agosto de 2007 a dezembro de 2008

Diagnóstico⁵ – realizado entre agosto e outubro de 2007 – através de pesquisa com abordagens qualitativa e quantitativa, foram visitadas as escolas para conhecimento da realidade de cada uma, sobretudo, quanto a espaço de leitura, acervo, práticas de mediação. Foram feitas imagens fotográficas dos espaços de leitura existentes ou de salas e terrenos com potenciais para transformarem-se em espaços de leitura.

⁵No texto “Como vai a leitura literária nas escolas públicas estaduais?”, nessa publicação, podem ser conferidos alguns dados do diagnóstico.

Concurso “Uma Leitura que Mexeu com a Minha Cabeça” – realizado entre agosto e outubro de 2007 – teve o caráter de mobilização e sensibilização dos educadores para a proposta de formação, consistindo no estímulo ao registro de testemunhos pessoais que mostrassem a relação dos (as) educadores (as) com os livros literários lidos ao longo da vida, os sentimentos despertados pelas leituras, assim como os significados múltiplos que foram construídos a partir dessas leituras. Foram dez autores/escolas finalistas e, entre esses, duas escolas e dois autores premiados, pelo Instituto C&A, com cheques-livros.

Formação – realizada entre outubro de 2007 e novembro de 2008 – compreendeu uma carga horária total de cento e vinte horas, contabilizando encontros de formação, seminários e reuniões durante visitas de acompanhamento, conforme destacamos a seguir:

- Encontros – dez encontros temáticos, com periodicidade mensal, cada um deles com carga horária de seis horas-aulas, distribuídas em duas horas de palestras, três horas de oficinas e uma hora de plenária para socialização de produções das oficinas, relatos de experiências, exibição de vídeos e/ou saraus;

- Seminário Potiguar Prazer em Ler – realizadas duas edições (2007 e 2008) – com programações envolvendo conferências, palestras, painéis, mesas de debates, relatos de experiências e momentos literários com crianças e integrantes do programa de “Voluntariado”⁶ do Instituto C&A. As presenças de especialistas da área de leitura literária, autores do RN, de outros Estados e até do exterior imprimiram consistência às programações;

- Visitas de acompanhamento às Escolas – cinco reuniões, em cada escola, para o acompanhamento e orientação dos (as) participantes da formação no processo de elaboração dos projetos de leitura já existentes ou a serem elaborados na escola e para o fortalecimento das práticas de mediação;

- Escola Referência – Escola Estadual Hegésippo Reis, cujo projeto de leitura com base no “Prazer em Ler” antecedeu ao projeto de formação, serviu de base para orientar as demais escolas quanto à ambientação do espaço de leitura e sugestão de classificação do acervo pelo sistema de cores. Sobre a catalogação e controle de empréstimos, a Escola indicou o “Minibiblio”, um sistema gratuito de informatização, em português, para cadastrar e gerenciar

⁶“O programa Voluntariado promove e qualifica a ação voluntária de associados da C&A nas comunidades em que a empresa atua”. (Disponível em: <http://www.institutocea.org.br/como-atuamos/area-atuacao/Default.aspx?id=11>). Em Natal, os voluntários ligados às quatro lojas C&A, de 2005 a 2009 atuaram em escolas com projetos apoiados pelo Instituto C&A e desenvolvidos em parceria com o IDE. Desde a primeira edição colaboraram com a organização do Seminário Potiguar Prazer em Ler, além de realizarem mediações de obras literárias para os participantes.

acervo. Por ele é possível, por exemplo, controlar os empréstimos e as aquisições. A sua interface é de fácil utilização e serve muito bem aos propósitos de manter em ordem a biblioteca.

Prêmio “Prazer em Ler – Escolas” – as escolas escreveram seus projetos de leitura e relataram a experiência de construção do mesmo e a prática de mediação de leitura da escola. Em 2008, foram dez escolas finalistas e seis premiadas, pelo Instituto C&A, com cheques-livros.

Publicações de apoio à formação – garantiram a consistência das temáticas abordadas, disseminaram experiências, instigaram leituras – nove cadernos de formação foram montados pela equipe do projeto; dois volumes do material de fundamentação do programa “Prazer em Ler”; livro “Nos Caminhos da Literatura”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Instituto C&A; Agenda do Educador Leitor e Mediador de Leitura, criada pelo IDE; publicações literárias: livro “Mais de 50 Narrativas” e a Série de Folhetos de Cordéis “Histórias Contadas”, ambos da Escola Estadual Hegésippo Reis; Revistas “Toca” e “Peteca”, de parceiros do IC&A; Gibi “O Mistério das Palavras”, do IDE; dois suplementos do Prazer em Ler encartados em jornais de São Paulo e de Natal e duas edições do informativo “Ide em Palavras”.



FIGURA 1 - Publicações utilizadas durante o processo de formação



FOTOGRAFIA 2 - Professora Maria Evania em momento de mediação de leitura na Escola Estadual Hegésippo Reis

Espaços de Leitura – concomitante às ações anteriores, com base no diagnóstico, nos projetos de leitura e na experiência da Escola Estadual Hegésippo Reis, foram discutidas providências para garantir que as 79 escolas envolvidas no Projeto, até o término da Formação, pudessem ter um espaço de leitura com acervo e práticas de mediação adequados à formação do leitor. A partir do 1º encontro de formação os (as) participantes já receberam as primeiras orientações para o início da elaboração ou reelaboração do projeto de leitura para as suas escolas, a ser apresentado e defendido junto à SEEC. Conforme orientações do programa “Prazer em Ler”, os projetos deveriam levar em consideração:

- A qualificação do ambiente de leitura – aspecto físico (acessibilidade e visibilidade das obras, estética do ambiente) e interatividade humana (relações e ações humanas que instigam e estimulam atitudes de leitura e que se processam entre os diferentes agentes, especialmente dos mediadores com os leitores e destes com a própria organização do espaço).
- A qualificação das práticas de leitura – atividades individuais, coletivas ou em grupos, intencionalmente planejadas, que contribuem para a estimulação e desenvolvimento do gosto pela leitura.
- A democratização do acesso aos Espaços de Leitura – atendimento ao máximo número possível de leitores; público diversificado. A escola como uma comunidade de leitores.
- A ampliação dos espaços de leitura nas unidades escolares – salas de aula, pátios.

- A construção de metas, indicadores e instrumentos para o acompanhamento e avaliação das ações.

Audiência pública – reconhecendo alguns esforços empreendidos pelos últimos governos, porém, ainda predominando programas e projetos pontuais, de abrangência restrita, por vezes com baixo potencial de continuidade, a equipe do projeto e as escolas entenderam que a sociedade e o poder público precisavam pactuar a partir da definição de metas e da partilha de responsabilidades, ou seja, promovendo política pública. Estava claro que o projeto sozinho não resolveria as lacunas na área de formação de leitores no Estado do Rio Grande do Norte. Havia a necessidade de ampliar o debate para garantir a democratização da leitura literária nas escolas públicas e foi assim que o tema chegou ao parlamento estadual, por meio de uma audiência pública, na Assembleia Legislativa, sugerida pelo IDE e realizada, em novembro de 2008, pelo mandato do então Deputado Robinson Faria⁷, também Presidente da Casa Legislativa. A audiência resultou num projeto de lei minutado pelo IDE e aprovado em plenário em dezembro do mesmo ano.

2ª Etapa – março de 2009 a dezembro 2009

As atividades do projeto começaram no mês de março, mas o ano foi aberto com a promulgação da Lei 9.169, de 15 de janeiro de 2009, que dispõe sobre a Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte, cujo texto encontra-se na quarta parte desta publicação.

Mapeamento das escolas em três estágios – no final de 2008, a equipe técnica do projeto e os (as) participantes da formação tinham claro que, em 2009, os encontros de formação precisavam levar em consideração os diferentes momentos das escolas participantes. Algumas já tinham bastante clareza no direcionamento das suas práticas, tomando por base os eixos do programa “Prazer em Ler”. Os seus projetos de leitura pediam aprofundamento de alguns pontos. Outras escolas apresentavam-se bem encaminhadas nesse processo, mas necessitando avançar em pontos fundamentais e, por fim, um outro grupo de escolas pouco tinha alterado o modo de olhar a formação do leitor de literatura, evidenciando baixa capacidade de desenvolvimento dos eixos espaço, acervo e mediação. Organizavam-se aí três grupos de escolas, conforme os estágios avançado, intermediário e inicial, respectivamente com 25, 25 e 20

⁷ Em 2010 o deputado Robinson Faria foi eleito vice-governador do Estado do Rio Grande do Norte.

escolas⁸, distribuídas pelas quatro zonas de Natal, além das três de Paranamirim que integraram os grupos da zonal sul da capital.

Formação – realizada entre abril e dezembro de 2009 – compreendeu uma carga horária total de 92 horas, contabilizando encontros de formação, visitas de acompanhamento, seminário e participações nos encontros do Fórum Potiguar de Escolas Leitoras, conforme destacamos a seguir:

- Encontros – organizados os grupos de escolas por estágios e os subgrupos por zonas geográficas, a formação passou a acontecer nos espaços de leitura das escolas, no sistema de rodízio. Dois representantes de cinco ou seis escolas participaram dos nove encontros do ano, preparados no formato de oficinas com duração de quatro horas. Os encontros foram mediados pela assessora pedagógica da equipe técnica, de acordo com um espectro de temas mapeado em reuniões de planejamento. A avaliação revelou o acerto dessa proposta, pois tornou-se possível ouvir e discutir sobre as leituras que cada participante fez sobre as conquistas dos projetos de leitura e os desafios. O próprio espaço onde aconteciam os encontros tornou-se formativo, justamente por ser uma biblioteca ou sala de leitura. Esse formato foi fundamental para a equipe desenhar a proposta iniciada em 2010.
- Visitas de acompanhamento às Escolas – o acompanhamento do trabalho das escolas, pela equipe técnica do projeto, passou a ser realizado por, no mínimo, uma visita ao mês, o que permitiu avanços significativos nos projetos de leitura. Entretanto, essa regularidade ficou comprometida para o grupo acompanhado pela técnica da SEEC, justamente aquele em estágio inicial, por falta de logística para os deslocamentos, o que permitiu à equipe constatar o diferencial que fazem as visitas, enquanto dispositivo de formação.
- Seminário Potiguar Prazer em Ler – realizado com uma carga horária de 16 horas. A programação manteve a base das propostas das edições anteriores, mas agregou outros momentos que garantiram maior interação entre os participantes e destes com os profissionais convidados, além de ter garantido as presenças de crianças na realização de momentos literários e sessões de autógrafos com autores como Ana Maria Ma-

⁸ O projeto iniciou o ano de 2009 com 70 escolas estaduais. A Secretaria de Educação, a partir de uma reorganização da rede física, fechou unidades ou deixou de atender aos anos iniciais do ensino fundamental em cinco delas. Três escolas justificaram falta de pessoal suficiente para participar das formações e uma escola alegou se tratar de um projeto que exigia muita leitura e escrita.

chado. O momento “Conversa de quem gosta de mediar leitura – Espaço das escolas”, entre as conferências e painéis, permitiu a ampliação dos relatos de experiências das escolas.

- Fórum Potiguar de Escolas Leitoras – foi lançado no mês de junho, durante encontro estadual na Assembleia Legislativa, para ser um espaço de referência na mobilização, articulação e formação dos (as) que integram as equipes das escolas públicas estaduais e municipais do Rio Grande do Norte, como bem define a sua Carta de Lançamento. Reúne, também, parlamentares e gestores públicos, tendo em vista políticas de promoção da leitura literária junto aos (às) estudantes da educação básica. Entre os meses de julho e setembro, foram realizados encontros do Fórum em sete cidades polos do estado e até novembro mais dois encontros estaduais. Em todas essas oportunidades, foram entregues minuta de projeto de lei para os municípios, o que resultou na legislação para o município de Natal.

Espaço Virtual – foi desenvolvida uma página na rede mundial de computadores, hospedada no endereço www.escolasleitoras.org.br, voltada para promover encontros entre educadores, trocas de experiências, bem como disseminar informações sobre leitura e educação.

Concurso Escola de Leitores – certame idealizado pelo IC&A e implementado no Rio Grande do Norte em parceria com o IDE e a SEEC. As escolas participantes do projeto tiveram a oportunidade de inscreverem os seus projetos de leitura, de acordo com o edital. Dez instituições foram finalistas e receberam visita técnica de avaliação. Destas, cinco foram premiadas, cada uma com dez mil reais para investirem, ao longo do ano de 2010, nos projetos inscritos, acompanhamento pedagógico especializado por um ano e uma viagem de intercâmbio cultural para Bogotá, na Colômbia, cidade que tem-se destacado pela política de estado para a democratização do acesso à cultura escrita, contemplando bibliotecas públicas e escolares muito bem estruturadas.

Ambientação dos espaços de leitura – a partir do entendimento entre as instituições parceiras, o IDE montou um kit mínimo para a ambientação do espaço de leitura infantil da escola (Quadro 2), orçado em R\$ 2.106,02 (Dois mil, cento e seis reais e dois centavos). De acordo com a partilha de responsabilidades, a SEEC repassou o valor do kit diretamente para as contas bancárias de 45 escolas e elas adquiriram e prestaram contas, representando um baixíssimo investimento para os benefícios decorrentes. O IDE, com recursos do IC&A, investiu R\$100.000,00 nos kits das 25 escolas do grupo em estágio mais avançado, ou seja, uma média de R\$ 4.000,00 em cada uma.

PRODUTO (Ambientação do Espaço de Leitura)	QUANTIDADE
Almofada (50 cm X 50 cm) c/ capa em couro, miolo em tecido com flocos. Quantidade em cores diversas.	10
Puff quadrado 40X40 com estrutura em madeira, espuma e revestido em couro. Quantidade em cores diversas.	10
Bau de palha (50x50x45) com tampa.	1
Cabide para parede em madeira.	2
Cesta de cipó (Tamanho médio)	1
Cortina com suportes e estrutura para montagem (Tamanho padrão para janelas venezianas de 4 partes)	2
Tapete Emborrachado (2X3) em peças para montagem.	1
Estante de aço biblioteca expositora, desmontável, méd. 1,50X80X0,30 cm de uma face c/4 bandejas – Quantidade nas cores vermelho, amarelo e verde	3
Conjunto de mesa com 80 cm de diâmetro redonda medindo 70cm de altura de compensado com fórmica, na cor branca c/4 cadeiras revestidas em fórmica.	2

QUADRO 2 - Itens do Kit de Ambientação do Espaço de Leitura Infantil. Fonte: IDE – 2009.



FOTOGRAFIA 3 - Cantos de leitura proporcionam um ambiente mediador na biblioteca escolar

Nesse caso, as escolas analisaram as próprias necessidades e repassaram a relação. Além de itens de ambientação, algumas receberam aparelho de som portátil, computador com impressora para catalogar o acervo e fazer o controle de

empréstimos, outras investiram boa parte dos recursos na aquisição de livros.

Qualificação dos acervos – para iniciar a construção das bases de uma política que tem por finalidade a ampliação e qualificação do acervo literário da escola, a partir das escolhas da equipe e dos (as) leitores (as), foi implantado o “Vale Livros”, pela SEEC, também envolvendo o repasse de recursos diretamente às escolas. O IDE relacionou quase seiscentos títulos, considerando critérios, como: qualidade do texto, das ilustrações, do projeto gráfico e do objeto físico; diversidade de gêneros e selo de obra recomendada por instituições, como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). As escolas adquiriram os livros com base nessa relação que receberam.

Foto: Marcelo Bamoso



FOTOGRAFIA 4- Espaço de leitura adaptado para favorecer a autonomia das crianças

3ª Etapa – a partir de março de 2010

Polos de Leitura – a partir da organização de 145 instituições bibliotecas e escolas estaduais e municipais - por proximidade geográfica, foram mapeados quinze polos de leitura, sendo três em cada uma das quatro zonas de Natal e três em Parnamirim. A formação de leitores continuou a ser o foco orientador de todas as ações, desta feita buscando engajar, para além dos que estão na escola, num trabalho com desdobramentos no bairro, na cidade, a partir da convocação de toda sociedade para democratizar o acesso ao livro e à leitura. Esses pressupostos têm dado forma às atividades nas escolas e nos polos, quando do desenvolvimento de programações coletivas.

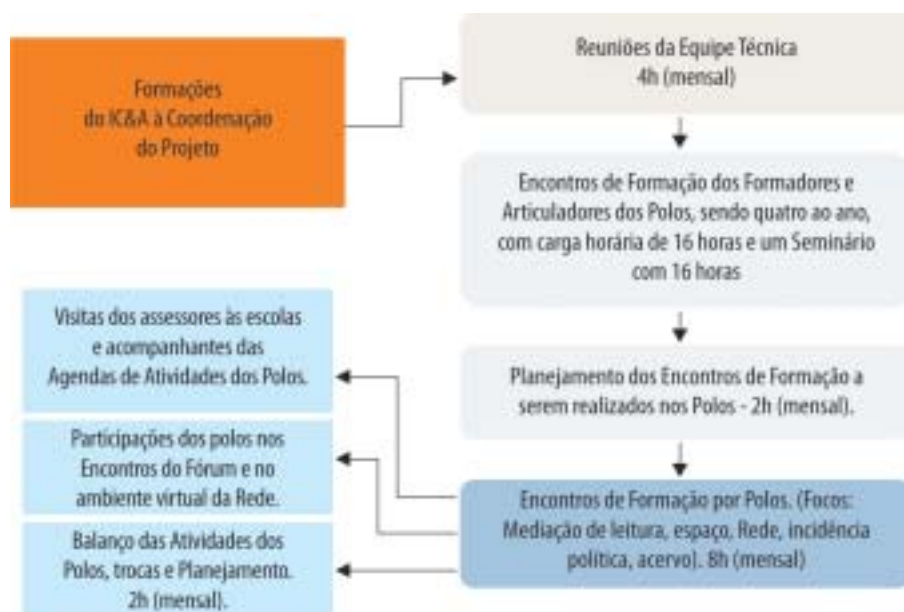


FIGURA 2 - Desenho metodológico da formação – Rede Potiguar de Escolas Leitoras. Fonte: IDE – 2010.

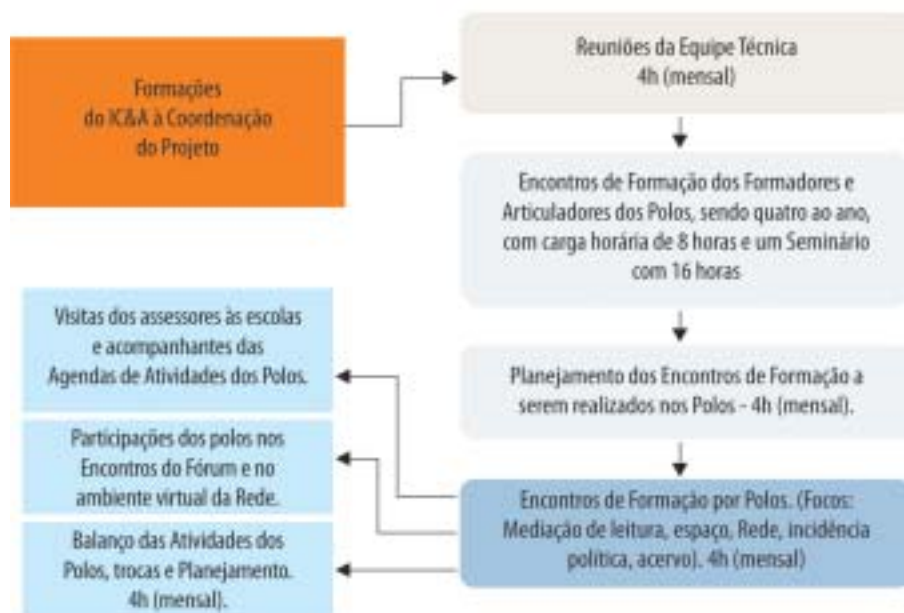


FIGURA 3 - Desenho metodológico da formação – Rede Potiguar de Escolas Leitoras. Fonte: IDE – 2011.

Escola Formadora e Articuladora (EFA) – com a organização das escolas em polos de leitura, o IDE e as Secretarias de Educação deixaram de ser o centro, as instituições responsáveis pelo direcionamento de todas as ações de formação e mediação da comunicação entre as escolas. Implantada a ideia de rede, passou-se a investir mais fortemente na formação, autoformação e autonomia das escolas para fazerem a gestão dos seus projetos de leitura e potencializá-los para refletirem nas suas áreas adjacentes, por meio das conexões entre as pessoas e suas instituições. Para cada polo, foi definido uma EFA e o respectivo educador formador e articulador. Esse profissional recebe, até o momento, uma bolsa simbólica de ajuda de custos, recursos do Instituto C&A para auxiliar o assessor pedagógico da equipe técnica do projeto, na realização da formação e acompanhamento do polo. A expectativa é de que, finalizada a parceria, esse educador, servidor público, possa, oficialmente, destinar parte da sua carga horária para dar continuidade ao trabalho para o qual foi preparado.

Formação – com ênfase na formação das pessoas para trabalharem umas com as outras, no ano de 2010 a agenda dos polos de leitura realizou-se de março a dezembro, a exemplo do previsto para 2011. A carga horária passou a ser diferenciada, de acordo com as atividades destinadas para cada público e as alterações de um ano para outro, como pode ser observado nas Figuras 2 e 3 que apresentam o desenho metodológico de cada ano, revelando um processo.

Os encontros de formação nos polos, as visitas de acompanhamento às escolas e o Seminário Potiguar Prazer em Ler seguem de acordo com a proposta original de garantir dinamicidade, conjugando momentos de partilhas de leituras, aprofundamentos teórico e prático, trocas de experiências. Em 2010, as escolas receberam exemplar do livro “Prazer em Ler: 3 anos”, do Instituto C&A, bastante significativo para respaldar e subsidiar os projetos de leitura das escolas.



FIGURA 4 - Livro “Prazer em Ler: 3 anos”, do Instituto C&A

Fórum Potiguar de Escolas Leitoras – passaram a acontecer quatro encontros estaduais, por ano. 2010 foi marcado pelas apresentações de experiências exitosas de projetos de leitura de escolas de Natal e do interior do Estado e pela discussão de propostas e elaboração do “Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores”, documento, cujo conteúdo os então candidatos ao Governo do Estado comprometeram-se priorizar mediante assinatura de um Termo de Adesão.

Boletim online e informativo impresso – “Escolas Leitoras – Informativo da Rede Potiguar de Escolas Leitoras”, além da ampla divulgação do projeto, através dos veículos de comunicação e dos sites mantidos pelo IDE, passaram a circular quatro edições anuais do boletim online “Ide em Palavras” e duas do impresso, com tiragem de cinco mil exemplares, ferramentas de disseminação da experiência e fortalecimento da temática da leitura junto à sociedade.

Convém melhor avaliar os resultados de todo esse trabalho. Será que houve mudança em relação ao comportamento leitor (LERNER, 2002) dos adultos, profissionais participantes do projeto? E das crianças atendidas, através dos projetos de leitura implementados pelas escolas?

ESTAMOS FORMANDO LEITORES?

As falas e registros dos (as) participantes do projeto, os relatórios técnicos da equipe de formadores (as) e alguns estudos de caso dão conta de que o projeto tem produzido resultados. Já não é mais novidade o fato de ser observado um movimento de crescente interesse dos (as) educadores (as) e das crianças pela leitura literária, assim como os (as) participantes da formação compreendem a importância do texto literário, evitando condicioná-lo a sempre servir de pretexto para tarefas escolares. A intimidade com a literatura revela-se a cada ocasião em que socializam leitura ou apresentam práticas de mediação desenvolvidas com crianças.

Os espaços, biblioteca ou sala de leitura, recebem um tratamento para funcionar como ambientes de leitura. No instante em que o projeto ofereceu kit de ambientação, algumas escolas que não tinham biblioteca fizeram um movimento de olhar para dentro e reorganizaram-se, liberando espaço para montar, pelo menos, uma sala de leitura.

Os acervos literários, que em algumas escolas eram fechados em armários, passaram a ocupar lugar de destaque nas escolas, por vezes substituindo o lugar de centenas de livros didáticos empoeirados e desgastados pelo tempo. A formação ajudou as escolas a conhecerem novas formas de classificar, organizar, catalogar e controlar o acervo, bem como selecionar com base em critérios.

Aproximadamente, 90% das escolas participantes já têm o seu projeto de leitura e fazem dele orientador das suas práxis, além de objeto de luta junto ao poder público, objetivando: para algumas, criar espaço de leitura; outras, melhorar o acervo e para todas garantir a presença do professor mediador de leitura, de acordo com o perfil especificado na Lei Estadual 9.169/09.

Entretanto, todas essas constatações ainda nos parecem insuficientes para afirmar que estamos formando leitores. O trabalho de Lerner (2002, p. 63) sobre “comportamentos leitores” mobiliza-nos para um estudo em 2011. Segundo a autora, “os comportamentos do leitor e do escritor são conteúdos - e não tarefas, como se poderia acreditar”. E continua para explicar: “porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro, como praticantes da leitura e da escrita.” Mas, quais são os comportamentos leitores por ela arrolados? Vejamos:

Entre os comportamentos do leitor que implicam interações com outras pessoas acerca dos textos, encontram-se, por exemplo, as seguintes: comentar ou recomendar o que se leu, compartilhar a leitura, confrontar com outros leitores as interpretações geradas por um livro ou uma notícia, discutir sobre as intenções implícitas nas manchetes de certo jornal... Entre os mais privados, por outro lado, encontram-se comportamentos como: antecipar o que segue no texto, reler um fragmento anterior para se verificar o que se compreendeu, quando se detecta uma incongruência, saltar o que não se entende ou não interessa e avançar para compreender melhor, identificar-se com o autor ou distanciar-se dele assumindo uma posição crítica, adequar a modalidade de leitura - exploratória ou exaustiva, pausada ou rápida, cuidadosa ou descompromissada - aos propósitos que se perseguem e ao texto que se está lendo... (p. 62)

Logo, esses comportamentos devem ser conhecidos pelos leitores em potencial e precisam ser ensinados pelos mais experientes, não por meio de incansáveis lições, mas através do fazer, do próprio exemplo, no instante em que realizam a mediação de leitura de um livro ou ao relatarem sobre um livro lido. Dentro da escola, os comportamentos leitores transformam-se em objetivos a serem atingidos e, portanto, trabalhados seja em situações de sala de aula ou vividos na própria dinâmica da biblioteca escolar, desde a primeira infância. Eles evidenciam o que requer que as pessoas apreendam para se inserir na

prática social da leitura, justamente porque decorrem de uma construção individual, que aparece ou deixa de aparecer, sobretudo, no ambiente social. A investigação dos comportamentos leitores deve merecer atenção dos professores. No portal da Revista Escola (2011), há uma proposta interessante. Dela, destacamos as atitudes que precisam ser observadas:

- socializar critérios de escolha e de apreciação estética de leituras;
- ler trechos de textos de que gostou para colegas;
- procurar materiais de leitura regularmente;
- zelar por diferentes materiais de leitura;
- frequentar bibliotecas (de classe ou não);
- comentar com outros o que se está lendo;
- compartilhar a leitura com outros;
- recomendar livros ou outras leituras que considera valiosas;
- comparar o que se leu com outras obras do mesmo ou de outros autores;
- contrastar informações provenientes de diferentes fontes sobre um tema de interesse;
- confrontar com outros leitores as interpretações geradas por uma leitura;
- realizar a leitura de maneira a acompanhar um autor preferido;
- atrever-se a ler textos difíceis, entre outros.

Naturalmente, outras atitudes poderão ser elencadas. Ao certo, temos claro que o projeto “Rede Potiguar de Escolas Leitoras” encontra-se numa fase em que os educadores devem se debruçar sobre a tarefa de avaliar se as práticas de mediação de leitura, desenvolvidas nas escolas, estão formando leitores. As informações advindas dessa avaliação constituem-se elementos de consolidação de uma tecnologia social e de reforço para que o poder público priorize a promoção do acesso à cultura escrita, enquanto direito da população, desde a infância.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Leusa (Redação e Pesquisa). *Prazer em Ler: três anos*. São Paulo: Instituto C&A, 2009.

- BAJARD, Élie. Escuta do texto ou leitura? In: MADI, Sonia (Coordenação). *Na ponta do lápis*. São Paulo: Cenpec. Ano VI, Nº 13, fev.2010.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- GARCIA, Edson Gabriel (Coordenador). *Prazer em Ler: um roteiro prático poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artimanhas nas gostosices da leitura*. São Paulo: Instituto C&A / Cenpec, 2006.
- _____. *Prazer em Ler: registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação de leitura – Vol. 2*. São Paulo: Instituto C&A / Cenpec, 2007.
- INSTITUTO C&A. *Proposta de Ação do Programa Prazer em Ler em articulação com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo: Formação de Educadores Mediadores de Leitura nas Escolas*. São Paulo: Instituto C&A, 15 de maio de 2007.
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. *Relatório do diagnóstico sobre práticas de promoção de leitura nas escolas estaduais do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, localizadas nos municípios de Natal e Parnamirim*. Natal: IDE, 2007a.
- _____. *Projeto Prazer em Ler*. Natal: IDE, 2007b.
- LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002 (Reimpressão 2008).
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MAROTO, Lucia Helena. *Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- PRADO, Adélia. O lugar do prazer e da sedução. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coordenador). *Prazer em Ler: Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da Leitura – Volume 2*. São Paulo: Instituto C&A e CENPEC, 2007.
- REVISTA ESCOLA. *Investigando o comportamento leitor*. Acesso em 29 de jan. de 2011. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/investigando-o-comportamento-leitor-426219.shtml>
- SANTA ROSA, Cláudia Sueli Rodrigues. *Fazer a ponte para a escola de todos (as)*. Natal, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. 335 f.



Como vai a leitura literária nas escolas públicas estaduais?

Luiz Ricardo Ramalho de Almeida¹

Tácia Maria Ataíde Pereira²

PARA INÍCIO DE CONVERSA

É sabido que, conforme a perspectiva que se adote, o mesmo objeto pode ser concebido de maneiras diversas. A leitura não foge à regra. Muitas conceituações foram formuladas, ao longo dos tempos, mas nenhuma conseguiu ser completa e definitiva, pois cada época ou cada teórico fundamenta-se em uma determinada forma de conhecimento da vida, da arte, da palavra, dos valores do mundo e da condição humana.

Dizer, hoje, que ler é decodificar o signo escrito é uma expressão incompleta, uma vez que não se quer apenas que a pessoa decodifique, mas, sim, que compreenda o objeto lido em sua plenitude, pois a leitura envolve uma série de considerações que estão longe de responder plenamente, definitivamente à pergunta: o que é leitura? Sabemos que, nas últimas décadas, ampliou-se a concepção sobre o conceito de leitura e de leitor. Mas, ainda é consenso que a escola é o lugar central para a consolidação da leitura como parte integrante do cidadão, assim como a formação deste como leitor.

Pautados nessas reflexões, elaboramos este texto, objetivando proporcionar uma reflexão sobre a leitura de literatura no contexto escolar, destacando as escolas de ensino fundamental – anos iniciais – da rede estadual dos municípios de Natal/RN e Parnamirim/RN. Para isso, organizamos nossas reflexões em partes interligadas que subsidiarão ao leitor uma compreensão do que

¹ Graduado em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é doutorando em Educação. É professor assistente III da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Trabalhou na elaboração do documento “Relatório do diagnóstico sobre práticas de promoção de leitura nas escolas estaduais do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, localizadas nos municípios de Natal e Parnamirim”.

² Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Especialista em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Associada fundadora do IDE, integrou a equipe do projeto de promoção à leitura literária nas escolas do Rio Grande do Norte, vinculado ao programa Prazer em Ler, do Instituto C&A de Desenvolvimento Social.

considera relevante o projeto “Formação de Mediadores de Leitura nas Escolas”³.

A formação a partir do programa “Prazer em Ler”: a busca por um espaço de leitura literária nas escolas.

Pensando no fortalecimento do processo de formação de leitores nas escolas, o Instituto C&A de Desenvolvimento Social (IC&A) e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC) firmaram uma parceria para desenvolver o projeto “Formação de Mediadores de Leitura nas Escolas”, no âmbito do “Prazer em Ler”, programa idealizado pelo IC&A e implementado em diversas cidades brasileiras a partir do ano de 2006. A parceria no Rio Grande do Norte foi articulada pelo Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), organização não-governamental, que assumiu a responsabilidade técnica pela execução do projeto.

Como primeira etapa do projeto, foi realizada uma pesquisa em 77 escolas da rede estadual do ensino fundamental (1º ao 5º ano), sendo 74 do município de Natal/RN e três do município de Parnamirim/RN. Foi aplicado um questionário com os gestores e coordenadores pedagógicos das escolas com o objetivo de “diagnosticar sobre a formação dos educadores, as práticas de mediação de leitura, os espaços de leitura e o acervo bibliográfico destinado à leitura, categorias que formam o tripé norteador da formação do leitor, conforme o referencial do Prazer em Ler.” (INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2007). Além disso, foram recolhidos dados sobre o perfil dos educadores, perspectivas, interesses, opiniões sobre a temática da leitura literária, objetivando oferecer subsídios às políticas públicas da SEEC na área de leitura.

O questionário, contendo questões objetivas e subjetivas acerca dos temas citados anteriormente, foi respondido pelos coordenadores ou gestores das escolas participantes da pesquisa, durante visita realizada pela pesquisadora responsável. Essa profissional também fotografou todas as escolas, no que diz respeito ao espaço de leitura existente, lugares com potencial para transformarem-se em espaços e/ou terreno disponível para ser construído. As fotografias compõem um CD Rom que acompanha o Relatório Final da pesquisa. A análise dos dados coletados deu-se à luz, sobretudo, dos referenciais

³ Em 2007, por ocasião do diagnóstico, o projeto era assim denominado (Nota da Organizadora).

teóricos que subsidiam as ações de formação do leitor realizadas pelas instituições parceiras.

Ao se ampliar a divulgação dos resultados da pesquisa⁴, tem-se por objetivo socializar e discutir sobre o lugar onde estão as escolas, no que tange às políticas de formação do leitor, possibilitando a verificação das condições, os trabalhos e perspectivas dos atores sociais ouvidos, de modo a dar conhecimento do que orientou as metas e ações que têm subsidiado o desenvolvimento do projeto. Entretanto, a expectativa é de que as ideias e informações aqui trabalhadas contribuam para uma reflexão acerca do processo de formação de leitores de literatura; possibilite a formulação de políticas públicas de promoção da leitura voltadas para as escolas e comunidades do Rio Grande do Norte.

A LEITURA DE LITERATURA

Quem olha o mundo escolhe a maneira como quer ver esse mundo? Se assim é verdade, esse mundo poderá ser trágico, repelente, confuso, alegre, feliz, ridículo, cômico, de acordo com a orientação do olhar. Partindo dessa ideia de explicar as diferentes perspectivas do ser humano, vemos uma relação direta com a leitura, por ser o olhar de cada leitor, de fato, a configuração de muitos olhares que moldam a sua perspectiva.

Assim, tomamos como referência o olhar voltado para a escola, como sendo um importante espaço de promoção da leitura, de mobilização de desejo, dos olhares que se dividem em cômicos e trágicos. Aristóteles em sua *Poética* (escrita em 320 a.C aproximadamente) já classificava os dois grandes eixos de representação da maneira de ser do homem em trágico e cômico. Na tragédia, dizia: *os homens são representados melhores do que são*, na comédia, *piores*. (ARISTÓTELES, 1964, p.263). Sentindo o mundo dessa forma, estamos percebendo que a literatura é o elemento provocador de olhares capazes de notar essas formas humanas. Mas, para isso, são necessários leitores que possam perceber esses dois grandes eixos: o trágico e o cômico. E leitores orientadores do olhar daqueles que se ocupam em fazer ficção e do ouvinte, espectador e leitor de emoções.

Essas reflexões, propostas aqui, permitem-nos perceber a necessidade

⁴ Em 2010 o projeto passou a atender escolas municipais de Natal e Parnamirim/RN, a partir do mapeamento de polos de leitura. O mesmo questionário de linha de base foi aplicado junto a essas escolas. Os dados geraram o documento "Relatório do diagnóstico sobre práticas de promoção de leitura nas escolas municipais do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, localizadas nos municípios de Natal e Parnamirim" (Nota da Organizadora).

de uma constituição de leitores de literatura dentro do contexto escolar. Mas, para isso, sentimos a obrigação de sabermos que ações estão sendo realizadas nas escolas referentes à promoção da leitura, especificamente de literatura.

Sabemos que o trabalho da leitura em situação escolarizada está diretamente associado ao processo de letramento dos alunos. Sabemos, inclusive, que o processo de formação do leitor também perpassa pelo campo da busca por conhecimento, da preparação do indivíduo para a vida – para o exercício da cidadania.

Na tentativa de ampliarmos os olhares dos educadores sobre a leitura, vislumbrando outras práticas, temos o desafio de apresentar a leitura pelo caminho do prazer. Do prazer em perceber a magia das palavras, da construção do real/irreal, do riso/choro... dos sentimentos, significados e emoções que a leitura de literatura proporciona.

A PROMOÇÃO DA LEITURA NAS ESCOLAS

Sabemos que a formação do leitor é uma atividade complexa e que necessita de um amplo conhecimento do processo como um todo, além de necessitar que se compreenda o papel dos profissionais que atuam nas escolas, especialmente os professores (as) e coordenadores (as).

A complexidade desse tema exige uma exposição didática dos elementos mais significativos dos espaços de leitura na escola. Assim, em um primeiro momento, faz-se necessário apresentar a essência dessa teoria que esta baseada na relação autor-mediador-leitor. Essa tríade deve estar presente nas políticas de formação de leitor e, em especial, do leitor de literatura.

É com essa perspectiva que analisamos os dados da pesquisa a fim de conhecer a formação e práticas de mediação de leitura desenvolvidas nas escolas. Para iniciarmos as análises, perguntamos: “Que atividades a coordenação desenvolve juntos ao professores do ensino fundamental do 1º ao 5º ano, voltados à promoção da leitura?”

Em resposta à nossa pergunta, vimos que 68% das escolas desenvolvem atividades favoráveis à promoção da leitura, contra 32% que responderam não desenvolver nenhuma atividade voltada à promoção da leitura. Diante disso, nos questionamos como pode uma escola não trabalhar a leitura, mesmo sabendo que a leitura é o eixo para o desencadeamento das demais atividades pedagógicas.

Iniciar as análises com um índice tão negativo à promoção da leitura nas

escolas resta-nos conhecer que tipos de atividades são desenvolvidas nas escolas que afirmam promover a leitura. Como resposta a esse questionamento, os informantes elencaram atividades que constam na Tabela 1:

TABELA 1 - Atividades de promoção da leitura nas escolas

ATIVIDADES	NÚMERO	%
Reuniões pedagógicas	36	47
Projeto Lugares onde moram as palavras	1	1
Ações do PDE	2	2,5
Planejamento bimestral	15	19,5
Clube da leitura	18	23,5
Ciranda do livro	3	4
Orientações à bibliotecária	2	2,5
TOTAL	77	100

Fonte: Instituto de Desenvolvimento da Educação - 2007.

Analisando a tabela acima, percebemos que há uma predominância das reuniões pedagógicas, entre as atividades ditas como promotoras da leitura nas escolas. As atividades apresentadas pelos (as) coordenadores (as) e que identificamos que estão diretamente ligadas à promoção da leitura são o *Clube da Leitura*, *Ciranda do Livro* e projeto *Lugares Onde Moram as Palavras*. Entretanto, ainda vemos que reuniões, ações do PDE, planejamento bimestral e orientação à bibliotecária estão presentes em mais de 70% das respostas. Acreditamos que essas ações podem estar direcionadas à leitura, na medida em que tem como tema a formação do leitor. A hipótese é de que possam ser atividades que contribuem para a formação do educador mediador de leitura.

Para compreendermos melhor a questão da promoção à leitura nas escolas, verificamos se os professores participam de alguma formação voltada especificamente para a promoção da leitura. Vimos que do universo de escolas pesquisadas, 54 delas, o equivalente a 70% do universo pesquisado, disseram que os professores participaram e/ou participam de cursos voltados para a formação de leitores. Esse número está distribuído no Gráfico 1.



GRÁFICO 1 - Cursos de Formação de Leitores e Promoção da leitura nas escolas
Fonte: Instituto de Desenvolvimento da Educação-2007.

A busca por um melhor trabalho com a leitura nas escolas tem sido uma luta constante de pesquisadores, estudiosos, gestores, professores, coordenadores pedagógicos, entre outros agentes que compreendem essa demanda. Isso nos leva a pensar na importância de trabalhar em conjunto, no sentido de formação de grupo, que requer a compreensão dos processos grupais para desenvolver competências que permitam realmente aprender com o outro e construir de forma participativa um novo para a leitura na escola, em especial para leitura de literatura.

Para Pichon-Rivière (1991, p. 65-66) grupo é um

conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de espaço e tempo, articuladas por sua mútua representação interna interagindo através de complexos mecanismos de assunção e atribuição de papéis, que se propõe de forma explícita ou implícita uma tarefa que constitui sua finalidade.

Em pressupostos como esses se assentam as propostas de parceria público-privada, visando ao desenvolvimento de tecnologias educacionais, em conjunto: governos e a iniciativa privada, empresas e organizações da sociedade civil, como se pretende com o projeto "Formação de Mediadores de Leitura nas Escolas".

Entre as formações destacadas no Gráfico 1, está o Projeto *Mediadores de Leitura*, cujas informações da Subcoordenadoria do Ensino Fundamental (SUEF), da SEEC, dão conta de que esse projeto tem como objetivo formar leitores de literatura. O projeto *Mediadores de Leitura* é desenvolvido com os professores do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da rede estadual. A equipe da SUEF faz

uma formação com dois e/ou quatro técnicos por DIREC, que por sua vez multiplicam as ações com os professores das escolas participantes do projeto. Os conteúdos abordados têm como tema central a mediação nas atividades de leitura de literatura em sala de aula.

Os Programas Alfa e Beto e Proletramento aparecem entre aqueles de promoção da leitura nas escolas, mas devemos destacar que a concepção à qual estão ancorados, especialmente o primeiro, tem o foco central na alfabetização, diferentemente das propostas que têm como eixo central a leitura de literatura, o desenvolvimento do gosto e do prazer em ler.

Outro conteúdo abordado foi a contação de história que, embora não se trate de leitura, contribui à formação do leitor de maneira significativa, porque estimula a imaginação, o acesso às diferentes culturas e o convívio com o outro, que esteja no lugar de contador ou ouvinte. Abramovich (1994, p. 143) lembra a importância da contação de história:

para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

Além disso, podemos dizer que as histórias na escola também têm uma função de animação de leitura o que pode despertar o gosto pelos livros, a animação desenvolvida pelo professor, contador de histórias, vem casar com a ação pedagógica desenvolvida pelo professor, que de acordo como os estudos de Moraes (2000, p.25) a mediação pedagógica apresenta-se sob o seguinte enfoque sistêmico:

um processo comunicacional, conversacional, de co-construção, cujo objetivo é abrir e facilitar o diálogo e desenvolver a negociação significativa de processos e conteúdos a serem trabalhados, bem como incentivar a construção de um saber contextual, gerado na relação professor/aluno.

O número de professores participantes das formações mencionadas no Gráfico 1 foi de 137 professores das várias escolas da rede estadual. A representação dos professores, por escolas, era de 1 a 7 professores (as). Segundo os informantes dos questionários, os projetos dos programas *Alfa e Beto* e *Proletramento* tiveram encontros mensais e quinzenais. Os demais referenciados

não têm um cronograma definido, ficando a mercê da liberação dos recursos disponibilizados pelo órgão responsável.

A participação em programas e projetos, sejam voltados para a formação de mediadores de leitura ou com outros objetivos, enseja avaliação sobre a repercussão dos mesmos nas escolas. Com base nas informações, vemos que em 85% das escolas estão sendo realizados projetos pedagógicos, ações e/ou atividades diretamente ligadas à leitura, mas não podemos afirmar que esse percentual refere-se à promoção da leitura de literatura, na perspectiva realçada neste relatório, considerando as análises a partir do Gráfico 1 e o percentual de 39% de respostas relativas aos programas *Alfa e Beto* e *Proletramento*.

A LEITURA LITERÁRIA: COMO É REALIZADA?

A escola, de uma forma geral, pode caracterizar-se como potencializadora de práticas de leitura, embora, na maioria dos casos, as condições não sejam as mais favoráveis. Em relação aos espaços de trabalho com a leitura de literatura, buscamos conhecer quais espaços existem nas escolas que possibilitem um trabalho eficaz, pois discutir acerca dos espaços de leitura nas escolas é determinante para a constituição de um panorama da promoção da leitura.

Devemos deixar claro que, quando falamos de espaço de leitura, estamos pensando em: espaço físico, ambientação, mobiliário, equipamentos e disposição do acervo. Esses pontos vêm compor um espaço adequado para a promoção da leitura.

De acordo com Garcia (2006, p. 61), “estas são as necessidades básicas componentes de um espaço de leitura minimamente preparado para o início do trabalho.” Devemos destacar que quando falamos de espaços de leitura apareceram três categorias: a biblioteca, sala de leitura e as escolas que não possuem nenhum espaço para leitura.

Visto as escolas e a sua importância numa proposta de formação de leitores, buscamos conhecer se há e quais os tipos de espaços de leitura que existem nas escolas pesquisadas. Para isso, perguntamos: a escola tem um espaço especialmente para a leitura? As respostas nos possibilitaram ver que das 77 escolas pesquisadas, 53 declararam ter um espaço onde são desenvolvidas as atividades de leitura, embora não seja especialmente para essa finalidade, a saber: 49 bibliotecas, quatro salas de leitura e 24 disseram que em suas escolas não existe nenhum espaço destinado à leitura. Somando o número de escolas que utilizam a biblioteca escolar muito mais como espaço destinado para a pesquisa, mais as

escolas que não têm nenhum espaço, representa 94,48% das escolas sem um espaço *especialmente* para a leitura. Dispõem, sim, de um espaço onde acontece a leitura ampliada e a pesquisa, o que reforça a necessidade da mudança de concepção e ou criação de espaços que contemplem as atividades de leitura de literatura. Para compreendermos melhor esse quadro, vejamos o gráfico abaixo.



GRÁFICO 2 - Espaços de Leitura

Fonte: Instituto de Desenvolvimento da Educação-2007.

Outra questão feita sobre o espaço de leitura nas escolas diz respeito ao tipo de espaço existente, onde é promovida a leitura. Nesse ponto, verificamos que, em 49 escolas, a leitura vem sendo promovida nas bibliotecas escolares, 64% do universo pesquisado.

Sabemos que a biblioteca escolar, possibilita acesso à literatura e as informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente. Para atender essas premissas a biblioteca precisa ser entendida como um 'espaço democrático' onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo. (RIBEIRO, 1994, p. 61).

Para aprofundarmos nossas análises, buscamos conhecer se os espaços onde são realizadas as atividades de leitura (bibliotecas, sala de leitura e outros) são adequados ou não para a promoção da leitura. Nesse item, conforme o Gráfico 3, vimos que, embora esses espaços não sejam especialmente para a leitura, das 53 escolas que declaram ter espaço de leitura, 48 consideraram esse espaço inadequado e doze escolas avaliam como sendo adequados.

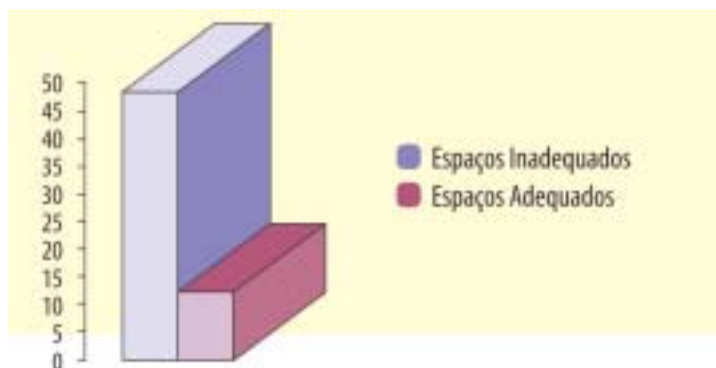


GRÁFICO 3 - Classificação dos 60 espaços de leitura existentes nas escolas, de acordo com os informantes.

Fonte: Instituto de Desenvolvimento da Educação - 2007.

Sabendo que em poucas escolas há um espaço *especialmente* destinado à promoção da leitura, outro ponto importante nesse contexto é sabermos quem atua nos espaços existentes onde são desenvolvidas a leitura nas escolas. Nesse sentido, perguntamos: quais são os profissionais que atuam nesses espaços e como atuam? Vejamos as respostas dadas.

TABELA 2 - Os profissionais que atuam nos espaços de leitura e como atuam

OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NOS ESPAÇOS DE LEITURA DAS ESCOLAS			COMO ATUAM OS PROFISSIONAIS NOS ESPAÇOS DE LEITURA DAS ESCOLAS		
PROFISSIONAIS	NÚMERO DE ESCOLAS	%	COMO ATUAM	NÚMERO DE ESCOLAS	%
Professores com magistério – Ensino Médio	19	25	Com dificuldade	10	13
ASG em readaptação de função	5	6,5	Ajudando nas pesquisas dos alunos	13	17
Técnico de nível superior	7	9	Contando historias	14	18
Não tem profissional certo	3	4	Empréstimos de livros	29	38
Bibliotecário(as) – Pedagogo(a)	12	15,5	Leitura	4	5
Professores(as) com nível superior	31	40	Produção de texto	7	9
Total	77	100	Total	77	100

Fonte: Instituto de Desenvolvimento da Educação - 2007.

Analisando a tabela acima, percebemos que os números revelam que nos espaços de leitura, 40% são professores com nível superior e 25% com nível médio. Esses profissionais vêm realizando: empréstimos de livros, contação de histórias e a ajuda em pesquisas, que não são propriamente atividades de promoção da leitura. Vemos esse fato como um agravante, que, somado à falta de um profissional certo para atuar no espaço de leitura e, ainda, por esse espaço ser assumido por um auxiliar de serviços gerais (ASG) em readaptação de função, prejudicam o desenvolvimento da leitura nas escolas. Além disso, podemos dizer que esse quadro inviabiliza uma sequência de projeto e ou atividades de promoção da leitura, pois essas ações devem ter um acompanhamento sistemático de um profissional qualificado, capaz de planejar e avaliar cada passo das atividades.

Sobre a contação de história, ressaltamos que se trata de uma prática milenar e que tem dado grande contribuição à formação de leitores, como dissemos anteriormente, pois, através da contação, o gosto pela literatura pode ser mobilizado. Essas ações, mesmo sendo praticadas em uma escala menor, apresentam-se como práticas positivas no processo de formação de leitores. É preocupante a informação de que 13% do universo pesquisado revelam dificuldades na realização de atividades de promoção à leitura literária, levando-nos a pensar que essa questão está ligada à ausência de uma formação específica para essa prática.

Além do acervo e das práticas de mediação de leitura, os instrumentos tecnológicos são importantes para o desenvolvimento das atividades de leitura. Os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas ou nos espaços de leitura são essenciais no auxílio aos professores e mediadores de leitura. Dentre esses recursos, destacamos: o computador conectado à internet, impressora, scanner, aparelhos de som, de TVs e DVDs, entre outros mais sofisticados.

Na busca de conhecer a existência desses recursos, perguntamos aos informantes quais os recursos tecnológicos disponíveis nos espaços de leitura. Os dados revelaram que em 50 escolas existem equipamentos tecnológicos, mas devemos ressaltar que esses recursos estão disponíveis nas escolas e não nos espaços *especialmente* de leitura. Em 27 delas não há presença de nenhum dos recursos (computador, impressores e scanners), mas há uma tímida presença de TVs e DVDs desses recursos nas escolas como um todo.

Dentre as escolas pesquisadas, a Escola Estadual Hegessipo Reis, no bairro de Nova Descoberta – Natal/RN, declarou ter esses equipamentos exclusivos para o espaço de leitura, além daqueles que servem às outras demandas da

Foto: Marcelo Barros



FOTOGRAFIA 1 - Recursos tecnológicos estão disponíveis na sala de leitura da Escola Estadual Hegésippo Reis

Escola. Devemos registrar que nessa escola vem⁵ sendo desenvolvido o projeto *Lugares Onde Moram as Palavras*, financiado pelo Instituto C&A, enquanto nas outras escolas o órgão financiador é, unicamente, a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura.

Essas informações evidenciam a necessidade de a Secretaria otimizar e/

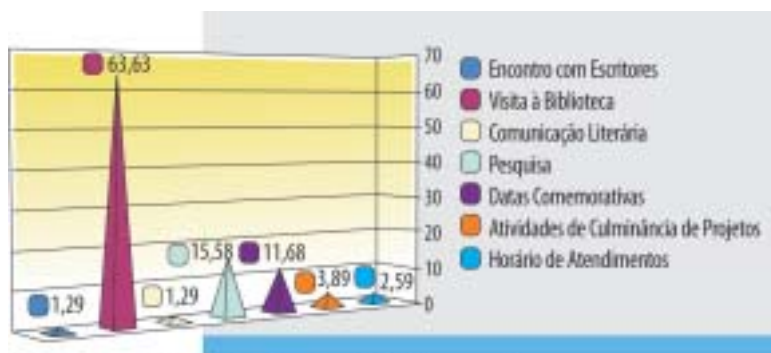


GRÁFICO 4 - Cursos de formação de Leitores e Promoção da leitura nas escolas

Fonte: Instituto de Desenvolvimento da Educação - 2007.

⁵ Na ocasião do diagnóstico, a Escola era beneficiada, através do IDE, com a parceria técnica e o investimento financeiro do Instituto C&A (março de 2007 a fevereiro de 2008). Foi a experiência nessa Escola que mobilizou e respaldou a ampliação do projeto para as 79 escolas estaduais de Natal e Parnamirim, mediante termo de parceria assinado em agosto de 2007. Em 2008 e 2009 a Escola também recebeu doações de roupas, calçados e acessórios das quatro lojas C&A de Natal, o que lhe permitiu realizar bazares na comunidade, arrecadando recursos financeiros fundamentais para equipar a escola (Nota da Organizadora).

ou construir espaços para a leitura e provê-las com equipamentos tecnológicos e acervo bibliográfico para a efetiva promoção da leitura nas escolas. E também se observa a necessidade de as escolas ousarem na busca de parcerias com outras instituições fomentadoras da leitura, consolidando a política de autonomia e de gestão democrática.

Também procuramos conhecer a dinamicidade dos espaços de leitura, através da recolha de informações sobre a programação realizada onde há esses espaços. Perguntamos: Qual a programação e/ou eventos que são desenvolvidos nos espaços de leitura existentes na escola?

Diante das respostas obtidas, concluímos que em 53 das 77 escolas pesquisadas não existe uma programação ou eventos sistematizados para a promoção da leitura. Esse número representa um percentual de 68% do universo pesquisado. Em 24 escolas foi registrada uma programação e a realização de eventos voltados para a promoção da leitura o equivalente a 32% do universo das escolas pesquisadas.

Sabendo da existência de uma programação e de eventos realizados em algumas escolas, indagamos: Quais os tipos de programação e ou eventos são realizados nos espaços de leitura das escolas?

Analisando os dados, observamos uma representação significativa voltada para a visita às bibliotecas escolares, o percentual de 63,63 do universo pesquisado revela a necessidade de revermos o desenvolvimento das programações e eventos voltados à leitura nas escolas, tendo em vista que concentrar as atividades de leitura à visita às bibliotecas das escolas restringe o processo de formação do leitor.

Dentre as programações e eventos, registramos, ainda, o desenvolvimento de pesquisa com uma representação de 15,58% que vem reforçar o quadro sobre a compreensão do que sejam atividades e eventos de formação do leitor, mas esses dados nutrem as propostas de formação de mediadores de leitura.

Vimos, ainda, que em algumas escolas, embora seja o mínimo delas, há uma programação coerente com os propósitos de formação de leitores. Vemos no Gráfico 4 que 2,59% das escolas realizam encontro com escritores, usam a comunicação literária com o objetivo de dinamizar o processo de formação de leitores. Isso mostra que em algum lugar há ações promotoras da leitura, mesmo que de forma incipiente. Como complemento às nossas análises, diagnosticamos que os visitantes das bibliotecas das escolas, em sua maioria, são professores e alunos, que, juntos, representam 93% e 3% apenas comunidade. Isso mostra que, além das programações e eventos de contribuição à formação de

leitores, ainda que sejam restritivos, há, também, uma baixa inserção da comunidade nas atividades do espaço, dimensão que precisa ser fortalecida.

PARA ENCERRAR NOSSA CONVERSA

Diante dos dados da pesquisa, reforçamos que a leitura é um grande instrumento que os professores têm para despertar o senso crítico e reflexivo das crianças, pois um mesmo texto possibilita diferentes interpretações. Ele se torna ainda mais interessante quando o leitor descobre nele o prazer. O prazer em ler, em ouvir e em reler o texto. Pensando assim, vemos que formar leitores faz parte da missão dos profissionais da educação, na perspectiva de formar o indivíduo. Vimos, ainda, que, tomando como referencial o *Programa Prazer em Ler*, do Instituto C&A, essa formação está associada a um tripé: espaço de leitura, acervo e mediação. Com base nos dados coletados, percebemos uma grande carência nas escolas na realização desse tripé.

Para um trabalho eficaz com a leitura nas escolas, é preciso, acima de tudo, condições de trabalho. Essas condições estão intimamente ligadas à formação de profissionais, às condições materiais e de espaço físico, para que ele aconteça. Nessa perspectiva, faz-se necessário primar pela formação dos profissionais que fazem a leitura nas escolas, oferecendo cursos de formação e o acompanhamento para que se conheça o reflexo dessa capacitação dentro da escola. O professor precisa de alguém que reflita com ele no ato de planejar, coordenar e avaliar as atividades de leitura. Além disso, precisa de espaços adequados, materiais e recursos tecnológicos para, assim, obter sucesso nas atividades de leitura nas escolas.

Os pontos elencados acima foram registrados na pesquisa. Os dados revelam a ausência de recursos tecnológicos nas escolas, que auxiliam no desenvolvimento das atividades de leitura. Revelam, também, a necessidade de ampliar o acervo de obras literárias. Somando-se a tudo isso, as escolas precisam da construção ou criação de um espaço adequado para a leitura, um espaço que possa acolher os leitores e fomentar uma mediação de leitura propícia à formação de novos leitores.

Visto dessa forma, inferimos a grande necessidade das escolas tomarem o tripé: mediação, espaço e acervo, como referencial para a elaboração dos seus projetos de leitura e discuti-los com a SEEC, pois verificamos que as faltas decorrem da ausência de políticas públicas. Considerando algumas exceções, as escolas não dispõem de recursos de outras fontes que não seja estatal. Nesse sentido, cabe ao poder público colocar a leitura como prioridade e política de Estado.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 4ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1964.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- GARCIA, C. M. *Formação de professores para uma mudança educativa*. Portugal: Porto Editora. Coleção ciências da educação. Século XXI, 1999.
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. *Projeto Prazer em Ler*. Natal: IDE, 2007.
- MORAES, M. C. *Mediação sob o enfoque sistêmico*. São Paulo: Mimeo, 2000.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. Trad. Marco Aurélio Fernandes. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- RIBEIRO, Maria Solange Pereira. *Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando*. Transformação: Campinas, 1994.



Foto: Marcelo Barroso

Comunicação a serviço do Social

Taciana Chiquetti¹

Entre as muitas metas de um projeto social como o “Escola de Leitores”, está a de inspirar novas iniciativas na mesma linha. Para isso, e ainda conquistando outros resultados objetivos e subjetivos, a contribuição da Comunicação Social é essencial. Divulgar as ações do projeto nos meios de comunicação permite que a credibilidade de cada veículo seja agregada ao assunto sugerido a partir do trabalho da assessoria de imprensa. É o ponto de partida para a formação ou consolidação da imagem, porque já existe um senso comum de que se um fato ou tema é divulgado na mídia, o mesmo é verdadeiro e pode servir como exemplo. Outras ferramentas de comunicação também foram utilizadas no projeto para que a mensagem desejada chegasse adequadamente aos diversos públicos de interesse.

A Comunicação é o processo de transmissão de uma mensagem de um emissor para um receptor, através de um meio de comunicação, de modo que o receptor entenda perfeitamente a mensagem. Portanto, a Comunicação possui quatro elementos: emissor, receptor, mensagem e meio.

EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO

- 40.000 a C – uivos e grunhidos
- 3.500 a C – escrita pictográfica – desenhos nas cavernas
- 1.700 a C – 1º alfabeto – Fenícios/ Gregos
- 1.400 d C – prensa móvel – Guttemberg
- Século XX – computador
- Hoje – novas tecnologias

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela PUC-Campinas, já atuou como secretária-adjunta de Comunicação do Rio Grande do Norte. Integrou a equipe do IDE como assessora de comunicação desde 2006. Possui formação em Docência pelo Senac Campinas, onde foi professora orientadora do departamento de Comunicação. Também é formada em Psicanálise, pelo Colégio Brasileiro de Psicanálise, Rio de Janeiro-RJ.

A palavra “Comunicar” vem do latim “*comunicare*” com a significação de “pôr em comum”. A comunicação humana, portanto, põe ideias em comum e seu grande objetivo é o entendimento entre os homens. Trata-se de uma resposta a um estímulo interno ou externo. Essa resposta forma na mente uma ideia ou uma imagem, com o seu símbolo representativo, que conhecemos por experiência anterior: o nome. É o sentimento resultante desta experiência que, expresso, completa o processo de comunicação humana.

Um estudo da Vox Populi ouviu 2.500 pessoas, entre 25 de agosto e 9 de setembro de 2009, maiores de 16 anos, no Distrito Federal e nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. O objetivo foi identificar como o brasileiro se informa hoje em dia e qual o seu comportamento na frequência de consumo de mídia. O levantamento mostrou, recentemente, que as mídias tradicionais e modernas lideram o ranking de credibilidade. O rádio apresentou uma média de 8,21 e Internet, de 8,20, numa escala de 1 a 10. As redes sociais também se destacaram com 7,74 da confiança dos respondentes.

A TV continua a ser a principal fonte de informação no País, com 55,9% da preferência, seguida pela internet (20,4%), jornal impresso (10,5%), rádio (7,8%), redes sociais (2,7%), versão online dos jornais impressos (1,8%), revista impressa (0,8%) e versão online das revistas (0,1%).

Além de perguntar qual a fonte de informação preferida, a pesquisa quis saber quais são as mais acessadas no dia a dia do brasileiro. A televisão é vista por praticamente todos os entrevistados, somando 99,3%, seguida por rádio (83,5%), jornal impresso (69,4%), Internet - sites de notícias e blogs de jornalistas - (52,8%), revista impressa (51,1%), redes sociais - Twitter, Orkut, Facebook, etc - (42,7%), a versão online dos jornais impressos (37,4%) e a versão online das revistas impressas (22,8%).

Outra pesquisa representativa, realizada pelo Instituto de Pesquisas de Opinião Forsa e a Associação Alemã das Empresas de Informação, Telecomunicação e Novas Mídias (Bitkom), demonstrou o papel fundamental da internet e das redes sociais virtuais entre eleitores, principalmente jovens. Na faixa etária entre 18 e 29 anos, a internet é considerada por 77% dos entrevistados a fonte mais importante de informação política. Do total de entrevistados, 45% disseram se informar sobre política pela internet, embora mídias tradicionais: televisão, jornais, rádio e conversas pessoais continuem a ser as mais importantes, nessa ordem.

BREVE HISTÓRICO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

O primeiro escritório de assessoria de imprensa no mundo foi montado no começo do século XX, com o objetivo de melhorar a imagem pública de grandes empresários americanos, os quais chegavam a ser odiados pela população, por usar o capitalismo selvagem como meio de obterem cada vez mais lucros em detrimento do prejuízo da coletividade.

O jornalista Ivy Lee foi o primeiro a lançar mão dos princípios da Comunicação para reverter a imagem negativa desses homens públicos. A partir de conceitos de jornalismo associados a relações públicas e ao marketing, ele elaborou toda uma estrutura de relacionamento com os veículos da mídia, para utilizá-los como parceiros principais na tentativa de mudança e sedução da opinião pública. Com isso, o jornalista conseguiu estabelecer uma nova especialidade na Comunicação, a Assessoria de Imprensa.

Alguns anos mais tarde, após o início do seu efetivo desenvolvimento em outras partes do mundo, a Assessoria de Imprensa passou a ser utilizada também no Brasil, exatamente no setor público. Dessa vez, porém, a intenção era ter uma estrutura eficiente para transmissão de informações para a população. Com isso, conseqüentemente, passaram também a ser criadas duas imagens positivas: a da Administração e a dos administradores. Além disso, ainda foram alcançados benefícios de ordem política. Os registros apontam o Governo Federal como o primeiro órgão a desenvolver uma seção responsável por distribuir informações à imprensa, no início da atividade no Brasil, por meio de notas ou notícias. A definição da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) explica, com propriedade, o conceito do trabalho de assessoria de comunicação:

Assessoria de imprensa é o serviço de administração das informações jornalísticas e do seu fluxo das fontes para os veículos de comunicação e vice-versa. É prestada a pessoas físicas e jurídicas de caráter público e/ou privado. Trata-se de serviço especializado privativo dos jornalistas. (...) A AI é responsável por múltiplas atividades e desempenha papel estratégico na política de comunicação dos assessorados. (Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ)

A credibilidade dos veículos em que a notícia é veiculada é naturalmente agregada ao personagem ou fonte da notícia por parte do leitor. Isso significa

que manter um projeto, empresa ou instituição constantemente na mídia favorece o fortalecimento da imagem dos mesmos.

A COMUNICAÇÃO NO PROJETO ESCOLA DE LEITORES

O Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) conta com o serviço de assessoria de comunicação, com um ou mais profissionais de Jornalismo, desde o ano de 2006. Sempre procurado pelos meios de comunicação de Natal-RN como fonte de informação, por meio das integrantes de sua diretoria, que já acumulavam experiência na área e sempre foram referências para debater diversos assuntos relacionados à Educação, houve a necessidade de trabalhar a comunicação do IDE enquanto instituição: tornar o IDE e seus projetos referência de fonte para jornais, revistas, TVs, rádios e portais e blogs na Internet, obtendo como consequência uma imagem positiva junto aos veículos e, especialmente, seus leitores, conforme recomenda Miguel Jorge, da Aberje:

Descobriu-se que é possível construir a imagem de um produto - e até mesmo a imagem de uma empresa - com boas campanhas de publicidade, um serviço de relações públicas eficiente e um persistente e criativo trabalho de marketing, mas que, para a fixação dessa imagem, nada é mais eficiente e duradouro do que um trabalho jornalístico bem feito. (Miguel Jorge - presidente da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) - OESP -04/12/1992)

Atualmente, é possível dizer que, quando se fala em bons exemplos na área da Educação e em iniciativas do Terceiro Setor de sucesso na capital potiguar e no Rio Grande do Norte, os projetos associados ao IDE são lembrados, citados e, até mesmo, elogiados pelos formadores de opinião. Os relatórios mensais de inserções conquistadas nos diversos meios de comunicação, não somente de Natal, mas de todo o Rio Grande do Norte, dão conta da predominância de reportagens e notas positivas. A média, por mês, tem sido de cerca de 14 publicações nas várias mídias, constantemente com destaque em termos de tempo/tamanho da veiculação.

A imprensa tem dado cada vez mais importância ao Terceiro Setor, como notícia relevante para a sociedade. Segundo estudo, divulgado pelo IBGE, IPEA, Abong (Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais) e o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), no Brasil, existem 276 mil instituições privadas e sem fins lucrativos, empregando 1,5 milhão de pessoas e pagando salários e outras remunerações no valor de R\$ 17,5 bilhões.

A Comunicação na maioria das ONGs ainda não faz parte das prioridades ou estratégias para seu crescimento institucional. No entanto, ter e cumprir um plano de comunicação, para uma ONG, pode significar mais do que a simples divulgação da sua causa, mas a legitimidade do trabalho, a prestação de contas à sociedade, consolidando a sua credibilidade diante de beneficiários, voluntários, parceiros e da sociedade. Além disso, pode proporcionar muitas oportunidades de parcerias, em especial com empresas privadas.

Um dos projetos do IDE que mais despertam interesse dos jornalistas potiguares é o Escola de Leitores. Antes mesmo de adquirir a formatação atual, muito mais abrangente, as ações e eventos que compõem o trabalho sempre foram facilmente divulgados em Natal. Destaque para o Seminário Potiguar Prazer em Ler, que, em todas as edições, foi o evento que mais alavancou inserções.

ALTERNATIVAS PARA SE MANTER NA MÍDIA

A notícia é definida, em linhas gerais, como um fato ou acontecimento de interesse de mais de uma pessoa. Quanto maior o número de pessoas interessadas por uma notícia, maior sua importância. Para ser notícia, o assunto ou fato (pauta) deve obedecer alguns critérios jornalísticos, como:

- Atualidade
- Proximidade
- Ineditismo
- Oportunidade
- Interesse público
- Factualidade

A Assessoria de Comunicação do IDE também visou criar alternativas diferentes para manter o projeto Escola de Leitores na mídia, de maneira constante. Além do trabalho padrão de sugerir pautas às redações e manter um vínculo positivo com os jornalistas, a opção foi por parcerias. O IDE passou a ter um canal próprio de divulgação em uma rádio, uma TV e um jornal impresso. Na rádio, foi criado o programa “Momento da Educação”, com notas sobre Educação, veiculadas cinco vezes por dia, de segunda a sexta-feira, durante a programação da emissora parceira. Na TV, a parceria estabelecida foi de cobertura em todas as pautas sugeridas pelo IDE e também a produção e veiculação de

vídeo-tapes (VTs) sobre Educação para serem exibidos também durante a programação. No jornal impresso, a convite da própria diretoria do informativo, o IDE conta com um espaço semanal para a publicação de artigos de seu interesse.

O projeto Escola de Leitores também conta com ferramentas próprias de comunicação: na internet - site www.escolasleitoras.org.br; espaço no site do IDE (www.ideducacao.org.br) e boletins on line bimestrais, enviado para lista de e-mails ampla, composta por representantes do poder público, organizações não governamentais, educadores e escolas; e de forma impressa, com espaços no jornal semestral "IDE em Palavras" e, a partir de 2010, o jornal da Rede Potiguar de Escolas Leitoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bom relacionamento com a imprensa do Rio Grande do Norte, preconizado em qualquer conceito de assessoria de comunicação, é um dos pilares do êxito do IDE e seus projetos, em especial o Escola de Leitores, na mídia potiguar. Feito que foi alcançado com um trabalho técnico de sugestões de pauta realmente relevantes, com a credibilidade das integrantes do IDE, as quais se tornaram fonte para os jornalistas e com a consistência do que foi realizado efetivamente pelo projeto e pela instituição. Outro pilar importante, sobre o qual se apoiou a comunicação eficaz, foram as novas alternativas de ferramentas para se fomentar o trabalho da divulgação. Podemos dizer que o conceito de "parceria" e "protagonismo", implícito na atividade de qualquer organização não-governamental e, principalmente, no projeto Escola de Leitores, foi agregado também às ações da comunicação, que os profissionais se valeram de sensibilizar não somente as redações, mas os proprietários de veículos de comunicação, a adotarem a causa, cedendo espaço. O tripé restante fica por conta das ferramentas próprias de comunicação (informativos, boletins on line, rede sociais, sites), em que a internet teve papel fundamental, acompanhando a tendência da atualidade.

REFERÊNCIAS

JORGE, Miguel. Palestra da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje). OESP, 4/12/1992.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS - FENAJ. www.fenaj.org.br.

Escolas LEITORAS

Informativo da
Rede Potiguar de
Escolas Leitoras

Ag. 4 - F. 02 - Setembro de 2011

Leitura no RN

Polos da Rede Potiguar de Escolas Leitoras fazem balanço de 2010 e planejam atividades para 2011

Pág. 10 a 19

Intercâmbio Brasil Colômbia:
experiências influenciam novos
projetos potiguares Pág. 04

Asses Natália Araújo Matias, aluna
de Inovação em Educação da
Universidade Federal do Rio
Grande do Norte

Rosalba Ciarlini assinou compromisso com o manifesto "Por um RN de Leitores" Pág. 05

ide em Palavras

Estímulo à leitura
literária avança no RN



Escolas LEITORAS

Informativo da
Rede Potiguar de
Escolas Leitoras

Ag. 4 - F. 02 - Setembro de 2011

Leitura em rede

Rio Grande do Norte inicia
Rede Potiguar de Escolas Leitoras

Pág. 4 a 28



Escola de Leitores
chega a Mossoró

Pág. 06

RN à frente nas leis
da leitura literária

Pág. 03

ENTREVISTA com as escritoras Ana Maria Machado e Pedro Bandeira Pág. 11 a 13

Segunda Parte

Fragmentos de uma rota
teórica e prática

Foto: Marcelo Barroso



Práticas de Mediação para a Formação do Leitor e de Comunidades de Leitores.

Maria do Rosário Beserra Guerra¹

Uma porta tem dois lados – aquele para onde se abre e aquele de onde se abre. O espaço aberto da porta é igual para ambos os lados. (Fernando Pessoa/Bernardo Soares, Livro do Desassossego – Vol I.)

As práticas de mediação de leitura para a formação do leitor e de comunidades de leitores envolvem, inevitavelmente, uma postura dialética e dialógica no discurso que se inscreve nas comunicações realizadas para tal finalidade. Requer ainda uma interface entre teoria e prática ancorada num construto teórico que comporte os conceitos de leitura, de leitor e da mediação ou mediações que ocorre entre leitor-mediador/texto/leitores ouvintes e seus pares.

Nessa ciranda de leitura, a mediação acontece em duas instâncias: a mediação semiótica, uma vez que a palavra/signo é matéria prima da escrita dos textos e a mediação pedagógica enquanto prática social interdiscursiva, já que a presença do professor como um leitor mais experiente é imprescindível à construção e ao compartilhamento dos sentidos atribuídos e abstraídos durante o ato de ler.

Portanto a escolha da metáfora da porta proposta por Fernando Pessoa/Bernardo Soares constituiu-se num achado para o início de uma cumplicidade exercida com ética, respeitando tanto as instâncias textuais quanto as idiossincrasias dos ouvintes na aventura da palavra que se dá em público.

O texto lido ou dito recebe àqueles que ele provoca-convoca, acolhendo-os e oferecendo-lhes a sua hospitalidade lúdica. Tal qual a porta do poeta, no ato de ler acontece a mútua entrega: a acolhida do livro e a disponibilidade dos leitores. Esse fato pode ser observado no início do encontro quando da

¹ Graduada em Letras com Especialização em Leitura de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde exerceu a docência de 1979 a 2005. Professora aposentada da UFRN, ex-pesquisadora e atualmente colaboradora da Base Ensino e Linguagem do Departamento de Educação.

leitura do livro *Ponto a Ponto* de Ana Maria Machado. O livro é um convite para tecermos juntos a leitura, construindo, ponto a ponto, as regras do jogo de ler, cujo binômio liberdade e amizade instaura-se no momento em que a voz leitora e as vozes das histórias que compõem a trama da nova história, resultante de tantas outras histórias vividas e ouvidas, seduzem os leitores/ouvintes a compactuarem com o mundo fictício da narrativa/narrativas.

Esse processo dialógico, essência de todo e qualquer discurso, foi percebido pelos participantes que num primeiro momento se mostraram ávidos pela escuta, predominando, assim, um silêncio não de quem cala ou se desinteressa pelo lado oposto da “porta”, mas o silêncio de quem tem consciência de que a porta existe para intercambiar saberes, para as trocas, para a provocação poética. Silêncio de quem constata que “Era uma vez uma voz” é a senha para se entrar no bosque da ficção, cuja trama se tece através da voz personagem, da voz discurso, da voz narrativa, da voz narrante.

FREIRE (1996) já afirmava que ensinar exige respeito aos saberes do educando. E esse respeito, no que concerne às práticas de mediação para a formação do leitor, implica a ampliação de novos saberes que busca na criticidade e na ludicidade a expansão do visível que se vê para o visível que se desvela já que ler consiste num trânsito constante entre as determinâncias e as indeterminâncias textuais. Só assim o leitor/aprendiz poderá fazer a travessia da banalidade do dizer o que todo mundo vê e sabe para a singularidade do dizer e ver o que só os leitores iniciados são capazes de ver, como já dizia BARTHES (1984).

Segundo CALVINO (1990, p. 110) “...diversos elementos concorrem para formar a parte visual da imaginação literária: a observação direta do mundo real, a transfiguração fantasmática e onírica, o mundo figurativo transmitido pela cultura em seus vários níveis e um processo de abstração, condensação e interiorização da experiência sensível, de importância decisiva tanto na visualização quanto na verbalização do pensamento”. Esses elementos propiciam o avanço cognitivo e oportunizam a passagem da experiência sensível para a conceitual.

SMITH (1991) ressalta o fato de que a leitura é uma atividade construtiva e criativa que se caracteriza por ser seletiva, objetiva, antecipatória e baseada na compreensão, devendo o leitor exercer claramente o controle sobre cada uma delas. A compreensão é, portanto, a base de todo o processo de leitura que se concretiza na interação do que já se sabe com o que se busca saber e, desse modo, o ato de ler torna-se significativo, possibilitando ao leitor o desfrutar a natureza lúdica do texto, bem como propicia o aguçar

de um olhar crítico acerca do lido.

Partindo dessa premissa, a opção metodológica pela interação leitor/mediador/texto/leitores entende que a elaboração cognitiva se constrói na relação com o outro.

Para exercer uma mediação eficaz no tocante às diversas possibilidades de acercamento do texto, o professor/mediador deve assumir a função de animador ancorado numa atitude “scaffolding”, tendo como pressupostos metodológicos as seguintes orientações:

- Provocar a construção de hipóteses;
- Promover diálogos que resultem na interdiscursividade dos envolvidos no compartilhamento da leitura;
- Manifestar estímulos positivos quando necessários;
- Clarificar e expandir informações;
- Responder a questões quando solicitado;
- Promover o relacionamento de conceitos às experiências de vida;
- Possibilitar o diálogo com outros textos [intertextualidade];
- Propiciar o relacionamento texto/vida;
- Estimular as descobertas de indícios textuais.

A ausência de questionamentos por parte dos professores neste momento da exposição pode ser lida sob duas perspectivas. A primeira, em virtude do cansaço em decorrência das atividades realizadas anteriormente. A segunda, em consequência da metodologia que dispensou o auxílio das multimídias, atualmente, uma constante em palestras para um público de tal porte.

Para suprir esta lacuna, ao falar da metodologia de leitura com “scaffolded”, que sistematiza o ato de ler em três momentos: a pré-leitura, durante a leitura e a pós-leitura, utilizamos os poemas Paisagem de após-chuva de Mario Quintana e Poema de Sete Faces de Carlos Drummond de Andrade. Nesse momento, o discurso poético provocou os participantes a fazerem interferências ainda que tímidas, porém consistentes ao demonstrarem familiaridade com o gênero poesia.

Desse modo, a pré-leitura incluiu a motivação, a ativação de conhecimentos prévios, o levantamento de hipóteses, a relação da leitura com a vida dos leitores, conhecimento específico da tipologia dos textos e o estímulo às estratégias de compreensão leitora. Enquanto que a pós-leitura consistiu no momento dos questionamentos e discussões mediados e provocados pelo pro-

fessor palestrante. Esse episódio remete à relação entre leitura e lição em que ensinar e aprender se inserem na simbologia da metáfora da porta enquanto construção deste texto que, em seu trançar e embaraçar seus fios deixa nítido o caráter dialético e dialógico da leitura.

Ler é, portanto, solidarizar-se pela reflexão, pelo diálogo com o outro, a quem altera e que o altera, daí o caráter dialético da leitura.

Ler com os outros é multiplicar ressonâncias, é pluralizar sentidos, é levar o texto ao espaço em branco onde se abre a possibilidade de escrever e se inscrever no mesmo. Desse modo, os textos lidos são descosturados, recortados, citados, traídos, entremesclados com outras palavras.

Sendo os textos entremeados com outros textos, o diálogo da literatura tem a forma de um tecido que em movimento contínuo se destece e se tece novamente em constante atualização que o torna múltiplo e infinito, portanto dialógico.

Ler é en-fiar-se no texto. É deixar que o texto se teça, mas é também tecer novos fios, tecer novas tramas, tal qual o fez a Ana Maria Machado no seu livro Ponto a Ponto.

As leituras solidárias ou partilhadas dão-se sem pedagogismos, mas com uma pedagogia da cumplicidade que aproxima vozes, apreensões, dúvidas, perguntas, emoções. O mediador de leitura deve, antes de tudo, ser um apaixonado pelo seu ofício a fim de exercê-lo com competência e com compromisso. Só assim pode ser estabelecida uma cumplicidade que torne eficaz a mediação do ato de ler. Nesse encontro, a cumplicidade estabelecida fica evidente quando dos depoimentos dos participantes da palestra acerca dos discursos poéticos, que cirandaram e teceram a manhã que teve como tema as práticas de mediação leitora.

É importante ressaltar que a fluidez da leitura ensina-nos a lidar com o ilimitado. Ensina-nos a manter com o texto uma relação do porvir em que a palavra será sempre a palavra do porvir. Em que o entregar-se ao texto significa que o deixar-se inquietar por ele e nele perder-se para se encontrar.

Ao mediador compete despertar o desejo de ler, auxiliando o leitor/aprendiz a penetrar nas cidades invisíveis e a percorrer os bosques da ficção com a autonomia advinda da desautomatização do olhar. Só assim é possível entender que a vida da leitura pertence ao leitor.

HEIDEGGER (1994) já dizia que ler é recolher na colheita do que permanece não dito no que se diz. Esta relação entre o dito e o não-dito compõe o ser do livro. Um ser mediador construído com palavras que esperam por um olhar leitor que tenha capacidade de ver e de ensinar a ver as coisas de forma diversa

da rotina da cotidianidade. Assim a leitura converte o olhar o mundo de forma convencional num olhar o mundo poetizando-o.

O olhar/leitor é um olhar dadivoso. Ao ler, o leitor colhe aquilo que olha de maneira ávida, até mesmo voraz, para a posteriori vivenciar a experiência de um olhar generoso que se entrega ao seu próprio olhar.

A relevância da mediação pedagógica no ato de ler passa pela compreensão do ser/leitor. De um sujeito social com uma história de vida que entra em contato com o ser/discurso poético e, nessa relação, constrói leituras variadas, mas nunca levianas. A vida da leitura pertence ao leitor e para Rilke:

Quem o conhece, a este que baixou
seu rosto, de um ser até um segundo ser,
a quem apenas o veloz passar das páginas plenas
às vezes interrompe com violência?

Nem sequer sua mãe estaria segura
se *ele* é aquele que ali lê algo, mergulhado
em sua sombra. E nós, que tínhamos horas,
que sabemos de quanto se dissipou
até que, com esforço, ergueu o olhar?
carregando sobre si o que, abaixo, no livro,
acontecia, e com olhos dadivosos, que ao invés
de tomar, se topavam com um mundo pleno e pronto:

como crianças caladas que jogavam sozinhas
e de pronto vivenciam o existente;
mas seus traços, que estavam ordenados,
ficaram alterados para sempre.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução: Ivo Barros. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- HEIDEGGER, M. *Logos*. In: Conferencias y artículos. Barcelona: Serbal, 1994.
- RILKE, R. M. Nuevos Poemas – vol. II. Madrid: Hiperión, 1994.
- SMITH, Frank. *Leitura Significativa*. Porto Alegre; Artmed. 1999.



Foto: Marcelo Barros

Espaços de leitura: concepção, identidade, visibilidade e dinamização

Verônica Maria de Araújo Pontes¹

Aqui estamos para uma conversa sobre espaços de leitura: concepção, identidade, visibilidade e dinamização. Conversa essa já iniciada em momentos anteriores desse processo de formação, onde diagnosticamos a necessidade das bibliotecas ou salas de leitura de 79 escolas públicas estaduais do Rio Grande do Norte, sendo 76 situadas em Natal e três em Parnamirim. Desse diagnóstico inicial pudemos fazer previsões e levantar hipóteses sobre as necessidades de leitura dessas escolas e visualizar o contexto em que estão inseridas. A partir desse levantamento, propomos então, para os outros encontros de formação dos mediadores de leitura, um conjunto de temas que incluem espaços de leitura, acervo literário, mediação, plano de criação e/ou gestão do espaço de leitura, entre outros.

Foi assim que idealizamos nossa conferência, que prefiro chamar de um bate-papo realizado no dia 22 de fevereiro de 2008, com professores mediadores de leitura que fazem parte da formação de Mediadores de Leitura, cuja iniciativa foi do Instituto C&A em parceria com a Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Norte e o Instituto de Desenvolvimento em Educação.

Nesse momento, objetivamos refletir sobre os espaços de leituras possíveis e existentes, sobre como viabilizar espaços de leitura que possibilitem o prazer de ler, e pensar a leitura como algo prazerosa.

Sendo assim, é que iniciamos nossas atividades, possibilitando, aos mediadores presentes, leituras de diversos textos literários de autores consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Ruth Rocha, Vinícius de Moraes e Elias José. Alguns mediadores sorteados passaram a ler poesias, poemas, crônicas e contos. A primeira história lida foi "O MENININHO", de Helen Burley (1984) em que foram feitas comparações da vida do menininho com a escola nossa de hoje

¹ Professora Adjunta IV da UERN, integrou a equipe do IDE como formadora da formação vinculada ao programa Prazer em Ler até dezembro de 2008. Mestra em Educação e Comunicação, doutora em Literatura Infantil pela Universidade do Minho/Portugal, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento-CNPq/Brasil e pesquisadora do Grupo de Pesquisa LIBEC do Instituto de Estudos da Criança/Portugal.

que, muitas vezes, quer respostas prontas, acabadas e um jeito de ser único. Logo depois, foi lida a poesia AS COISAS QUE A GENTE FALA, de Ruth Rocha (2000), que trata do efeito das palavras na vida das pessoas, da forma como devemos ler e falar as palavras. Uma mediadora leu ainda uma lenda citada por Luís da Câmara Cascudo (2002), em seu livro *Lendas Brasileiras*, denominado “Jericoacoara” que nos faz viajar ao Ceará, lugar suposto da lenda, e pensar na princesa metade mulher, metade serpente.

As mediadores presentes interagiram bem com esse momento literário, e muitas ainda queriam participar e ler seus próprios poemas e poesias. No entanto, o tempo acabou e tivemos de continuar a nossa conversa, refletindo agora sobre leitura e as concepções das participantes, pois achamos necessário fazer essa reflexão para uma compreensão do espaço de leitura na escola. Sendo assim, é que mostramos quatro imagens reais dos espaços de leitura, encontrados no diagnóstico feito inicialmente pelo IDE, e solicitamos às participantes uma escolha de um espaço e uma visualização do que faltaria ou não para o fomento à leitura.

Nossa intenção era que as participantes pensassem sobre o espaço de leitura a partir do que já existe nas escolas públicas. Acreditamos que pensando e analisando o seu próprio espaço é que as mediadoras sentir-se-ão responsáveis pelas mudanças que poderão ocasionar em suas escolas na busca pela formação do aluno/leitor. Foi assim que idealizamos essa escolha que, por sinal, foi muito bem acatada pelos presentes que se viram nas salas retratadas.

A reflexão sobre leitura começa com o conceito de leitura como uma ação complexa, que requer abstração, capacidade de pensar, refletir, que envolve as informações apresentadas pelo texto com aquele que o leitor já tem, já traz consigo mesmo. Para Smith (1991), seria o repertório de leitura, e, para Freire (1987), a leitura de mundo.

A leitura vista assim está distante da que esteve presente nos resultados das avaliações do Brasil, realizadas pelo PISA (Programme for International Student Assessment)² nos anos de 2000, 2003 e 2006, quando os nossos alunos, ao serem avaliados, apresentaram-se num nível muito baixo de compreensão leitora, o que foi caracterizado como nível 2 de leitura, numa escala geral que vai do 1-6.

Pensamos em leitura, pensamos em espaços de leitura e o que fazer

² Programa Internacional de Avaliação que envolveu 41 países e destes participaram mais de 250.000 alunos na idade de 15 anos. Dentre os países envolvidos estão o Brasil e Portugal.

nesses espaços. Dessa forma, estabelecendo a relação do conceito de leitura com o espaço onde esta vai ser desenvolvida, passamos a caracterizá-lo como um local, lugar repleto de significado, entusiasmo, motivação para ler; verdadeiro lugar de diálogo entre leitor e texto, entre leitor e leitor; espaço de caça a possíveis leitores; local agradável, sedutor, viabilizador das leituras diversas; lugar de encanto, magia, onde tudo é possível de imaginar, sonhar; e ainda um espaço de leitores experientes, leitores iniciantes, leitores apenas.

Vislumbramos com Lobato (1964) esse local:

O prazer das crianças é ali intenso, porque podem mexer à vontade. O 'não faça isso, não bula nisso' não existe. Podem tirar das estantes os livros que desejarem, dois, três, quatro ao mesmo tempo, e vê-los, lê-los, cheirá-los quanto quiserem, onde e como quiserem – no chão, como os nossos dois futuros aviadores, nas mesinhas, nas cadeirinhas de balanços, e nem sequer necessitam repô-los no lugar. Nenhuma obrigação ali, além da de se regalerem com a livralhada deliciosa.

Perguntamos então: Que tipo de leitor é esse para quem falamos aqui? E pensamos no leitor/aluno, aquele que faz parte do contexto escolar, com dúvidas, necessidade de aprender, conhecer o mundo, e no leitor/criança que é dinâmico, lúdico, criativo, inquieto, comunicativo.

E por ser assim, é um leitor que se deixa envolver, mas que exige envolvimento, que tem dúvidas, mas quer esclarecimento, que quer conhecer o mundo e espera que esse mundo leve-o além do que simplesmente vê, um mundo que fascina. É assim que entendemos esse provável leitor.

Ao falar em leitor e em espaço para esse leitor exercer o ato de ler como prazeroso, apresentamos cinco nomes de lugares existentes na escola para que os mediadores pudessem escolher o espaço de leitura apropriado. Elencamos então: a biblioteca, a direção, sala de leitura, sala do professor e sala de coordenação.

Claro que as mediadoras direcionaram seu olhar para a sala de leitura e biblioteca, mas não deixaram de pensar nos espaços reais encontrados na escola que servem de suporte e de armazenamento do material de leitura existente, como a sala do professor, da coordenação e até mesmo da direção. O que poderia ser absurdo passa então a ser ponto de partida para reflexão e análise do que a escola é capaz de apresentar para o seu aluno/leitor.

Daí, então, gostaríamos de alicerçar nossas discussões em torno dos espaços possíveis e necessários para a articulação da leitura literária e do gosto de ler. Um desses espaços é a biblioteca que teremos que contextualizá-la mais amplamente e falar um pouco da história da sua origem aos dias atuais, e essa história Milanesi (1986, p.16) afirma que “é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem”.

É assim que contamos essa história e destacamos que, conforme o registro das informações foi se aprimorando, verificou-se a necessidade da criação de sistemas de armazenamento que proporcionassem um maior controle e recuperação dessas informações.

A biblioteca surge então, a partir da necessidade de se reter informações que precisam ser preservadas, evitando, assim, a sua dispersão. Importante relatarmos um pouco como eram retidas essas informações. Inicialmente, as informações eram retidas em placas de argila (séc.VII a .C.) que continham inscrições cuneiformes - forma antiga de escrita; essas placas eram utilizadas pelos sumérios, assírios e babilônios.

O papiro (tipo de planta) também serviu de suporte da escrita e era utilizado pelo Egito, como era mais leve passou a ser a melhor forma de se escrever, contribuindo, assim, para a produção de mais escritos. O rolo de papiro tinha o nome de volumen, utilizado hoje tanto para se referir à quantidade de livros existentes como para classificá-los numa sequência numérica (vol. 1, vol.2...) de um mesmo tema, servindo também para numerar enciclopédias.

Para substituir o papiro, surge o pergaminho (feito de pele de carneiro ou de outros mamíferos) que, recortados e unidos, transformavam-se em algo parecido ao nosso livro de hoje. Apesar do alto custo do papiro e do pergaminho, existia uma certa produção escrita que permitia formar bibliotecas, como a de Alexandria (destruída em 47 a . C.) que chegou a comportar cerca de 500 mil volumes.

Não podemos deixar de lembrar que a humanidade teve uma grande contribuição da nobreza com suas coleções particulares (de alto custo) e, principalmente, dos cristãos para a preservação de obras literárias, visto que esses se interessavam em formar acervos litúrgicos e os religiosos transcreviam escritos manualmente para os pergaminhos, num trabalho paciente e puramente artesanal.

Foi com as placas de argila, o papiro e o pergaminho que se avançou nas técnicas de registro do conhecimento, mas, como nos afirma Freitas Neta (1993, p.37):

A evolução da escrita teve um maior impulso com o surgimento do papel e a invenção da imprensa por Gutenberg. Com o advento da imprensa, ocorre uma divisão do trabalho, visto que o registro do conhecimento humano deixa de ser uma tarefa artesanal e passa a ser produzida em série, em grande escala. Tal processo barateou o custo operacional do livro, tornando-o acessível.

Esse fato fez com que o livro transcendesse os conventos e os muros dos homens do poder, chegando às pessoas, em um número maior.

Com a evolução da escrita, “as bibliotecas deixaram de ser tesouros para se tornarem serviços, e os livros perderam o seu valor material para se tornarem material de consumo, tornando-se domésticos” (MILANESI, 1986, p.21).

Assim, a biblioteca passa de organizadora do saber à sistematizadora do acesso às informações, pois as transformações sociais, entre elas a industrialização, fizeram com que a informação fosse um elemento necessário ao desenvolvimento.

No Brasil, os jesuítas foram os primeiros a organizarem bibliotecas, onde os livros eram dirigidos para a catequese, restringindo-se à liturgia e aos estudos humanísticos, visando ao amparo da ação religiosa. Nessa época, a impressão de livros sofria censuras fortíssimas de Portugal, que também impedia a circulação de livros estrangeiros.

Milanesi ressalta esse período da história do Brasil com a seguinte reflexão:

[...] livros circularam no Brasil, vindos da Europa, passando por uma alfândega de funcionários - neste caso, felizmente - iletrados. Eles não tinham condições de avaliar o conteúdo e os eventuais perigos para as almas e para a política da Corte. (MILANESI, 1986, p.68).

Mesmo com a censura, os livros ainda conseguiam circular, mas não tão livremente, o que só acontece em 1821 quando Brasil rompe com Portugal.

Podemos dizer que no meio dessa censura é que surge a primeira biblioteca pública, no ano de 1811, três anos depois da chegada da imprensa na Bahia, sede do governo.

Com a independência do Brasil, surge uma produção intelectual menos restrita, mas ainda vemos forte influência europeia nas escolas e nos jornais.

Sobre isso Saliba (1982, p. 275) comenta:

País importador de idéias, dominava o interesse pela cultura estrangeira, sem que houvesse um questionamento a respeito da validade de tal cultura adaptada à nossa realidade. Nossa elite social, e de formação estrangeira, procurou então buscar no exterior, modelos de cultura, que fizeram com que nossas bibliotecas se tornassem uma réplica dos outros países, com uma coleção formada por livros clássicos e edições francesas.

Foram criadas bibliotecas por todo o país, distantes dos nossos interesses, mas atendendo a objetivos políticos, a maioria delas sem boas instalações e nenhuma manutenção que garantisse a sua conservação.

Já os sistemas de ensino não incluíam bibliotecas. O que havia eram pequenas bibliotecas populares, no início do século XX, organizadas por associações que recebiam financiamento de patronos.

Não havia relação dessas bibliotecas com os programas educativos, visto não existir uma preocupação com o sistema educacional. Como diz Araújo (1991, p.151):

O alto índice de analfabetismo no país representava a ausência de leitores, o que prejudicava o esforço para aumentar o nível de bibliotecas públicas, e por outro lado a ausência de políticas educacionais, que buscassem efetivamente, a discriminação ou erradicação do analfabetismo no país, contribuía para que o quadro se mantivesse inalterado.

Em 1937, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) como forma de resolver essa péssima situação das bibliotecas públicas. Esse instituto propõe assessoramento para organizá-las e mantê-las.

Mesmo com essa tentativa de melhoria, através do INL, o quadro de precariedade das bibliotecas públicas pouco mudou, isso se deu, segundo Freitas Neta (1993, p.43): “em consequência da forma desordenada como se desenvolveram e os fins políticos para os quais foram criadas, e, também, a forma como foram direcionados os recursos desse incentivo”.

Ainda assim, as bibliotecas públicas continuaram se proliferando pelo país. Já os sistemas de ensino só vieram valorizar a criação de bibliotecas escolares, com a reforma de ensino, através da Lei 5692/71, que destaca em seu objetivo geral a importância do exercício consciente da cidadania, e valoriza o estudo da língua nacional, o que requer acesso aos diversos saberes proporcio-

nados pela leitura, bem como uma valorização pela busca dos diversos conhecimentos, o que só é possível com a pesquisa escolar.

Dessa forma, a pesquisa passa a ser o elo que une os estudantes ao saber, e a biblioteca passa a ser o local para a realização dessa atividade.

No entanto, as atividades de pesquisa se reduzem a práticas frequentes de transcrições de livros, sem qualquer orientação do professor, como afirma Antunes (1987, p. 62-63):

(...) o professor dá um tema ao aluno sem que haja um preparo prévio na biblioteca da escola [...] – quais as fontes a serem consultadas e mais, como tomar notas? O que fazer com as anotações? Etc., etc. [...] Em mãos mais “experientes”, a questão passa a ser resolvida pelo bibliotecário ou responsável pela biblioteca – escolar ou pública- mas, sem o preparo prévio, sem um aviso antecipado e contando sempre com os acervos desatualizados.

O livro passou a ser um meio de realização de trabalhos escolares, ato puramente mecânico de transcrição dos assuntos exigidos, o que modifica totalmente a ideia de pesquisa como busca de resposta a dúvidas, que sugere reflexão, tomada de decisão e formulação de ideias advindas das informações encontradas e do conhecimento que cada um possui.

Nesse contexto, em que a biblioteca serve de armazenamento de informações para cumprimento de deveres escolares, o responsável pela biblioteca tem como tarefa organizar livros nas estantes e indicar a obra e a página que muitas vezes é meramente copiado o assunto procurado pelo aluno, tornando os alunos meros receptores de informações.

Silva (1995, p.13) retrata essa situação caótica das bibliotecas escolares, ao afirmar:

Quando existem na escola espaços denominados bibliotecas, estes não passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos de livros ou, o que é pior, de objetos de natureza variada, que não estão sendo empregados no momento, seja por estarem danificados, seja por terem perdido sua utilidade.

A biblioteca como local de informação deve colocar ao alcance do público as informações necessárias. Em se tratando de escolares, deve servir de bus-

ca a vários conhecimentos, de áreas diversas, nos quais sejam veiculadas opiniões que divergem entre si, conflitantes, contraditórias.

O acesso livre à informação e ao vasto mundo literário com suas obras de referência, história, ficção e lazer, levando a uma gama de opções de leitura, promovendo o contato agradável com os livros, é que formará o gosto pela leitura, dando sentido à existência desses espaços.

O leitor da biblioteca escolar deve ser aquele que busca nessas informações variadas um saber que lhe possibilite tirar as suas próprias conclusões, formando, assim, um novo conhecimento.

No entanto, a biblioteca, tal como tem se apresentado até então, preocupa-nos porque tem demonstrado ser desnecessária na escola, visto que não tem função definida, não se apresenta articulada ao fazer do professor, nem ao saber que deve ser disseminado por ela e, menos ainda, ao despertar da leitura nos alunos e na comunidade. Há uma conformidade aparente de que tudo está bem, em que todos silenciam e optam por deixar como está.

Os auxiliares de biblioteca são geralmente professores que deixam suas funções de sala de aula por estarem doentes ou cansados demais de ensinar; alguns já prestes a se aposentarem. Essa constatação também é feita por Silva (1995, p.14):

Vale lembrar [...] os casos de professores que, por doença, velhice ou fastio pedagógico são “encostados” nas bibliotecas das escolas, visto que este é, no espaço escolar, o melhor lugar para o repouso profissional, até que chegue a aposentadoria ou outra oportunidade de trabalho.

Esses responsáveis pela biblioteca vivem à espera de leitores que já saibam o que ler, que façam silêncio, não perguntem sobre livros que desejarium, ou seja, não incomodem a ordem vigente nesse espaço.

Esses profissionais passam a maior parte do tempo limpando e arrumando as estantes e os seus livros, esquecendo que além de tratar bem os instrumentos que utilizam para trabalhar, devem conhecê-los e saber como utilizá-los, senão seu trabalho passa a não ter sentido. E é isso que está acontecendo com a biblioteca: ela está sem utilidade educativa, prestes a falecer como instrumento de veiculação do saber e da cultura.

Segundo Carvalho (1984, p.117) que pesquisou as bibliotecas escolares na cidade de Fortaleza-CE: “[...] falta nas escolas um comprometimento com o

desenvolvimento da capacidade de leitura do aluno como fonte de realização pessoal e de progresso sócio-cultural e econômico da comunidade”.

A conformidade em relação a esse quadro apresentado induz os futuros leitores a meros espectadores do saber passado pelos professores, o que reduz a busca por um conhecimento mais amplo, como também por uma transformação social, em que se dê a democracia “de verdade”, e que sejamos cidadãos críticos, atuantes, podendo, pois, optar por decisões políticas, econômicas, profissionais e culturais em nosso país, sendo assim conscientes que somos formadores da nossa própria história.

Para isso é preciso que a biblioteca deixe de ser apenas um espaço onde se guardam livros, em que o privilégio de tratamento é dado a esses, em detrimento do leitor, razão de ser da biblioteca.

Entendemos que, ao surgir, a biblioteca era conservadora e a sua missão era organizar os poucos livros que se produziam, para transmissão de uma geração a outra do acervo cultural da humanidade.

Estamos no século XXI e esse quadro deve ser modificado, a sociedade desenvolveu-se e exige o acesso às informações; os livros encontram-se na biblioteca para serem lidos. Dessa forma, os responsáveis pela biblioteca devem se voltar para o atendimento ao leitor, organizando esse espaço em função da melhoria desse atendimento, lembrando sempre que:

[...] a mensagem de um autor não tem nenhum valor se não é assimilado por um leitor e o livro não tem outra razão de ser que a de ser lido [...] A biblioteconomia tradicional desenvolveu-se partindo do livro e nele se baseia, a biblioteconomia do futuro terá de ser fecundada a partir do leitor, nele baseando-se. (ESCOBAR apud MELO, 1983, p.28).

Para que o leitor tenha acesso à leitura, a biblioteca deverá assumir uma nova postura, em que amplie conhecimentos, proporcionando o acesso crítico a esses conhecimentos e o estímulo à leitura prazerosa.

De acordo com Milanese (1986, p.52-3):

Saber chegar às informações e extrair o máximo possível de um acervo, romperia com a tradição do ensino que vem do alto e impõe a verdade, verdade pronta para ser usada. O acesso livre à informação é um exercício de liberdade que se desdobra



FOTOGRAFIA 1 - Biblioteca Escolar permite acesso das crianças ao mundo da literatura

O acesso livre à informação e ao vasto mundo literário com suas obras de referência, história, ficção e lazer, levando a uma gama de opções de leitura, promovendo o contato agradável com os livros, é que formará o gosto pela leitura, dando sentido à existência de bibliotecas escolares.

Inserida no estágio do ensino que dedica cuidados especiais à criança e ao adolescente, uma biblioteca funcional é aquela que desempenha uma função específica dentro da programação e técnicas escolares. Ambiente carregado de motivações é o local por excelência onde a criança aprende a gostar de ler, a se auto-expressar, a se educar. (AMATO, 1989, p.14).

Concordamos com Zilberman (1988) quando diz que a biblioteca é uma das formas que a escola e a comunidade dispõem para impor a sua marca na cultura e na história, pois só através do conhecimento adquirido pela leitura da palavra é que o indivíduo pode se integrar à sociedade em que vive, rever sua condição de explorado, para, a partir daí, agir em busca de uma ação

transformadora de sua realidade.

Essa ação transformadora da realidade implica invenção e reinvenção desta que só é dada com a participação, envolvimento de todos os segmentos da escola. E para esse envolvimento acontecer, os que fazem o espaço de leitura, seja biblioteca ou sala de leitura, precisam pensar esses espaços mais adequadamente, e aqui direcionamos o nosso olhar para a visibilidade e dinamização.

Ao falarmos em visibilidade do espaço, ligamos esse conceito ao de marketing, que é entendido como “uma ação de fixar na mente das pessoas que um determinado produto ou serviço tem qualidade superior, merece ser visto, merece ser consumido, pode ser comprado, pode ser incorporado, precisa receber apoio...”. (GARCIA, 2007, p.60)

Essa visibilidade no espaço de leitura tem uma função estética respeitando os elementos materiais e simbólicos, diferentes em cada cultura, não se padroniza, mas deve estar compatibilizado com os projetos educativos na qual se inserem os espaços.

Para uma visibilidade externa, pode-se começar com a criação do nome, fortalecimento da marca, da identidade e projeção desse espaço, para então vender a ideia do trabalho a ser feito, o que podemos dizer também que seria a venda do espaço para a comunidade usuária e externa. Claro que a venda que falamos aqui não diz respeito ao lucro e ao valor monetário usualmente utilizado, mas sim, ao valor da oferta, do trabalho enquanto qualitativo que é, com ideias próprias e capazes de serem absorvidas pela comunidade.

Para uma visibilidade interna, teremos de levar em conta o conforto, a ventilação, iluminação, acústica, acervo, mobiliário, estrutura física e equipamentos. O conforto seria retratado no espaço aconchegante da sala, das almofadas distribuídas, uma poltrona ou sofá, cadeiras, tapetes.

Indicaríamos para a ventilação e iluminação uma abertura lateral necessária (porta e janela) ou na cobertura da sala, alguns pergolados, uma vegetação de médio ou grande porte em frente à janela, ventiladores, persianas, cortinas, e nenhuma incidência solar direta sobre o livro.

A acústica pode ser feita com revestimentos de parede, piso e forro como tecidos, carpetes (cuidados com reações alérgicas), materiais de absorção de ruídos como os emborrachados.

O acervo distribuído nas estantes deve ser feito de forma visível e palpável, as obras literárias devem ser diversificadas com poesias, contos de fadas, contos populares, fábulas, poemas, mitos, entre outras. Deve estar catalogado

e disposto adequadamente.

O mobiliário deve ser composto por estantes, cadeiras, mesas, redes, almofadas coloridas, armários, murais, entre outros.

Enfim, a estrutura física em geral deve ter uma sala ampla com cores, imagens, cheia de vida, com paredes pintadas e limpas. E outros equipamentos podem também estar presentes, haja vista a necessidade na sociedade dinâmica e atual de hoje, como computadores, impressoras, teatro de fantoche e outras invenções criativas.

Quanto à dinamização desse espaço, podemos sugerir situações variadas, desde as já conhecidas e realizadas em nossas escolas, como as sugeridas por alguns autores, como a hora do conto, que é um momento de conto de histórias, o avental de contar histórias, confeccionado com tecido, feltro ou orlô, onde as gravuras que ilustram a história são afixadas com velcro.

A caixoteca, de aparência neutra e forrada com papel pardo, é uma caixa que guarda segredos narrativos, já os dedoches são miniaturas de fantoches que são colocados nos dedos para contar histórias.

Os saraus literários não poderão deixar de existir nesses espaços devido à sua dinamicidade e facilidade. Neles poderão estar presentes escritores locais que dialoguem com os leitores sobre suas obras e contem algumas histórias suas. Claro que antes dos saraus a escola deve proporcionar leituras dos títulos do autor convidado.

Além dessas sugestões, podemos inserir também feiras de livros, intercâmbio de leituras, círculos de leitura, entre outros tantos que a escola é capaz de criar.

Então sugerimos agora pensarmos num espaço de leitura possível e gostaríamos que refletissem conosco através do conto de Alice:

Alice perdida, perguntou ao Chapeleiro Maluco:

-Onde vai dar esse caminho?

O Chapeleiro Maluco respondeu com outra pergunta:

-Onde você quer ir menina?

Alice, pega de surpresa, com uma resposta-pergunta disse:

-Ah... Não sei.

O Chapeleiro Maluco concentrado em sua resposta respondeu-lhe:

-Ora...ora... Para quem não sabe

aonde quer ir qualquer caminho serve!

Somente é possível sabermos qual caminho percorrer se formos capazes de saber para onde iremos. E na tentativa de formar leitores, precisamos estar cientes do nosso papel e do nosso objetivo no sentido de fomentar a leitura de obras literárias, e não de qualquer leitura escolar. Precisamos estar conscientes que nosso trabalho está direcionado para a leitura prazerosa, e não a que é feita por obrigação.

Cientes disso, é preciso que saibamos que as obras literárias têm suas particularidades e que devem despertar e ampliar a imaginação, que sejam escolhidas pelo leitor, sem cunho didático ou moral, com uma estrutura simbólica em que o leitor pode projetar-se, capaz de ampliar as habilidades perceptivas do leitor, obras que tratem do mundo fantástico e maravilhoso, contos diversos e completos, obras poéticas, e literatura infantil brasileira.

Permitam-me, para finalizar, apresentar uma comparação de Colomer (2007, p.51), em seu livro *Andar entre livros*, entre o pescador e o leitor que diz assim:

O leitor é um pescador. O leitor lê como um pescador pesca. É solitário, imóvel, silencioso, atento ou meditativo, mais ou menos hábil ou inspirado. Considera-se evidente que o leitor é leitor quando lê como o pescador é pescador quando pesca, nem mais nem menos. Aprender a pescar como aprender a ler consiste então em dominar certas técnicas básicas e experimentá-las, progressivamente, em correntes de água ou frotas de texto cada vez mais abundantes.

Essa abundância de leitura, essa busca pela formação de leitores será realizada pelos que fazem a escola, como um projeto político, e por isso coletivo e com o envolvimento de todos da comunidade escolar.

A partir dessa participação dos envolvidos no processo educativo, buscaremos consolidar um processo educativo condizente, voltado para a formação de pessoas conscientes, críticas, atuantes, que participem e saibam, entendam o porquê dessa participação; que ao criticarem tenham sugestões, criem novos conhecimentos, tenham a coragem de explorar e modificar o existente mas não útil e assim formaremos seres pensantes e não meros receptores de um conhecimento muitas vezes obsoleto, sem relação nenhuma com a realidade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- AMATO, M. et all. A Biblioteca na Escola. In: NERY, Alfredina et all. *Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989.
- ANTUNES, Walda de Andrade. *Onde estão as bibliotecas escolares?* In: Cadernos do CED, Florianópolis, n.10, jul./dez. 1987, p.58-66.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. *O discurso do livro como discurso do Estado- estudo de caso no Instituto Nacional do Livro – INL*. Dissertação – Universidade Federal da Paraíba, 1991. 220p.
- BURLEY, Helen E. *O Menininho*. In: PRATES, Marilda. Reflexão e Ação em Língua Portuguesa. 6ª série. São Paulo: Brasil, 1984. Cap. 5, p.80-81
- CARVALHO, Ana Maria. A Biblioteca na Escola. Fortaleza: SESI/SENAI, 1984.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas Brasileiras*. São Paulo: Global, 2002.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- FREITAS NETA, Antônia de. *Uma experiência de articulação biblioteca-sociedade: resgate histórico das bibliotecas populares na campanha “De pé no chão também se aprende a ler” – Natal, RN: 1961-64*. João Pessoa:UFPB, 1993.
- MELO, José Marques de. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. *Leitura: Teoria e Prática*. v.2, p.17-33, out., 1983.
- LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- MILANESI, Luiz. *A Casa da Invenção*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- _____. *O Que é Biblioteca*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ROCHA, Ruth. *As Coisas que a Gente Fala*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SALIBA, Carolina A.B. et all. Biblioteca pública à biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. In: *Revista Esc. Biblioteconomia*. UFMG, v. 16, n.1, 1982. p. 19-42.
- SILVA, Waldeck Carneiro da. *Miséria da Biblioteca Escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.
- SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor*. 9.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

A formação do acervo literário

Maria do Socorro de Azevedo Borba¹

INTRODUÇÃO

Para que se possa satisfazer a necessidade informacional de seus clientes/usuários, a sala de leitura, sistema de informação e/ou biblioteca precisa ter critérios, cuja finalidade será a formação de acervo literário, bem como promover o acesso a esse acervo. O objetivo deste texto é analisar os critérios a serem observados para a formação de acervo literário adequado ao leitor.

Para a formação de um acervo, faz-se necessário que a instituição formalize uma comissão para que seja normatizada a política de seleção, com base em estudos sobre os interesses dos usuários do espaço de leitura, pois, sem esses critérios, o profissional bibliotecário poderá disponibilizar informações, fazer escolhas, acreditando ser o ideal para o seu usuário/cliente, porém será apenas em sua visão. De acordo com Borba (1981, p. 15):

É evidente que a efetiva participação dos professores nesta Seção é fundamental, pois só eles podem avaliar com exatidão qual o material de maior interesse, evitando, assim, que sejam adquiridos materiais de pouco interesse ou cujo conteúdo seja semelhante a outros já existentes na Biblioteca. Isto evitaria o desperdício de verba, que seria utilizada para aquisição de outros materiais, aumentando em muito o conteúdo de nosso acervo.

É pertinente um questionamento: para que se seleciona, organiza e se disponibiliza informação? Para o leitor/usuário. Partindo da premissa que o leitor/usuário é o objetivo primordial de uma unidade de informação, seja ela biblioteca ou sala de leitura, faz-se necessária a participação dos mesmos no processo de ampliação do acervo dessas unidades, pois não havendo a sua

¹ Maria do Socorro de Azevedo Borba – CRB 4/493. Mestre em Biblioteconomia – PUCCAMP/SP. Prof^a. Adjunta do Departamento de Biblioteconomia/UFRN- e-mail sosborba@yahoo.com.br

participação efetiva, essa coleção poderá ser tendenciosa.

Então a formação de acervo literário em uma escola deve ter a participação de todos os atores envolvidos: alunos, professores, gestores e por que não representatividade de pais.

FORMAÇÃO DO ACERVO

As Escolas devem montar um acervo para os seus espaços de leitura com o intuito de fomentar o gosto pela leitura, objetivando formar cidadãos capazes de refletir e argumentar.

O que vem a ser acervo? É um substantivo coletivo. Indica uma coleção, um conjunto de objetos da mesma natureza. Um acervo de livros, de documentos históricos, de quadros, etc. Um acervo de espaço de leitura pode ser composto por livros, artigos, mapas, documentos, DVDs, fitas de vídeo, dentre outros.

Para iniciar a formação do acervo de um espaço de leitura, inicialmente, deve-se privilegiar acervos de livros. Com o intuito de fazer com que a comunidade escolar insira-se nesse espaço, faz-se necessário incrementar as relações. Para isso, nada mais salutar do que realizar pequenos eventos, como uma feira de livros para que se faça doações à biblioteca ou sala de leitura. Pois bem, parte do acervo poderá, sim, provir de doações.

Quando for o caso, dependendo da fonte doadora, *a priori* podem ser adotados os critérios de qualidade, de interesse e de pertinência do material doado. Caso contrário, corre-se o risco da doação tornar-se nada mais do que uma ação de botar fora objetos inservíveis, velhos, desatualizados. Por isso que se faz recomendações para formar uma comissão no intuito de realizar a seleção de material a ser comprado ou doado, para que, nesse último caso, não se transfira problemas de casa para a escola.

Critérios para seleção qualitativa

Os critérios de seleção de acervo baseiam-se num instrumento formal de características administrativas, de relações públicas e políticas. Esses critérios, quando listados, transformam-se em um documento, que deve servir como instrumento orientador aos gestores da instituição, como normatizador de aquisição de acervo, seja através de compras ou de doações. Esse documento (que será denominado, dorovante Critérios para Seleção Qualitativa) objetiva garantir a manutenção dos critérios além da permanência física dos profissionais

responsáveis pelas decisões, auxiliando em momentos que o gestor da biblioteca ou sala de leitura deve decidir entre um item ou outro. Guinchat e Menou (1994, p. 83) ressaltam que a seleção é:

[...] a escolha dos documentos que a unidade de informação deseja adquirir. A aquisição é o procedimento que permite obtê-los. Estas duas operações encontram-se no início da cadeia documental e permitem criar e manter o fundo documental, ou o conjunto de documentos necessários para responder às demandas de informação e aos objetivos do organismo. A seleção dos documentos é uma operação intelectual delicada, que deve ser realizada pôr um responsável competente no assunto tratado, em colaboração com os usuários [...].

Faz-se necessária também a divulgação dos critérios que norteiam a seleção do acervo, já que é de interesse dos clientes / usuários, para que seja inclusive, se for o caso, aprimorada pelos mesmos. As considerações gerais que influenciam a seleção de acordo com Vergueiro (1995, p. 12- 25) são as seguintes:

[...] o assunto..., o usuário..., o documento..., o preço..., questões complementares....". E quanto aos critérios de seleção: " autoridade..., precisão..., imparcialidade..., atualidade..., cobertura / tratamento...". E adequação ao usuário: " Conveniência..., idioma..., relevância / interesse..., estilo [...].

Os Critérios para Seleção Qualitativa é um instrumento de trabalho que irá dar as decisões de seleção, servindo como manual administrativo e guiando todas as atividades ligadas ao desenvolvimento de acervo, para que este seja condizente com os objetivos institucionais. Deve, ainda, ressaltar a manutenção de coerência do acervo, no transcorrer do tempo, para que todo material adquirido obedeça a razões objetivas predeterminadas. Esses critérios irão garantir que o acervo seja fruto de um planejamento condizente com os propósitos e objetivos da instituição. Os critérios de seleção não podem deixar de ser elaborados, mesmo com a presença do autoritarismo por parte dos superiores ou de um professor ou técnico responsável pela sala de leitura que exponha seus "preconceitos pessoais" no ato da seleção para aquisição.

Cabe aos organizadores desses critérios trabalharem de modo racional, discutindo objetivamente a aplicabilidade dos mesmos e desenvolvendo-os de

acordo com cada acervo. Os critérios de seleção de uma instituição não devem servir de fórmula para outra, pois cada instituição deverá desenvolver critérios particulares apropriados à coleção. Critérios de Seleção citados por Andrade; Vergueiro (1996, p. 35):

Autoridade a qualidade do material está relacionada com a reputação do autor, editor ou patrocinador, no entanto não existem garantias a respeito deste critério

Precisão aqui se evidencia o quanto a informação de um documento é exata, rigorosa e correta. A análise deste documento era requisitar a opinião de um especialista.

Imparcialidade verifica se os assuntos dos documentos são apresentados sem favoritismo a algum ponto de vista. Este critério poderá ou não ser pré-requisito para aquisição de item.

Atualidade critério decisivo em bibliotecas que valorizam dados atuais. Estes critérios irão variar de acordo com a área, as mudanças políticas e estruturais na sociedade. O profissional deve manter-se atento à veracidade destas atualidades

Cobertura/Tratamento diz respeito à abordagem dos assuntos e seus aspectos. A determinação deste critério é dada pela especificidade da clientela e/ou coleção.

Conveniência deve verificar o vocabulário e o visual do trabalho, os quais serão determinados pela idade e desenvolvimento intelectual dos usuários.

Estilo deve ser apropriado ao assunto ou objeto do texto como também ao usuário.

Característica Física observa-se os aspectos materiais (caracteres tipográficos, legibilidade, tamanho, encadernação, qualidade do papel), considerando o uso pretendido para o material e as características dos usuários.

Aspectos Especiais analisam a inclusão e a qualidade de bibliografias, apêndices, notas, índices e mais elementos que contribuem para utilização de documentos.

Contribuição Potencial verifica se o item traz uma perspectiva diferente e enriquecedora à coleção já existente.

Custo identifica alternativas financeiras de menos custo para a biblioteca.

Andrade e Vergueiro (1996) advertem que esses critérios são apenas indicativos e nem sempre podem ser aplicados a todos os documentos, sendo que o professor ou técnico, responsável pela gestão da biblioteca ou sala de leitura, deverá estabelecer seus próprios critérios de acordo com os objetivos da unidade de informação, destacando-se, também, a presença de usuários, no caso os alunos, no intuito de auxiliar na formação dos critérios, dando, assim, a sua contribuição.

Seja qual for a forma de aquisição de acervo, doado ou comprado, os critérios acima referidos podem ser clarificados ou complementados pelos critérios abaixo elencados:

a) Variedade – privilegiar temas e gêneros nacional e internacional, com exceção dos livros de poesia que requerem o idioma língua portuguesa, tais como:

- Literárias
 - Livros de poesia;
 - Ficção científica;
 - Terror;
 - Aventuras;
 - Fantasia;
 - Contos;
 - Policiais;
 - Romances;
 - Livros de curiosidades.
- Pesquisa e referências: informações sociais e científicas
 - Dicionários;
 - Enciclopédias;
 - Manuais;
 - Pequenas gramáticas da língua portuguesa.

b) adequação à faixa etária dos leitores – é um fator preponderante, mas vale ressaltar que este critério é bastante discutível e deve funcionar mais como um referencial do que uma orientação rígida. Os catálogos de algumas editoras prestam esse serviço, na maioria das vezes de modo muito rígido, já que se destinam à adoção, e adoção se processa sempre por séries escolares. À medida que o leitor vai se formando e se interessando mais e mais por leitura, maior é o seu olhar e possibilidade de escolha, independente de faixa etária.

Por outro lado, alunos de idades mais avançadas que não passaram por etapas iniciais, por leitura dos contos de fadas, por exemplo, poderão querer lê-los, por mais estranho que possa parecer e não há problema nenhum que isso aconteça.

c) qualidade material – é um outro critério que deve ser levado em consideração, mas vale destacar que em tempos de consumo rápido e efêmero, os objetos costumam ter vida breve ou o tempo do perfume que as flores exalam. Aconselha-se que os gestores procurem mesclar qualidade material com os outros critérios, inclusive o de preço.

d) qualidade visual – pesquisas comprovam ser este um dos critérios preponderantes, principalmente nos livros destinados aos leitores menores e iniciantes, pois as ilustrações desempenham um papel fundamental, ou seja, a qualidade gráfica e visual deve ser observada. Não custa lembrar que a indústria gráfica brasileira e os artistas brasileiros que trabalham com a imagem têm qualidade reconhecida e produzem verdadeiras obras-primas.

e) qualidade de textos – não confundir este critério com censura. Porém, a qualidade de texto, talvez, seja o critério mais difícil para balizar escolhas, pois deve permitir a separação dos textos bem escritos, que respeitam a língua e criam imagens literárias bonitas, fugindo do cotidiano. Os textos não literários, que também deverão fazer parte do acervo, devem ser bem escritos, claros, objetivos. Os livros premiados podem ser um balizador, embora nunca o único. Os livros que superam a barreira do tempo e continuam sendo publicados e lidos durante muito tempo são, sem dúvida, um indicador de qualidade.

Entende-se que a escolha de um acervo, em tese, deveria sempre ser feita por quem vai usá-lo. Os leitores formados não pedem para outras pessoas comprarem ou emprestarem livros em bibliotecas. Eles mesmos se encarregam dessa tarefa. No máximo ouvem sugestões.

Uma escolha de acervo sempre envolverá preferências pessoais. O importante é garantir a variedade. Pode-se também servir como exemplo o fator modismo, ou seja, os meios de comunicação, inegavelmente, acabam influenciando as escolhas dos leitores, como são os casos das séries que têm versões em livro e em cinema. São exemplos as sagas de Harry Potter; mitos, como Hércules e de contexto histórico como o Gladiador.

f) objetivos educacionais da Instituição – é um outro critério a ser levado em consideração, porque define a linha adotada no que tange à política de formação do leitor, determinando escolhas.

Crítérios para seleção quantitativa

Uma publicação datada de 1961 pela UNESCO e cuja tradução no Brasil se deu em 1971 (DOUGLAS, 1971), intitulada “A biblioteca da escola primária e suas funções”, destaca que uma biblioteca de escola deve corresponder tanto às exigências do programa escolar quanto à diversidade dos gostos e das necessidades dos alunos e dos professores.

De acordo com Douglas (1971), estudos mostraram que a biblioteca de uma escola de seis turmas e, no máximo, 250 alunos, deve ter cerca de 2 500 títulos para poder corresponder às necessidades. Essa relação é para países de 1º mundo, os ditos países industrializados, com hábito de leitura já consolidado, ou seja, em média de dez livros no mínimo por aluno. Porém, em realidade de países periféricos, como é o caso do Brasil, numa escola de 250 alunos ou mais, bastarão três livros por aluno, para que cada um deles possa levar um livro, semanalmente, para casa, ficando um número de exemplares suficiente aos empréstimos coletivos às turmas, sem contar com os que não devem sair da biblioteca. Esta é uma recomendação da UNESCO, podendo ser adaptada para cada situação que lhe for pertinente.

Nesse sentido, a comunidade leitora executará a seleção quantitativa baseada no seguinte critério:

a) número de exemplares – sempre que possível, deverá ser calculado como um exemplar para cada quinze leitores ou meta de público alvo do plano de leitura do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em palestra realizada, no âmbito do projeto vinculado ao programa “Prazer em Ler”, pôde-se constatar a preocupação dos educadores em ter “Crítérios para Seleção Qualitativa e Quantitativa de Acervo”, como se comportar quando há alguma verba para adquirir acervo e sobre como fazer a escolha.

Foi discutida a importância de se ter um documento, tipo manual de procedimentos, que esclareça sobre os “Crítérios para Seleção Qualitativa e Quantitativa de Acervo”, tendo o aval de toda a comunidade escolar, de modo que a responsabilidade seja compartilhada.

Após analisar e comparar os critérios de seleção de acervos aqui citados, pôde-se constatar que os mesmos necessitam dos conhecimentos do professor ou técnico, responsável pela sala de leitura a respeito do conteúdo dos docu-

mentos, onde ele (professor ou técnico, responsável pela sala de leitura) pode e deve, quando necessário, requisitar a ajuda de especialistas em áreas específicas. O mediador de leitura deve conhecer o acervo, conhecer as qualidades dos documentos e, primordialmente, deve conhecer para quem se destina o acervo ou coleção, ou seja, o leitor, o cliente / usuário.

Deve-se ressaltar, também, que quando os alunos estiverem num programa de formação de leitor, devem ser convidados a opinar quanto à aquisição de obras.

Diante do exposto, deve-se guardar a mais importante lição: o que ficará para sempre é a obra literária de qualidade e não o autor. Ficarão para sempre a obra do autor de qualidade, mesmo que este não tenha alcançado os lauréis da fama em vida, mesmo que este tenha sido pouco lido em vida. Ficarão esquecido, quase que por completo, o autor que não se preocupar com a qualidade literária, com a contínua aprendizagem e o crescimento literário, porque efêmero tornar-se-á cada texto que ele publicar.

Para terminar, faz-se necessário dizer que: humildade, muito trabalho, estudo, muita leitura dos grandes escritores universais e dos iniciantes são condições fundamentais a todo aquele que sonha ter, um dia espaço no mercado de trabalho, pois é da leitura que se retiram dados, estes se transformam em informação e esta se transforma em conhecimento, primordial para a cidadania.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Valdomiro. *Aquisição de materiais de informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. *Um estudo sobre a Biblioteca Central da UFRN*. Natal: UFRN, 1981. (Monografia para Concurso Docente).

DOUGLAS, Mary Peacock. *A biblioteca da escola primária e suas funções*: publicado em acordo com a UNESCO. Tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J.B Damasco Penna. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro: Conselho Federal de Cultura, 1971.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel. *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*. 2.ed. Corrigida e aumentada por Marie-France Blanquet. Tradução de Míriam Vieira da Cunha. Brasília: MCT/CNPq/ IBICT / Fundação Banco do Brasil, 1994.

VERGUEIRO, Valdomiro. *Seleção de materiais de informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

Classificação em cores:

uma metodologia inovadora na organização das bibliotecas escolares do município de Rondonópolis-MT¹

Mariza Inês da Silva Pinheiro²

INTRODUÇÃO

Dentro das atividades biblioteconômicas, em uma biblioteca, a organização do acervo é uma operação que deve receber atenção especial, pois a forma de organizar possibilita ao usuário um acesso mais fácil às informações, portanto, evidencia-se a necessidade de que se adotem políticas de organização. Nesse contexto, classificar as fontes bibliográficas é uma forma de ordenar as mesmas por áreas para melhor recuperar as informações.

Em vista disso, o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus de Rondonópolis-MT através dos professores Alexandre Oliveira de Meira Gusmão e Mariza Inês da Silva Pinheiro, apresentou um projeto à Secretaria Municipal de Educação, visando a oferecer estágios remunerados para estudantes desse Curso, com o objetivo de promover a organização e administração dos acervos das bibliotecas escolares do município, dando ênfase maior ao incentivo à leitura nos alunos das séries iniciais.

A partir dessa iniciativa foi estabelecido o convênio n.54/2004 entre o Curso de Biblioteconomia/UFMT e Prefeitura Municipal de Rondonópolis, com vigência prevista para o período de 1/7/2004 a 31/12/2009. No bojo desse projeto, foi implementado uma organização nas bibliotecas escolares com uma

¹ O presente artigo foi gentilmente disponibilizado pela professora Mariza Inês da Silva Pinheiro para integrar esta publicação. A autora ainda não participou de maneira presencial dos encontros de formação do projeto “Rede Potiguar de Escolas Leitoras”, mas, desde 2008, a sua produção acadêmica e experiência junto a bibliotecas de escolas públicas acompanham os estudos e as práticas dos (as) educadores (as) participantes do projeto do RN, especialmente na temática classificação de acervos em cores (Nota da Organizadora).

² Graduada em Biblioteconomia; Especialista em Desenvolvimento e Gerenciamento de Sistemas de Informação e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Doutoranda em Documentação pela UC3M, na Espanha. Linha de pesquisa: Fontes informacionais. Professora efetiva do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Gerência em Biblioteca Universitária e Docência. Contato: mariza.ines@terra.com.br

nova metodologia de classificação em cores, criada pela professora Mariza Inês da Silva Pinheiro, coordenadora do estágio nessas bibliotecas, e tal classificação foi padronizada para todas as escolas participantes do convênio. Estabeleceu-se um padrão de cores para cada área do conhecimento nos livros didáticos e paradidáticos e também uma classificação por cores conforme o gênero de cada obra de literatura.

As cores escolhidas foram as mais vibrantes possíveis, com intuito de, além de facilitar para as crianças a busca nas estantes, atraí-las ao mundo fantástico que a leitura proporciona. Nesse aspecto, salienta-se que a metodologia utilizada além de ser inovadora no meio escolar, buscou um meio de propiciar independência às crianças na procura dos livros e facilitar aos professores a recuperação da informação.

O objetivo principal deste artigo é divulgar a classificação em cores e mostrar alguns procedimentos adotados na organização das bibliotecas escolares municipais em foco, os quais têm acarretado uma presença constante dos alunos nestes espaços e uma recuperação fácil e ágil no encontro das obras. Quanto às atividades de incentivo à leitura, realizadas, serão expostas em outra oportunidade.

AS ESCOLAS MUNICIPAIS DE RONDONÓPOLIS-MT E SUAS BIBLIOTECAS

A Prefeitura Municipal de Rondonópolis conta em sua rede com 35 escolas, estando 24 destas na zona urbana e onze na zona rural. A maioria oferece o ensino voltado para crianças da pré-escola até o quarto ano. Não foi possível verificar se em todas essas unidades escolares existem bibliotecas.

Neste ponto, convém lembrar que, em 2002, foi feita uma pesquisa em algumas bibliotecas das escolas de Rondonópolis, analisando o acervo, espaço físico e pessoal. Com esse estudo constatou-se que essas instituições informacionais e educacionais encontravam-se muito distantes dos padrões regulares, o que constitui um problema que a maioria das bibliotecas escolares brasileiras enfrenta.

Quanto ao espaço físico, todos eram reduzidos e inadequados, bem como todo o mobiliário mostrava-se totalmente impróprio para atividades com crianças. Na ocasião não existia nenhum bibliotecário atuando nas bibliotecas pesquisadas, e muitas se encontravam fechadas por não haver funcionário para atender as crianças.

Com o convênio de 2004, foram contratados, por um ano, treze estagiá-

rios, e 2005 a 2008, contrataram-se vinte estagiários por ano para atuar na organização das bibliotecas escolares e no incentivo à leitura.

CLASSIFICAÇÃO EM CORES EM BIBLIOTECAS ESCOLARES

Tendo em vista a importância da classificação das fontes bibliográficas, as bibliotecas utilizam os códigos de classificação CDD (Classificação Decimal de Dewey) ou CDU (Classificação Decimal Universal), que classificam as obras por áreas e subáreas do conhecimento.

Algumas bibliotecas universitárias e especializadas utilizam, além desses códigos, a classificação em cores nas áreas principais, ou seja, nove áreas estabelecidas pelos códigos CDD e CDU.

Quanto às bibliotecas escolares e infantis, a classificação em cores tem sido considerada a melhor metodologia, sendo um fator importantíssimo na recuperação da informação por construir um elo entre a linguagem visual e a busca do material nas estantes.

No entender de Pinheiro e Sachetti (2004, p.4), “[...] a busca de um sistema de sinalização que utilize recurso de linguagem visual visa não só a estética, mas principalmente a facilidade de uso do seu ambiente, o que proporciona uma melhor interação entre o usuário e a informação”. As autoras prosseguem observando que “toda biblioteca necessita de organização, mesmo aquelas pequenas e de usuários mirins, pois para eles é necessário que a equipe da biblioteca use um sistema de sinalização que contemple códigos de fácil entendimento para as crianças.”

Além disso, as fontes bibliográficas pertencentes a uma biblioteca escolar devem ser organizadas conforme os interesses do perfil dos usuários, especialmente dos pequenos leitores. Simão; Schercher e Neves (1993, p. 29) consideram que “seus documentos devem ser minuciosamente selecionados e classificados de acordo com o interesse de seu público e que seja capaz de atraí-los, de satisfazê-los”.

Assim, vê-se que o ambiente da biblioteca, em uma unidade escolar, precisa estar de acordo com a faixa etária do aluno que o frequenta, de forma que as crianças possam sentir-se atraídas pelo local e sintam prazer em visitá-lo. Por isso, a biblioteca necessita de uma classificação acessível à criança, além de ter um espaço agradável, divertido, bem colorido, que chame a atenção dos frequentadores.

Nesse contexto, Pinheiro e Sachetti (2004, p.5) salientam que, por ser

um dos principais elementos do código visual, “a cor deve ser sempre bem destacada para que possa chamar a atenção do usuário e deve ser tratada em conjunto com todo o espaço físico, mobiliário e equipamentos da biblioteca no sentido de buscar um melhor aspecto visual de todo o ambiente.”

Tendo por foco uma classificação compreensível para o público infantil, Pinheiro e Sachetti (2004, p.6) afirmam, ainda, que “a classificação por cores facilita o encontro da obra desejada, pois as cores são uma das primeiras linguagens que a criança aprende quando pequena”. Ao atentarmos para essa realidade, o relacionamento da criança com livros tornar-se-á mais fácil, aumentando a possibilidade de que ela visite a biblioteca por prazer e saia dali satisfeita.

Simão; Schercher e Neves (1993, p.29) também enfatizam a importância do código de cores, definindo-o como

Um sistema de cores que reúne as obras através das cores convencionadas para representar o assunto e seus aspectos. Quando se utiliza a codificação em cores para armazenagem das obras em seu local específico, deve-se levar em consideração a necessidade de ser estabelecida uma legenda que identifique a cor escolhida e o assunto.

Julga-se conveniente ressaltar que a classificação por cores facilita o contato dos pequenos com um espaço lúdico, transportando-os para um mundo colorido. Como o auxílio das cores, eles poderão criar uma relação particular com as histórias, estabelecendo-se um contato mais agradável e prazeroso com o livro.

É necessário abrir caminhos, criar condições, implantar ações que possam estimular e motivar a criança a frequentar uma biblioteca por prazer e, conseqüentemente, adquirir nas suas leituras um melhor aprendizado. Sob essa visão, Pacheco (2007, p.305) relata uma experiência vivenciada na Biblioteca Monteiro Lobato, no Retiro da Lagoa em Florianópolis-SC. Num primeiro momento, “Reuniram-se as obras por meio de cores convencionadas no intuito de tornar a biblioteca um local convidativo, atrativo, dinâmico, agradável, alegre, colorido, onde as crianças matriculadas na unidade escolar sentissem prazer em frequentá-la.”

De acordo com a autora, “quando a criançada chegava à biblioteca, a bibliotecária explicava que a organização facilitava a localização do livro, e que o sistema de classificação adotado era de cores”. (PACHECO, 2007 p.306). Segun-

do o relato, houve uma preocupação com o entendimento das crianças e, portanto, ocorreu uma nova explicação, da seguinte forma:

Foi esclarecido que a biblioteca era como uma avenida com casas, que cada prateleira, assim como a rua, tinha um código que poderia ser formado por números e letras ou por marca de cores. [...] o sistema de cores reunia as obras por meio das cores pré-definidas que representavam os assuntos. [...] Portanto cada livro tinha um endereço que era marcado em sua lombada com etiquetas coloridas para que após o uso fosse guardado no lugar certo pelos responsáveis da biblioteca.

Apesar de se verificarem algumas experiências desse tipo, observa-se que, no Brasil, há uma grande carência de literatura que aponte alternativas para a classificação em bibliotecas escolares e infantis. Atualmente, o código mais usado é a supracitada Classificação Decimal de Dewey – CDD, mas sabe-se que esse sistema de classificação dificulta o entendimento das crianças na busca das obras. Todavia, conforme algumas teorias da área, já existem exemplos de profissionais que se mostram preocupados em atender esse público tão especial que é o infantil.

Em alguns países, vê-se a preocupação em adaptar a CDD e a CDU para as crianças, designando uma cor para cada classe. Segundo Venegas (2005, p.2), “En la literatura europea, especialmente española, es ampliamente conocida la Margarita Cromática para bibliotecas infantiles, que es una adaptación del CDU.”

Visto que a biblioteca escolar precisa proporcionar um espaço acolhedor e que ofereça uma oportunidade de acesso fácil ao acervo, não se pode lançar mão da classificação em cores como facilitadora dessa condição, reproduzindo um ambiente informacional capaz de atingir o seu objetivo, que é o incentivo à leitura.

A metodologia aplicada nas escolas da Prefeitura Municipal de Rondonópolis

A metodologia adotada vem promovendo nas crianças outra realidade quanto a oportunidades de aproximação das obras no seu cotidiano. As cores transmitem alegria ao ambiente da biblioteca e inclusive por isso se acredita que a escolha da classificação em cores foi a melhor maneira de aproximar os

pequenos da leitura. Sabe-se que não é apenas com a organização que eles irão motivar-se para a leitura, mas ela constitui um item fundamental para que se sintam estimulados a ler e aprender.

É oportuno enfatizar-se que esta metodologia é inédita no estado de Mato Grosso e, pode-se até dizer, no Brasil. Sabe-se que existem algumas iniciativas nessa linha no país, mas não encontram qualquer disseminação nas publicações da área.

Inicialmente, as atividades desenvolvidas pelos estagiários de Biblioteconomia deram ênfase à organização, pois a maioria das bibliotecas estava desorganizada. Além disso, por se tratar de bibliotecas cujo público alvo são crianças, buscaram-se alternativas que pudessem atender de maneira satisfatória o público infantil. Essas atividades foram coordenadas pela professora Mariza Inês da Silva Pinheiro, nas bibliotecas, e também houve reuniões na Secretaria de Educação e na própria Universidade.

Após estabelecer as atividades de organização, os estagiários elaboraram projetos com os professores das escolas, com o objetivo de incentivar a leitura.

Esses alunos, assim, tiveram o desafio e o compromisso de trabalhar colocando em prática a teoria aprendida no curso.

Na classificação das obras, estabeleceu-se que para cada gênero literário se empregasse uma cor, assim como para cada área didática, conforme demonstram as figuras 1 e 2, que apresentam as legendas com as cores escolhidas.



Figura 1 - Classificação em cores - Literatura



Figura 2 - Classificação em cores Livros didáticos/paradidáticos

As obras de literaturas estrangeiras foram estabelecidas conforme os respectivos gêneros acima mencionados, e as siglas das terminações geográficas que cobrem todos os países e territórios do planeta, de acordo com o exemplo dos dez países em ordem alfabética que se veem nas figuras 3 e 4.

Domínio geográfico = País	Classificação
África do Sul	ZA
Alemanha	DE
Argentina	AR
Austrália	AU
Bolívia	BO
Brasil	BR
Canadá	CA
Chile	CL
China	CN
Colômbia	CO

Figura 3 - Siglas das terminações geográficas que cobrem todos os países e territórios
Fonte: A autora, 2008.

As obras, além de classificadas pelas siglas das terminações geográficas, receberam a classificação em cores por gênero, como exemplificado da figura 4, que mostra algumas obras romanceadas com a cor verde.



Figura 4 - Classificação pelas terminações geográficas e por cores
Fonte: A autora, 2008

Além das atividades da classificação em si, existem algumas normas para a colagem da tarja na lombada das obras, e assim foi colocada em cada livro uma tarja de 1,5 centímetro de largura: nos livros de espessura fina (até 300 páginas), uma tarja com 5 centímetros de comprimento; nos livros médios (300 a 700 páginas) a tarja tinha 7 centímetros de comprimento, e nos grossos (acima de 700 páginas) seu comprimento era de 9 centímetros, conforme figuras 5 e 6.



Figura 6 – Local da tarja no livro. Fonte: A autora

Nesse processo de classificação, foram confeccionadas as legendas de cores e colocadas em locais visíveis, dentro da biblioteca, informando a cor correspondente a cada área do conhecimento, e no próprio ambiente se fazia a divulgação, levando-se as crianças até as estantes e explicando-se todo o processo desenvolvido e a sua finalidade.

Com esse trabalho, constatou-se que “a implantação de um sistema de classificação planejado especialmente para as crianças, irá facilitar o auto-serviço e diminuir a demanda de orientação, tornando-as independentes, além de oferecer segurança e bem-estar em ambiente agradável.” (PINHEIRO; SACHETTI, 2004, p. 6-7).

O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

A falta de uma cultura literária, entre vários fatores, faz com que, no Brasil, a maioria da população tenha o primeiro contato com o livro na escola, ou seja, na sala de aula e, em alguns casos, na biblioteca. Esse contato, muitas vezes, dá-se de forma errada, devido à existência de profissionais sem nenhuma habilidade e dedicação, o que pode acarretar experiências negativas na vida da criança, tornando-se, mais tarde, muito difícil atraí-la para a biblioteca. Conforme alerta Silva (2006, p. 1),

[...] A interação afetiva entre bibliotecário e usuário é, em minha opinião, fundamental ao desenvolvimento de uma atitude positiva para com o processo-projeto de leitura. Acredito que todos nós tivemos experiências negativas em algumas bibliotecas deste país, principalmente quando nos deparamos com um bibliotecário “seco” frio e distante em relação às nossas inquietações e buscas.

Em vista disso, cabe ao bibliotecário escolar, por meio de seu trabalho, constituir um ambiente acolhedor para que o aluno sinta-se bem. Essa tarefa não é fácil, mas se esse profissional for comunicativo, agradável, paciente, hábil, criativo e gostar do que faz, estará no caminho certo para conquistar o estudante para a biblioteca. Corrêa et al. (2002, p. 7) enfatizam que “o bibliotecário necessita de uma boa comunicação com os estudantes, deve ser agradável, gostar de servir, ser criativo e responsável, porque do seu trabalho dependerá o resultado das pesquisas dos estudantes.” Nesse contexto, a orientação deve ser vista pelos alunos como uma saudação de boas-vindas e um oferecimento de apoio, pois somente assim eles se sentirão confortáveis e relaxados no novo ambiente, ao invés de intimidados e desconfiados. (CARVALHO, 1981, p.24).

Constata-se facilmente que a maioria das bibliotecas escolares enfrenta alguns problemas no que diz respeito ao seu funcionamento, acervo e pessoal, e, por isso, pode-se destacar a criatividade como um dos pontos fundamentais para o sucesso das atividades na biblioteca. Duarte et al. (1998, p.101) consideram que [...] “um profissional habilitado, competente, criativo e interessado pode trabalhar com os poucos livros que existem e criar situações de confronto e transformação, contribuindo para a qualidade do ensino público ou privado”.

Na visão de Silva (1999), o bibliotecário visto como educador deve dedicar-se mais aos programas de incentivo à leitura, junto aos alunos, buscando apoio de outros educadores da escola; deste modo, atividades mecanizadas não devem receber dedicação integral:

A preocupação técnica exclusiva é tão prejudicial quanto a sua inexistência. O bibliotecário moderno deve ser um misto de técnico e intelectual. A sua preocupação principal não deve ser datilografar fichas perfeitas, segundo um código de catalogação, mas conhecer o conteúdo dos livros que possui, ser um guia intelectual do leitor. (SILVA, 1999 p. 79).

É verdade que uma biblioteca desorganizada pouco servirá a seus usuários, ainda mais se o acervo for grande. Mas o bibliotecário escolar não deve prender-se ao tecnicismo e deixar de lado sua principal função, que é orientar o leitor, difundir a informação e promover a leitura. Fragoso (1996, p.2) acrescenta que “precisamos dentro de nossas bibliotecas escolares, não de guardiões de acervo, mas de articuladores de ações dinamizadores; não de contadores de livros, mas de contadores de histórias.”

Segundo Corrêa et al. (2002, p. 7), a tarefa de orientar o aluno na utilização da biblioteca e, principalmente, a de despertar nele o gosto pela leitura são atribuições mais reveladoras da natureza educativa do trabalho biblioteconômico na escola.

Um dos processos mais dinamizadores dentro de uma biblioteca escolar são as atividades de incentivo à leitura. Dentre elas podem-se destacar a contação de histórias como sendo uma das mais importantes. A arte de contar histórias faz parte de uma cultura milenar que, no passado, transmitia-se de pai para filho; era comum as crianças se reunirem em volta dos pais ou avós para ouvir histórias. Nos dias atuais, este se tornou um ato incomum, e muitas crianças têm a biblioteca escolar ou infantil como a única alternativa para realizar tal desejo. Assim, a biblioteca infantil, conforme observam Pinheiro e Sachetti (2004, p.3), é de vital importância para a cultura nacional. É uma necessidade, visto que não existem mais ‘amas’ nem avós que se interessassem pela arte de contar histórias.

Verifica-se, enfim, por meio da literatura que trata do assunto, que toda ação desenvolvida em uma biblioteca escolar deve ser de valor cultural e educativo, rumo ao crescimento educacional e intelectual da criança.

A biblioteca escolar é, ainda, segundo Pinheiro e Silva (2007), um ambiente educacional e, portanto, deve haver integração efetiva da mesma ao processo pedagógico, para que brote o saber transformado em conhecimento e utilizado nas experiências cotidianas, propiciando o amadurecimento intelectual e, principalmente, o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais nos alunos.

Pinheiro e Oliveira (2003) salientam que o profissional que trabalha na biblioteca deve saber que é o protagonista, nesta, no papel de constituir, organizar e enriquecer o acervo, assim como de tornar conhecidos os recursos da biblioteca. Deve, também, ter ação administradora, o que torna necessário que ele conheça muito bem sua clientela para que possa disponibilizar recursos informacionais adequados a cada fase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e da observação *in loco*, verifica-se que o referido convênio entre o curso de Biblioteconomia e a Prefeitura de Rondonópolis vem apresentando um resultado positivo nas bibliotecas escolares. Os diretores das escolas estão satisfeitos com as atividades apresentadas, os discentes de Biblioteconomia estão adquirindo um aprendizado para sua futura profissão, e os alunos das escolas apresentam um interesse muito maior em procurar e retirar os livros indicados pelas cores, seja para leitura ou simplesmente para olhar as figurinhas.

A organização pela classificação em cores, além de facilitar a busca, tornou as bibliotecas mais vivas, mais coloridas, deixando os alunos mais curiosos pelos gêneros dos livros e, conseqüentemente, pela leitura.

Anteriormente ao trabalho realizado, as bibliotecas não tinham qualquer tipo de organização e de atividades em seu próprio espaço. A biblioteca da escola era um local sem vida, um ambiente totalmente desprovido das características que dela se espera: um local dinâmico, alegre, capaz de oferecer a aproximação da criança ao mundo literário. Hoje, com a presença dos estagiários de Biblioteconomia, é notória a diferença, começando pelo acréscimo da presença das crianças.

Por outro lado, antes do início desse convênio, alguns professores nem visitavam a biblioteca, e alguns o faziam raramente; eles pareciam considerar que a biblioteca não era interessante para o desenvolvimento da leitura com os alunos. Acredita-se que a situação tenha mudado, pois constatou-se que a biblioteca passou a ter outra importância na escola, ou seja, um reconhecimento considerável por parte dos alunos, professores e diretores, visto, pois, receberem todo o apoio necessário para desenvolver suas atividades.

Sabe-se que, na biblioteca escolar, o bibliotecário e o professor devem trabalhar juntos para que obtenham resultados positivos, e em muitas escolas obteve-se esta mediação. Sales (2004, p. 56) ressalta a importância do papel do profissional bibliotecário, afirmando que, “uma vez ciente de seu papel de agente escolar, ciente de suas responsabilidades pedagógicas que são diretamente relacionadas ao aluno e ao trabalho do professor, o bibliotecário escolar pode mostrar à escola sua importância dentro do contexto educacional”.

Em sentido semelhante, vê-se em Carvalho (2003, p. 23) que o bibliotecário e o professor são “mediadores da leitura” e devem ser “leitores críticos”

capazes de distinguir a “boa literatura infantil e juvenil” daquela “circunstancial”, de “fórmula simplificada [...]”.

A maioria dos estagiários envolvidos nesse projeto, por sua vez, demonstrou grande satisfação pelo trabalho realizado. O estágio proporcionou-lhes experiências que eles dificilmente poderiam vivenciar em sala de aula.

Trata-se, na verdade, de uma experiência ímpar, tanto para a coordenadora como para os acadêmicos, que vivenciaram, durante todo esse processo; uma contribuição valiosa para o exercício dos futuros bibliotecários.

Analisando o trabalho de quatro anos, sugere-se que a Prefeitura contrate, através de concurso público, profissionais bibliotecários, para atuarem na coordenação dessas bibliotecas. Com a presença destes, será possível oferecer para as crianças mais atividades de incentivo à leitura, tais como a hora do conto, histórias, teatros, fantoches, pinturas e desenhos e outras, já que, segundo Pinheiro e Oliveira (2003) enfatizam, esse profissional é o intermediário entre o acervo e o usuário, tratando tecnicamente a informação, cuidando para que as fontes informacionais, postas à disposição dos educandos, sejam atualizadas e próprias para a fase em que estes se encontrem inseridos. Paralelamente, deve o bibliotecário esforçar-se por consolidar a biblioteca como um espaço dinâmico, pronto a servir os estudantes com eficiência e presteza. É necessário, também, que ele esteja sempre disposto a motivar os usuários, atendendo-os de forma agradável, atuante e dinâmica. A participação dos bibliotecários com os discentes de Biblioteconomia nesse processo elevará a qualidade de todas as atividades da biblioteca, favorecendo o foco principal: o aluno.

A nova realidade das bibliotecas da rede municipal de Rondonópolis é visível àqueles que conheceram as bibliotecas antes do trabalho dos estagiários.

A organização e as atividades a favor da leitura, juntamente com os professores, têm resultados satisfatórios.

Conforme relato de Santos (2008), os estagiários de Biblioteconomia não tiveram nenhuma dificuldade na organização com a classificação por cores, sendo possível perceber a independência tanto dos alunos como dos professores na busca dos livros nas estantes.

Portanto, evidencia-se que adotar medidas que facilitem o acesso à informação é extremamente necessário em uma biblioteca. Em se tratando de biblioteca escolar, cujo público, na grande maioria, é infantil, requer-se uma atenção especial na escolha do sistema de classificação, e a classificação em cores, como se pôde ver, apresenta as características necessárias para uma satisfatória recuperação da informação pelas crianças.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de usuários em bibliotecas escolares: considerações gerais. *Revista de Biblioteconomia*, Brasília, jan./jun. 1981.
- CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 21-23.
- CORRÊA, Elisa Cristina Delfini et al. *Bibliotecário escolar: um educador?* 2002. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=778prod=pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2008.
- DUARTE, Eneide Nóbrega et al. Bibliotecas escolares no município de João Pessoa - PB: diagnóstico. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v.8, n.1, p.80-105, 1998.
- FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca escolar: a bela adormecida precisa acordar. *AMAE educando*, São Paulo, ano 29, n. 263, out. 1996. Disponível em: <[file:///c:/Elias/Biblioteconomia/a bela adormecida precisa acordar_arquivos\bibvirt.futuro.usp_.../graças.ht](file:///c:/Elias/Biblioteconomia/a%20bela%20adormecida%20precisa%20acordar_arquivos/bibvirt.futuro.usp_.../graças.ht)> Acesso em: 18 nov. 2007.
- PACHECO, Raquel. Incentivo ao uso da biblioteca nas séries iniciais: relato de experiência. *Revista ACB*, Florianópolis, v.12, n.2, p.303-310, jul./dez.2007.
- PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; OLIVEIRA, José Aparecido Venâncio de Oliveira. *Biblioteca escolar e a informática educativa: uma integração que pode dar certo*. 2003. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/314.pdf>>. Acesso em: 1º set.2008.
- PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; SACHETTI, Vana Fátima Preza. Classificação em cores: uma alternativa para bibliotecas infantis, SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3.,2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/319.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2008.
- PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; SILVA, Edileusa Regina Pena da. Informação, educação e biblioteca escolar: proposta de interação com o bibliotecário mediador na seleção e produção de conteúdos informacionais nas redes escolares em Rondonópolis-MT. In: CBBB-CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. *Anais...* Brasília: FEBAB, 2007. Disponível em: <http://www.febab.org.br/XXII_CBBB/xxii_cbbd.htm>. Acesso em: 15 dez. 2007.
- SALES, Fernanda. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da edu-

cação e o olhar da biblioteconomia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. N. 18, 2º sem. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/issue/view/87>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Teoria e prática da leitura*. 30 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.feedraider.com/item/111110/extrabilis-acadmica/biblioteca-escolar-marlene-santos-la-carmona/-15k>>. Acesso em: 23 jan. 2008.

SILVA, Waldeck Carneiro da. *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez, 2 ed., p.119, 1999.

SANTOS, Sandra Monteiro de Barros. *Um olhar sobre a biblioteca escolar na cidade de Rondonópolis-MT*. Rondonópolis: a autora, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso).

SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues; SCHERCHER, Eroni Kern; NEVES, Iara. *Classificação em cores: uma alternativa para bibliotecas infantis*, 1993. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/319.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2008.

VENEGAS, Antonieta Ubillo. *Clasificación por colores en bibliotecas para niños: proponiendo el código Junior en colores*. 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/archive/00005508/01/Clasificacion_por_Colores.pdf>. Acesso em: 1º out.2008.

O lugar do livro na cultura ocidental: ordens e fugas

Nilma Lacerda¹

Para meu amigo Bartolomeu de Campos Queirós, em cujo pensamento estou.

Se tudo correr como previsto, no dia 26 de setembro² acordarei às quatro da manhã, pode ser que às três e meia, porque sou lerda para me arrumar, irei para o aeroporto Santos Dumont, tomarei o voo das seis, pela Webjet, para Natal, terra de Câmara Cascudo, intelectual que sempre admirei. Tenho um encargo: dar uma palestra que elogie o livro, portador de histórias escritas.

E Câmara Cascudo era um ouvitor de histórias contadas e ressaltava que “Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular.” (CASCUDO, 1967, p. 14).

Elogiar o livro em terra de Câmara Cascudo, que tarefa! Se cresci lendo “A Onça e o Bode”, “A Festa no Céu” “Joãozinho e Maria”, “O Pequeno Polegar”, “Pedro Malasartes”, contos passados de boca em boca, sem marca de autoria ou suporte de papel para circular, como não dar a essas produções o reconhecimento primordial?

Em minha infância são os livros que me trazem essas histórias ou as professoras que as leem, em sala. Não tenho lembrança de narradores, mas é bem possível que estivessem dispersos em determinadas situações, uma visita, uma conversa de adultos. Monteiro Lobato, naturalmente, conta-me do Saci, e nos livros que minha mãe presenteava-me havia os contos tradicionais europeus, que reconheci com facilidade quando me aproximei dos *Contos Tradicionais do Brasil*. Leitora meio enguiçada, como o era Graciliano Ramos, debruçava-me sobre “A Menina Enterrada Viva”, enigma que não decifrava, a vida mantida por baixo da laje fúnebre.

¹ Autora de *Manual de Tapeçaria*, *As Fatias do Mundo*, *Cartas do São Francisco: Conversas com Rilke à Beira do Rio* dentre outras obras, é pesquisadora e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Nilma Lacerda preparou esta palestra para o 2º Seminário Potiguar Prazer em Ler, realizado em 2008. (Nota da Organizadora)

Vocês conhecem o conto, não? É a história de um homem viúvo, com uma filha linda e prendada, que casa com uma viúva, com filha feia e malvada. O homem viaja a negócios, a filha dele é sempre maltratada de toda forma, recebe tarefas impossíveis, como a de evitar que os pássaros piquem os figos da figueira frondosa. Irada ao ver os figos picados, a madrasta mata a menina, enterra-a debaixo da figueira.

O pai volta, não vê a menina e recebe a notícia de que ela fugiu, perdeu-se no mundo. Fica muito triste, sem compreender o abandono, nem suspeitar de qualquer maldade. Mas o capinzal bonito que havia nascido debaixo da figueira ficara grande demais. O dono da casa mandou um empregado roçar o capim, e eis que de repente o homem surge apavorado, contando de uma estranha cantiga que sai do chão:

Capineiro de meu pai!
Não me cortes os cabelos...
Minha mãe me penteou,
Minha madrasta me enterrou,
Pelo figo da figueira
Que o passarinho picou...
Chô passarinho!
(CASCUDO, 1967, p. 453)

O pai corre até o local, ouve a estranha cantiga, manda cavar o chão e encontra uma laje. Por baixo dela, encontra a filha, vivinha. A viúva foge apavorada, pai e filha voltam a viver em paz.

Busco na memória, ouvi esse conto algum dia? Houve uma narradora, professora, empregada doméstica, conhecida de meus pais que o contou para mim? Um narrador, terá havido? Seu Valdemar, um jardineiro de pé defeituoso, dava-me folhas inteiras de um papel de embrulhar caramelos que faziam meu encantamento, falava-me de plantas (quanto tempo fiquei procurando por um arbusto de inflorescência sutil, papel de arroz delicado e crespo, cujo nome ele disse ser norminha? Norminha nada. Extremosa, isso sim; resedá também. Ensinou-me errado, seu Valdemar. Ensinou? Vou ao dicionário eletrônico Houaiss, digito norminha, vem a palavra norma, e na rubrica de significado número 7, lá está: angiospermas, *extremosa*. Errado nada, seu Valdemar, olhe o seu saber nas fontes da erudição). Contava-me histórias, seu Valdemar? Quais histórias? Não me lembro, por mais que me esforce.

Mas Luís da Câmara Cascudo, que ouviu muitíssimas histórias de muitas pessoas, entregou-me esse conto instigante, por escrito, em um livro, que comprei há muitos anos e que posso consultar, sempre que a ordem da necessidade ou do desejo assim me ditar. Voltei ao conto, reli-o ainda essa vez, narrativa curta, simples, que trabalha com conceitos em oposição: bem e mal. Menina boa, viúva má. Ambiciosa, também, a viúva, querendo se livrar da enteada para que fossem maiores os benefícios para sua própria filha e para si mesma, em caso de morte do marido, ou mesmo durante a vida dele. De uma pessoa assim, só se pode esperar como ações a calúnia ou o assassinato, e depois o conhecimento da maldade, a recompensa final dada ao bem, atestado pela força da natureza ou pelos sucessos do acaso.

Uma narrativa simples, embora carregada de força simbólica. Pelos dois aspectos, muito fácil de ser reproduzida por um narrador competente, como seu Valdemar deve ter sido.

Mais tarde, muitos anos depois de ter convivido com esse homem simples e generoso, morando em outra casa, também com jardim, encontro outra história que me deixa igualmente enguiçada. Não tenho dúvida de sua procedência, dessa vez. É uma história lida, "A Casa de Boneca", da escritora neozelandesa Katherine Mansfield.

Conhecem? Um narrador onisciente conta a história que envolve a menina Kezia, em algum lugar longínquo.

Depois de se hospedar com a família de Kezia, a senhora Hay envia para as crianças um presente que causa uma verdadeira revolução no cotidiano das meninas: uma casa de bonecas. Pensem em uma casa de bonecas como um brinquedo de luxo, uma recriação da vida doméstica em miniatura, os bonecos em seu interior, móveis, louça, roupa de cama, tudo pequenino, mas de verdade. Era abrir a porta e admirar-se com a sala de estar, a sala de jantar, os quartos, o papel nas paredes, os quadros com moldura dourada. Um deslumbramento, ver os móveis, o tapete, as jarras, os pratinhos no aparador e um lampiãozinho sobre a mesa. Parecia de verdade, cor de âmbar, com o globo branco, pronto para ser aceso, o líquido dentro dele parecendo movimentar-se. Embora não pudesse ser aceso, esse lampiãozinho era o que mais atraía Kezia, apesar dos outros encantos.

A casa era tão grande e cheirava tanto a tinta que precisou ficar fora da casa, no pátio, por alguns dias. Enquanto estivesse lá, Isabel, Kezia e Lottie podiam chamar as colegas de escola para vê-la, mas elas deveriam vir em grupos pequenos, nada de desordem com a casa cheia de meninas admiradas

da beleza do brinquedo.

No dia seguinte, era esse o assunto na escola. Isabel, a mais velha das três e que tinha lá suas prerrogativas, era bajulada de todo jeito para privilegiar essa ou aquela na visita à casa. Durante alguns dias, toda a escola visitou, admirou, elogiou, invejou a casa de bonecas.

Quando quase todas já tinham visto a casa de bonecas, Kezia perguntou à mãe se podia trazer as Kelveys também. Que ideia, Kezia! – replicou a mãe, espantada de que a filha quisesse convidar as duas irmãs sem eira nem beira, filhas de uma lavadeira que vivia a pedir serviço aqui e ali e que vestia as meninas com restos de tecidos de cortinas doados pelos clientes. E o pai delas? Um presidiário, ao que dizem.

Kezia não considerava os comentários sobre a dificuldade daquela gente de bem, entre os quais os pais dela se incluíam, sobre a falta de uma escola, no lugar em que viviam, em que os filhos não tivessem que conviver com gente da laia das pequenas Kelvey, segregadas do resto do grupo, e humilhadas ocasionalmente. Mas não deveria desobedecer à mãe.

Acontece que pouco tempo depois, estava só, pendurada no portão dos fundos, quando viu as Kelveys apontarem na curva da estrada. Impulsiva, desconsiderou a proibição da mãe e convidou as duas para entrar e ver a casa de bonecas. Espantadas – (Paro o que estou escrevendo, vou buscar o livro na estante, para verificar o nome da Kelvey mais velha, de que não consigo me lembrar. Acho o livro, *Aula de Canto*, publicado pela Global, com tradução de Edla van Steen e Eduardo Brandão. Verifico o quanto se esgarçaram os nomes, em minha memória. Lil é a mais velha, sempre abobalhada e vestida como um espantalho; Else é a mais nova, uma corujinha branca, calada, agarrada à irmã, comunicando-se com ela por meio de pequenos puxões em sua saia.)

Então, pararam espantadas com o convite de Kezia, Lil sorriu abobalhada, Else ficou olhando. Mas logo Lil balançou a cabeça – não. Kezia perguntou por que não, e foi Lil que precisou lembrar a ela que a mãe a havia proibido de falar com elas. Kezia ficou sem jeito, mas insistiu, não faz mal, ninguém está olhando. Lil se manteve firme, não. Mas não é que Else deu tal puxão na saia da irmã, que ela se virou para trás e viu os olhos dela, uma súplica enorme, e a cara feia, decidida, queria ver. Lil ficou em dúvida, e outro puxão na saia a fez avançar e entrar no quintal dos Burnells.

Kezia foi na frente e, olhem só!, aqui está. Abriu o trinco, as meninas viram o interior da casa, Kezia foi mostrando a sala de visitas, a sala de jantar e quando ia apresentar um outro cômodo, um grito surpreendeu as três crianças.

Era a tia Beryl, rígida, gritando furiosa com a ousadia de Kezia, você convidou essas duas para virem até o quintal? Não sabe que está proibida de falar com elas? Vão já embora, meninas, já! E não voltem nunca mais.

Era preciso dizer isso de novo? De jeito nenhum. Reduzidas a sombras, as duas crianças espremeram-se para passar pelo portão. Satisfeita com a boa bronca que dera na sobrinha e com o susto pregado nas Kelveys, tia Beryl aliviou-se da pressão que sentia no peito causada por certa carta do namorado e voltou para dentro, cantarolando.

As Kelveys, por sua vez, afastaram-se rápidas, e andaram sem parar até que estivessem a uma distância segura da casa dos Burnels. Então, sentaram-se à beira da estrada em uma manilha, olhando sonhadoras o campo à frente. Esquecida da mulher furiosa, a pequena Else apertou-se junto à irmã, sorriu, como era muito raro fazer, e disse: – Eu vi o lampiãozinho.

O conto é uma experiência ética e estética refinada, que não pode transmitir integralmente a vocês, pois apenas me aproximei de seu conteúdo, ao narrá-lo. Pela própria característica de estar recontando, resumindo, suprimi grande parte da teia textual que permite perceber esse refinamento, o jogo das convenções sociais, estabelecido por falas entrecortadas, não-ditos, ambiguidades. Não foi possível trazer Kezia em sua riqueza de menina observadora do mundo, de ser perplexo e atuante na direção da coragem de quem não faz pacto com os caracteres servis, nem a complexidade da pequena Else.

Certo que poder ver o lampiãozinho não precisa de explicações, nem de comentários. Tenho a certeza de que quase toda leitora, quase todo leitor compreende, à sua maneira, o que é essa entrada de luz, fugaz e inesquecível, na vida de alguém. Em sua sensibilidade singular, Katherine Mansfield convida a leitora a avaliar a injustiça social a toldar a beleza do mundo.

Os limites de narrar oralmente um conto escrito não impedem, no entanto, que vocês saiam à procura do conto para lê-lo e, feito leitora, feito leitor, tomar, então, a si a experiência completa do texto, observando que aquilo que suscitaria de forma poderosa a imaginação, no caso de se ouvir o conto popular, recolhe-se ao silêncio no ato de ler.

O ato de ler dá-nos silêncio, intimidade, permite a busca interior daquilo que se é, dores, preocupações, conflitos e enigmas. Um narrador oral transfigura o mundo, transfigura a si mesmo, como a Joana Xaviel, de Guimarães Rosa, em *Manuelzão e Miguilim* (ROSA, 1984, p. 182). A leitura de um livro, não sabemos onde deságua. O que acontece ao sermos postos em contato com esse objeto, de cerca de mil e oitocentos anos, mas ainda jovem para a história da

humanidade? Que sentimentos podem ser detectados nessa relação? Pode-se falar em um tipo de felicidade? De uma certa “Felicidade Clandestina”?

Vocês devem conhecer esse conto de Clarice Lispector, um dos mais divulgados de sua produção. Chamar de conto a esse texto em primeira pessoa, que nos leva para as ruas de Recife, e traz uma despuddorada confissão de amor da menina que veio a se tornar uma das maiores escritoras do século XX, é uma concessão crítica, talvez por ter sido apresentado junto a outros textos do formato conto. Menos que conto, considerado pela teoria da literatura como história breve, de enredo simples e linear, um flagrante de vida representada (SILVA, 1976, p. 347), “Felicidade Clandestina” pode ser tomado como fragmento de autobiografia ou ensaio sobre a leitura. Tenho, no entanto, receio de estar dizendo algo evidente, uma tautologia, isto é, repetição do já-dito, pois Clarice não escreve senão sobre si mesma, a lancinante e gozosa consciência de um caminho para ser o que é: “Ser-se o que se é era grande demais e incontrolável.” (LISPECTOR, 1970, p. 140), assim como tudo o que escreve é um *ensaio* de vida, no sentido etimológico do vocábulo: pesar, ponderar, avaliar, comprovar, tentar (Dicionário HOUAISS).

Clarice ponderava a vida com uma das mãos, com a outra escrevia os rumos de seus personagens no percurso de dar-se conta da própria humanidade. Com ambas as mãos, escrevia-se Clarice, datilografando com a máquina no colo cercada da fábrica de vida que eram os filhos.

Mas vamos à “Felicidade Clandestina”, à menina esguia de cabelos lisos que andava pulando pelas ruas de Recife e que tinha uma colega mal-aquinhoadada pela natureza. Gorda e feiosa, e bem-aquinhoadada socialmente. Com pai dono de livraria, possuía acesso irrestrito ao objeto de desejo da narradora: livros. Livros que administrava com usura e perversidade. Ao descobrir na menina esguia que andava ao vento o desejo arrebatador de um livro em especial: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o.” (LISPECTOR, 1997, p. 16), a menina gorda traça um plano para mantê-la em submissão permanente, à porta de seu sobrado, pedindo emprestado o livro que mantinha guardado, sem mesmo ler, mas que dizia ter emprestado para outra menina, “[...] pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã [...]” (LISPECTOR, 1997, p. 17). A “criança devoradora de histórias” (LISPECTOR, 1997, p. 15) entregava-se à tortura. Vislumbrado e logo depois sequestrado, o objeto de desejo mostrava-se inalcançável, até que um golpe do acaso colocou em cena a mãe da menina perversa, e a fez emprestar o livro à outra, pelo tempo que ela quisesse.

Não dá mais para continuar contanto, é preciso ler o texto de Clarice:

Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

[...] Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

(LISPECTOR, 1997, p. 18)

Em vez de enveredarmos sobre os conceitos de leitura como ato erótico, de discutirmos os controles sobre a leitura ou a questão do acesso à leitura, prefiro que nos detenhamos sobre uma pergunta: por que era um livro esse objeto tão desejado? Por que não era, como seria previsível na vida de uma menina, uma boneca, um fogãozinho? Objetos do faz-de-conta, brinquedos, uma boneca ou um fogãozinho não vão apresentar maiores consequências no mundo da criança. Mas ela era uma menina “devoradora de livros”, e dizer isso basta para saber que da menina viria uma mulher inquieta, imaginativa, indagadora da existência.

Interessa-nos, aqui, no entanto, o livro como item de uma felicidade clandestina, isto é, oculta, escondida, ilegítima. Para a menina pobre, ter aquele livro era uma situação ilegítima, não tanto porque fosse pobre, talvez porque a deixasse fora da lei de um mundo cotidiano, entregue ao descontrolo do imaginário.

Controlar o imaginário é um dos objetivos das instituições no poder. Não se inventaram os livros para tê-los como objetos do cotidiano, como uma caneca, ou um prato. Livros são, em sua natureza, um fruto do excesso, um objeto para o poder e para a recriação da vida. Se isso ficava evidente no seu custo excessivo, antes do aperfeiçoamento da imprensa por Gutenberg; se ainda era alto o custo do livro, mesmo após Gutenberg, considerada a dimensão das camadas populares; se alto ainda é hoje o seu preço para os que estão de fora das redes de fartura, a apropriação sempre se exerceu. Aqueles para quem o livro

não era feito não se conformavam com isso e, de formas variadas, encontraram maneiras de acesso ao objeto, desde a Biblioteca Azul, na França dos séculos XVII e XVIII, feita dos restos dos livros destinados a quem podia pagar por eles, até as cópias xerográficas de hoje ou as edições-pirata da Colômbia, muito cobiçadas nas feiras-livres, segundo me informa minha amiga, a escritora Irene Vasco.

Esse reinventar para poder tomar para si mostra-se também nos outros lugares que livro e literatura têm ocupado: jornais, revistas, web, cidades. Em minha viagem de férias, estive em Saint-Pierre-des-Clages, um vilarejo suíço tido como a Cidade dos Livros. Na verdade, o vilarejo faz parte de uma rede de cidades rurais que têm no livro um produto a ser apreciado e posto em circulação. Sebos, oficinas de encadernação, oficinas de papel para produções alternativas, eventos sobre o livro, material de divulgação, tudo isso leva o turista a se afastar de sua rota convencional. Da mesma forma, Parati, no estado do Rio de Janeiro, tem atraído milhares de visitantes para conviver com livros e tudo que concerne a eles, no período de alguns dias de julho. Praças, escolas, centros culturais são igualmente lugares do livro quando tomados por práticas ligadas a esse íntimo estrangeiro que é o livro. Por nos falar simultaneamente do que conhecemos e do que desconhecemos, ele se constitui, naquilo que o convencionaliza, em um tempo de transporte para um espaço fora do presente.

Nunca estamos em nosso aqui ou em nosso agora, ao lermos um livro de literatura, mas nas dimensões temporais e espaciais recriadas pelo autor. Afastados do cotidiano pelas “asas de papel” (XAVIER, 1993) que o livro nos prega às costas, arremessados para dentro dos livros que lemos, ocupamos esse espaço distante de nosso cotidiano e conflitos específicos. A leitura de obras como *O Diário de Anne Frank* ou *Memórias do Cárcere* instaura o leitor dentro do livro, no espaço físico que o autor constrói sob os olhos do outro. Em visita à casa de Anne Frank, em Amsterdam, em visita ao antigo leprosário na Ilha Grande, no estado do Rio, que funcionou como hospital e prisão, o leitor põe-se de pé sobre a trama textual que acompanhou com o olhar, nos sinais pretos sobre as páginas amarelas (RAMOS, 1986, p. 105). Os dois pedacinhos de ladrilho hidráulico, trazidos da Ilha Grande, postos em uma das prateleiras de minhas estantes, é resumo, materialidade de um espaço histórico recriado pela voz do autor.

Decerto visitarei, aqui em Natal, a casa de Câmara Cascudo, talvez já tenha passado, em visita anterior a esta cidade, por locais em que o autor ouviu seus narradores, mas é por meio deste objeto a meu lado, este livro de 480 páginas, que pude conferir se bem narrei o conto que li algumas vezes e que,

conforme disse, talvez tenha também ouvido de algum narrador.

Em *A Ordem dos Livros*, Roger Chartier observa que somos herdeiros das novas relações com os textos, estabelecidas a partir do aperfeiçoamento da imprensa por Gutenberg: “[...] a emergência de uma nova definição do livro, associando indissolavelmente um objeto, um texto e um autor constituem algumas das invenções que, desde Gutenberg, transformaram as relações com os textos.” (CHARTIER, 1999, p. 7)

Em meio a essa herança, a preocupação de uma secretária de Estado, em saber:

Quando, numa reunião, se discutia sobre a caixa-estante [a ser instalada então nas bibliotecas públicas de São Paulo], perguntei como era a relação das crianças com os livros. Quando deram para uma criança *O Pequeno Polegar*, foi avaliado se ela fez uma reflexão sobre a família? Sobre a figura do pai, da mãe, sobre a rejeição, a existência de irmãos, a magia, a entrada súbita no mundo adulto por falta da presença dos pais? *O Pequeno Polegar* levou-os a se indagar se as crianças que recebem esse livro fazem uma meditação infantil sobre a família? Se vocês emprestam a *Odisséia*, avaliam como as crianças entram nesse universo mitológico onde não há diferença entre deuses e homens, senão pela quantidade de poder que os deuses têm e os homens não? E o que significa, no universo da *Odisséia*, a metamorfose? Se dão *Alice no País das Maravilhas*, tentam avaliar se as crianças se apaixonam ou se aterrorizam? *Alice* sempre me aterrorizou – por causa das metamorfoses. A resposta que me foi dada é que essa pesquisa não foi feita. E eu fiquei me perguntando por que dou o livro e não quero saber o que aconteceu com quem leu o livro. (CHAUÍ, 1993)

O que a filósofa Marilena Chauí, que é a secretária aludida, propõe está no bojo das transformações de que Chartier fala. Ela pergunta sobre o trabalho do mediador e da mediadora de leitura, que consiste em servir de intermediário, de elo, entre o livro e o leitor ou a leitora. A filósofa, enquanto secretária de estado, quer também o traçado atento de um projeto de leitura, em que a formação do leitor se mostre assegurada. Com esses aspectos, que o consenso considera positivo, Chauí não perde de vista o objetivo do controle da produção de sentidos. Ao querer saber como a criança reagiu aos livros, ela quer saber se

a criança compreendeu *bem* o que leu, ou seja, se percebeu o *bom* sentido, já indicado por ela, na própria fala.

Nunca me assustei com as metamorfoses de Alice, mas me desconcertava com o fato de uma rainha de baralho de cartas poder matar uma menina. Buscava desesperadamente a lógica que regia essa circunstância (talvez já tivesse passado da boa idade para ler Alice, talvez tivesse minha rainha e precisasse de uma informação muito prática para vencê-la, informação que estava ali, e eu não reconhecia). Construí ao longo da vida, penosamente, meus sentidos para o texto de Carroll, com momento significativo aí pelos meus trinta e seis anos.

Assim, as novas relações entre leitores e textos, mencionada por Chartier, a partir do fim da Idade Média até o século XVIII,

[...] são caracterizadas por um movimento contraditório. Por um lado, cada leitor é confrontado por todo um conjunto de constrangimentos e regras. O autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia. (CHARTIER, 1999, p. 7)

Em várias de suas obras, Chartier discute as qualificações de popular ou erudita, costumeiramente atribuídas ao conceito de cultura, e as formas recorrentes das instituições que se alinham ao lado da cultura erudita em querer controlar a produção dos sentidos, determinando a forma correta de interpretação. (1987) Ginsburg evidencia, em *O Queijo e os Vermes*, o processo de apropriação do moleiro Menocchio, emprestando sentidos de seu mundo rural às obras que lê, indo contras as ordens da Igreja, defendendo seus direitos de produzir sentidos para sua leitura e de divulgá-los entre as pessoas, tais como faziam padres e outras autoridades.

O empenho de Chauí é legítimo e compreensível no quadro de um projeto de Estado de leitura, mas não foge, de um lado, à coerção e, de outro, à falta de percepção de que os livros sendo, como já disse, objetos do excesso, não têm circulação fluida na sociedade brasileira. No Brasil, livros não são como o rio Amazonas ou o São Francisco, correndo da nascente para a foz, indo da biblio-

teca ao indivíduo leitor. Aliás, em nenhum lugar do mundo isso acontece. Insisto com frequência no ato de ler como um valor, como trabalho e projeto, perspectivas que os países mais justos tomam em consideração na formulação de suas políticas públicas.

Preocupada na prestação de contas do dinheiro público, Chauí termina assim seu elogio do livro: “É por isso que compramos cinco milhões de dólares em livros.” (CHAUÍ, 1993). Mas, ao lado dessa frase, precisava estar uma outra: “É por isso que empenhamos também alguns milhões de dólares *na formação de mediadores de leitura.*”

A mediadora ou o mediador de leitura está ali, ao lado das figuras mencionadas por Chartier, na rede de profissionais que constroem o leitor. Sua presença é inevitável, no entanto, em um país que só recentemente insere nas políticas públicas mencionadas o investimento na biblioteca pública. Comento com meus alunos que, embora goste de samba e seja capaz de tamborilar os dedos e de balançar o corpo ao compasso de uma música de Cartola ou de um samba-enredo, não sei dançar samba, não canto qualquer deles com facilidade, porque o samba não faz parte de minhas práticas culturais. Minha família investiu em mim, desde cedo, como leitora, como letrada. Eu gostei da escolha, dei-me bem com ela, aqui estou.

Mas tenho uma irmã muito querida, que, igualmente letrada, mas sem seguir caminho de letras, dança admiravelmente o samba, e leva para o estrangeiro, onde vive, nosso ritmo popular, desfilando em escolas de samba da colônia brasileira por ocasião do Carnaval e de outras festividades. É uma empresária admirável e uma leitora crítica das mais competentes. (Com orgulho, ouvi-a dizer, recentemente, sobre meu papel de mediadora em sua formação de leitora.) Nilceia buscou ter em sua vida a prática cultural do samba, tanto quanto busquei as práticas da leitura.

Não sabemos fazer aquilo que não vemos acontecer ao nosso redor, não amamos o que não conhecemos, não vislumbramos o que não se mostra. Nem todas as pessoas serão leitoras de literatura, mas todas precisam ter assegurado o direito de acesso à leitura literária, a usufruir dos bens de leitura (LACERDA, [2002], p. 10), porque é um direito humano o usufruto dos bens simbólicos da humanidade. Todas as pessoas precisam, no presente, ser leitoras críticas, capazes de se movimentar com habilidade e competência em uma sociedade que tem a escrita em seu centro. E tal como o mestre-capoeira ensina ao menino os movimentos da luta, tal como a rendeira ensina à neta a colocação da almofada e o jogo dos bilros, como o barqueiro do São Francisco fala ao aprendiz das

histórias e das almas do rio, dos sorvedouros e dos bons lugares de ancorar, quem faz o elo entre leitor e livro fala do que é o livro. Fala do que é o livro, ensina o leitor a se mover por suas páginas, diz das experiências por ele propiciadas, ajuda a compreensão do texto.

Quem exerce esse papel, em geral? Em muitas famílias de classe média são os pais, irmãos mais velhos, avós, padrinhos, tios que aproximam os filhos dos livros; nas famílias de classes populares, esse ofício fica a cargo da creche, da escola, e serão as professoras e os professores quem deverá apresentar os livros às crianças. Num quadro em que a educação não-formal ganha cada vez mais espaço, os agentes que aí atuam exercem, igualmente, a mediação da leitura.

Como pesquisadora, professora de literatura, escritora – e mediadora de leitura, naturalmente – empenho-me em falar da alegria e do trabalho da leitura literária, em conversar sobre os livros que leio, que li, que lerei. O dicionário HOUAISS me diz que a origem da palavra conversar é “encontrar-se habitualmente num mesmo local, frequentar, conviver”. Quem é um elo entre livro e leitor propicia o descortino de experiências que os livros de literatura permitem construir, e que são feitas de conhecimentos a necessitar de um caminho de compreensão para leitores e leitoras em processo de formação.

A mediação de leitura encontra-se no campo da educação, no sentido amplo de partilha dos bens da humanidade. Se tomarmos o ponto de vista de Freud, o ofício de mediar leitura se juntaria às profissões impossíveis, como as de educar, de psicanalisar e de governar, por saber de antemão que os resultados serão insatisfatórios (FREUD, 1981, p. 3361). A luta de desejos entre o eu e o outro acaba tornando incompatíveis os objetivos de ambos.

Mas no campo da mediação em leitura, as táticas postas à disposição do leitor são pródigas.

O livro sempre visou instaurar uma ordem [...] Todavia, essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores. Mesmo limitada pelas competências e convenções, essa liberdade sabe com se desviar e reformular as significações que a reduziram. (CHARTIER, 1999, p. 8)

O eu deseja impor os sentidos, determinar as maneiras de ler, escolher o que ler, e faz isso em nome do outro, que passa então a ser objeto de seus próprios desejos. Leitores, no entanto, não aceitam ser objetos de desejos alheios e elaboram suas formas de desviar-se dessas coerções. É assim que podemos

ser mediadores de leitura, sem muitos riscos de tirania, tal como fui, nas três narrativas que trouxe para vocês.

Selecionei, recortei trechos, pus sentidos em destaque. Deixei entrever que Clarice fará perguntas pela vida afora; como Kezia chamei vocês para ver a casa de boneca, e vimos juntos a pequena Else, a corujinha calada e amedrontada, corrida pela humilhação, e que tomou consciência do lampiãozinho. Viu o inefável, o indizível, e dito na própria literatura. Mediadora da beleza, a personagem Kezia é, como Antônio Cândido, como Elizabeth Serra, uma defensora do acesso de todos aos bens imateriais da humanidade.

Ao trazer para vocês o conto que Câmara Cascudo registrou por escrito, para garantir sua transmissão a outras gerações e permanência no imaginário brasileiro, escolhi trazer as metáforas do que vive dentro da terra, das verdades que subsistem, o que talvez seja o trabalho do mediador.

Em meados de agosto, comprei, em Santiago do Chile, um bellissimo livro para crianças, em versão bilíngue, mapuche e espanhol: *Feichi Pünh ta nu Elugemum kütstal, La Noche que nos Regalaron El Fuego*. Comprei dois, aliás: um para mim mesma, outro para enviar a Pedro Henrique, de cinco anos, filho de minha amiga Cícera, que mora em Cáceres, Mato Grosso. Não tenho ideia de que uso Pedro Henrique, que ainda não está alfabetizado, fará deste livro. Como eu, ele nunca deve conhecer o mapuche, mas ele pode, como eu, vir a conhecer o espanhol, e um dia ler o texto verbal de *A noite em que ganhamos o fogo de presente*. Muito antes disso, terá lido as bellissimoas imagens do livro.

O livro já seguiu para ele. Espero que com seu manuseio, com sua leitura, feita por algum adulto, ele possa, como tenho feito em minha vida com livros, sanar alguns medos, encontrar-se com o calor do fogo na noite fria e escura, no afago do colo materno. Mas pode ser que decida ignorar o presente. E eu não estarei lá para seduzi-lo, para dizer abra, é bom para você.

A arte de uma boa mediadora de leitura, de um bom mediador de leitura faz-se dessas fugas. Não pretender controlar os sentidos, não impor caminhos, não pensar em salvação pelos livros, não achar que tem a mais importante das chaves. Saber do ofício tão excêntrico que abraçou e, ainda assim, ousar exercê-lo.

Que passeio fizemos, nesta hora de conversa. Saímos da oralidade, entramos no livro impresso, vocês me acompanharam no movimento de recorrer à minha biblioteca para encontrar o que buscava. Autora de *As Fatias do Mundo*, reconheço o papel vital dos narradores orais e a força que podem ter no aprendizado da palavra escrita (LACERDA, 1997, pp. 12, 27), porque ela permite memória, resumo, economia de tempo na produção do conhecimento e, sobre-

tudo, a sua partilha mais justa. Entrego-me, por isso, a esse ofício impossível na perspectiva de Freud, o de mediadora do livro. Jamais atingiremos o inconsciente do leitor que estamos acompanhando em sua formação, mas que prazer em roçar as dobras de uma identidade, que necessidade de fazê-lo para não enlouquecer, pois “Num país como o nosso, meu caro amigo, construído na desigualdade social e nas mentiras políticas, o bom livro para a criança e o jovem é, não tenho dúvida, um projeto de nação.” (LACERDA, 2003, p. 29). Apesar de alguns avanços, *alguns*, continuamos caminhando sobre mentiras políticas, desigualdade social, desrespeito às páginas da cidadania, ainda não-editadas neste país, e que estão, como alguns sítios na web: em construção.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*; folclore. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros; leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *O elogio do livro*. *Jornal do Brasil*, Idéias, 30/01/1993.
- FREUD, Sigmund. Analisis terminable y interminable. In: _____. *Obras completas*. 4. ed. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. v. III.
- GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 4. reimp. Trad. Maria Betânia Amoroso; trad. Poemas José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HURTADO, Carmen Muñoz. *Feichi Pünh ta nu Elugemum kütstal, La Noche que nos Regalaron El Fuego*; cuento mapuche. Trad. Elicura Chihuaiaf N. II. Alejandra Oviedo S. Santiago de Chile: Pehuén, 2007.
- LACERDA, Nilma Gonçalves. *As fatias do mundo*. II. Regina Yolanda. Belo Horizonte: RHJ, 1997.
- _____. *Casa da Leitura: presença de uma ação*. Filosofia e perfil da Casa da Leitura – Programa Nacional de Incentivo à Leitura / PROLER. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Casa da Leitura / Proler [2002]
- _____. *Cartas do São Francisco: Conversas com Rilke à Beira do Rio*. 3 ed. II. Demóstenes Vargas. São Paulo: Global, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

MANSFIELD, Katherine. *Aula de canto*. Trad. Edla van Steen, Eduardo Brandão. São Paulo: Global, 1984.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim; Corpo de baile*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

XAVIER, Marcelo. *Asa de papel*. Belo Horizonte: Formato: 1993.



Foto: Marcelo Barros

A leitura literária como direito da criança

Maurício Veneza¹

É grande minha satisfação por constatar que os objetivos deste seminário² coincidem notavelmente com os da entidade de que faço parte, a AEILIJ, Associação de Escritores de Literatura Infantil e Juvenil. De fato, nossa palavra de ordem é “Pela democratização da Literatura no Brasil”. Em outras palavras, lutamos pelo acesso livre e democrático de qualquer pessoa à leitura literária, no âmbito da escola e fora dela. E, tanto pela especificidade de nossa atividade profissional, quanto pela necessidade de formação do leitor desde cedo, nos voltamos prioritariamente para a criança. Como autores de livros para essa faixa de público, temos, como seria de se esperar, uma preocupação básica e fundamental com a formação de leitores e com o acesso ao livro de literatura.

Devo dizer que sinto uma justificada inveja dos presentes, já que minha participação está restrita ao dia de hoje e não terei a possibilidade e o prazer de assistir às demais conferências. Pelo elenco de participantes, todos especialistas do mais alto gabarito, é fácil prever que será um dos melhores seminários possíveis dentro do tema proposto. Peço licença a todos para iniciar partindo de um episódio da minha experiência pessoal, assim como para entremear minha participação com outros episódios que se fizerem necessários, a título de ilustração. Já que sou um escritor e ilustrador de profissão, não posso deixar passar a oportunidade de contar uma história...

Como todos os outros autores de livros infantis e juvenis, sou, com frequência, convidado por escolas públicas ou particulares para encontros com alunos e professores. Numa dessas ocasiões, uma professora dirigiu-se a mim

¹ Escritor e ilustrador de livros para crianças e jovens. Atuou também nas áreas de publicidade, como ilustrador e diretor de arte, e jornalismo. Possui trinta títulos publicados como escritor e cerca de setenta como ilustrador. Livros com suas ilustrações receberam prêmios como o Altamente Recomendável da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e o da Academia Brasileira de Letras. Como escritor tem vários livros incluídos em programas governamentais de leitura, como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), e no catálogo da Feira de Bolonha. É membro da AEI-LIJ (Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil), onde atualmente exerce o cargo de vice-presidente.

² Seminário Potiguar Prazer em Ler, realizado em Natal, em 2008. (Nota da Organizadora).

em particular e disse-me: “Olha, gosto muito daquela sua coleção” – e citou alguns títulos – “mas como é que vou trabalhar seus livros em sala de aula?”. Confesso que fiquei um tanto desconcertado com a pergunta. No primeiro momento, supus que ela estivesse me pedindo para sugerir uma possível série de atividades que pudessem ser desenvolvidas a partir da leitura dos livros. Algo como aqueles encartes, produzidos pelas editoras, sem a participação dos autores, e que, às vezes, agem como verdadeiros repelentes de leitores. Repelentes, porque só em pensar que após a leitura ainda vai ter que responder a uma série de perguntas, o jovem leitor em potencial já desiste antes de começar. Creio que eu mesmo jamais teria lido a metade do que li, se achasse que alguém ia me sabatinar depois. A seguir, imaginei que a pergunta da professora fosse meramente retórica, porque, segundo me pareceu, ela já sabia a resposta de antemão. Afinal, ela já tinha dado alguns passos básicos e certos: tinha lido os livros, ou seja, conhecia a obra; tinha gostado, ou seja, tinha reconhecido ali algum indício de qualidade e algum poder de envolvimento do leitor; e finalmente tinha o desejo de compartilhar o prazer da leitura com seus alunos, isto é, estava motivada e era capaz de se mostrar como exemplo. Dificilmente alguém conseguirá motivar um outro a ler se ele mesmo for avesso à leitura. O que não era, certamente, o caso da professora com quem eu dialogava. Daí eu ter respondido com uma única palavra: “Lendo”.

Só muito tempo depois, considerei uma terceira possibilidade: na verdade, o de que ela precisava talvez fosse apenas uma justificativa, diante da direção da escola e dos pais dos alunos, para introduzir no espaço escolar um livro que não se propunha a ser didático, não pretendia ensinar qualquer conteúdo, nem continha qualquer tipo de ensinamento escolar ou moral. Assim, é evidente que naquela escola em particular e na instituição escolar em muitos momentos – talvez na maioria – o livro de literatura para crianças ainda é percebido apenas através de uma ótica utilitarista. Sendo mais objetivo, o livro de literatura só tem lugar se for utilizado como um meio, um recurso – ou artifício – pedagógico destinado a transmitir de forma dissimulada, ou até mesmo ostensiva, o conteúdo das matérias da grade curricular. O famoso estilo “diverte-e-instrui”, até hoje tão valorizado... Quando digo dissimulada ou ostensivamente, refiro-me à maneira sutil ou não como esta visão é transmitida. Todos já devem ter observado que muitas editoras classificam o livro de literatura como paradidático. Algumas denominam até mesmo o setor editorial destinado à literatura para crianças e jovens como Departamento de Paradidáticos. E fazem o possível e o impossível para tentar encaixar todo e qualquer livro nos

Parâmetros Curriculares Nacionais. Mas já terão percebido que vários dos catálogos dessas mesmas editoras usam o termo “aluno”, no lugar de “leitor”?

Visto assim, parece-me que esse leitor imaginado por essas editoras só exercerá sua prática de leitura, vale dizer, seu “direito à leitura literária”, no espaço físico do estabelecimento escolar e não além dos seus portões. No máximo, talvez, como tarefa para casa, atrelada ainda à escola. Será uma leitura para a escola, como mais uma tarefa, e não para a vida. Ao sair da escola, deixando de ser aluno, adeus, leitor... Que tipo de leitor se pretende formar com tal procedimento? Um leitor compulsório que só exista no âmbito da escola, ou um leitor do e para o mundo, capaz de transcender os muros do espaço escolar?

Não proponho aqui uma desescolarização da literatura. Pelo contrário. Creio na necessidade urgente da criação de um espaço privilegiado na escola onde a leitura literária não seja vista como um meio para atingir um fim determinado e sim que seja bastante por si mesma.

Tivemos por muito tempo (e ainda temos) uma abordagem da literatura na escola em que o aluno era capaz de responder sobre estilos de época, escolas e movimentos literários, sem jamais ter lido sequer uma obra dos autores que mencionava. Formava leitores? Claro que não. Mas permitia um desempenho falsamente satisfatório numa prova ou exame, segundo os critérios estabelecidos. Vi numa livraria de Juiz de Fora, Minas Gerais, uma publicação que trazia os resumos prontos e acompanhados de comentários de obras indicadas para o vestibular. Como se gritasse: “não leia, não interprete, não entenda, não pense, o importante é passar!”. A cultura da enganação...

Mas há também um lado positivo na questão da leitura literária. Nas últimas décadas, vimos, com entusiasmo e otimismo, o surgimento e proliferação de um sem número de iniciativas, projetos, programas e eventos, destinados à promoção da leitura e à formação do leitor. Há uma preocupação e uma mobilização intensa. Órgãos do governo, das três esferas administrativas, federal, estadual e municipal; setores da iniciativa privada; organizações não governamentais; associações de editores e livreiros; associações de escritores e ilustradores... São muitos os parceiros, todos com o propósito lobatiano de fazer um país “com homens e livros”. Muitas são também as iniciativas individuais ou pontuais, livros no açougue, em lombo de jegue, na borracharia, na sala de espera dos postos de saúde... É difícil mensurar com exatidão os resultados práticos de todas essas iniciativas.

Estatísticas recentemente divulgadas revelam um crescimento surpre-

endente na quantidade média de livros lidos por habitante anualmente no país. Se, em 2001, pesquisa divulgada pela Câmara Brasileira do Livro apontava a quantidade de 1,8 livros por habitante no ano, a pesquisa atual (2008), coordenada pelo Instituto Pró-Livro e pelo IBOPE, revela o notável percentual de 4,7 livros ano/habitante. Um salto impressionante. Embora eu tenha uma certa cautela com relação a esta ou a qualquer pesquisa (afinal, os critérios e metodologia podem ter mudado de uma para outra), não sou dos que só acreditam naquelas que prenunciam o fim do mundo. A dar crédito a esses dados, estamos muito próximos da média norte-americana, que é de 5 livros por habitante ao ano, e de alguns países da Europa, que variam de 5 a 8 livros.

É motivo para comemoração? Sim, sem dúvida. Mas antes de soltar foguetes e abrir o champanhe é bom examinar outros dados. Há a habitual discrepância entre Norte/Nordeste e Sul. O que puxa a média para cima é o fato de que na região Sul a média está acima da norte-americana (5,5 livros/ano). Não é um problema isolado, uma questão apenas da leitura. Vincula-se obviamente a outras questões, como renda e escolaridade. Para se tornar leitor, o indivíduo precisa, antes de tudo, ser alfabetizado. 45% dos entrevistados declararam não ter lido nenhum livro nos três meses anteriores à pesquisa. Segundo Galeno Amorim, que coordenou o trabalho, a pesquisa mostrou que depois da fase escolar há um distanciamento da literatura. A escola precisa trabalhar um pouco mais na tarefa de criar leitores que gostem de ler e que continuem a ler depois que saem da escola, para uma leitura não só pragmática.

É verdade também que, apesar desses esforços, deparamo-nos no dia a dia com distorções, às vezes, difíceis de enfrentar. Todos conhecem as famosas bibliotecas escolares fechadas, onde o aluno não entra. Existe o espaço, existe o acervo, mas o leitor fica de fora. Visitando uma escola num município do Rio de Janeiro, fiquei sabendo que havia lá pacotes e mais pacotes de livros do programa Literatura em Minha Casa, todos lacrados. A alegação era de que se os livros fossem distribuídos aos alunos, como estabelecido, estes os estragariam. Fiquei imaginando o que seria pior, se livros rotos ou amassados, mas lidos, ou aqueles livros tão conservadinhos nas suas embalagens de plástico e tristemente privados da condição necessária à sua existência enquanto livros: a leitura. Por outro lado, recebo, como todos os outros escritores, frequentes pedidos de doações de livros, feitos por instituições que, de fato, não dispõem de recursos, ou por instituições que os possuem, mas priorizam sua aplicação no embelezamento de sua imagem institucional. Basta avaliar o custo de um anúncio na TV para perceber que certas instituições fariam melhor se destinassem a verba usada em algumas

campanhas (incentivando a doação) para a própria aquisição de livros.

Como mudar este quadro, como transformar esta realidade? Difícil responder. Certamente não existem fórmulas mágicas. Nenhum procedimento infalível. Mas ousar dizer que as respostas passam necessariamente, além do acesso aos recursos materiais, pelo elemento humano. Refiro-me aos mediadores de leitura. Pais, bibliotecários, mas, principalmente, professores. Serão estes os construtores das pontes entre os livros e os leitores. Para que a criança tenha, não somente reconhecido, mas efetivado seu direito de acesso aos livros de literatura, necessitamos de mediadores comprometidos com estes livros, pessoas capazes de apresentá-los ao leitor, que é seu complemento natural. Capazes de tomar o leitor pela mão e mergulhar com ele num mundo de experiências incontáveis. Capazes de mostrar como, com a literatura, os horizontes alargam-se e os limites dissolvem-se. Como o irreal torna-se real e o absurdo torna-se verossímil. Como é possível estabelecer vínculos de proximidade, quase intimidade, entre um escritor que viveu no século XIX e um leitor contemporâneo.

Talvez a escola tenha se afastado da literatura por razões de ordem prática, pela dificuldade de exercer poder e controle sobre algo que é tão dinâmico, fluido e rebelde por natureza. Como atribuir notas ou conceitos de forma objetiva a algo que é tão carregado de subjetividade? Mais fácil é decorar listinhas de datas e escolas literárias...

Mas essa mesma escola pode mudar o seu papel. É preciso que a instituição escolar reflita e assuma uma opção clara e consequente. Que se pergunte: que tipo de leitor queremos, que tipo de aluno queremos, que tipo de cidadão queremos?

Cabe ao poder público a instrumentalização destes mediadores, a disponibilização dos recursos necessários. Costumo dizer que não basta uma pessoa ter aptidão para o violino, coordenação motora e ouvido musical: se não tiver um violino para praticar, nunca chegará a ser um violinista. Mas é preciso um pouco mais. Precisa também de alguém que o ensine a usar o violino. Assim, além dos já mencionados recursos materiais, é necessária também a capacitação, a formação destes mediadores de leitura. Em documento apresentado no Fórum Literatura nas Escolas, em Brasília, e disponível no site da AEILIJ, Anna Cláudia Ramos e Luiz Antonio Aguiar expõem algumas propostas bastante interessantes neste sentido:

Precisamos assegurar que os cursos de formação de professor garantam a cadeira de literatura infantil e juvenil como parte dos currículos regulares, seja nos cursos de nível médio, seja

nas faculdades de Letras, Pedagogia e Biblioteconomia. Só depois que nossos futuros professores estiverem formados qualitativamente em relação à literatura infantil e juvenil, poderemos falar em uma formação continuada.

Vivemos um momento importante. Talvez seja a primeira vez em que os ministérios da Educação e da Cultura juntam-se para o desenvolvimento de políticas relacionadas ao livro. É uma oportunidade que não deve ser desperdiçada. Um instante adequado a que todos busquem participar e a que todas as vozes devam se fazer ouvir. Somos todos, cada um à sua maneira e sempre tentando ultrapassar os limites, semeadores de livros, como queria Castro Alves. Esperamos que mais e mais semeadores juntem-se a nós nesta tarefa, às vezes árdua, mas gratificante e necessária.



FIGURA 1 - Algumas das obras do escritor Mauricio Venezia. Seleção da Organizadora desta publicação.

A estética na literatura infantil¹

Laura Sandroni²

O desejo de alcançar o belo através da palavra escrita tem marcado a literatura, através dos séculos, tornando-se uma de suas características essenciais: a preocupação estética. Ocorre que as mudanças sociais e políticas por que passa a humanidade trazem com elas novas formas de pensamento e de sensibilidade, modificando o conceito de beleza pelos tempos afora.

A essas mudanças dá-se o nome de escolas, nas quais se agrupam aqueles que aderem a determinados parâmetros estéticos.

Assim tivemos o classicismo, o romantismo, o realismo, o modernismo e muitas outras denominações correspondentes ao trabalho de grupos de poetas e escritores. As artes plásticas, do mesmo modo, têm escolas a que se filiam pintores e escultores.

Na literatura para crianças e jovens, essas classificações são menos usadas, embora a busca do belo permaneça a mesma.

A PERMANÊNCIA DO CONTO DE FADAS EXPLICADA POR DIFERENTES DISCIPLINAS E ESTUDOS LITERÁRIOS

Uma das fontes inspiradoras da literatura universal nos tempos modernos tem sido o imenso acervo formado pelos mitos, lendas, fábulas e contos que compõem o chamado mundo da fantasia. Esse interesse, recorrente através dos séculos, tem levado estudiosos de diferentes áreas do saber a debruçar-se sobre o legado de narrativas ancestrais, na tentativa de descobrir os motivos de sua permanência não apenas como apelo à imaginação e forma de entretenimento, mas também como transmissor de comportamentos e valores que as diferentes culturas desejavam preservar.

No início do século XVII, em plena corte francesa de Luiz XIV, deu-se a redescoberta das histórias que acompanharam o desenvolvimento da humani-

¹ Palestra apresentada em Natal, durante o 2º Seminário Potiguar Prazer em Ler, no ano de 2008. (Nota da Organizadora)

² Escritora, Mestre em Literatura Brasileira, é uma das fundadoras da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), organização que dirigiu por 16 anos. É membro do Conselho Curador da FNLIJ e membro honorário do International Board on Books for Young People (IBBY). Coordenou os projetos Ciranda de Livros, Viagem da Leitura e Nossa Biblioteca, da FNLIJ. É autora de vários livros, entre eles De Lobato a Bojunga – As Reinacões Renovadas (Agir, 1987).

dade, contadas ao pé do fogo indistintamente para adultos e crianças. Entre vários textos dessa época, dois nomes avultam pela importância de sua obra: Jean de La Fontaine e Charles Perrault. Nascido em 1621, La Fontaine viveu protegido pela nobreza, o que lhe permitiu dedicar-se inteiramente à criação literária, escolhendo as fábulas como seu gênero preferido. Escreveu narrativas alegóricas, geralmente em verso, das quais se extrai uma lição de moral, e criou gênero cujas raízes remontam à antiguidade greco-romana, com Esopo e Fedro. La Fontaine retomou histórias quase esquecidas desses mestres e popularizou-as.

Com espírito irreverente e poesia de alta qualidade, em linguagem de fácil compreensão, caracterizava em animais situações facilmente encontradas nas relações humanas, para mostrar seus vícios e virtudes. Assim denunciava as injustiças que ocorriam na vida da corte ou entre o povo, tornando-se amado pelas camadas mais pobres da sociedade ao mesmo tempo em que tinha seu talento reconhecido pela Academia Francesa. Sua obra desperta até hoje interesse e sucessivas traduções em todo o mundo ocidental.

Nascido em Paris em 1628, Charles Perrault, poeta, membro da Academia Francesa, advogado de prestígio na corte de Luiz XIV, e já famoso por seu envolvimento na “Querela dos antigos e modernos” — na qual defendeu a língua francesa como expressão literária, em oposição ao latim então valorizado —, volta-se para a arte popular em busca de renovação e publica, aos setenta anos de idade, o livro *Contos da mamãe Gansa* (*Contes de ma mère 1^o Oye*), reunindo oito histórias das mais populares na França, que inauguram o gênero chamado Literatura Infantil¹. O volume continha alguns dos mais conhecidos contos tradicionais: “A bela adormecida no bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “O gato de botas”, “As fadas”, “Cinderela” ou “A gata borralheira”, “Henrique do topete” e “O pequeno polegar”.

Recriação literária das histórias que ele próprio ouviu na infância, os seus contos, em linguagem poética, tecem uma atmosfera em que o humor e a fantasia estão sempre presentes e os heróis sobrepujam as dificuldades através de objetos mágicos enquanto documentam a situação social das classes populares. As narrativas revelam a concepção pedagógica do autor sobre a literatura destinada a crianças, através das moralidades, sempre em versos rimados, que insere ao final de cada conto.

Pouco depois, em 1704, Antoine Galland publica a versão francesa de *As mil e uma noites*, contos maravilhosos de origem árabe, que constituem um dos maiores tesouros da literatura universal e que, trazidas por mercadores e mari-

nheiros e espalhadas pelos contadores de histórias por todo o continente, desde a idade média, permeavam as narrativas populares na Europa. Essa primeira versão em língua ocidental excluiu os aspectos mais eróticos e violentos do texto sírio do século XIV, e é a mais difundida até nossos dias.

O interesse dos adultos pelos contos maravilhosos e pelos contos de fadas perdura até os fins do século XVIII à medida em que mulheres da nobreza dedicavam-se a publicar romances e contos inspirados na tradição. Os primeiros, de raízes orientais, tematizam a busca da riqueza, a conquista do poder, a realização individual na sociedade. Já o conto de fadas de raízes celtas expressa a realização interior do indivíduo, os rituais de passagem e seus obstáculos e a importância do amor como impulsionador da existência. Um século mais tarde, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos em Hanau, Alemanha, em 1785 e 1786, respectivamente, dedicavam-se a estudos filológicos e antropológicos para estabelecer a norma culta da língua alemã em meio aos muitos dialetos existentes. Escreveram uma gramática e um dicionário, obras monumentais, resultado de muito trabalho, persistência e erudição. Para tanto, ouviram narrativas ancestrais contadas por pessoas do povo e perceberam a sua importância, que ia muito além do mero entretenimento. Com base em tais histórias, publicaram em 1812 o volume *Contos para crianças e para o lar*, obra que lhes permitiu alcançar a fama universal e chegar à posteridade. Continuaram a pesquisa e escreveram 211 histórias recolhidas da tradição oral de camponeses, pastores e viajantes, que nas horas de folga seduziam seus ouvintes em volta das fogueiras e lareiras, com sonhos de um mundo melhor e mais justo.

O acervo da Literatura Infantil, hoje chamada clássica, completou-se já no início do romantismo, com a obra do dinamarquês Hans Christian Andersen. Com 168 contos publicados entre 1835 e 1877, ele se tomou um autor querido e festejado nos países europeus que os traduziram rapidamente e logo alcançaram todo o mundo ocidental. Ao utilizar elementos das narrativas tradicionais de seu país, Andersen introduziu em suas histórias questões ligadas à realidade social de seu tempo, denunciando as profundas desigualdades existentes em textos plenos de emoção. Pela importância de sua obra ele é hoje o Patrono da Literatura Infantil.

Como nos lembra Teresa Colomer, professora catalã estudiosa do tema, embora a literatura de tradição oral não fosse especialmente dirigida a crianças em sua origem, desde o início de sua fixação escrita houve vontade explícita de apelar a estes ouvintes. Os autores citados são exemplos disso. Foi precisamente seu extravasamento para essa nova audiência - a infância - que estabeleceu sua

presença no imaginário coletivo das sociedades contemporâneas. O folclore como forma literária está enraizado na literatura infantil.

Os estudos literários voltados para reflexão sobre o renascimento e o desenvolvimento da literatura para crianças tiveram início na Grã-Bretanha do século XIX com autores como Coleridge, Dickens, Tolkien, Chesterton e Stevenson. No século XX, surgiram estudos mais aprofundados, abordando os contos de fadas sob diferentes aspectos do conhecimento.

Já na década de 30, o psicólogo e filósofo suíço Carl Jung estabelece o conceito de inconsciente coletivo ao perceber que os mitos, as lendas e os contos de fadas têm origem nas camadas profundas do inconsciente comuns a todos os homens. Por isso, seus temas aparecem nos países e nas épocas mais distantes e diferentes, com pequenas variações.

Eles narram a experiência vital da cultura que os gerou e expressam suas crenças e sua maneira de pensar. Sua transmissão dá-se no momento mágico de “contar histórias”, assumido sistematicamente pelos homens e mulheres mais velhos em sua tarefa de transmitir o conhecimento. Os mitos pertencem à esfera do sagrado enquanto os arquétipos são as forças vitais que se manifestam na esfera do humano. Ambos expressam os processos do inconsciente através da linguagem simbólica, mediadora entre o espaço do imaginário e o espaço do real.

A importância dos contos de fadas na área da psicanálise foi evidenciada em obras como a de Bruno Bettelheim, que estudaram seu significado fundamental para crianças, depois de anos em que foram depreciadas pela pedagogia como descrição de um mundo arcaico, expressão de uma ideologia retrógrada e ainda por seus aspectos de violência. Em *A psicanálise dos contos de fadas*, Bettelheim (1978) trata de maneira clara e profunda dos significados dessas narrativas tradicionais, em nível do inconsciente, mostrando que elas ajudam a encontrar o sentido da existência e a alcançar a maturidade psicológica. Nelas as crianças captam lições implícitas de confiança em si próprias através da empatia estabelecida de início com o herói, na maior parte das vezes também criança. E ainda descobrem no universo simbólico ali exposto todos os conflitos humanos trabalhados pela fantasia, linguagem que lhes é particularmente adequada.

A obra de Bettelheim teve um efeito decisivo para a mudança de orientação dos pressupostos educativos sobre a Literatura Infantil, mostrando que os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento pessoal das crianças, bem como para o enriquecimento de sua imaginação. Eles ajudam na organi-

zação da vida interior e reforçam a crença de que crescendo e trabalhando duramente eles atingirão a maturidade e sairão vitoriosos.

As características positivas dessa análise levaram à enunciação de critérios para avaliação das obras para crianças: a simplicidade das situações descritas, a distinção clara entre o bem e o mal, a facilidade de identificação com o herói, o desenlace feliz da história e ainda a descoberta da potencialidade simbólica da linguagem.

A Literatura Infantil, tal como existe em nossos dias, nasceu da evolução dos contos de fadas, que substituíram os textos didáticos moralizantes escritos em épocas anteriores. Consideradas, historicamente, antecessoras do gênero negavam-lhes, no entanto, a qualidade do texto literário, que a fantasia dos contos tradicionais contribuiu decisivamente para acrescentar-lhes.

É Jung quem nos lembra em sua obra que o conhecimento científico diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se hoje isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua identificação emocional, inconsciente, com os fenômenos naturais. E esses fenômenos, por sua vez, perderam aos poucos suas implicações simbólicas - a profunda energia emocional que esta conexão alimentava. Esses símbolos, no entanto, permanecem através da pintura, da literatura e das religiões, representando conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente.

Assim os contos de fadas, longe de serem vistos como algo superado e de interesse apenas para a infância, estão sendo redescobertos como fonte de conhecimento já que a natureza humana permanece a mesma. Vemos na literatura a volta do "maravilhoso" sob as mais diversas formas, pois ao referir-se a sentimentos recônditos existentes em todos os homens, fá-lo de modo altamente poético. Convergem aí, ética e estética, busca permanente da cultura.

As edições dos contos tradicionais de Perrault, dos Grimm e de Andersen sucedem-se em volumes belamente ilustrados publicados nos mais diversos idiomas. Livros como *As brumas de Avalon*, *O senhor dos anéis* ou *Harry Potter* e mesmo o realismo mágico fazem extraordinário sucesso sem esquecer os filmes e as séries de TV neles inspirados.

Os contos de fadas ressurgem como paródias que subvertem as antigas mensagens de seus personagens tradicionais, substituindo-as por valores mais consentâneos à nossa época. Ou são fontes de inspiração para novas criações que utilizam os mesmos elementos e funções, em narrativas que já fazem uso das ferramentas da psicanálise. A ideia é simples: tomar elementos do conto tradicional e modificá-los. Assim os diversos temas contemporâneos são abor-

dados em textos nos quais a graça e a crítica são constantes. A linguagem coloquial e inventiva sublinha a ironia subjacente ou é poética quando a trama o exige, ao mesmo tempo em que está aberta às mais diversas interpretações.

A LITERATURA BRASILEIRA PARA CRIANÇAS E JOVENS; O PROJETO PEDAGÓGICO DE LOBATO E CECÍLIA

O livro *Contos da Carochinha*, do fluminense Figueiredo Pimentel publicado em 1896 pela Livraria Quaresma, é o marco inicial da produção editorial brasileira para crianças. O autor dedicou-se à tradução de contos clássicos europeus, mas acrescentou histórias recolhidas da tradição oral da nossa terra. A preocupação “educativa” do volume está explícita na dedicatória: “São histórias para crianças, mas todas têm um fundo moral, muito proveitoso, ensinando que a única felicidade está na virtude, e que a alegria só vem de uma vida honesta e serena”.

Já nos primeiros anos do século XX, a professora mineira Alexina de Magalhães Pinto, pioneira no uso da linguagem oral e outras formas de cultura popular na pedagogia, começa a publicar títulos sempre baseados em pesquisa realizada em todo o país, contendo histórias do folclore além de cantigas infantis, brinquedos, provérbios e danças populares.

Pela mesma época, destaca-se outro autor considerado pioneiro nesse gênero de literatura, o consagrado poeta Olavo Bilac. “Guardião das virtudes cívicas”, como o denomina a professora Mansa Lajolo, e educador, ele decide escrever para crianças livros que visavam, em primeiro lugar, transmitir conhecimentos e comportamentos exemplares, segundo os valores da ideologia dominante. Os objetivos moralizantes eram, à época, muito mais importantes do que os da Literatura enquanto Arte: deflagrar a emoção, o sentimento estético, o prazer, a fruição.

Apesar de seguir o mesmo caminho dos demais autores em sua viagem pedagógica, Bilac o faz com inegável talento. Usa a mesma retórica tradicional, mas a ela adiciona os recursos estilísticos que fizeram dele um poeta festejado por seus contemporâneos e que conferem à sua obra para crianças um valor que as diferencia das demais.

Com a publicação de *A menina do Narizinho arrebitado* em 1921, José Bento Monteiro Lobato inicia o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada a crianças e jovens. Sua obra foi um salto qualitativo comparada aos outros que o precederam, já que é permeada do ânimo de

debates sobre temas públicos contemporâneos, que o autor problematiza de modo a ser compreendido por crianças e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro, antecipatória do modernismo.

Desiludido com os adultos, acredita que só as crianças poderão modificar o mundo, tornando-as suas interlocutoras privilegiadas. Por isso, trata em sua obra de temas sérios e complexos que até então não eram considerados apropriados à infância, como: guerras, burocracia, ciência, petróleo. Os problemas são apresentados de maneira simples e clara, de modo adequado à compreensão do leitor. A simplicidade da linguagem, marcada pelo coloquialismo e por “brasileirismos” inovadores, visam tornar agradável a leitura.

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Seus textos estão cheios de citações e alusões que remetem a outros personagens, a outras épocas históricas e seus protagonistas. Ele foi um autor engajado, comprometido com os problemas do seu tempo. Tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças. A partir dele, no Brasil, a Literatura Infantil perde uma de suas principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, modelo de estruturas que devem ser reproduzidas. Passa a ser fonte de reflexão, questionamento e crítica.

A poeta carioca Cecília Meireles criadora do belo e nunca esquecido *Ou isto ou aquilo* (1964), um clássico da lírica infantil com seus versos nos quais as aliterações e rimas encantam crianças e adultos com a redescoberta da beleza das coisas simples, também tinha, como Lobato, um projeto pedagógico para a leitura literária.

Seu livro *Problemas da literatura infantil*, pioneiro no campo da teoria sobre o tema no Brasil e sempre reeditado, resultou de conferências pronunciadas a convite da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais em 1951, por ela refundidas e ampliadas visando a dar-lhes organicidade para publicação em livro.

Iniciando com um panorama histórico da literatura infantil, que remonta à tradição oral, estabelece comparações entre obras escritas especialmente para crianças e aquelas por elas “adotadas”, e chega a algumas conclusões de como deve ser um livro para agradar e ao mesmo tempo transmitir elementos formadores ao jovem leitor.

Vendo adiante do seu tempo, Cecília Meireles percebeu a importância da

biblioteca infantil como melhor meio para criação do hábito de leitura e, aplicando na prática suas ideias, criou, no Rio de Janeiro, a primeira biblioteca infantil, destruída na ditadura de Getúlio Vargas como tantas outras iniciativas culturais em nosso país.

A DÉCADA DE 70: SUA REVOLUÇÃO E CONTINUIDADE; REALISMO E FANTASIA; ÉTICA E ESTÉTICA

É na década de 1970, no entanto, que, por motivos diversos, dá-se uma renovação marcante da Literatura Infantil e Juvenil, com o aparecimento de autores que, voltando às raízes lobatianas, têm produzido obras que, sem perder de vista o lúdico, o imaginário, o humor, a linguagem inovadora e poética, tematizam os atuais problemas do país, levando o pequeno e o jovem leitor à reflexão e à crítica.

Como assinalou o autor inglês A. Chambers em texto de 1982, estes autores trabalham usando como instrumentos as profundas transformações ocorridas na área do conhecimento científico no século XX sobre o conceito e a visão do homem.

A primeira dessas grandes transformações derivou da teoria de Einstein, sobre a relatividade, que revolucionou todas as noções filosóficas e físicas sobre espaço e tempo. A partir da ideia de relatividade, o conceito de narrativa - o que aconteceu?, a quem aconteceu?, por que aconteceu? - incorpora alguns elementos novos: onde aconteceu? quando? E principalmente, visto por quem? Está aberto aí o campo para os diferentes pontos de vista expressos numa narrativa, uma das características da moderna literatura, o momento histórico e o lugar onde se encontra o autor importam tanto a partir daí quanto o momento e o local onde se desenrolam os acontecimentos narrados. Não se pode hoje analisar um texto sem levar em conta esses dados. Por outro lado, sabemos que a história é contada pelo autor que a escreve, mas também pelo personagem que narra e pelo próprio leitor, pois ele também dela participa.

A significação que atribuímos a um texto modifica-se quando voltamos a lê-lo. Essa pluralidade de interpretações é hoje uma das características principais da linguagem literária. O uso de tempos diferentes numa mesma narrativa pode torná-la mais densa e interessante do que a sequência lógica dos acontecimentos como faziam os clássicos. O herói moderno, com suas características de anti-herói, é outra aplicação da teoria da relatividade. Vemos, pois, como ela interfere na narrativa, através dos múltiplos narradores, da simultaneidade de

pontos de vista e da multipresença do tempo.

Outra grande transformação e decorrente já da teoria de Einstein é a aventura espacial. As viagens à lua e demais incursões do homem fora da órbita terrestre, evidentemente, influenciaram a compreensão do homem de si mesmo e das possibilidades futuras de vida extraterrena. Ninguém pode escrever histórias, hoje, sem levar em conta que o homem não está mais preso aos limites da Terra. Cada vez mais estamos integrados ao universo, temos plena consciência de que vivemos numa pequena partícula dele, de que não somos os senhores da criação, nem o centro da natureza. Podemos imaginar o homem deixando este planeta em busca de outras moradas.

Essa noção dos limites do homem - e agora abordando seus limites internos - foi modificada, também no século XX, por outro grande homem, Sigmund Freud. A teoria psicanalítica possibilita-nos a exploração consciente de nosso espaço interior e muitos autores aventuram-se nessa viagem em profundidade. Permite-nos ainda a compreensão dos contos tradicionais e dos mitos folclóricos. O marxismo, com sua visão econômica da história e a ênfase na luta de classes, na justiça social, influencia decisivamente o pensamento neste século, e, portanto, também a literatura.

Outra modificação deste século diz respeito à evolução dos costumes, especialmente dos padrões sexuais. Nenhum escritor pode ignorar, hoje, o fato de masculino e feminino conviverem em cada ser humano e que a preponderância de um e de outro define o gênero. Aqui também a relatividade está presente. Na literatura destinada a crianças, essas modificações são ainda mais claras, pois o gênero, antigamente, distinguia a literatura para meninos e a literatura para meninas. As boas histórias hoje interessam a ambos os sexos.

A importância cada vez maior da ilustração nos livros para as crianças é outro tema importante para o olhar crítico desse gênero de literatura. O aparecimento do livro "sem texto" ou "de imagem" que no Brasil deu-se com *Ida e volta*, de Juarez Machado em 1976, a que Eva Furnari deu continuidade com sua deliciosa "bruxinha", seguida por vários ilustradores, proporcionou a "leitura" direta da narrativa (ou linguagem pictórica). Por outro lado, tornou-se mais valorizada a qualidade do desenho e sua inter-relação com o texto que aborda, já que lhe permite ser mais complexo pois pode colaborar, através da imagem, para sua compreensão.

Os meios audiovisuais de comunicação seriam outra das grandes influências sofridas pela literatura. O cinema, a história em quadrinhos e a televisão são responsáveis por algumas importantes modificações nos textos literários.

Basta lembrar a predominância do diálogo sobre as descrições, os capítulos curtos, a rapidez e a predominância da ação, a linguagem coloquial, os cortes abruptos. Na literatura infantil, a imagem tem importância cada vez maior e muitas vezes há interação texto-imagem, própria dos quadrinhos. O videotexto já é uma realidade e ainda não sabemos que perspectivas abrem para o escritor. Outro aspecto, ainda, a ser considerado com relação à tevê: ela acabou com a divisão adulto criança. Estas assistem tranquilamente aos programas destinados, teoricamente, a adultos. Esse fato, sem dúvida, altera o gosto e a compreensão infantis, modificando o conceito de faixa etária e, conseqüentemente, dos textos para elas escritos.

Na Literatura Brasileira contemporânea destinada a crianças e jovens, encontramos muitos títulos que se poderiam classificar como realistas, ou seja, obras que buscam dar uma imagem exata da natureza e dos homens, pela anotação dos pormenores comuns da existência e da reprodução da linguagem coloquial. Como escola o realismo surgiu em reação aos excessos de lirismo do romantismo e teve em Balzac e Flaubert seus expoentes. No Brasil, encontram-se traços no romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, de 1855, mas não se constituiu como movimento, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado em 1888, aprofunda a tendência que muitos críticos veem continuada na obra de Machado de Assis.

Essa representação da realidade surge na literatura infantil brasileira em *Cazuza*, de Viriato Correia, datado de 1928, que narra a vida de um garoto desde os bancos escolares no interior do Rio Grande do Norte, numa denúncia dos métodos educacionais da época. Há na obra a influência iluminista na medida em que o autor vê na educação a possibilidade da ascensão social.

Nessa linha, podemos citar *Cabra das rocas* (1966), de Homero Homem, *Justino, o retirante* (1970), de Odete Barros Mott (que incorpora a seca nordestina aos temas tratados pela moderna literatura para jovens), as obras de Carlos Marigny, *Lando das ruas* (1975), *Detetives por acaso* (1976), e de Eliane Ganem, *Coisas de menino*.

Nos fins dos anos de 1970, surgem, com a Coleção do Pinto, da Editora Comunicação de Belo Horizonte, obras filiadas à corrente naturalista que teve no francês Emile Zola seu teórico e praticante mais famoso. Aqui, Aluísio de Azevedo se tornar-se-ia a figura mais importante do movimento que trataria das faces mais escondidas da realidade, como em *O mulato*, de 1881, e *O cortiço*.

Essa tendência realista, que aparece na literatura “para adultos” da mesma época, tem também um sentido político e ideológico na medida em

que denuncia as questões mais prementes de uma sociedade que se torna urbana e que apresenta terríveis desigualdades econômicas e culturais. A linguagem coloquial é cada vez mais assumida e tem a gíria urbana como importante componente, já que integra personagens das camadas mais pobres da sociedade. A criança, enquanto leitora, é chamada a vivenciar os problemas que envolvem também os adultos e que, problematizados pela literatura, podem, muitas vezes, possibilitar a construção de respostas pessoais aos conflitos vividos, abrindo perspectivas diversas para a existência coletiva.

Outra linha seguida por alguns dos nossos melhores autores é aquela em que a fantasia e a realidade se interpenetram na discussão de temas relevantes, como é o caso de Ruth Rocha com *O reizinho mandão* (1978) e os dois outros títulos da chamada "Trilogia dos reis", que abordam o autoritarismo, escritos em plena ditadura. É o caso também de um trabalho anterior realizado por um dos nossos principais ilustradores, Eliardo França, com o premiado *Rei de quase tudo*, de 1974. Nessas obras, como em *História meio ao contrário* (1978), de Ana Maria Machado, os elementos dos contos de fadas são decompostos e reconstruídos, invertendo-se as relações do poder.

Ainda em relação aos contos de fadas, temos a obra de Marina Colassanti, inaugurada pelo belo *Uma ideia toda azul*, de 1979. Nela encontramos muito presente a influência do conhecimento psicanalítico, enriquecendo e atualizando o gênero.

A fantasia iluminadora da realidade está presente em toda a obra de Lygia Bojunga Nunes, de quem o júri que lhe concedeu o Prêmio Hans Christian Andersen, em 1982, afirmou: "A riqueza de suas metáforas é espantosa, bem como seu domínio técnico na elaboração da narrativa e na perfeita fusão do individual e do social. Ainda que profundamente fiel às fontes brasileiras, tem ressonância universal. Vai ser um clássico mundial."

A revalorização da cultura popular, a busca das origens através da tradição oral - uma das vertentes do modernismo - é retomada na década de 1970. Surgem Ziraldo, com sua *Turma do Pererê* (72-73), que realiza a simbiose de traço e palavra através da linguagem dos quadrinhos, trazendo a problemática rural para este moderno meio de comunicação de massa. Joel Rufino dos Santos, em muitos de seus livros, reelabora contos folclóricos ou se inspira nessa matéria para criar obras originais. A redescoberta do indígena, agora não mais idealizado como no período romântico, mas visto como marginalizado na sociedade moderna, dá-se em *Apenas um Curumim*, de Werner Zotz e na obra de Antônio Hohfeldt, entre outros.

O humor como instrumento de desmistificação e reflexão crítica sobre dados do contexto histórico e social perpassa toda a obra de Sylvia Orthof e João Carlos Marinho, sem esquecer a precursora do gênero Edy Lima com sua série *A vaca voadora*, enquanto Bartolomeu Campos de Queirós e Luiz Raul Machado preferem a prosa poética com sua ambiguidade, para estimular a imaginação criadora do leitor, ao tratar temas intimistas.

A qualidade do desenho volta a crescer nessa fase. Criado o prêmio Instituto Nacional do Livro, Gian Calvi ganha-o, ilustrando o texto de *Os colegas*, de Lygia Bojunga Nunes, que vencera a fase inicial do concurso, em 1972. Ele e Regina Yolanda seriam os primeiros artistas plásticos a pensar a questão da ilustração, publicando inúmeros artigos no Boletim Informativo, da FNLIJ. Pouco mais tarde, surge Rui de Oliveira, que, como Eliardo França, continua a produzir hoje, renovando-se em cada nova obra.

A dramaturgia para crianças também deu um grande salto de qualidade com Maria Clara Machado e seu grupo O Tablado, fundado em 1951. A originalidade temática, a graça da linguagem, o capricho da encenação foram lições que influenciaram as gerações posteriores. Sua obra tem em *Pluft, o fantasminha* e *O cavalinho azul* seu ponto mais alto.

Na poesia destacam-se a sensibilidade, o lirismo e a exploração lúdica da língua que marcam as obras daqueles que se dedicaram a escrever para o público infantil, desde os pioneiros Cecília Meireles com *Ou isto ou aquilo*, de 1964, e Vinícius de Moraes com *Arca de Noé*, de 1971, até Roseana Murray, Sérgio Caparelli, Elias José e José Paulo Paes com numerosos títulos que encantam adultos e crianças.

Nessa rápida visão da literatura brasileira para crianças e jovens, vimos que as lições dos pioneiros, principalmente de Monteiro Lobato, foram absorvidas por alguns autores contemporâneos que levaram adiante suas propostas mais ousadas. Desde a década de 1970, a criança tornou-se protagonista das narrativas; ela rompe padrões de comportamento e carrega a bandeira da esperança por uma sociedade melhor e mais justa.

O maravilhoso e a fantasia estão presentes e em perfeita fusão com a realidade, os temas apresentados são muitos e o que importa é a forma de abordá-los. A linguagem, marcadamente coloquial, faz uso dos jogos de palavras, das aliterações, dos neologismos, é simples e bem humorada. As estruturas narrativas diferenciadas é outro dado enriquecedor. Podemos encontrar a história dentro da história, diversos pontos de vista sobre um mesmo fato, citação de outras narrativas ou de seus protagonistas, enfim, todas as técnicas

metalinguísticas da literatura contemporânea.

Vemos também com satisfação que os escritores citados continuam trabalhando e são hoje conhecidos não apenas no Brasil, mas traduzidos em diversos idiomas.

Por outro lado, valores mais recentes se firmam como Nilma Lacerda, Léo Cunha, Luciana Sandroni, Rosa Amanda Strausz, Luiz Antônio Aguiar, e outros surgem a cada ano, além dos muitos ilustradores talentosos e editoras que produzem livros cada vez mais bonitos. Há ainda de verdadeiramente novo os livros escritos por índios, mostrando sua cultura, seus mitos, sua visão de mundo. Destaca-se entre eles o premiado Daniel Munduruku.

O desejo de alcançar o belo através da palavra escrita tem marcado a literatura através dos séculos, tornando-se uma das suas características essenciais: a preocupação estética. Ocorre que as mudanças sociais e políticas por que passa a humanidade trazem com elas novas formas de pensamento e sensibilidade, modificando o conceito de beleza pelos tempos afora. Permanece o fato de que a literatura ajuda-nos a descobrir a multiplicidade dos sentimentos humanos e as transformações pelas quais passamos em toda a vida.

Sem medo de errar, podemos dizer que em nosso país não existem diferenças, do ponto de vista estético, entre a obra literária destinada a adultos e aquela escrita para crianças e jovens.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



ORGANIZAÇÃO DO ACERVO

INFANTIL

JUVENIL

INFANTIL - JUVENIL

LITERATURA DE CORDÃO

QUADRINHOS

ADULTO

POESIA

O papel da ilustração em um livro

Angela Lago¹

Para entendermos o papel da ilustração em um livro, convém que nos detenhamos na linguagem visual.

Existe uma gramática visual, da qual nos apoderamos intuitivamente. A base dessa gramática ou linguagem são arquétipos e construções visuais que funcionam como símbolos. Um exemplo bem simples: um círculo com raios é o sol. Dependendo da maneira como o sol for conjugado, poderá ser entendido como luz, calor, o rei, o olho de um deus, uma carta de sucesso no tarô ou simplesmente a previsão do tempo para amanhã: sol sem nuvens.

No meu livro “Muito capeta” o sol substitui o relógio enfadonho num momento de glória. Em “O bicho folharal” ele muda de cor quando muda o dia. Marca o tempo e ajuda-me a contar a história.

No desenho, como na poesia, falamos por metáforas. Somamos as imagens arquetípicas e ainda nossos recursos de uso da linha e da cor.

O ESPAÇO BIDIMENSIONAL



¹ Desde 1980, escreve e desenha livros para criança. Recebeu em diversas ocasiões o prêmio *Jabuti* e o prêmio *FNLIJ*, além de prêmios internacionais, como *Octogone de Fonte*, *Prêmio Iberoamericano de Ilustración* e *BIB Plaque*. Entre seus livros, destacamos *Cena de Rua*, Editora RHJ e *Tampinha*, Editora Moderna; Seu trabalho tem sido publicado fora do Brasil pela *Seuil Jeunesse*, Paris; *Abhrams Press*, New York; *Gakken*, Tokyo; *Ekaré*, Caracas, entre outras editoras. Mantém um site para crianças, onde apresenta suas pesquisas para as novas mídias: www.angela-lago.com.br. Angela Lago preparou esta palestra para o 2º Seminário Potiguar Prazer em Ler, realizado em 2008. (Nota da Organizadora)

O espaço bidimensional da folha de papel, onde o desenho acontece, é um espaço de representação. Nele, nada tem concretude. Posso, inclusive, construir imagens que, de outra forma, seriam impossíveis. No papel, tudo é ficção. A perspectiva renascentista, tão bem capturada pela técnica fotográfica, é uma das maneiras possíveis de representar a terceira dimensão, mas não é a única.

Em 1990, quis desenhar um livro sobre a ilusão amorosa e, por isso, tratei de acentuar o aspecto ilusório da terceira dimensão na folha de papel. A partir do trabalho de Esher e dos estudos sobre percepção visual, desenhei um livro que pode ser lido de cabeça para baixo, portanto de trás para a frente, e ainda assim fazer sentido. Nele, o espelho e o degrau da escada são, ao mesmo tempo, espelho e degrau. Os pilares contam-se em diferentes números, dependendo de como olhamos. Ou temos uma pilastra impossível, unindo dois lances de um mesmo nível. Nesse livro, conto a eterna história de jovens que se buscam e afastam-se e voltam a buscar-se. De cada lado do livro, a história é contada por um dos personagens.

Num desenho de criança, um amigo saúda o outro do lado inverso da rua. A intenção é a mesma que a minha. A criança simplesmente virou a folha de papel para desenhar o amigo do outro lado. Que eficiência!

Estou cada vez mais interessada nos desenhos de crianças, que sempre me ensinam uma maneira mais contundente do que as que venho usando nas minhas narrativas visuais. Com as crianças, tento também aprender a liberar meu traço, os ângulos de visão e as proporções entre objetos e pessoas. E a ter frescor para inventar novas metáforas.

O NARRADOR VISUAL



Estamos bastante acostumados com textos em que os narradores se revezam para contar a história. Usei essa técnica em “Cântico dos cânticos”.

Posso também ter o olhar onipresente e onisciente do narrador de contos de fada, que sabe tudo o que acontece no reino do “era uma vez”. Foi a perspectiva que escolhi no livro “Juan Felizario contente”. Coloquei minha câmera nas nuvens e nelas deslizei para acompanhar a viagem de Juan. Não me preocupei com proporções. Os objetos e personagens são maiores ou menores de acordo com a sua importância na narração e a necessidade de serem vistos.

Já no livro “A banguelinha”, o dono do apartamento do segundo andar é quem conta a história. O tremor do traço justifica-se: é um senhor idoso. O leitor tem acesso ao texto que ele datilografa e onde faz anotações. Vê os outros personagens na perspectiva do narrador, a quem a síndica parece, certamente, uma bruxa.

Mas quem é o narrador visual nas “Sete histórias” para sacudir o esqueleto? Já não se trata mais do tremor do velho que vimos em “A banguelinha”. Aqui é o tremor de alguém horrorizado: é a representação do próprio leitor que, assombrado, vira as páginas com medo. Talvez vocês achem que extrapolo e que se trata apenas do meu próprio desenho, mais trêmulo com a idade.

O OBJETO TRIDIMENSIONAL



Não quero polemizar, apenas quero que vocês acreditem que o leitor é coautor, pelo simples fato de virar a página. É que a composição dos desenhos bidimensionais do livro prevê a terceira dimensão desse objeto. Assim, ao movimentar a página em diferentes ângulos de leitura, o receptor acentua a composição do desenho. Com a página em movimento, a intromissão da síndica, passando de uma página a outra, torna-se bem mais evidente.

O TEMPO DA NARRATIVA VISUAL



Mas o herói de todas as histórias, inclusive da nossa história pessoal, é o tempo. O tempo é a quarta dimensão, sem a qual nenhuma narrativa é possível.

Para o criador de livros de imagens, a representação da passagem do tempo é semelhante à do diretor de cinema. A passagem de página é um corte na montagem. Os momentos diferentes são divididos através das páginas.

Isso, hoje, é tão comum que, de certa forma, estranhamos os desenhos de artistas e de crianças que representam diferentes momentos, repetindo o personagem em diferentes situações na mesma folha de papel. Só nos sentimos à vontade com esse procedimento se as diferentes situações aparecem em quadros dispostos para uma leitura linear, como nos *comics*.

O tempo da narrativa, estipulado pela passagem das páginas, imporá algum ritmo ao leitor. Num livro de terror convém que nos alonguemos no terror.

Da mesma forma, para acentuar um momento monótono, podemos incluir uma página sem acontecimentos ou textos.

Em geral, tentamos imprimir um ritmo ágil e inteligente, que, ao mesmo tempo, permita o entendimento da sequência narrativa.

METÁFORA



De qualquer forma, queremos a participação do receptor ou narrador. Dificuldades ou complexidades criarão respostas mais ricas. Talvez seja por isso que usamos metáforas na fala e no desenho. Precisamos de um estranhamento para que haja uma revelação.

A anamorfose seria um exemplo extremo da participação ativa do receptor. No quadro “Os embaixadores”, de Hans Holbein (National Gallery, Londres), vemos e não vemos um estranho objeto colocado perpendicularmente no tapete. Para que ele se revele, precisamos fazer certo esforço visual, mudar o ângulo do olhar. Quando, afinal, entendemos que temos ali a figura da morte, representada por um crânio, voltamos à imagem dos homens poderosos com outro olhar. É comum a figura da caveira em imagens dessa época. Mas aqui o fato de ela ter de ser adivinhada, captada pelo observador, dá-lhe uma estranha força.

Vejam os exemplos mais simples: a metáfora visual de atribuir a um objeto a cor de outro. Meus gatos são verdes porque seus movimentos são líquidos, aquáticos. Ou trata-se de uma metonímia e a cor dos olhos do gato expande-se para toda a figura. Não importa. Traços e cores criam metáforas nem sempre desvendadas de uma única e consistente maneira.

Um outro exemplo: a técnica escolhida para um livro pode ser por si uma metáfora. No livro “A raça perfeita”, que conta uma história de manipulação genética, a técnica é a da manipulação fotográfica. Com a escolha de uma técnica, quase sempre abrimos uma porta de leitura para o livro.



Esta série de folhetos de Literatura de Cordel é um produto do projeto "Luzes da Cordel: Mãos na Palavra", implementado na Escola Estadual Hegésippo Reis, em Natal, pela Organização não-governamental Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), em parceria com o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), através do Programa Mãos na Cultura e com o Instituto CEA, por meio do Programa Prazer em Ler. O projeto tem por objetivo contribuir para a formação do leitor de literatura e a proposta do site "Histórias Contadas" é preservar, entre as crianças, esta modalidade literária, atingindo a cultura tradicional.

Os textos e ilustrações dos cinco folhetos, produzidos em conjunto com a série foram elaborados durante o mês de setembro de 2018, envolvendo 12 oficinas, realizadas no contraturno escolar, utilizando-se narrativas mais marcantes, oriundas por famílias, vizinhos e profissionais criativos-artistas. Compõem o texto com a pesquisa, com a leitura, escrita e ilustração de cada história, com a ajuda de outras pessoas, com a participação de todos os envolvidos. É com satisfação que tivemos a oportunidade de publicar estes folhetos em Natal, alguns exemplares da série "Histórias Contadas" para que possam a compor os seus acervos.



Folhetos de Literatura de Cordel produzidos na Escola Estadual Hegésippo Reis

Cultura popular, literatura e padrões culturais¹

Ricardo Azevedo²

Para tratar das relações entre cultura popular e literatura, creio que seja necessário considerar, mesmo que de forma bastante esquemática, a existência de pelo menos dois modelos culturais: o popular e tradicional e o oficial, moderno e escolarizado. Ambos correspondem a maneiras entrelaçadas, por vezes bastante divergentes, de enxergar a vida e o mundo. O primeiro, em resumo, seria enraizado, por exemplo, na valorização de sistemas hierárquicos assim como na cultura oral e suas implicações. O segundo, na valorização do individualismo assim como na cultura escrita e suas implicações. Cada um desses modelos culturais tem gerado discursos construídos a partir de diferentes padrões sociais, éticos e estéticos. O artigo tenta apontar algumas dessas inúmeras e complexas diferenças e suas consequências na construção dos discursos.

Sociedades são organizações humanas complexas e diversificadas. Quanto maiores, maiores as chances de existirem em seu seio diferentes modos de apreensão da vida e do mundo.

Creio que para falar em cultura popular, considerando o Brasil, é preciso pensar, mesmo que seja de forma bastante esquemática, na existência de dois sistemas de conhecimento, atuando de forma mais ou menos dialógica, um influenciando o outro, embora isso ocorra em graus diferentes.

A realidade, entretanto, é algo inefável, mutante e multifacetado que ultrapassa qualquer binarismo. O que se propõe aqui é um modelo geral e esquemático para pensar sobre um assunto denso e multifacetado. Espero que, mesmo sendo precário, ele possa ser útil.

Falei em sistemas de conhecimento e isso implica hábitos mentais e padrões sociais, éticos e estéticos.

Vamos chamar um desses sistemas de “cultura oficial”, aquela represen-

¹ Artigo escrito a partir da palestra “Cultura popular, literatura e formação de leitores” dada no Seminário Potiguar Prazer de Ler 2008 - Leitura literária: um direito da criança, promovido pelo Instituto C&A, Secretaria de Estado da Educação e da Cultura e Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), Natal, RN, 25 de setembro de 2008.

² Escritor e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

tada pelo poder político e pelas elites culturais e econômicas, cultura cujos padrões, conteúdos e valores estão organizados de forma relativamente sistemática, formatada e esquematizada. Seus paradigmas são transmitidos por escolas e universidades, por livros, métodos e teorias, assim como pela mídia, jornais, revistas, televisão, publicidade etc. Em princípio, esse conhecimento depende diretamente da cultura escrita.

Apesar de sua grande diversidade, tal sistema apresenta certa homogeneidade. Por exemplo, os programas educativos, independentemente de graus, são coordenados por ministérios, secretarias estaduais e municipais e tendem a ser os mesmos no Brasil inteiro. Esses programas podem ser considerados homogêneos também por outra razão: são baseados em informações fixadas por texto.

Por outro lado, a televisão veicula mais ou menos o mesmo conjunto de valores, discursos, linguagens e modas por todos os cantos do país. O mesmo ocorre com os produtos industriais divulgados pela propaganda e suas mensagens que, no geral, obedecem aos mesmos princípios e, é bom lembrar, implicam uma bem determinada forma de pensar e enxergar a vida e o mundo.

Vamos chamar o outro sistema de conhecimento de “cultura popular”. Tal sistema reúne um conjunto imenso de manifestações e existe paralelamente à cultura oficial. Porém, ao contrário desta, desenvolve-se de forma caótica, espontânea e não programada, sendo construído no dia a dia da vida cotidiana. A cultura popular é diversificada, heterogênea e heterodoxa e apresenta as mais variadas facetas e graduações nas diferentes regiões do país. Pode-se dizer que sua produção costuma ser expressão de cada contexto onde se desenvolve. Melhor seria tratá-la no plural: culturas populares.

Falo de forma bastante esquemática e os problemas são muitos. Por exemplo: o que é “popular”? Afinal, como sabemos, todo mundo pertence ao povo. Ricos e pobres, alfabetizados e analfabetos, patrões e empregados, doutores e gente que mal e mal concluiu o primeiro grau, todos são representantes do povo brasileiro.

Mesmo assim, é preciso reconhecer, algumas pessoas parecem ser mais do povo do que outras. Não à toa, existem expressões como grã-fino, ricaço, bacana, colarinho branco e tubarão. E expressões como povão, galera, ralé, populacho e zé povinho. Quem é o zé povinho?

São, obviamente, as pessoas de classes baixas, as populações rurais que ainda restam, as camadas empobrecidas das periferias urbanas ou as classes operárias de baixo poder aquisitivo. Em suma, são os pobres dos grandes cen-

tros e a maioria dos homens do campo.

Não é preciso fazer uma pesquisa para dizer que essa imensa camada da população está muito mais mergulhada em uma cultura não oficial e espontânea, uma cultura popular, do que no sistema de conhecimento oficial, particularmente no que diz respeito à escola, até porque boa parte dela passou muito pouco ou nem passou pelos bancos escolares.

Não sou estatístico, mas talvez cerca de 130 milhões de brasileiros (75% da população) sejam incapazes de utilizar a leitura e a escrita em benefício próprio. Refiro-me a ler jornais, revistas, bulas de remédio, manuais técnicos e contratos. Refiro-me à incapacidade de enviar uma mensagem importante por escrito. Refiro-me a compreender o que dizem os locutores dos jornais televisivos cheios de jargões, abstrações, termos técnicos e estatísticas. Nesse sentido, pode-se associar a noção de “popular” tanto a “baixo poder econômico” como a “baixo grau de instrução”. Mas isso também é discutível.

Acontece que, por outro lado e para complicar, é possível, no Brasil, pensar em pessoas de nível universitário, pertencentes às classes médias e altas [20% da população?], com poder econômico, acesso ao conhecimento de ponta em todos os níveis e, mesmo assim, por razões familiares e outras, serem vinculadas a hábitos mentais populares, se pensarmos em valores, princípios e estilos de vida, ou seja, determinados padrões sociais, éticos e estéticos.

O que interessa aqui? Ressaltar que, no geral, a cultura popular não é a mesma cultura da escola, do saber sistemático, erudito, científico, técnico e impessoal, transmitido por professores e livros didáticos ou universitários.

Aliás, quando vista como conhecimento, a cultura do povo costuma ser desprezada pelo modelo oficial.

Mas como explicar as obras de João Guimarães Rosa, José Candido de Carvalho, Manoel de Barros, Ariano Suassuna, Heitor Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Heckel Tavares, Guerra Peixe, Radamés Gnattali, Antonio Carlos Jobim, Moacir Santos, Baden Powell, Egberto Gismonti, Chico Buarque, Edu Lobo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Antônio Nóbrega, Tarsila do Amaral, Volpi, Portinari, Aldemir Martins, Helio Oiticica, Siron Franco, Gilvan Samico e tantos outros? Como seriam as obras desses grandes artistas se delas fossem retirados os traços populares?

Surge a questão: afinal, que conjunto de procedimentos, técnicas, imagens e linguagens populares foram apropriados, mesmo que em graus diferentes, por esses artistas considerados “cultos”? Embora não sistematizado em programas, livros, métodos e compêndios, esse conjunto corresponde, sim, ao que chamamos de conhecimento.

Infelizmente, como disse Eric A Havelock, “tornou-se moda nos países industrializados considerar as culturas não-letradas como não—culturas”. Havelock adverte que uma cultura oral “merece ser considerada e estudada nos seus próprios termos. E referindo-se à literatura, acrescenta que ela “...escapará à nossa compreensão enquanto efetuarmos a sua crítica exclusivamente de acordo com as regras da composição letrada.” (HAVELOCK, 1996, p.101 e p.190.)

Dou um exemplo. O improviso é procedimento conhecido e tradicional, utilizado recorrentemente nas artes do povo e até na vida popular. Basta lembrar gambiarras com o fornecimento de luz, a arquitetura dos favelados, etc. Tento dizer que, até por razões de sobrevivência, o “quebra galho”, o “jeitinho”, as “mutretas” e a criatividade, ou seja, o improviso, são marcas constantes da vida popular.

É preciso lembrar, pensando em arte, que o improviso representa um recurso, uma espécie de método, uma forma construtiva, é um procedimento e pode ser ensinado. Aliás, é aprendido pelo jovem artista popular que observa e imita o repentista e versejador mais velho e experiente. Tal recurso, humano e muito expressivo, tende a ser ignorado e simplesmente desaparecer do modelo de conhecimento oficial. Nunca ouvi falar de uma escola que abordasse programaticamente o recurso do improviso. É uma pena e uma perda!

Outro aspecto relevante para a compreensão das culturas do povo é seu claro e profundo vínculo com a oralidade.

Sabemos que boa parte das manifestações populares e do conhecimento do povo é marcada pela transmissão feita boca a boca, de modo informal, de forma espontânea, na base do “quem conta um conto aumenta um ponto”. Mas quais as implicações de tudo isso nos discursos?

Vamos pensar num recado escrito. Alguém precisa transmitir um recado importante. Se o mesmo for enviado por escrito, seu autor estará livre e independente da situação face a face e de um contexto determinado, concreto e situado. Note-se que, por estar fixado, o discurso escrito pode atravessar o tempo. Isso significa que é possível ler o recado de alguém que já morreu faz tempo. Por não estar diante do leitor, quem manda a mensagem deverá construir um discurso necessariamente mais complexo, afinal, precisará estruturar o texto numa certa ordem para que sua argumentação fique transparente, esclareça os pontos essenciais e entre em detalhes de forma que o que se quis dizer esteja representado no texto. Em outras palavras, para funcionar, tal recado precisa prever certas perguntas de seu eventual leitor.

Além disso, no recado escrito, o autor pode também, se quiser, ser original, recorrer a artifícios de linguagem, inventar palavras novas, arriscar-se a

ambiguidades, criar imagens inusitadas, experimentar jogos sintáticos, parodiar, estilizar, fazer citações ou ilações e, ainda, optar pela sobreposição dos códigos verbal e visual, uma vez que o texto está escrito e fixado num suporte como papel ou outro. Seu autor pode também abordar temas obscuros de seu exclusivo interesse pessoal. Pode ainda ser, por exemplo, propositalmente agressivo, até porque não há qualquer perigo de revide.

Num recado assim, pode ser indiferente para seu autor se a mensagem será compreendida ou não. É possível até imaginar que ela seja incompreensível, ambígua, obscura e hermética de propósito ou programaticamente. Todas essas atitudes e recursos são possíveis porque, no texto escrito, o leitor poderá ler e reler várias vezes, consultar dicionários, pedir a opinião de outras pessoas, refletir sobre o que leu e, assim, construir sua interpretação.

É importante notar, mais uma vez, que, ao escrever, todo autor conta automática e necessariamente com uma “interpretação”, mesmo que em graus diferentes. Basta comparar os textos “A água ferve a 100 graus” e “Os cavalos da aurora derrubando pianos/avançam furiosamente pelas portas da noite” (“Poema barroco” de Murilo Mendes). O preço da comunicação clara na mensagem por escrito é a impessoalidade, como se vê no primeiro exemplo.

Enfim, é preciso lembrar que todo texto escrito, mesmo quando preocupado com o virtual leitor, é obrigatoriamente um solilóquio, ou seja, nele o orador sempre está falando sozinho.

Vamos agora pensar num recado falado. Nesse caso, o autor precisa ser claro e direto pois vê-se diante de um ouvinte, uma pessoa de carne e osso, concreta e situada. Sendo assim suas estratégias são necessariamente outras.

Não costuma fazer sentido, num discurso falado, numa comunicação face a face, a utilização de um vocabulário complicado ou falar uma coisa para dizer outra. Também não parece ser a melhor estratégia, num discurso de viva voz, entrar em muitos detalhes, pois isso seria confuso e cansativo. Não convem, ainda, abordar assuntos por meio de pontos de vista demasiadamente singulares ou complexos. Também não é aconselhável partir para as citações. É melhor evitar falar em outras línguas. É melhor fugir de sintaxes pouco usuais. É arriscado inventar palavras ou recorrer a imagens e metáforas obscuras ou pessoais demais.

Se o autor de um recado de viva voz for agressivo e xingar o ouvinte vai correr o risco de levar uma surra.

Salvo em certas cerimônias religiosas, que implicam desejos e crenças por parte de seus fiéis, são desconhecidos recados de viva voz dados por gente morta.

Abro parênteses: todos nós, religiosos e ateus, letrados e iletrados, mo-

ernos e tradicionais, somos movidos pelos mais variados desejos e crenças.

Volto aos discursos. Em suma, o discurso escrito e o discurso oral obedecem a modelos construtivos diferentes, têm objetivos diferentes e exigem estratégias diferentes.

No contato direto, o que eu quero dizer e o que eu digo costumam estar sobrepostos. Se isso não ocorrer, provavelmente não vou ser compreendido e alguém logo vai gritar: “Péra aí, não entendi o que você disse!”. Há exceções, os atos de fala indiretos, mas isso é outra história que não cabe discutir aqui (C.f. SEARLE, John R, 2002).

Se há uma característica fundamental do discurso popular, creio, é o fato de ele, em princípio, ser criado e construído, tanto faz se oralmente por um poeta analfabeto, ou por meio da escrita, no caso de um poeta alfabetizado, tendo como pressuposto e substrato a comunicação oral, ou seja, a situação da comunicação feita pessoalmente e suas implicações, algumas delas descritas acima.

Quero dizer que há textos escritos que se assumem como o que são: mensagens escritas. Nelas, o escritor escreve para ser lido e o leitor lê com a postura de quem lê um texto escrito, o que pressupõe poder reler, consultar dicionários, analisar e interpretar.

Há porém textos escritos que funcionam como mensagens ditas de viva voz. Nesse caso, o escritor escreve como, ou quase como, quem fala e o leitor lê como, ou quase como, quem escuta alguém falando em voz alta num contato face a face.

Em outras palavras, mesmo considerando o texto escrito, o autor se coloca na posição imaginária de quem dá um recado de viva voz. Os primeiros são textos típicos da cultura escrita, portanto, marcados pela escolarização. Por vezes podem ser técnicos, utilitários e impessoais. Por vezes podem ser herméticos, abstratos e demandam necessariamente interpretação. Os segundos são textos marcados pela oralidade. Estes são como um recado de viva voz, pretendem sempre ser compreendidos e, por essa razão, tendem a utilizar uma linguagem clara e pública para tratar de assuntos compreensíveis a todos.

Boa parte da literatura e da poesia impressa é produzida tendo como base e pano de fundo a cultura escrita, ou seja, a possibilidade de releitura, análise e interpretação, com as implicações advindas daí. Creio que a literatura popular e também a literatura para crianças e jovens tendem a adotar o modelo marcado pela oralidade, ou seja, o escritor escreve quase como se estivesse falando de viva voz a outra pessoa num contato direto com as implicações advindas daí.

O que pretendo ressaltar? Que ambos os textos demandam do escritor diferentes estratégias e procedimentos com a linguagem.

Na minha visão, essas diferenças entre estratégias e modelos construtivos deveriam ser mais estudadas e conhecidas na escola e mesmo na universidade. Não creio que sejam.

Chegou a hora de fazer uma comparação, ainda que breve e esquemática, entre o que chamo de “modelo oficial” e de “modelo popular”.

Creio que seja possível identificar o modelo oficial e escolarizado com a chamada “cultura moderna”. É a modernidade, hegemônica em nossos dias, tem cultivado alguns valores que merecem ser melhor discutidos.

O espaço é curto e o assunto é vasto mas vou tentar levantar certos pontos de discussão. Quais seriam alguns elementos característicos da cultura moderna?

Em primeiro lugar, a valorização da ação individual, o que implica individualismo (C.f. DUMONT, Louis, 2000 ou DA MATTA, Roberto, 1979).

Segundo os teóricos do assunto, o individualismo corresponde à ideia de que o homem seja “livre”, “igual” e “autônomo”.

“Livres” (daí as ideias de “livre arbítrio”, “livre pensamento”, “livre iniciativa”, “livre comércio”); “iguais” (supõe a “igualdade de oportunidades” ou a “igualdade perante a lei”); e “autônomo” (trata-se da capacidade de se “autogovernar”, ou seja, de agir segundo leis e interesses próprios).

Neste modelo, conhecido de todos nós e alastrado em boa parte do mundo contemporâneo, o homem, em suma, vê-se livre para construir o significado de sua vida, de suas relações com o outro, de suas relações com a sociedade, etc.

É livre também para construir seu discurso da forma que quiser, com liberdade e autonomia, ou seja, independentemente da plateia ou do leitor.

Como tal discurso é marcado pela cultura escrita, pode se dar ao luxo de ser complexo e hermético, afinal, fixado por texto, pode ser relido, analisado e interpretado. Isso ocorre mesmo na chamada MPB. Retirei todos os exemplos desse artigo de letras da nossa música popular, seja da MPB, seja do samba.

Vejamos a letra de “Panis et circensis” de Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Eu quis cantar
 Minha canção iluminada de sol
 Soltei os panos sobre os mastros no ar
 Soltei os tigres e os leões nos quintais
 Mas as pessoas na sala de jantar
 São ocupadas em nascer e em morrer

Mandei fazer
De puro aço luminoso um punhal
Para matar o meu amor e matei
Às cinco horas na avenida central
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e em morrer (...)
Agora um trechinho de "Outras palavras" de Caetano Veloso"
Nada dessa cica de palavra triste em mim na boca
Travo, trava mãe e papai alma buena dicha loca
Neca desse sono de nunca jamais nem never more
Sim dizer que sim pra Cilú pra Dedé pra Dadi e Dó
Crista do desejo o destino deslinda-se em beleza
Outras palavras outras palavras (...)

Trata-se de textos nitidamente marcados pela modernidade e pela cultura escrita.

São discursos interessantes, porém complexos, complicados, fragmentados, abstratos (ou seja, não visualizáveis) que necessariamente demandam interpretação.

Por outro lado, no discurso moderno, certos temas tendem a desaparecer. Penso agora na família, mas poderia me referir ao trabalho, à festa ou ao envelhecimento entre muitos outros assuntos. Na verdade, a situação relativa à vida familiar ou a mera menção à família, na modernidade, parecem não fazer mais sentido. É que pertencer a uma família implica não ter liberdade, igualdade e autonomia. Como explica Louis Dumont, a família é um "elemento pré-moderno" (op.cit).

A referência à família surge raramente no discurso marcado pela modernidade, pelo menos na MPB. Há exceções, é claro, mas no geral, quando aparece, muitas vezes adota tom analítico, crítico e irônico.

Vejamos trechos de "*Mamãe coragem*" de Caetano Veloso e Torquato Neto:

Mamãe, mamãe não chore
A vida é assim mesmo
E eu fui-me embora
Mamãe, mamãe não chore
Eu nunca mais vou voltar por aí
Mamãe, mamãe não chore
(...)

Pegue uns panos pra lavar
Leia um romance
Veja as contas do mercado
Pague as prestações
(...)
Seja feliz
Mamãe, mamãe não chore
Eu quero, eu posso
Eu quis, eu fiz...

“Eu quero, eu posso, eu quis, eu fiz”. Sem dúvida, estamos diante de um discurso moderno e individualista. Como vimos, a modernidade costuma valorizar a liberdade e a autonomia com relação às hierarquias e isso fica claro nesse texto.

Vejamos “Eu não sou da sua rua” de Branco Mello -e Arnaldo Antunes:

Eu não sou da sua rua
Eu não sou o seu vizinho
Eu moro muito longe, sozinho

Estou aqui de passagem

Eu não sou da sua rua
Eu não falo a sua língua
Minha vida é diferente da sua

Estou aqui de passagem
Esse mundo não é meu
Esse mundo não é seu

Outro exemplo: “Metamorfose ambulante” de Raul Seixas:

Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...

Nessas letras, o individualismo aflora com toda força: a voz que fala ou canta parece sentir-se única, singular, diferente de tudo e de todos. São típicos discursos modernos que denotam uma visão de mundo claramente marcada pela crença no modelo individualista.

Os textos citados acima, em todo caso, não têm nada a ver com a cultura popular. É que o modelo popular, mesmo quando visto de forma esquemática, de certo modo, é o oposto a tudo isso.

Em primeiro lugar, nesse padrão, costuma haver uma grande valorização das redes hierárquicas.

Neste caso, o homem vê a si mesmo como uma pessoa integrante de uma complexa teia de relações humanas e consanguíneas, tanto sociais quanto místicas, o que implica valorização da família, do contexto em que se vive, da vizinhança, de grupos de interesses comuns, da religiosidade (por definição, um sistema hierárquico capitaneado por deus ou deuses), de parentes que já morreram etc. Isso significa que:

a) A pessoa vê-se como alguém que necessariamente pertence a esquemas hierárquicos: a família, a vizinhança, a comunidade, a escola de samba, o time de futebol, a crença religiosa, etc. assim como a certa cultura e a certas tradições pelas quais de alguma forma acredita ter obrigações e responsabilidades.

b) Nenhuma pessoa pode se sentir “igual”, afinal pertence a um certo patamar hierárquico e deve, por exemplo, respeitar os mais velhos que estão num patamar acima. Nesse modelo, estes costumam ter reconhecida sua autoridade, sabedoria e experiência. Afinal, conhecem a tradição, sabem o que aconteceu antigamente, detêm a experiência de vida e são fonte de conhecimento real. A “Velha Guarda” das escolas de samba são um exemplo entre muitos.

O modelo hierárquico supõe ainda uma grande sensação de *familiaridade* entre as pessoas [c.f. BAKHTIN, Mikhail, 1993]. Trata-se de uma igualdade humana diferente da que costuma ser valorizada na modernidade. Nada tem a ver com princípios objetivos e teóricos, mas, sim, com uma espécie de identificação natural entre todas as pessoas. Neste modelo, no fundo, todos somos parecidos, afinal, somos “filhos de Deus”, gente de carne e osso, gente que tem família, amores, necessidades práticas e que festeja e trabalha como “todo mundo”.

Falamos da “igualdade” como um valor moderno, mas é preciso esclarecer, neste caso, ela representa um princípio teórico. Trata-se de uma igualdade

na diferença: somos iguais por sermos únicos e singulares. Nada a ver com a visão popular.

c) Ninguém, no padrão hierárquico, considera-se “autônomo” nem a autonomia faz sentido. Um homem sozinho, no mundo popular, está lascado. Nesse ambiente, como sabemos, é comum o trabalho em parcerias e mutirões, mães que deixam de trabalhar para cuidar de filhos da vizinhança etc. Neste caso, a interdependência entre as pessoas é vista como algo natural e, como o povo diz, “a união faz a força”. Até o poeta culto, vez por outra, lembra-se disso, afinal, nas palavras de João Cabral de Melo Neto “um galo sozinho não tece uma manhã”.

No modelo popular, a autonomia pode existir, mas, excepcionalmente, quando, por exemplo, as regras são quebradas: filha que foge com o namorado, filhos que partem para ganhar dinheiro e cair no “mundão”, desavenças entre pai e filho, etc.

Em suma, como vimos, no modelo moderno e individualista, tende a ser valorizada a voz singular do artista, suas idiossincrasias, seus interesses e temas particulares. O artista pode dizer o que quiser, sobre o que quiser, como quiser, com liberdade, autonomia e independência com relação à plateia.

Podemos chamar esse discurso de *discurso-eu*.

No modelo hierárquico, tende a ser valorizada a voz compartilhável, o vocabulário público e os temas que dizem respeito a todas as pessoas.

Neste caso, o artista busca cantar e tocar em assuntos que digam respeito a ele, claro, mas ao mesmo tempo a todos. No geral, são textos enraizados na vida concreta e nos eventos do dia a dia.

Podemos chamar esse discurso de *discurso-nós*.

Vejam algumas letras de samba, discursos populares que costumeiramente tratam de assuntos relativos à vida cotidiana sempre de forma compartilhável. Começo com “O pai coruja” de Zé Roberto, sucesso de Zeca Pagodinho que faz referência à família:

Amigo não leve a mal
 Mas isso é o meu dever
 Se quer namorar minha filha
 Moça de família, precisa saber

Comigo é na moda antiga
 Não tem boa vida de encher a barriga

E depois correr
O velho não é de bobeira, vai pegar você
Segundo a letra, se o namorado quiser se casar mesmo, vai ser bem
recebido e até ganhar

“De presente um luxuoso apartamento
Mobiliado de frente pro mar, pronto pra morar”

Mas se suas intenções forem outras

Porém se for 171 [estelionatário], um pé rapado
Se mete no meio de um fogo cruzado
Uma bala perdida, cuidado, ela pode te achar
Ta vendo, aqui na minha casa é um lar de alegria
Eu não deixo entrar pirataria
Se eu soltar meu cachorro, ele vai te pegar, amigo! (....)

Vale a pena lembrar um trechinho de “Trem das onze” de Adoniran
Barbosa

Não posso ficar
Nem mais um minuto com você
Sinto muito amor
Mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã
E além disso mulher, tem outra coisa
Minha mãe não dorme
Enquanto eu não chegar
Sou filho único
Tenho a minha casa pra morar
E eu não posso ficar

A menção à família, assunto da vida banal e cotidiana, a voz que sai de dentro de uma estrutura hierárquica com pais, mães, filhos, avós e tios é recorrente nas letras de samba e, creio, é marca do discurso popular.

Tal discurso trata o ouvinte (ou o leitor) como alguém próximo e familiar, alguém cujo pressuposto é a identificação, e tem como princípio básico a igualdade entre poeta e plateia a respeito das coisas da vida e do mundo.

Vejamos o samba-choro “ Só vendo que beleza” de Henricão. Como o título indica, qualquer um que entre em contato com a tal casinha na Marambaia e, claro, for como “todo o mundo”, terá a mesma gostosa sensação.

Eu tenho uma casinha lá na Marambaia
 Fica na beira da praia
 Só vendo que beleza
 Tem uma trepadeira que na primavera
 Fica toda enfiada de brincos de princesa
 Quando chega o verão
 Eu sento na varanda
 Pego o violão começo a tocar
 Minha morena que está sempre bem disposta
 Senta-se a meu lado também a cantar (...)

Note-se que ricos e pobres, cultos e analfabetos, adultos e crianças, todos compreendemos e podemos facilmente nos identificar com um texto assim.

Peço ao leitor que pegue as letras de samba ou, por exemplo, de música caipira, e veja quantas e quantas vezes aparecem expressões como “a gente”, a “turma”, “a rapaziada”, a “galera”, o “pessoal”, o “povo” etc.

O leitor, se puder, compare com letras da moderna música popular e verifique a diferença. Nelas, a tendência do ponto de vista exclusivamente “eu” aflorar é preponderante.

Trago agora um trecho de “O samba da minha terra” de um de nossos maiores artistas sejam eles populares ou não: Dorival Caymmi.

O samba da minha terra
 Deixa gente mole
 Quando se dança todo mundo bole

Quem não gosta de samba
 Bom sujeito não é
 Ou é ruim da cabeça
 Ou doente do pé...

Note-se o ponto de vista “nós” presente o tempo todo.

Note-se ainda que nesse modelo o diferente, “quem não gosta de samba”, não é valorizado e, ao contrário, é tratado com alguma incompreensão.

Ou um trecho de “No pagode do Vavá” de Paulinho da Viola:

Domingo, lá na casa do Vavá
Teve um tremendo pagode
Que você não pode imaginar
Provei do famoso feijão da Vicentina
Só quem é da Portela é que sabe
Que a coisa é divina

Tinha gente de todo lugar
No pagode do Vavá...

São textos que representam claramente o *discurso-nós* cujo pressuposto é a grande identificação e familiaridade entre todas as pessoas.

Sobre o artista popular do mundo oral, quero lembrar Collingwood. Segundo ele, toda expressão de emoção do artista popular expressa não o “eu sinto”, mas o “nós sentimos” (C.f. HAVELOCK, Eric A, 1996 B).

Em outras palavras, neste caso, o poeta opta em tratar de assuntos que dizem respeito a ele e a todos, e não de assuntos singulares que dizem respeito exclusivamente a ele.

No modelo popular, em suma, é valorizada a voz compartilhável, o vocabulário público, os temas que dizem respeito a todas as pessoas, os recursos que favoreçam a memorização (refrões e fórmulas, por exemplo), as imagens visualizáveis (não abstratas, que preferem as ações e não idéias) e o discurso que possa ser memorizado e seja compreendido com imediatez. Não é pouco!

Sugiro, portanto, mesmo que de forma esquemática, a importância de se levar em conta a existência de dois discursos originários de diferentes padrões sociais, éticos e estéticos: o “discurso eu” – oficial e moderno, marcado pela escrita (e suas tendências). E o “discurso nós” – popular e tradicional, marcado pela oralidade (e suas tendências).

É bom deixar claro que isso nada tem a ver com qualidade. Ambos os discursos, dependendo do caso, podem ser bem ou mal resolvidos. O que importa: o reconhecimento de que ambos costumam ser criados e construídos a partir de pressupostos e paradigmas diferentes.

É preciso fazer uma crítica ao modelo oficial moderno individualista e sua tendência a valorizar a liberdade, a igualdade e a autonomia.

Indiscutivelmente, liberdade, igualdade e autonomia são conquistas históricas e dizem respeito a qualquer coisa que se possa chamar civilização. Mesmo assim, são passíveis de discussão, afinal, se levadas ao pé da letra, como verdades absolutas, podem se transformar em agentes da descivilização.

Penso aqui nas ideias de Norbert Elias. Para ele, nada indica que estejamos indo rumo à civilização. É que as forças civilizatórias e as forças descivilizatórias vivem em permanente combate. Por exemplo, a ciência e a técnica trouxeram mais saúde e conforto aos homens. Trouxeram também poluição e a crescente destruição do meio ambiente.

A administração dessas forças civilizatórias e descivilizatórias é algo complexo que diz respeito a todos nós.

Para Elias, é bom lembrar, ao processo civilizatório correspondem

transformações do habitus social dos seres humanos na direção de um modelo de auto-controle mais bem proporcionado, universal e estável” mas mais que isso. Corresponde também à “capacidade de um ser humano [de] se identificar com outros seres humanos, em relativa independência do grupo a que pertençam, e portanto, amplia-se também sua capacidade de sentir simpatia por eles. *Descivilização* significa então uma transformação em direção oposta... (C.f. ELIAS, Norbert., 2006, p.24 e 25).

Nesses termos, note-se, civilização significa ou representa humanização, no sentido da identificação, e não da diferenciação, entre seres humanos.

Ótimos temas para serem debatidos na escola, em qualquer nível ou grau! Infelizmente, em tempos utilitários de técnicos e especialistas preocupados exclusivamente com seus nichos de conhecimento, isso não tem acontecido. Essa ausência, além de ser um problema cultural, tem outro viés: um claro caráter político, melhor dizendo, de despolitização.

Mas falemos de “liberdade”. É muito bom ser livre, mas, sou livre para colocar meus interesses particulares acima dos interesses coletivos e destruir a natureza para obter mais lucro ou induzir pessoas a comprar remédios sem receita médica como se fossem simples produtos de consumo?

Sou livre para fabricar e comercializar produtos que comprovadamente

viciam e minam a saúde apenas para meu lucro pessoal? Sou livre para ser pedófilo?

Caso não seja, então a liberdade não é tão livre assim!

Sobre a “igualdade”. É muito bom ser “igual”, mas, convenhamos, como falar em igualdade e “livre concorrência” num país onde 80% da população é analfabeta ou semianalfabeta? Num país onde há prisões especiais para quem tem “nível universitário”? E ainda, onde, dependendo da cor da pele, a tendência de a pessoa ser considerada suspeita de algum crime aumenta consideravelmente?

Por outro lado, como a crença na “igualdade” tende a eliminar as hierarquias, neste modelo não faz sentido valorizar a experiência das pessoas mais velhas. Valorizar por quê, se somos todos iguais?

Não por acaso, na modernidade, a velhice é desprezada, afinal, velhos costumam ser pessoas desatualizadas, ultrapassadas, antiquadas, fora de moda, estão “por fora” e, ainda por cima, são dependentes. Obviamente, a “independência”, sinônimo de “liberdade” e “autonomia”, é altamente valorizada no padrão individualista [c.f. LASCH, Christopher, 1983].

Até crianças, nesse contexto, são levadas a dizer: “pai você não entende porque quero um tênis que acende luzinha. Você está por fora!”.

É que nesse modelo, não poucas vezes, confunde-se “liberdade” e “autonomia” com a mera sociedade de consumo e seus interesses comerciais apresentados como “a última palavra” para quem é livre e “sabe o que quer”, leia-se, livre para escolher algum produto. Impossível esquecer da propaganda, em plena ditadura militar, num contexto de proibições, prisões e censuras de toda ordem: “liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”³.

Nesse ambiente, ao lado das ideias realmente inovadoras, algo bastante raro por sinal, surge todo tipo de simulacros e bobagens descartáveis, apresentadas como “inovadoras”.

Sobre “autonomia”. Sou de fato autônomo para governar a mim mesmo, seguindo minhas próprias leis e meus próprios interesses? Peço ao leitor que, considerando homens, culturas e sociedades, dê um único exemplo concreto de “autonomia”.

Nesse contexto, surgem frases inacreditáveis como “Quem sabe o que quer fuma Minister”. Trata-se de autonomia com relação ao conhecimento e à inteligência!

³ Texto de propaganda do jeans Us Top, fabricado na época pela Alpargatas, dirigida ao público jovem.

Na verdade, para muitos, o modelo individualista tende a gerar a guerra de todos contra todos. É que a ideia individualista tende a ser exclusivista por definição. O que interessa é o “meu” interesse, o “meu” jeito de ser, o “meu” gosto, a “minha” classe social, a “minha” cultura, a “minha” linguagem, a “minha” crença etc. O resto, o “diferente de mim”, deve ser excluído, para não dizer destruído. Dou um trágico exemplo: alguns jovens da elite, estudantes de escolas consideradas ótimas, transformados em pessoas individualistas, alienadas e imbecilizadas, que costumam sair por aí tirando rachas de automóveis, fazendo quebra-quebra ou matando índios, mendigos, empregadas domésticas, garçons e prostitutas.

Surge a despreocupação individualista, descivilizada, egocêntrica e imbecilizada com relação ao futuro, com afirmações do tipo: “e daí que daqui a 50 anos não vai haver água ou comida para todos? Até lá eu já morri!”

Outro pequeno exemplo da incoerência do modelo moderno. Seu discurso, pelo menos na música popular, quase não fala na família e muitos teóricos afirmam que a família é uma “instituição pré-moderna”. Entretanto, obviamente, ela continua a existir, teóricos têm famílias, pais, avós e filhos, pós modernos casam, separam, casam de novo, envelhecem e viram vovôs cheios de netos e bisnetos.

Não estou aqui para defender a família. Tento dizer que confundir teorias e princípios abstratos com a vida prática costuma distorcer a visão que temos da realidade.

É preciso fazer também uma crítica ao modelo popular, tradicional e hierárquico. Não podemos idealizá-lo.

Hierarquias podem ser verdadeiras prisões sociais. Castas ou divisões entre nobres e plebeus nada mais são do que modelos hierárquicos. Famílias por vezes são instituições amorosas e importantes na formação das pessoas. Podem também ser lugares sufocantes de flagrante desrespeito a indivíduos, violência, loucura, simbiose, dependência, mimo, autocomplacência, autoritarismo, transgressões, explorações e abusos de todo tipo. No modelo hierárquico, pais podem se dar ao luxo de determinar com quem seus filhos devem casar, suas profissões, sua religião etc. Podem, inclusive, explorá-los para ganhar dinheiro.

Em suma, nesse modelo pode surgir a situação de sermos obrigados a respeitar pessoas que, mesmo sendo consideradas hierarquicamente superiores, não merecem qualquer respeito. Podemos ser levados a construir nossas vidas, seguindo padrões preconceituosos e castrativos, seguindo leis sem sentido, padrões por meio dos quais nossos legítimos desejos individuais e subjetivos

são relegados a um segundo plano.

Fora isso, o modelo popular pode ainda dar margem a nepotismos, favorecimento de amigos, procedimentos éticos incivilizados etc. Isso sem falar no surgimento de donos de verdades culturais, cultuadores de “raízes” e “origens”, regionalismos, nacionalismos e xenofobias, posturas excludentes e apaixonadas de fundo claramente mítico.

Afinal, o que pretendo ressaltar? O fato de que vivemos entre diferentes padrões culturais, que atuam sinergicamente e que é preciso não só reconhecê-los como examiná-los criticamente e discuti-los.

Confundir modernidade com civilização parece-me um erro crasso. No mínimo, o modelo moderno está em construção e necessita de aperfeiçoamento. Acreditar que a tradição, por si só, vá resolver qualquer problema é erro tão grave quanto acreditar mítica e acriticamente na modernidade.

Tradição e modernidade são ligadas umbilicalmente e atuam sinergicamente. A lógica das culturas é, como sabemos, permanecer e simultaneamente mudar. Outra coisa é veleidade, arrogância e preconceito.

Com o modelo moderno talvez fique mais fácil compreender e valorizar o desenvolvimento individual, nossas singularidades, nossas experimentações com ideias, linguagens etc. Com o modelo tradicional talvez fique mais fácil compreender e valorizar o fato de sermos pessoas vinculadas aos grupos e comunidades a que pertencemos. Ambos os aprendizados são fundamentais.

As escolas, independentemente de graus e níveis, seriam um ótimo lugar para dar início e fomentar essas discussões. Fugir delas, creio, nada mais é do que pura alienação.

O assunto das relações entre cultura popular e literatura é muito amplo.

Envolveria, ainda, por exemplo, falar na grande valorização do pensamento teórico, impessoal e analítico, e seu respectivo discurso, difundido pelas escolas. Envolveria também falar em sua contrapartida: o pensamento assistemático baseado na experiência prática, no “aprender fazendo” ou vendo o outro fazer, no improvisado, no “método” intuitivo do “bricoleur” (penso naturalmente em Lévi-Strauss), assim como no conhecimento tradicional (presente, por exemplo, nos ditados populares: “quem anda na linha o trem esbagaça” ou “com a onça morta é fácil fazer a foto” ou “quem está de fora, joga melhor” etc.), pensamento difundido pela cultura popular e seu discurso.

Envolveria contrapor uma ética de princípios, construída a partir de valores abstratos (igualdade, isenção, isonomia etc.) e textos fixos e consultáveis, a uma moral ingênua construída pela convivência, marcada pela oralidade, mantida

pela memória, moral sempre relativa, interessada e adaptável caso a caso.

Em suma, seria preciso falar em muito mais coisa, mas paro por aqui.

Em resumo:

1) Tentei mostrar que vivemos às voltas com pelo menos dois modelos culturais: a visão de mundo moderna, oficial e escolarizada e a visão de mundo tradicional e popular. São diferentes hábitos mentais, padrões sociais, culturais, éticos e estéticos, diferentes maneiras de enxergar os homens, a vida e o mundo. Tais modelos implicam diferentes discursos.

2) Não pretendi dizer que a literatura popular e tradicional é melhor ou pior do que a literatura moderna e escolarizada, mas, sim, mostrar que ambas são criadas a partir de princípios diferentes e que isso tem implicações. Creio que dentro das escolas, para o estudo da literatura e do fazer literário, seria interessantíssimo começar mostrando, por exemplo, letras de samba de Noel Rosa, Dorival Caymmi, Zé Kéti e outros vinculados à poética tradicional e popular. Depois mostrar letras de compositores vinculados ao modelo letrado como Chico Buarque, Caetano e Gil, analisando as diferentes formas de construir os textos dos dois grupos de artistas. Em seguida, compararia tudo isso com as obras de Drummond, Bandeira, Murilo Mendes, Ferreira Gullar, Haroldo de Campos, João Cabral de Melo Neto etc. O aluno seria levado a perceber que não há qualquer “evolução” em jogo mas, sim, diferentes padrões culturais e procedimentos criativos. Não seria uma bela, rica e prazerosa maneira de introduzir a poesia ao leitor iniciante?

3) Creio que conhecer os recursos literários populares, marcados pela oralidade, num país como o nosso, pode ser uma contribuição fundamental para a formação de leitores e até para uma maior integração social.

4) Creio que num país, com as características do nosso, conhecer a cultura popular é uma questão fundamental. Gostaria de citar Mário de Andrade: “Sempre considerei o problema máximo dos intelectuais brasileiros a procura de um instrumento de trabalho que os aproximasse do povo.” (C.f. ANDRADE, Mário, 1983.).

5) Quis lembrar ainda que ser “tradicional” ou “moderno” não implica, em si, qualquer valor mas, sim, diferentes modelos de consciência.

Para concluir, creio que conhecer e reconhecer diferenças entre a cultura oficial e a cultura popular, aceitando que ambas, e não apenas a oficial, sejam relevantes, é uma questão de autoconhecimento social, pode ampliar nossa visão de mundo e permitir que a gente consiga pensar melhor sobre nossa sociedade, sobre nossa arte, sobre nossa literatura, sobre nossa educação e sobre nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. Entrevistas e depoimentos. Org. Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo: T.A. Queiroz. 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- DUMONT, Louis. *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Escritos & Ensaio 1 – Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Prefácio a Platão*. São Paulo: Papyrus, 1996 B.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MENDES, Murilo. *O menino experimental*. São Paulo: Summus, 1979.
- SEARLE, John R. *Expressão e significado. Estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

A formação continuada do mediador de leitura literária¹

Adriano Lopes Gomes²

INTRODUÇÃO

Refletir sobre questões de mediação na formação do leitor de literatura implica tangenciar nas concepções de intervenção da realidade para alterar a situação que aponta para comunidades de sujeitos que ainda enfrentam resistência no tocante às práticas de leitura. Além de um processo cognitivo, a leitura é, de igual modo, uma prática social, que está na gênese das leituras do mundo, ou seja, da compreensão das linguagens que se constroem diante de qualquer pessoa. As considerações em torno do assunto deixam de gravitar sobre a esfera de um entendimento unilateral e direcionado, para revestir-se de olhares múltiplos a partir dos quais se formula um entendimento mais completo da leitura. O conceito de leitor também sofreu modificações, oferecendo-lhe novas atribuições, mediante as quais ele faz conquistar uma identidade social importante e indispensável. O leitor torna-se um elemento de conquistas e tem consciência do seu papel de cidadão na sociedade por onde circula e no mundo em que vive. Ser leitor é vislumbrar as entrelinhas de um texto, escrito ou não, compreendendo-se nele.

Entende-se por leitor o indivíduo que desenvolve com regularidade e competência suas práticas de leitura, “confiante na sua capacidade de ser desafiado por qualquer texto, extraindo dessa experiência prazer e conhecimento” (AMARILHA, 1994.). Embora a abrangência do termo, é lícito destacar que o leitor precisa respeitar seu objeto de leitura, mesmo admitindo os referenciais que o permitem atribuir significados próprios. Ainda assim, é indispensável que o sentido e a coerência acompanhem seu pensamento, sendo este um dos critérios que caracterizam um leitor proficiente. Para compreender a formação do

¹ Texto que foi base de uma palestra durante o Encontro de Formação do projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras, realizado em dezembro de 2008.

² Professor doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

leitor e as estratégias de mediação pedagógica, adotamos como referencial teórico os pressupostos do sociointeracionismo, de modo específico os estudos de Vigotsky quando aborda as questões de mediação e aspectos cognitivos do desenvolvimento do pensamento e linguagem; da psicolinguística, que de igual modo estuda situações cognitivas de como a linguagem é usada, adotando-se os sistemas de fala e escrita; e da estética da recepção, da qual nos apropriamos dos postulados que revelam os efeitos produzidos no destinatário a partir da obra de arte literária.

A literatura aqui assume caráter especial na formação do leitor por apresentar uma das formas privilegiadas dentre as construções textuais, uma vez que aborda o discurso lúdico no sistema das representações, que transgredir a linguagem usual para lançar uma estrutura de apelo ao sujeito. Dessa forma, o texto literário favorece a imaginação e proporciona experiência estética, produzindo efeitos sensoriais e cognitivos durante a recepção, diferentemente de outros textos de natureza pragmática cuja finalidade atende a uma necessidade factual, funcional, objetiva e de caráter informativo.

Não podemos ignorar que a relação entre a literatura e o leitor é de natureza lúdica na qual, conforme sugere a própria etimologia da palavra “lúdico”, do latim *ludus*, revela-se como um momento de brincadeira, um jogo de imaginação, um instante de prazer. O leitor vislumbra a possibilidade de experimentar outros mundos, evadindo-se do seu, no instante em que decide ler um livro ou lhe é facultada a oportunidade de ouvir uma história. Ao recorrer a um texto, o leitor acata um desafio que é inerente a qualquer jogo, mesmo que tal procedimento não esteja claro para ele, cuja situação promove um confronto de ideias com situações lexicais e semânticas que subjazem às sentenças linguísticas e se interpõem no campo do imaginário em direção à compreensão textual. Portanto, ele deverá ter a competência de desafiar o texto, enfrentar os enigmas propostos em suas entrelinhas, ocasião em que vai entrar “em jogo” o conhecimento prévio que carrega consigo. A atribuição de sentidos ao texto é, pois, uma habilidade no estatuto do leitor, cujo empreendimento é próprio do texto literário. Com essa perspectiva, e ancorados na teoria da estética da recepção, podemos dizer que ler é prazer, pois o leitor vivencia uma “fruição compreensiva” e sente uma espécie de coautoria da obra, projeta-se no texto e libera as tensões psíquicas. Tal é o sentido da experiência estética. Zilberman (1989) interpreta o pensamento de Jauss ao considerar a experiência estética como proporcionadora da emancipação do sujeito, assim enfatizando:

Em primeiro lugar, [a experiência estética] liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando, então, a incorporação de novas normas; e, enfim, é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados (ZILBERMAN, 1989, p. 54).

De outro modo, Iser (1999) destacara que o envolvimento com o texto, objeto imediato da percepção do leitor, é uma forma de estar presente na sua constituição por um mecanismo que o autor considera como “resposta produtiva”, situação essa que possibilita experiências no universo cognitivo do receptor. Iser (1999, p. 53) ainda ressalta que “perceber-se a si mesmo no momento da própria participação constitui uma qualidade central da experiência estética”.

Se ler é prazer, de igual modo podemos dizer que ler é atitude política que confere um poder simbólico. Afirmamos tal prerrogativa a partir da concepção de Thompson (1998, p. 21) quando assinala: “poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências”. O leitor proficiente e experiente é capaz de reunir informações que o caracterizam como sujeito crítico da realidade, que é capaz de acatar ou refutar situações, é consciente do seu papel social, tem noção dos seus deveres e direitos que garantem o valor da cidadania.

LEITURA E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: DO CONHECIMENTO AO PRAZER

Como formar bons leitores na escola? Esta tem sido a questão que desde muito tempo se discute no contexto educacional de cuja inquietação surgem proposições e teorias. Dentre as quais, situamos a de mediação pedagógica. Entendemos a mediação como uma prática intervencionista para tornar algo ou alguém à condição de um meio entre duas instâncias polarizadas. Portanto, mediador pedagógico é o educador que promove a interface entre os alunos e os objetos portadores de significados com vistas ao desenvolvimento do gosto pela leitura e à consequente formação do leitor.

Convém destacar o papel preponderante do professor na formação do leitor de literatura, aproveitando o próprio ambiente de sala de aula para assumir o papel de mediador. Tal ideia parte do pressuposto de que a escola é um espaço privilegiado na formação do leitor e por sabermos empiricamente que o

mediador é um ator social aglutinador de interesses múltiplos que favorecem a atenção por parte dos ouvintes.

Amarilha (1994) já havia constatado tal situação ao investigar a literatura como meio da atividade escolar, assim afirmando:

Justamente quando a leitura literária poderia estar sendo explorada de forma lúdica de maneira a fazer uma passagem prazerosa para a vida na escola, os alunos já são condicionados a participarem da cultura escolar, isto é, de ter no texto de literatura um apoio para tarefas pedagógicas (AMARILHA, 1994, p. 76).

Sem dúvida, a atividade de leitura de literatura deve estar associada à atmosfera lúdica na qual se permita o engajamento dos alunos sem o arbítrio das condições didáticas para respaldar o critério da aprendizagem.

Em tais reflexões está implícita nossa proposta de «formação do leitor», entendendo-se como um processo de sucessivas aquisições capaz de promover o aprendiz a um comportamento metacognitivo em relação à leitura de textos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, concluímos que a mediação estabelece conexões com a literatura capazes de apontar saltos qualitativos nas práticas de leitura e na formação do leitor que se defronta com o texto escrito e faz dele seu objeto de leitura. Não entendemos que tal realidade seja necessário anular a voz que encanta, que ensina, dialoga e que abre as portas do mundo imaginário, tão urgente nos dias atuais para o desenvolvimento de competências junto aos alunos. Por tais motivos, vocalizar o texto, através de atividades como a contação de histórias, será procedimento recomendável para suscitar o gosto pela leitura.

Ensinar a ler, em contexto educacional, pressupõe favorecer os meios sociocognitivos para que os aprendizes possam se revelar na condição de leitores, introduzindo-se atividades motivadoras e desafiadoras em sala de aula, sem perder de vista o texto literário que ganha vida a partir da mediação pedagógica. Mas, sabemos que ensinar a ler ainda é uma situação problemática para os educadores, situação essa que começa nos ciclos da educação infantil e percorre por toda a vida escolar do aluno, onde está implícita a ideia de que o processo de formação do leitor é inesgotável. O mercado editorial articula informações que podem interagir de forma sedutora com a produção literária, desde aspectos gráficos, ilustrações, formato do livro em concordância com os gê-

neros literários: poema, romance, novela, conto, etc. A leitura de literatura catalisa a atenção dos sujeitos leitores, promove o conhecimento e instaura momentos de prazer estético. A leitura literária é prazer estético mas de igual modo confere poder, promove a formação do leitor e possibilita a (re)construção do sujeito.

O desafio maior se concentra na possibilidade de estabelecer o ensino e a aprendizagem entre aqueles alunos incipientes como leitor que têm as ferramentas de trabalho nas mãos – quando isso é possível – mas não sabem o que fazer delas. Admitimos que precisamos criar condições para que o educando aprenda, interagindo. A mediação, nesse caso, será procedimento imprescindível no processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly (Coord). *O ensino de literatura na escola: as respostas do aprendiz*. Relatório de pesquisa. CNPq. Natal-RN: Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1994.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução por Johannes Kretschmer. São Paulo: editora 34, v. 1. 1996.
- THOMPSON, J.B. . *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.



“Pé de Livro” da Escola Municipal Cícero Melo - Parnamirim-RN

As práticas de leitura literária desenvolvidas na escola antes e depois da formação do Programa Prazer em Ler

Helena Fernandes Neta¹

INTRODUÇÃO

A preocupação com a leitura tem sido palco de muitas discussões e eventos, desde seminários à elaboração de planos nacionais, como o PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura), programas como Biblioteca para Todos, planos estaduais como o PELLE (Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas) respaldado pela lei 9.169/2009, que trata da política estadual de promoção da leitura literária nas escolas do Rio Grande do Norte. Programas de formação para professores, para mediadores de leitura onde o foco é a leitura e o livro, o prazer em ler, os caminhos da autonomia e cidadania que a leitura proporciona. Há um desejo e incentivo explícito de que a leitura perpetue-se na escola, no entanto, os alunos continuam a não gostar de ler e as escolas, quando a desenvolvem, exercem práticas tradicionais e obrigatórias. Lê-se para resumir, para fazer a prova, para apresentar trabalho, utiliza-se também a leitura literária para se trabalhar gramática, afastando, dessa forma, o leitor da leitura prazerosa, da essência da leitura literária.

Desde 2007, as escolas estaduais do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, localizadas em Natal e Parnamirim, estão participando do *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*, que visa a despertar no leitor o prazer de ler, de buscar a imaginação, a fantasia, o autoconhecimento, o envolvimento com o autor e sua obra, do encontro com a literatura e o poder que esta tem de formar o ser. Espaço atraente, acolhedor, acervo de qualidade e mediação lúdica e prazerosa são os eixos norteadores do programa, percebe-se, portanto, uma nova forma de ver e trabalhar a leitura literária.

Partindo-se do pressuposto de que há investimento e formação na área

¹ Pedagoga; Técnica Pedagógica da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura; Assessora Pedagógica do projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras/Programa Prazer em Ler. E-mail: helenafdes@gmail.com

de leitura e que o Programa Prazer em Ler trabalha na perspectiva da leitura de literatura de forma prazerosa, livre, e que esta pode proporcionar ao educando sua autonomia leitora, como também contribuir para que se torne um cidadão capaz de agir e transformar seu mundo; pretende-se investigar se essa formação chegou ao aluno, ao professor, ao gestor, aos pais, se houve mudanças na forma de trabalhar a leitura, se esta tornou-se referência e identidade da escola, ou se ficou apenas com o sujeito que recebeu a formação.. Ressalta-se a importância da investigação, visto que a leitura, principalmente a literária, é essencial na formação do ser humano, na construção da argumentação, da sensibilidade, do encontro consigo e com o outro; e esse tipo de leitura tem que chegar aos que fazem a escola.

Esta pesquisa procura investigar se os programas de formação de leitura, mais precisamente o *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*, têm provocado mudanças de comportamentos na forma de ver e realizar a leitura literária na escola ou se as práticas de leitura literária ainda permanecem como forma de obrigação, ou seja, ler para fazer resumo, síntese ou outra atividade cansativa, afastando o aluno do mundo encantado que a leitura de literatura proporciona. Objetiva-se, portanto, relatar as práticas de leitura desenvolvidas na escola antes e depois da formação do referido Programa.

As Escolas Estaduais do 1º ao 5º ano, Presidente Café Filho e Clara Camarão, localizadas em Natal/RN, serão fontes para esta pesquisa. Responderão aos questionários os alunos do 5º ano matutino e 5º ano vespertino, professores da turma, supervisores pedagógicos, gestores e mediadores de leitura. A pesquisa será feita através de questionários fechados e abertos como também com depoimentos orais e registros fotográficos colhidos pelo investigador.

A proposta de investigação surgiu do fato de trabalhar com formação de professor, acreditar na metodologia do programa a ser investigado e apostar na qualidade de ensino da escola pública. Sendo assim, busca-se nesta pesquisa analisar que tipos de leituras estão sendo desenvolvidas nas referidas escolas; verificar se alunos e professores tornaram-se leitores; se as práticas de leitura são livres e prazerosas ou feitas de forma tradicional (leitura com cobrança de um trabalho para nota); conhecer as formas de mediação desenvolvidas na escola; se houve avanços na aprendizagem; se as práticas de leitura são pontuais ou são metas do Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP).

A pesquisa pode servir de base para o Governo do Estado avaliar seus programas e parcerias em prol da leitura, como também as condições estruturais e humanas que ele oferece para que os projetos se desenvolvam. Dessa

forma, esperam-se mudanças principalmente nos eixos: espaço físico, acervo e profissionais melhor qualificados para atuarem na sala de leitura e/ou bibliotecas.

O QUE É O PROGRAMA PRAZER EM LER

O Programa Prazer em Ler (ARAÚJO, 2009) integra a política de responsabilidade social da empresa C&A. Ele foi concebido, planejado e executado pelo Instituto C&A, com a finalidade de promover a leitura no Brasil, tem como objetivo promover a formação de leitores e desenvolver o gosto pela leitura, por meio de ações continuadas e sustentáveis e de articulações com distintos agentes envolvidos com a leitura no Brasil.

No Rio Grande do Norte, o Programa Prazer em Ler começou a ser implementado de forma mais abrangente, em 2007, numa parceria entre o Instituto C&A (IC&A), a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC) e o Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE). O programa é desenvolvido nas Escolas Estaduais do 1º ao 5º ano, de Natal e Parnamirim. A partir de 2010, tem como novos parceiros as Secretarias Municipais de Educação de Natal e Parnamirim. O referido programa está sendo implementado em 145 escolas e objetiva a formação de educadores para disseminação da leitura literária; criar espaços e ambientes de leitura que atraiam o leitor, que o convide a permanecer no espaço e se delicie com a literatura. Há uma preocupação com a seleção e qualificação do acervo e principalmente a mediação de leitura literária de forma dinâmica, prazerosa e sem obrigação. Ler não como mais uma atividade escolar, mas como uma atividade essencial à condição humana, cheia de significação e de relação apaixonada entre o leitor com o texto e com o autor. Tem, portanto, como eixo central o tripé: espaço, acervo de qualidade e mediação, favorecendo a democratização da leitura literária.

LITERATURA

Discorrer sobre o que é literatura é se deparar com muitas definições. É preciso um conhecimento histórico da cultura europeia ocidental e principalmente compreender o contexto sociopolítico e econômico. O termo provém do Latim *litteratura*, arte de escrever literatura; literatura, a partir da palavra latina *littera*, letra.

A partir das concepções de Culler (1999) e Lajolo (1982), a literatura

pode ser definida como uma forma especial de linguagem, em contraste com a linguagem comum que usamos habitualmente. Isto é, a linguagem literária causa suavidade, estranhamento, encantamento à nossa forma usual de falar ou escrever. Ao comparar-se um texto literário com um texto informativo ou científico, percebe-se que com o primeiro as reações deixam de ser habituais para ser mais perceptivas, detalhistas, encontrar sensações e reflexões que levam a pensar e agir mais humanamente; já no segundo, faz-se uma leitura rápida se não interessar, e utilitária, caso interesse. A emoção e o sentimento são deixados de lado.

A literatura fala por si mesma, não tem um fim prático imediato, seu foco está na forma como é dita ou feita, como se escreve, na atenção que se dá, na reflexão que se faz. Promove o caráter desinteressado, ensina a sensibilidade. É a possibilidade de mudança do que foi escrito para a interpretação que é dada ou atenção que é vivenciada. “É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção e leitura que instaura a natureza literária de um texto” (LAJOLO 1982, p.114). A Teoria da Literatura nos faz pensar a literatura como linguagem da liberdade. O leitor poderá definir se um texto é ou não literário de acordo com sua forma de ler e assimilar, do valor que dá à obra e o sentimento que dela faz florescer. O importante não é a origem do texto, e sim como as pessoas o consideram. Muitos só sabem que o texto é literário ou não quando há referência indicada no livro, na revista, o que para ele não importa, pois o que vai dizer se para ele é literatura ou não é a forma como ele se sentiu, é a estranheza que ele percebeu e os sentidos que nele foram despertados, pois, de acordo com Azevedo (2006, p. 35), tudo “entra” na leitura: o pensamento, as palavras e também as lembranças, as emoções, nossas imaginações e fantasias, as outras leituras que nós fizemos, o gosto pessoal, o momento de vida, a intuição, a cultura, nossas crenças, nosso grau de conhecimento, nossa inteligência, sensibilidade, etc. A leitura que somos capazes de fazer é um retrato de nós mesmos.

O encontro com a leitura literária deve ser prazeroso, apaixonante, mágico; é preciso troca de encantamentos; os educadores, os pais precisam ler muito para a criança, esta precisa ouvir muitas histórias, pois, como afirma Abramovich (2009, p.14), “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo”. Ouvir histórias é viver momentos de imaginação de composição de paisagem, de personagens, de aventuras, é pura emoção, é querer saber o final da história, é aprender a ouvir o sussurro, o som alto, o

medo, as algazarras, é porta que se abre para o desconhecido. Amarilha (2009, p.22) afirma que a “oralização tem a finalidade de enriquecer a bagagem antecipatória do leitor”, reforça, portanto, a necessidade de a escola ler para as crianças, para esta criar repertório de leitura, ampliar sua visão de mundo e preencher as lacunas deixadas pelo texto.

Além de ouvir, a criança precisa ler. Ler o texto, as ilustrações, descobrir que as ilustrações caracterizam os personagens não caracterizados no texto, que elas demarcam o tempo, o espaço. Através da leitura de literatura, descobrimos as queixas, as lamentações, o amor, a ironia, o humor, a tragédia, o exagero, sustos, espanto ou toda e qualquer forma de sentimento, emoção, prazer e conflito. A literatura forma leitores.

ESCOLA, FORMANDO LEITORES PELO PRAZER DE LER

Sabe-se que é a escola o espaço onde o acesso à leitura, os vários tipos e gêneros textuais, principalmente literários, devem ser oferecidos, já que a escola além de massificar as ideologias dominantes também é o passaporte para ascensão das camadas mais pobres, e é a partir dela que se concretizam as escolhas, as formas e os tipos de leitores, como também seu perfil. A leitura não deve ser privilégio de poucos, mas de todos. Para tanto, necessário se faz que toda a instância escolar – pais, professores, gestores, funcionários – priorizem a leitura como chave mestra do cotidiano da escola, como peça que, se perdida, não se consegue fechar o quebra-cabeça. É preciso que o aluno perceba que o professor é um grande leitor, que a leitura oferece ao seu professor momentos de felicidade e descoberta. Um professor leitor é motivação para o aluno ler.

A escola, portanto, deve ter biblioteca com ambiente aconchegante, ventilado, atrativo, com acervo variado e de qualidade. Esse ambiente deve ter uma programação diária e diversificada de mediação de leitura, empréstimos de livros, leitura silenciosa – esta proporciona ao leitor internalizar, vivenciar o que se lê –, leitura comentada, sarau, gincana da literatura, corredor da leitura, divulgação do acervo, socialização de leituras literárias, clube do livro, recreio literário. Nesses momentos o acervo oferecido deve levar em consideração os interesses do aluno. Para tanto, o professor da sala de aula ou o professor mediador de leitura que atua na biblioteca precisa conhecer o perfil de leitura dos alunos, motivá-los e conhecer seus interesses (que estão relacionados aos objetivos, a criar as possibilidades de alcançá-los), como também a estrutura que caracteriza cada texto. Como diz Bamberger (2008, p.40), “o que leva o

jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim, as várias motivações e interesses que correspondem a sua personalidade". Esses "interesses que correspondem à personalidade" referenda o que Lajolo (1982, p. 114) afirma ao dizer: "o que torna qualquer linguagem isto ou aquilo **literário ou não literário** (grifo nosso) é a situação de uso". É a relação do leitor com o texto, com o sentimento que desperta e a relação de conhecimento para a sua vida, que o leitor define se um texto é literário ou não, mesmo existindo a Crítica Literária ou a Teoria Literária para fazer a definição.

Há que se incentivar, propagar, construir o sentimento de pertença sobre a leitura na escola, fazer com que o aluno perceba, compreenda que a leitura do livro é significativa, é ação, é flexibilidade para o ato de ler, é construção de vida e de mundo, pois, quando se pensa o mundo, há um diálogo com as leituras feitas e refeitas. Dessa forma, o real, o imaginário, vai sendo construído e o 'eu' se formando. Garcia (2006, p. 22) afirma que "aprendemos com as leituras prazerosas, descompromissadas, escolhidas ao sabor do desejo, sem preocupação em buscar informações, em responder perguntas". Percebe-se, portanto, que a escola precisa investir na leitura literária diariamente, sem cobrança, sem lições a fazer.

Amarilha (2009) compara a literatura ao jogo, no jogo há o desafio, a competição, a realidade (com seus problemas, dúvidas e medos) por um momento não existe, dada a intensidade com que se vive o momento. Acabou o jogo, aquele encanto desaparece, volta-se à realidade com todos os seus conflitos. Assim também é a poesia com o jogo da linguagem; a linguagem enigmática, com vários significados, para o leitor descobrir o sentido de cada uma, há o ritmo, a sonoridade. O prazer da descoberta do sentido, da certeza ou incerteza, se é ou não é, possibilita ao leitor esse afastamento do real para o instante da brincadeira, do lúdico, do faz de conta. Os contos de fadas proporcionam ao receptor a possibilidade de se fazer personagem, (limites entre ficção e realidade), este, sendo personagem, desenvolve ações que não teria coragem de fazer na vida real, no seu cotidiano.

Amarilha (2009, p.91) explica que na literatura existe a relação espaço/tempo, o confronto entre o real e o imaginário, que "na interlocução com o texto, o leitor mirim é exposto a problemas e valores com os quais se defronta e poderá se defrontar e, assim, tem a oportunidade de selecionar, experimentar e ensaiar seu futuro". É na relação lúdica, prazerosa com a leitura, que o leitor pode ensaiar esse futuro, descobrir que ações e valores farão parte da sua vida, já que o processo de ler transforma o leitor. A partir da leitura, escolhas são

feitas, comportamentos são modificados, novas expectativas são criadas. Amarilha ainda ressalta que, quando a escola trabalhar a literatura sem obrigação, de forma lúdica e prazerosa, perceberá o intercâmbio da criança com o texto e da comunicação realizada, que a escola precisa compreender que prazer também se ensina, pois não há prazer sem compreensão.

Compete, portanto, à escola e à sociedade disseminar a leitura, tirando o máximo proveito de suas possibilidades para o desenvolvimento pessoal do educando e da própria sociedade. Trabalhar a leitura mais pela descoberta do prazer de ler, buscar o leitor adormecido que existe dentro de cada um, proporcionar o encontro com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Afinal, o que é a leitura senão o encontro consigo mesmo através das emoções, sentimentos, indagações, reflexões e aprendizado? Como afirma Amarilha (2009, p.53), “ler é, então, participar de um teatro íntimo, ser ator e espectador ao mesmo tempo e não ter outra plateia que não a si mesmo”.

PANORAMA DAS ESCOLAS PESQUISADAS

A pesquisa objetiva avaliar se houve mudanças de práticas de leitura literária após a formação do *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*. Primeiro será feito um panorama das escolas separadamente, em seguida, far-se-á uma análise dos resultados, observando as duas escolas.

A Escola Estadual Clara Camarão, de Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi fundada em 2001 e localiza-se no bairro Felipe Camarão, Natal/RN, atende cerca de 700 alunos nos turnos matutino e vespertino. É uma escola pequena, sem conforto predial, pois as salas de aula são pequenas e quentes, embora tenham ventiladores. Não há refeitório, no entanto, as crianças não lancham em pé, lancham na sala de aula. Após lancharem saem para brincar, para aproveitar o recreio lúdico. Neste são oferecidos lego, bonecas, bola, livros, gibis, dominó, corda, há, portanto, uma variedade de brinquedos apresentados para livre escolha das crianças. O recreio é monitorado por funcionários da escola. Quanto aos professores, são vinte e dois no total (quando se refere ao Ensino Fundamental), há uma diversificação do tempo de serviço, variando entre dez e vinte e cinco anos de sala de aula. Percebe-se, em alguns, o cansaço, o desejo de se aposentar, mas, em outros, o desejo de acertar, do compromisso, do entusiasmo com o ensinar. Quando perguntados se conheciam o *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*, respondiam que sim, pois a direção sempre informava e os alunos toda semana iam para a sala de leitura, e a escola

também tinha ganhado o concurso Escola de Leitores. Percebe-se que, de um modo geral, eles sabiam da existência do programa.

Na escola, há dois espaços de leitura: a sala de leitura, e a biblioteca. O espaço dito biblioteca ainda está sendo organizado, é amplo, claro, mas, no momento, está servindo de espaço para aula de reforço. Observa-se que não há um trabalho direcionado para esse espaço quanto à leitura literária.

Quanto à sala de leitura propriamente dita, fica logo na entrada da escola. Assim que se entra, há pegadas de pés na parede, mostrando o caminho, convidando o indivíduo a entrar e deliciar-se com a leitura literária. O espaço é climatizado; claro, com estantes expositoras, tapete, almofadas, pufes; é aconchegante, acolhedor, quando se entra dá vontade de pegar um livro e ler. O acervo é organizado por níveis de leitura, tem qualidade gráfica e literária, diversifica-se entre prosa, verso, quadrinhos e imagem. O espaço conta também com uma profissional que atende às onze turmas pela manhã e às onze à tarde.

Observa-se que a escola segue o tripé que norteia o *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*: espaço, acervo de qualidade e mediador de leitura. Na referida escola, os alunos visitam a sala de leitura uma vez por semana, durante 40 minutos. Nesse espaço, a mediadora faz a mediação de um livro, focando na pré-leitura onde se trabalha capa, contracapa, autor, ilustrador, editora, título e levantamento de hipóteses do que irá acontecer. Ela faz a leitura de forma interativa, onde os alunos já interagem fazendo as previsões e verificação das hipóteses. Após a mediação da leitura, os alunos ficam à vontade e escolhem livros para levar para casa, na volta há a roda de leituras. Também existe, na escola, fruto das orientações do programa, um grupo de alunos que são mediadores de leitura e fazem a mediação no posto de saúde do bairro e no terminal de ônibus, para as pessoas que ficam aguardando a sua vez. Os pais também são beneficiados com a leitura literária na escola, quando deixam e pegam seus filhos.

Há um trabalho de leitura literária articulado, apoiado pela gestão da escola, envolvimento dos professores, pais e alunos. Percebe-se esse trabalho pelas ações desenvolvidas, pelas conversas com os professores, de um modo geral, pelas respostas dos questionários. Ao responderem ao questionário, o professor da turma pesquisada, supervisor, mediador de leitura e gestor disseram concordar parcialmente que a leitura literária só veio acontecer após o Programa, pois a escola já tinha essa preocupação, já se trabalhava leitura, mas concordam totalmente que o *Prazer em Ler/Escolas Leitoras* veio fortalecer, dá suporte para as ações da leitura literária de forma mais sistematizada, com a orientação da criação do

projeto de leitura, metas no PPP da escola, disseminar a leitura literária fora dos muros da escola como no terminal de ônibus e posto de saúde, além dos saraus e eventos. A mediadora diz que a formação tem lhes ensinado a escolher melhor os livros para serem mediados, a organizar o espaço de forma que dê autonomia ao leitor e sugestões e técnicas de uma boa mediação.

A Escola Estadual Presidente Café Filho, de Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), foi fundada em 1959, localiza-se dentro do 7º Batalhão de Engenharia e Construção (BECON), no bairro de Nova Descoberta, atende a 198 alunos nos turnos matutino e vespertino. É pequena e também sem conforto predial, pois as salas (um total de cinco) são pequenas e quentes, apesar de ter dois ventiladores por sala, não há refeitório, nem auditório, mas, quando necessário, o batalhão empresta o seu.

Destaca-se pelas parcerias com o 7º Batalhão, Emater (projeto horta viva), amigos da escola, e o Programa *Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*. Outro destaque é a gestão compartilhada pautada no respeito e no fazer acontecer. Percebe-se na escola o envolvimento de todos os que a fazem, há vontade, compromisso e envolvimento nas ações.

Quanto à leitura, a escola também já tem histórico de trabalho com o projeto mediador de leitura da SEEC (em que o professor de sala de aula é formado para trabalhar literatura), no entanto, a participação dos professores é falha em virtude da rotatividade destes e dos estagiários, pois na escola de sete professores, apenas dois são efetivos, os outros cinco são estagiários. Essa ausência na formação efetiva-se também em virtude de o Ministério Público, através da Promotoria de Educação, exigir das escolas o cumprimento integral dos duzentos dias letivos, previstos na legislação, para o aluno, portanto, o professor não pode sair de sala de aula impedindo, dessa forma, uma formação sistemática.

A luta pela leitura nessa escola, demarcada pela atual gestora, é tanto que esta cedeu sua sala de trabalho para a criação da sala de leitura, tendo em vista que acredita na importância do tripé: espaço, acervo e mediação, norteador do Programa hoje implementado na escola. Ressalta-se que a atual gestora, a supervisora, desde 2007, participam da formação que o *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras* proporciona ao mediador de leitura, ao gestor, ao supervisor. A partir dos encontros de formação, o sentimento de pertença pela leitura literária na escola foi criado. Hoje o espaço cedido pela gestão é uma sala de leitura climatizada, aconchegante, com almofadas, pufes, tapetes, acervo de qualidade literária e gráfica. Foi inaugurado em 5 de agosto de 2010, depois de três anos de formação; no entanto, ainda não tem um mediador espe-

cífico para a sala, pois a SEEC ainda não forneceu esse profissional; é uma luta a ser ganha e é meta no PPP da escola dispor desse profissional.

Professor, alunos, gestor e supervisor disseram que as práticas de leitura literária na escola mudaram após o Programa, pois, agora, percebem a necessidade do espaço, do acervo de qualidade. Na escola, são desenvolvidas ações como as rodas de leitura, campeonatos de leitura, visita à feira de livros, projetos como a rosa literária. Apesar de a escola não ter o mediador de leitura específico, há um cronograma de atendimento semanal para o professor levar os alunos para a sala de leitura. No projeto rosa literária cada professor ler uma história para sua turma, faz o resumo e cola numa pétala da flor exposta na parede de fora da sala de leitura. As crianças são levadas até a flor para ler o resumo e escolher qual a nova história que querem ouvir, dessa forma há uma rotatividade de livros e ampliação do repertório de leitura.

Há também uma funcionária da escola que faz um trabalho voluntário de contação de histórias no turno vespertino, numa área verde que há próximo à escola; é um trabalho esporádico, mas que as crianças gostam muito. Percebe-se por parte da gestão e de toda a escola uma vontade de acertar, de fazer acontecer a leitura literária na escola, no entanto, essa ação se limita quando não há uma prática rotineira de empréstimos de livros, do contato da criança com o livro em casa e a cultura do zelo, da responsabilidade de devolução, o que não será problema para o ano de 2011, pois é meta da escola superar essa limitação.

O QUE DIZ A PESQUISA NAS ESCOLAS ESTADUAIS CLARA CAMARÃO E PRESIDENTE CAFÉ FILHO

Ao se tabular os dados priorizou-se o questionário dos alunos, visto que este pode explicar o resultado da leitura literária trabalhada na escola de forma mais efetiva. As perguntas foram tabuladas em forma de tabelas e gráficos e as duas escolas ao mesmo tempo, pois fica mais visual a comparação do trabalho e as conclusões a que se pode chegar.

Observe-se que na tabela 1 tem-se um retrato numérico dos participantes e suas respostas. Num total respondeu ao questionário 48 alunos sendo 26 da Escola Estadual Clara Camarão e 22 da Escola Estadual Presidente Café Filho. Pela tabela percebe-se que os alunos da Clara Camarão gostam mais de ler literatura infantil, e que nas duas escolas prevalece o gostar de ler.

Tabela 1 - Você gosta de ler Literatura Infantil?

Resposta	E.E.C.C	E.E.P.C.F	TOTAL
Sim	22	12	34
Não	2	2	4
Às vezes	2	8	10
TOTAL	26	22	48

Para uma melhor visualização, foi feito um gráfico explicando o percentual de quanto os alunos gostam de ler literatura infantil. Vê-se que o percentual de gostar de ler literatura infantil sobrepõe-se aos demais e, comparando-se as duas escolas, percebe-se que o trabalho de leitura literária desenvolvido na Clara Camarão está chegando mais efetivamente aos alunos, tendo em vista a diferença de 84,62% para 54,55%. Um dado que também chama atenção é que o índice de quem não gosta de ler não chega a 10%, somando-se as duas escolas. O que comprova que o trabalho nas duas escolas está chegando ao aluno, embora numa mais que na outra. Ressalta-se novamente que a Clara Camarão trabalha com a literatura nos moldes do programa desde 2009.

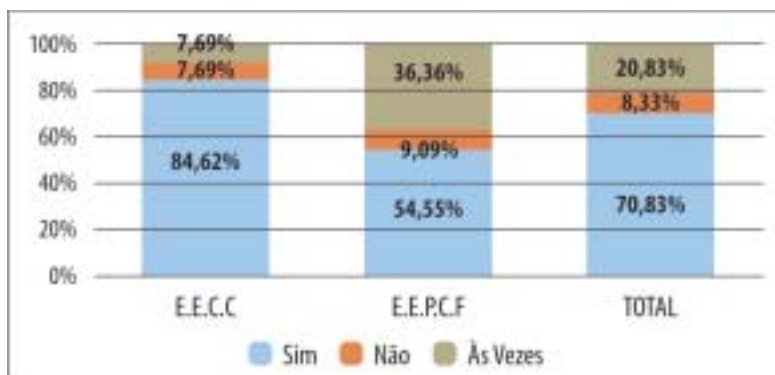


Gráfico 1 - Você gosta de ler Literatura Infantil?

A tabela dois revela quantas vezes por semana os alunos se dirigem à sala de leitura, num total de 48, trinta e um afirmam que participam de atividades nesse espaço uma vez por semana. Esse número confirma-se porque nas duas escolas existe um cronograma que atende a esses alunos uma vez por semana. Onze alunos disseram que frequentam a sala de leitura mais de uma vez e seis disseram não frequentar nenhuma vez o que é questionável, tendo em vista o cronograma de atendimento. Para essas respostas, pode-se apontar

as seguintes hipóteses: não compreenderam a pergunta, não têm noção de tempo ou fogem das aulas comuns para a mediação de leitura, ou fogem ou faltam no dia em que a atividade é de mediação de leitura.

Tabela 2 - Quantas vezes por semana você vai à sala de leitura/biblioteca?

Resposta	E.E.C.C	E.E.P.C.F	TOTAL
Uma	24	7	31
Dois	2	3	5
Três	0	6	6
Todos os Dias	0	0	0
Nenhuma	0	6	6
TOTAL	26	22	48

O gráfico com a mesma pergunta evidencia em percentual que 92,31% dos alunos da Clara Camarão reconhecem e participam desse cronograma de atendimento de uma vez por semana e que os alunos da Presidente Café Filho ainda não internalizaram esse dia. Vale esclarecer que nessa escola não existe o mediador específico de sala de leitura. O professor é quem faz esse trabalho, o que pode levar o aluno a criar o princípio da habituação, ou seja, já estão tão acostumados com a professora e com sua metodologia que nem percebem a mudança do espaço. Ressalta-se também que sua sala de leitura só foi inaugurada em agosto de 2010, o que, de certa forma, ainda é cedo para uma internalização das ações ou dos espaços.

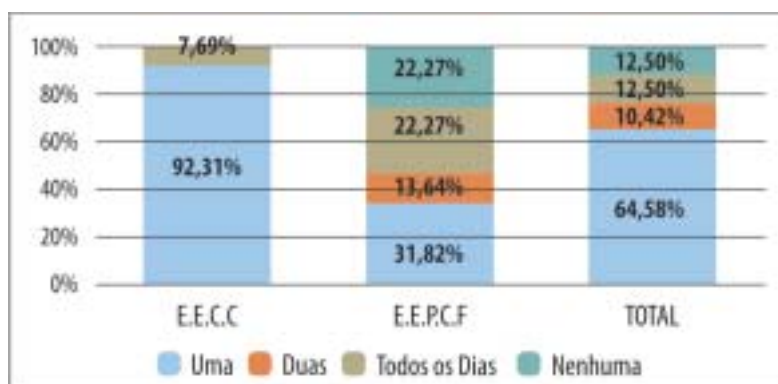


Gráfico 2 - Quantas vezes por semana você vai à sala de leitura/biblioteca?

Um dado que merece atenção nesta tabela é que nenhum aluno cita a biblioteca pública do bairro, o que demonstra que nos bairros em que moram não existe biblioteca. Percebe-se também que os alunos preferem ler em casa somando-se o percentual dos que gostam de ler no quarto, mesmo tendo um espaço atraente e climatizado na escola, o que revela que as escolas devem investir com mais intensidade na ação de empréstimo de livros. Observa-se que os alunos da Presidente Café Filho têm mais acesso ao shopping que os da Clara Camarão, talvez pela localização que é mais próxima.

Tabela 3 - Onde você prefere fazer suas leituras?

RESPOSTA	E.E.C.C	E.E.P.C.F	TOTAL
Sala de leitura/Biblioteca da escola	35,29%	32,14%	33,87%
No shopping	2,94%	3,57%	3,23%
Em casa	23,53%	35,71%	29,03%
Na livraria	2,94%	3,57%	3,23%
Na biblioteca pública do bairro	0,00%	0,00%	0,00%
No seu quarto	35,29%	25,00%	30,65%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%

Este gráfico 3 revela a quantidade de livros lidos no mês, destaca-se que todos os alunos da Escola Clara Camarão leem, pois o percentual que não ler nenhum por mês é zero. 92% leem mais de três, isso significa que a leitura literária já faz parte do cotidiano desse aluno, há um sentimento de pertença pela leitura. Observa-se que os alunos da Escola Presidente Café Filho estão em fase de processo para esse patamar, visto que o trabalho de leitura literária de forma sistemática, com ações planejadas e espaço construído (agosto de 2010) é bem mais recente que o da Clara Camarão, a ausência de um mediador efetivo no espaço de leitura para mediação dinâmica, lúdica, prazerosa ainda é uma conquista. E pelo que se vê, esse mediador faz a diferença. Quando se analisa o total 70,21% dos alunos tornam-se leitores de literatura infantil, pois leem três ou mais livros por mês e já é um bom começo para se consolidar como um leitor.

No questionário pediu-se aos alunos que citassem nomes de cinco livros que eles já tinham lido. Todos os alunos da Clara Camarão quando não citaram cinco, citaram mais de dois o que comprova que realmente eles leem e lem-

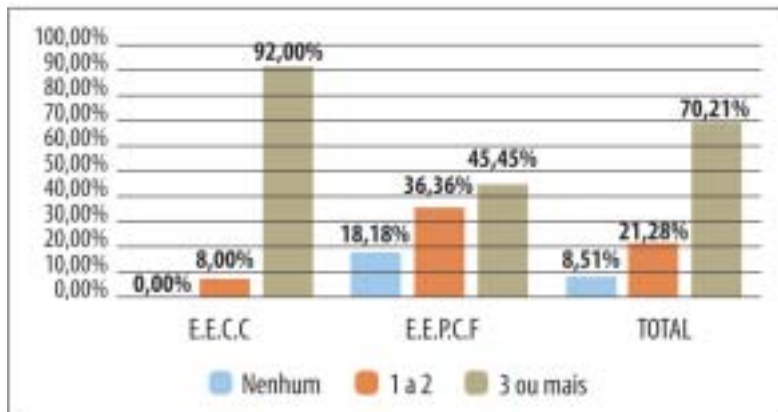


Gráfico 3 - Quantos livros de literatura você lê por mês?

bram o título do livro. O interessante é que quando se pede que citem nomes de autores, os autores citados também têm uma relação com o livro lido, ou seja, o autor não é lembrado porque está na mídia, mas porque, de certa forma, eles veem a relação entre a obra e o autor. Os 26 alunos citaram 70 livros que, somados aos que foram mencionados mais de uma vez, este número sobe para 100. Quanto aos alunos da Escola Presidente Café Filho o resultado foi bem inferior, pois foram citados apenas 22 títulos que, somados com os mencionados mais de uma vez, sobem para 35. O agravante é que de vinte e dois alunos, onze não citaram nenhum livro e doze não se lembram de nenhum autor. Verifica-se, portanto, que o trabalho com a leitura precisa ser intensificado, diariamente, com política de empréstimo de livros. Há necessidade de um mediador e um trabalho mais voltado para a pré-leitura, focando no título, no autor e na obra como um todo. Os outros questionários (gestor, supervisor, professor, mediador) deram suporte para fazer o panorama das escolas e as análises da tabulação dos questionários dos alunos e se as mudanças de práticas de leitura literária na escola tinham mudado ou não a partir do programa *Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*. Para este artigo não foi possível tabular todos os dados, pois foi feito um questionário específico para cada função, mas suas respostas estão diluídas em todo o trabalho e nas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenrolar da pesquisa mostrou que as duas escolas já desenvolviam leitura literária, mas consideram que as práticas de leitura literária mudaram após a implantação do *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras*. As ações em prol da leitura literária estão mais sistematizadas, com cronograma de atividade semanal de mediação de leitura livre e prazerosa, saraus, mediações em terminal de ônibus e posto de saúde, metas de leitura no PPP da escola, ampliação do acervo e ambiente adequado.

A pesquisa mostrou também que, neste momento, os alunos da Escola Estadual Clara Camarão são mais leitores que os da Escola Estadual Presidente Café Filho, no entanto, algumas considerações precisam ser feitas. Na Clara Camarão o programa está na escola seguindo o tripé: espaço, acervo de qualidade e mediador de leitura, desde 2009, o professor da turma pesquisada está com a turma desde o 4º ano, tem graduação e valoriza a leitura literária, lê para os alunos, faz com que eles leiam e releiam, a gestão da escola sempre apoiou as ações do Programa. A Escola Presidente Café Filho ainda não segue o tripé norteador do programa, pois falta o mediador, e o cronograma de atendimento na sala de leitura só passou a existir em agosto de 2010, depois que a atual gestão cedeu a sua sala, os alunos também vêm passando por mãos de estagiários e ainda ficaram mais de um mês sem professor. A gestão anterior também não priorizava o pedagógico.

Os problemas citados afetam a aprendizagem e interesse dos alunos. Fica evidente, portanto, que para um trabalho consolidar-se é preciso o envolvimento de toda a escola, estrutura física e recursos humanos qualificados. Em princípio a Clara Camarão atinge estes requisitos e o programa funciona com mais solidez, tanto é verdade que ganhou o concurso “Escola de Leitores” promovido pelo Instituto C&A e os parceiros locais.

O Governo do Estado precisa rever sua política de quadro funcional e estrutural. Para funcionar com solidez a escola necessita da biblioteca, de professores e não de estagiários, do profissional mediador de leitura, do supervisor e de formação continuada. O *Programa Prazer em Ler/Projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras* tem sido o diferencial nessas escolas, pois tem disseminado com mais prazer a leitura literária. As considerações enunciadas não se encerram neste artigo, uma pesquisa com uma amostra maior deve ser feita para melhor avaliarmos os impactos dos projetos de leitura que estão sendo implementados, novas descobertas e movimentos em prol da leitura literária deverão ser apontados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2009 (Coleção Pensamento e Ação na Sala de Aula).
- AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas?* Petrópoles: vozes, 2009.
- ARAÚJO, Leusa (Redação e Pesquisa). *Prazer em Ler*, três anos. São Paulo: Instituto C&A, 2009.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 2008.
- CULLER, Jonathan. "o que é literatura e tem ela importância", In _____, *Teoria Literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Guardini T.Vasconcelos. [não é mencionada a cidade da editora]: Beca, 1999.
- GARCIA, E.G. A leitura no meio do caminho In: *Prazer em ler: Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura*. São Paulo. Studio 113. 2006. Primeira Parte. p. 22.
- KLEIMAN, Ângela. A concepção escolar da literatura. In: *Oficina de Leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1998.
- LAJOLO, Marisa. O que é literatura. In: *O que é arte, literatura, música*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

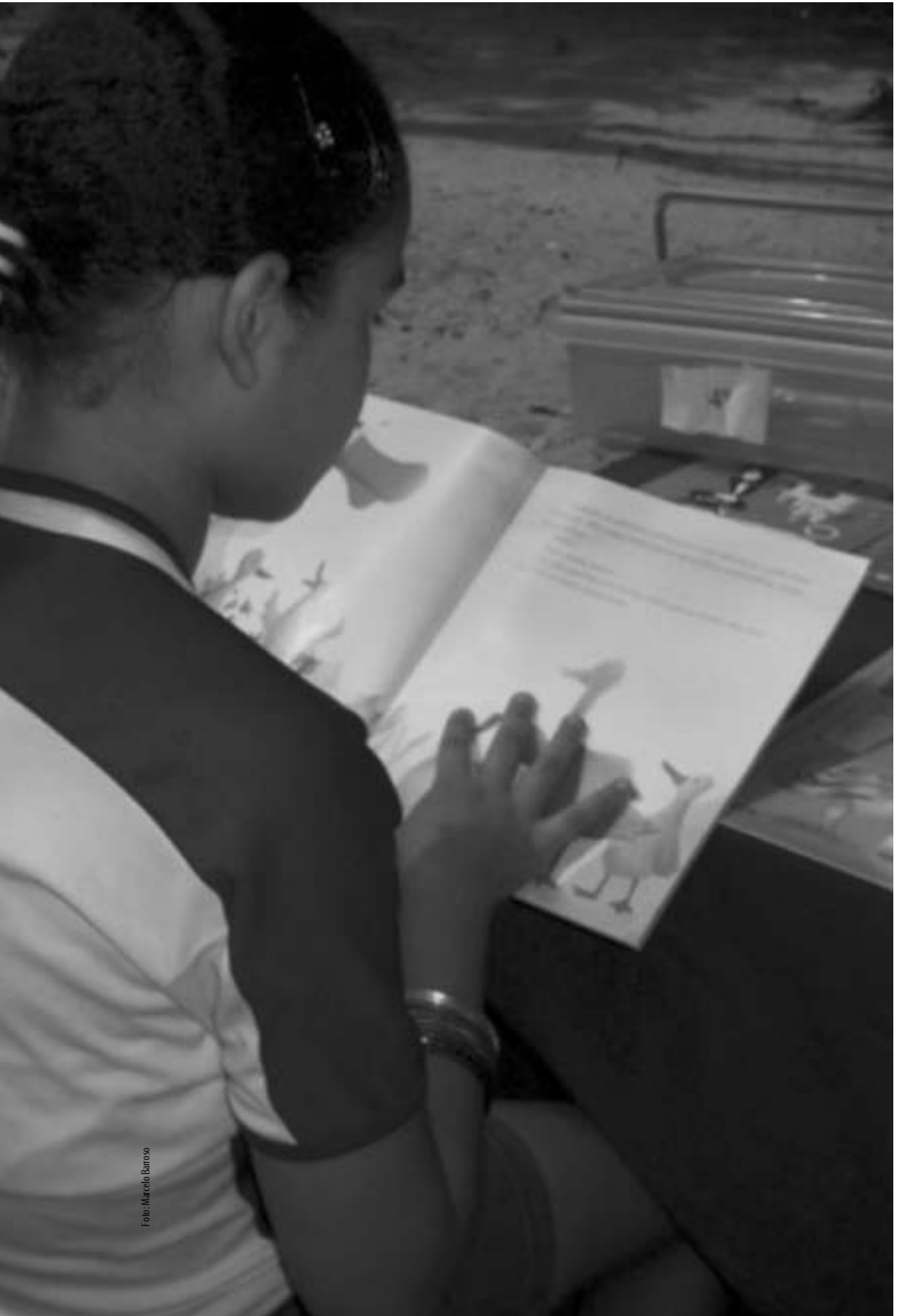


Foto: Marcelo Barros



Terceira Parte

**Escola de Leitores:
o que dizem as experiências?**

Foto: Arquivo



Escola de Leitores: formação e acompanhamento

Grace Helen Rebello de Azevedo¹

A LEITURA NO BRASIL

A segunda edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Amorim, 2008) apontou que 95 milhões de brasileiros, ou seja, 55% da população são leitores, enquanto 77 milhões, 45% dos entrevistados, foram classificados como não leitores. Revelou ainda que o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano, considerando os didáticos que são lidos dentro da escola. Fora dela, apenas 1,3 livros são lidos. Esses dados são entendidos após análise da Tabela 1.

Tabela 1 - A Evolução da Escolaridade da População

Evolução da Escolaridade da População	2000*	2006**
Analfabeto	40.480.015	35.532.845
Sabe Ler e Escrever / Primário	51.163.211	56.236.501
Ginásio / 8ª Série	39.111.434	39.983.221
Colegial / Ensino Médio	28.785.441	40.029.959
Ensino Superior	10.332.754	15.441.854
TOTAL	169.872.855	187.224.380

O aumento da escolaridade da população e consequente inserção dessas pessoas à leitura permite que se entenda como a escola é uma importante “via de acesso” ao livro. Segundo Lázaro e Beauchamp (2008, p. 76), isso não é novidade. “O que deve-se comemorar é o papel da escola pública como principal equipamento civilizatório do país”. Pois, a pesquisa, além de mostrar o aumento da escolaridade, aponta que 85% dos entrevistados passaram ou passam a maior parte da vida escolar em escola pública. Apesar de todos os avanços constatados, após a idade escolar – ainda com base na pesquisa – o número de leitores cai gradativamente, ou seja, a escola apresenta o livro, mas não insere os alunos à cultura leitora. O que indica inconstância em muitos dos

¹ Professora, Pós-graduada em Marketing. É assessora pedagógica de projetos de leitura pela ONG Instituto de Desenvolvimento da Educação – www.ideducacao.org.br.

atuais programas de incentivo à leitura.

Uma das atribuições do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado em abril de 2007, pelo Governo Federal, está em sanar as razões que afastam a maioria da população da leitura. “O PDE atribui à escola o primeiro desafio do brasileiro: tornar-se leitor, aprender a ler com fluência, de modo a fazer da leitura um prazer e um momento de encantamento” (LÁZARO; BEAUCHAMP, 2008, p. 76). E esse ato deve ser para a vida inteira, pois os benefícios da leitura vão além do desenvolvimento de habilidades intelectuais. Viver em uma sociedade letrada e não ler e escrever com fluência é um dos fatores que determina a exclusão social.

Com base nisso, o IC&A desenvolveu, em 2006, o Programa Prazer em Ler, cujo objetivo geral é “promover a formação de leitores e desenvolver o gosto pela leitura, por meio de ações continuadas e sustentáveis e de articulações com distintos agentes envolvidos com a leitura no Brasil” (ARAÚJO, 2009, p. 56). No estado do Rio Grande de Norte, este programa, em parceria com o IDE e a SEEC, vem mudando a realidade de algumas escolas estaduais dos municípios do Natal e Parnamirim, passando de instituições com seus espaços de leitura ou bibliotecas inativos ou inexistentes, acervos inadequados, profissionais despreparados e desestimulados, e, muitas, sem Projeto Político Pedagógico (PPP), portanto, sem objetivos claros em relação à missão da escola, para espaços ambientados adequadamente, acervos próximos do ideal, mediadores aptos e estimulados para desenvolver um bom trabalho. E, com a missão e autoestima resgatadas, 85% dessas instituições têm, hoje, um PPP em que a *leitura* é parte fundamental para integrar aluno, escola e comunidade. As cinco escolas vencedoras do concurso “Escola de Leitores”, iniciativa do Instituto C&A, realizado em 2009 e implementado em 2010/2011, integram esse grupo.

DIAGNÓSTICO DAS ESCOLAS

A entrada das Escolas Estaduais no programa Prazer em Ler em 2007 é marcada pelo preenchimento de um Questionário Base. Por meio dele foi possível registrar a situação em que cada unidade escolar encontrava-se diante do desafio de formar leitores, para que durante o processo fosse possível avaliar os avanços e eventuais retrocessos.

Verificou-se que, quatro das cinco escolas, ao vencerem o concurso, tiveram seus questionários respondidos por um coordenador, ou apoio pedagógico, o que é muito positivo, pois demonstra interesse da equipe de gestão da escola.

E, de acordo com Cida Fernandes (ARAÚJO, 2009, p.147), “A gestão é o maestro da orquestra, dela depende a harmonia dos demais eixos – espaço, acervo e mediação – e, conseqüentemente, o sucesso do projeto”.

A avaliação inicial revelou a situação das escolas no que se refere ao *espaço de leitura*, já que somente duas delas consideraram-no adequado. As demais disseram que faltava ‘tudo’ para que o espaço pudesse ser utilizado a contento.

Todas responderam ter acervo na escola. Porém, há que se levantar dúvidas quanto aos livros considerados literários, já que entre eles incluíram os didáticos, demonstrando desconhecimento para selecionar e avaliar os livros.

À época, embora as cinco escolas tenham respondido desenvolver alguma atividade voltada à promoção da leitura, três não responderam como efetivamente eram realizadas tais atividades. E apenas duas delas possuíam algum projeto em andamento.

Por fim, um ponto comum entre todas elas foi o interesse por uma formação continuada em mediação de leitura que as permitissem aprender e compartilhar práticas eficientes de promoção da leitura literária. Cada qual sugeriu os temas das oficinas de acordo com a demanda da instituição; uma, com foco na família, outra, na contação de histórias; em leitura sociocultural; ou fazer pensar e em explorar a oralidade etc.

FORMAÇÃO DE MEDIADORES DE LEITURA

Para todas as escolas que integram o projeto, incluindo as cinco ganhadoras, a formação de mediadores de leitura inclui encontros mensais; oficinas dentro dos espaços de leitura das escolas, visitas técnicas de acompanhamento de ações para desenvolver o gosto pela leitura literária, Fóruns realizados em cidades estratégicas do estado, com a participação de representantes das instituições escolares e das secretarias municipais de Educação e o Seminário Potiguar Prazer em Ler.

As oficinas de formação e as visitas de acompanhamento são realizadas pelo assessor pedagógico para atender uma demanda específica de cada escola e avaliar o quanto cada equipe mostra-se envolvida com o projeto, observar em que condições encontra-se o mobiliário e ambientação do espaço de leitura, a qualidade e quantidade do acervo, as práticas de mediação e o Índice de Educação Básica (IDEB) de cada unidade escolar. Mas o principal foco é verificar o eixo *leitura* em seu projeto político pedagógico.

Os encontros do Fórum da Rede Potiguar de Escolas Leitoras organizados

pelo IDE, em parceria com o SEEC, o IC&A, a Assembleia Legislativa do RN, as prefeituras de Natal e de Parnamirim e a União dos Dirigentes Municipais de Educação do RN (Undime) abrem discussão e fortalecem a implementação da leitura literária como uma política pública no RN, além de oportunizar momentos de socialização das experiências, relatos das escolas e palestras de formação com educadores e/ou autores de renome.

Os Seminários anuais são atividades com uma programação de formação abrangente e sistemática, pois se inserem no âmbito do Programa de formação do projeto “Rede Potiguar de Escolas Leitoras”.

Um detalhamento será exposto a seguir para demonstrar todo o processo pelo qual as escolas vencedoras passaram antes do concurso e ao longo do ano de 2010.

Formação 2007

A abertura da formação desse ano deu-se com o 1º Seminário Potiguar Prazer em Ler que teve como temática “A leitura de literatura na escola”. Um dos diferenciais foi a proposta de discussão de políticas públicas relacionadas ao tema central. Uma vez que o representante do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), Carlos Alberto Xavier, especialista do Ministério da Educação, foi um dos palestrantes. Entre os convidados também vieram Bartolomeu Campos de Queirós, Glória Kirinus, Lúcia Lins Browne Rego, Luiz Percival Leme Britto, Marly Amarilha e Xosé Antonio Neira Cruz. O Seminário integrara a proposta do projeto “Formação de Mediadores de Leitura”, implementado a partir do segundo semestre de 2007, junto aos 160 educadores, representantes de 79 escolas estaduais do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental dos municípios de Natal e Parnamirim.

Seguiu-se ao Seminário visitas de acompanhamento às escolas e os dois primeiros encontros de formação, em novembro e dezembro. No primeiro foi apresentado e discutido o relatório do diagnóstico de linha de base das escolas, seguido de palestra sobre concepções de leitura. No segundo, discutiu-se, a partir de palestra e oficina, a “Leitura literária enquanto escolha do projeto político pedagógico da escola”.

Formação 2008

Com base nos temas sugeridos nos Questionários de Diagnóstico, o IDE elaborou nove cadernos de estudo para serem aplicados no processo de forma-

ção – palestras, oficinas, visitas de acompanhamento às escolas – nos meses de novembro e dezembro de 2007 e ao longo de 2008.

O 2º Seminário Potiguar Prazer em Ler ocorreu entre os dias 24 e 26 de setembro de 2008 e contou com as palestras:

- Leitura Literária enquanto escolha da escola e responsabilidade do poder público – Maurício Veneza;
- A influência da tradição oral na formação do leitor de literatura - Ricardo Azevedo;
- A estética na literatura para crianças - Laura Sandroni;
- O Papel da Ilustração em um Livro - Angela Lago;
- A mesa com escritores potiguares: Impressões do escritor de literatura sobre o processo de formação do leitor - José Castro, Lisbeth Lina de Oliveira e Salizete Freire;
- O lugar do livro na cultura ocidental - Nilma Gonçalves Lacerda.

Entre as palestras do Seminário foram apresentados relatos dos trabalhos desenvolvidos nas escolas vencedoras do Prêmio Prazer em Ler – Escolas Públicas 2008.

Foi em novembro de 2008 que, em parceria com a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte e o mandato do então Deputado Robinson Faria, o IDE promoveu uma audiência pública que discutiu a necessidade de uma política pública de promoção da leitura literária nas escolas do Estado. Da audiência o IDE saiu com a missão de minutar um projeto de lei, considerando os pontos que tinham sido debatidos com ampla participação das escolas e demais instituições presentes.

Em dezembro do mesmo ano, o Deputado Robinson Faria conseguiu aprovar no plenário da Assembleia Legislativa, por unanimidade, o projeto de lei da *Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte*.

Formação 2009

Em 15 de janeiro de 2009, foi promulgada a Lei Estadual 9.169, que dispõe sobre a *Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte*, um importante marco para o trabalho implementado. O texto provocou a criação do Fórum Potiguar de Escolas Leitoras, lançado com uma Carta em encontro estadual na Assembleia Legislativa, seguido de encontros pelas cidades polos do Estado e outros dois encontros estaduais,

tendo por objetivo a discussão do texto da Lei e a propositura de leis municipais.

Especificamente, a formação de mediadores de leitura para o ano de 2009 começou com reunião das equipes do IDE e da SEEC, para selecionar e organizar os temas a serem trabalhados nas oficinas. Para 2009, avaliou-se a necessidade de dividir as escolas por necessidades de formação, organizando-as em três grupos: estágios avançado, intermediário e inicial. Estabeleceu-se temas com reduzidas variações de um grupo de escolas para outro. Aquelas em estágio inicial tiveram encontros centrados nos eixos espaço, acervo, mediação, gestão, projeto de leitura, projeto político pedagógico. Para os outros dois grupos de escolas foram trabalhadas as seguintes temáticas:

- Maio – Lei Estadual 9.169 – Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do RN.
- Junho – Espaço de Leitura: Ambientação e Gestão.
- Julho – Diálogo entre a Sala de Leitura e as demais atividades da escola.
- Agosto – Leitura Literária: Panorama sobre Gêneros Literários.
- Setembro – 3º Seminário Prazer em Ler.
- Outubro – A Formação de Comunidades de Leitores.
- Novembro – Avaliação de Projetos de Leitura.
- Dezembro – Rede de Escolas Leitoras.

No 3º Seminário Potiguar do Prazer em Ler, que ocorreu em setembro de 2009, duas importantes iniciativas de incentivo e de debate sobre a leitura literária foram lançadas às escolas potiguares: o manifesto “Por Um Brasil Literário”, para ampliação do debate em torno da importância da leitura literária e da política pública de leitura no Brasil, de autoria do poeta Bartolomeu Campos de Queirós, e o concurso “Escola de Leitores”, cujo objetivo era premiar cinco projetos específicos de incentivo à leitura de Natal e Parnamirim. A exemplo das edições anteriores, cerca de 500 educadores estiveram presentes, além de autores de literatura infanto juvenil, pesquisadores dedicados à literatura e à formação de mediadores de leitura, como Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, Daniel Munduruku, Élie Bajard, Nílson José Machado, José Castilho Marques Neto, Salizete Freire Soares.

Formação 2010

Ao término de 2009, a Rede Potiguar de Escolas Leitoras foi instituída, agrupando as escolas que já participavam do projeto desde 2007 e integrando mais 75 unidades escolares das redes municipais de Natal e Parnamirim,

totalizando 145 instituições, distribuídas pelas zonas das duas cidades. Foram formados quinze polos – doze em Natal e três em Parnamirim –, sendo cada um deles acompanhado por um articulador² e a cada três polos por um assessor pedagógico.

Educadores Multiplicadores (assessores pedagógicos e articuladores de polo) participaram de uma programação de formação que subsidiou o trabalho implementado no âmbito dos polos. Os temas trabalhados nos polos foram os seguintes:

- Abril e maio - Estratégias de Mediação de Leitura e de Alfabetização, a partir da formação realizada por Élie Bajard, no mês de março.
- Junho e julho - O projeto da escola e a organização e gestão do espaço de leitura, a partir da formação realizada por Cláudia Santa Rosa, no mês de maio.
- Agosto e setembro - Planos de ação para fortalecer os polos e articular as Bibliotecas Escolares da Rede Potiguar de Escolas Leitoras e como melhorar a organização dos acervos e espaços de leitura de suas escolas, a partir da formação realizada por Elisa Machado, no mês de julho.
- Outubro - A formação baseou-se no aprofundamento da programação do 4º Seminário Potiguar Prazer em Ler, especialmente relativa à seleção de acervo.
- Novembro e dezembro - Aprofundamento sobre mediação e dinamização do espaço de leitura, a partir da formação realizada por Volnei Canônica, no mês de outubro.

Em 2010, no 1º Fórum Potiguar de Escolas Leitoras, realizado em abril, foi anunciada a sanção da Lei Municipal de Incentivo à Leitura da cidade do Natal, pelo vereador Ney Lopes Júnior. Também foram apresentados relatos de projetos de leitura que dão certo em todo o Estado. Na 2ª edição, no final de julho, foram apresentados relatos de experiências e os presentes manifestaram propostas a serem incluídas no manifesto “Por um Rio Grande do Norte de Leitores”, documento apresentado durante a 3ª edição do Fórum que ocorreu no 4º Seminário Potiguar Prazer em Ler. Em novembro, deu-se a 4ª edição do Fórum Potiguar com socialização de experiências e palestra de formação sobre a literatura de escritores potiguares com a professora Diva Cunha.

A 4ª edição do Seminário Potiguar Prazer em Ler trouxe o novelista Mário

² Articulador é um professor que recebe uma ajuda de custo do IDE/Instituto C&A para mobilizar as escolas do polo pelo qual é responsável, avisando-as dos encontros de formação e das atividades extras e colaborando com o assessor pedagógico no processo de formação.

Prata, a escritora Marina Colasanti, o autor e ilustrador de livros infantis André Neves, a professora doutora Ana Margarida Ramos, da Casa da Leitura de Portugal e os escritores potiguares Salizete Freire, Marize Castro e Flauzineide Moura que compartilharam experiências com os educadores presentes. A programação incluiu uma mesa com as cinco escolas potiguares vencedoras do concurso “Escola de Leitores”, que relataram sobre seus projetos e a experiência de intercâmbio na Colômbia.

ESCOLAS VENCEDORAS DO CONCURSO ESCOLA DE LEITORES

Quando o concurso “Escola de Leitores” foi anunciado em setembro de 2009, as escolas do programa estavam reunidas em três grupos de diferentes estágios de acordo com a existência e ambientação de seus espaços de leitura, qualidade dos acervos e dos resultados da formação dos mediadores de leitura. E, dentro dessa lógica, deu-se continuidade ao processo de formação.

Das 25 escolas do primeiro grupo³, com o trabalho mais estruturado, isto é, sala ambientada, acervo minimamente composto e mediadores formados, com o lançamento do certame, iniciou-se uma formação específica na elaboração de seus projetos de leitura, com vistas ao concurso. A mesma orientação foi dada pela coordenação do projeto, no sentido das demais assessoras orientarem as escolas dos grupos que acompanhavam.

Oficinas extras foram planejadas e aplicadas em escolas com laboratórios de informática. Assim, todas as etapas do formulário *online* do concurso puderam ter algum acompanhamento. Ao elaborarem os projetos, as dificuldades e os problemas a serem vencidos eram incluídos como *objetivos específicos* a serem alcançados. As causas dos problemas transformavam-se em *ações* a serem realizadas. O interesse foi crescente e 23 das 25 escolas construíram seus projetos e se inscreveram. Ao todo, 48, das 70 que estavam habilitadas. Dentro das cinco escolas ganhadoras, quatro saíram desse grupo I.

As cinco escolas: Hegésippo Reis, Stella Gonçalves, Clara Camarão, Izabel Gondim situadas no município do Natal, e Maria Cristina, em Parnamirim (RN), vencedoras do concurso “Escola de Leitores”, estavam entre as 70 escolas estaduais que se encontravam em processo de formação há dois anos. Como prêmio receberam apoio técnico por um ano (assessoria pedagógica com oficinas de formação e visitas de acompanhamento e avaliação das ações do projeto) e

³ Fazíamos a assessoria pedagógica a esse grupo.

financeiro de R\$ 10.000,00 a serem aplicados no projeto. Além disso, para duas representantes de cada escola um intercâmbio à Colômbia, país referência mundial em políticas de promoção da leitura.

CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS ESTADUAIS E DOS PROJETOS VENCEDORES DO CONCURSO

Nome da escola: ESCOLA ESTADUAL HEGÉSIPPO REIS

Nível: Fundamental I

Segmento: Do 1º ao 5º ano

Número de alunos: Total de 120 Alunos

Número de professores: Total de 10 professores

Foto: Arquivo



A Escola Estadual Hegésippo Reis está situada num dos bairros mais carecidos da região sul de Natal-RN. Apesar da presença de algumas famílias com poder aquisitivo considerável, predominam as pequenas vilas e casebres, e, em sua maioria, com pias e banheiros comunitários. Os pais, quando empregados, ficam fora o dia todo, os que não possuem trabalho são sustentados pela aposentadoria de avós, por programas do governo ou, ainda, atuam como ambulantes.

Não existe biblioteca e, como na maioria dos bairros de periferia, há carência de investimento do setor público, o que desencadeia violência e marginalização na região. Mas a democratização da escola, os profissionais – com enfoque crítico pedagógico, bem como a corresponsabilização da comunidade e as muitas parcerias nos projetos da instituição estão revolucionando a

escola, as crianças e a realidade da comunidade.

Destaca-se do Projeto **Bairro Leitor** - cujo objetivo é fortalecer a sala de leitura da Escola como um espaço de referência para crianças e adultos que desenvolvem o gosto pela leitura literária - diversas estratégias, entre elas: exposições, atividades literárias, encontros com escritores, Sábados literários, Rodas de leituras e Bate papos mensais com as crianças e autores convidados; Concurso Literário "Li, Gostei e Indico"; Mediação de leitura em instituições e locais públicos do bairro e para as famílias nas reuniões mensais da própria escola; Saraus e Recitais bimestrais com presença de artistas e poetas. Além das oficinas de formação de mediadores de leitura.

Nome da escola: ESCOLA ESTADUAL PROF.^a STELLA GONÇALVES

Nível: Ensino Fundamental I

Segmento: Do 1º ao 5º ano

Número de alunos: Total de 140 alunos

Número de professores: Total de 6 professores

Foto: Arquivo



Situada no bairro do Alecrim, em Natal, a Escola Estadual Prof.^a Stella Gonçalves supre, entre outras necessidades básicas da comunidade, a alimentação e o lazer de um número considerável de crianças. Apesar de ser um bairro comercial, a comunidade denominada "guarita" é esquecida de investimentos dos governos. Constatou-se, através de questionário realizado para construção do Projeto Político Pedagógico, que a economia do bairro gira em torno da manufatura, pesca e do comércio ambulante de roupas, picolés e cocos, por exemplo. Muitos vivem em condições sub-humanas.

Os pais, moradores, líderes comunitários e voluntários, sempre que possível, apoiam e participam de reuniões, eventos e de programas como o Mais Educação, Saúde na Escola e o Prazer em Ler, através do projeto **Abrindo as portas para o Saber Literário**. Entre as ações desenvolvidas, estão: a “Praça Literária”, o “Picolé Literário”, a “Tenda Literária”, e momentos nas estações de trens próximos à escola e no Restaurante Popular. Mediação de Leitura na praça.

Nome da escola: ESCOLA ESTADUAL CLARA CAMARÃO

Nível: Ensino Fundamental I e EJA

Segmento: Do 1º ao 5º Ano e EJA - Educação de Jovens e Adultos

Número de alunos: Total de 1.200 Alunos

Número de professores: Total de 36 professores

Foto: Arquivo



Localizada na zona oeste de Natal, no bairro de Felipe Camarão, a Escola Estadual Clara Camarão atende a uma comunidade de baixo poder aquisitivo e com crianças em situação de risco. De acordo com a equipe de gestão, as condições de trabalho e a estrutura física da instituição não são ideais, e a participação da comunidade ocorre de forma indireta, apenas em eventos escolares e reuniões de pais. Para viabilizar os projetos e melhorar o atendimento aos alunos, além do apoio de organizações não governamentais como o Instituto de Desenvolvimento da Educação, parcerias foram firmadas com o Instituto Nordeste Cidadania e o Instituto C&A, este colabora com o projeto **Os Sentidos da Leitura**, que visa despertar e instigar o gosto e o prazer pela leitura literária, favorecendo o desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da socialização

e a elevação da autoestima, da autonomia e o do senso crítico através do ato de ler leitura prazerosa. Nas ações, são desenvolvidas leituras na sala de leitura (livre e empréstimos), na sala de aula (ciranda de leitura), nos espaços da escola (recreio literário), nos eventos escolares (momentos literários) e em pontos na comunidade (espaços literários). Oficina de Formação de Mediadores.

Nome da escola: ESCOLA ESTADUAL IZABEL GONDIM

Nível: Ensino Fundamental I, Fundamental II e EJA - Educação de Jovens e Adultos

Segmento: Do 1º ao 9º Ano e Educação de Jovens e Adultos

Número de alunos: Total de 544 alunos.

Número de professores: Total de 29 professores.

Foto: Arquivo



A Escola Estadual Izabel Gondim foi a primeira escola pública do bairro das Rocas, em Natal, uma região rica e diversificada culturalmente. Contudo, apresenta problemas relacionados à falta de investimento do setor público. A comunidade resiste em estreitar vínculos com a instituição escolar, embora se pretenda na construção do Projeto Político Pedagógico incluir ações específicas para esse ponto frágil. Atualmente, conta com o apoio do Instituto C&A e o Instituto de Desenvolvimento da Educação para desenvolver o projeto **Os sabores da leitura**, que se propõe à promoção da leitura literária no âmbito escolar e no seu entorno, através da criação e ambientação dos espaços de leitura, da ampliação e diversificação do acervo literário, da criação de estraté-

gias de mobilização e circulação do acervo, e da organização de um cronograma de eventos e/ou atividades que estimulem a leitura literária na escola e na comunidade. Mediação Literária no restaurante do Moinho Potiguar.

Nome da escola: ESCOLA ESTADUAL MARIA CRISTINA

Nível: Ensino Fundamental I, Fundamental II e EJA

Segmento: Do 1º ao 9º Ano e EJA - Educação de Jovens e Adultos

Número de alunos: Total de 560 Alunos

Número de professores: Total de 24 professores

Foto/Arquivo



A Escola Estadual M.^a Cristina, localizada no município de Parnamirim, destaca-se pela participação ativa de toda a equipe nas reuniões pedagógicas e eventos escolares, bem como dos responsáveis dos alunos nela matriculados. Estes não são indiferentes aos esforços da comunidade escolar em fazer e manter as parcerias com o Posto de Saúde da Família, Conselho Tutelar, a Promotória da Infância e Adolescência, grupos religiosos, Fundação de Cultura do município e grupo de estudantes de medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, além do Instituto C&A e IDE, que acompanham o projeto **Restaurante Literário**.

Esse projeto cria mecanismos de incentivo à leitura, de forma lúdica, tendo como eixo norteador obras literárias, desenvolvendo um trabalho voltado para a leitura de forma prazerosa e oferece um autor por bimestre para ser 'degustado'. Suas obras são lidas, sua biografia estudada, para então se produzir um cardápio. No dia do Restaurante, mesas são dispostas e garçons alunos

dispõem-se entre os convidados que ‘bebem’ e ‘comem’ peças teatrais, poesias, músicas, cordéis no pátio da escola. Todos preparados a partir das obras dos autores estudados durante o ano. As parcerias e projeto citados estreitam a distância entre comunidade e escola, além de melhorar a credibilidade dos pais em relação à instituição, vendo melhores perspectivas para o futuro, uma vez que as famílias, de acordo com dados levantados pela equipe de gestão, em sua maioria, são de baixa renda, 30% dos pais estão desempregados. E os que trabalham, atuam como operários, agricultores e autônomos.

ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DOS PROJETOS

No início do ano de 2010, as escolas vencedoras foram orientadas a destacar do Projeto todas as ações a serem realizadas e, junto com a equipe pedagógica da escola, inseri-las no Calendário Escolar. Este primeiro encaminhamento deu-lhes alento e *norte* para dirimir os temores de que não seria possível dar cabo da árdua tarefa.

A cada mês, em visita personalizada, o plano de ação era avaliado e reorientado quando necessário. E oficinas eram planejadas de acordo com a demanda específica daquela instituição, sob temas diversos: *Formação de alunos mediadores, Formação de professores mediadores, Oficinas para pais, Oficinas para funcionários, Oficinas para montagem do Projeto Político Pedagógico etc.*

Ao final do processo, as cinco escolas mostram-se satisfeitas com os resultados alcançados. Todas, sem exceção, atingiram 90% dos resultados relacionados com os objetivos específicos e com o objetivo principal de seus projetos. A preocupação inicial com a implementação das ações dá lugar a *depoimentos conclusivos*, a seguir, de que estão no caminho certo, promovendo a formação de leitores e desenvolvendo o gosto pela leitura.

A programação anual da sala de leitura e as ações do projeto **Bairro Leitor** foram distribuídas para a comunidade com o intuito de envolvê-la com o projeto de leitura: encontros mensais de escritores na escola, aberta à participação de familiares; recitais e saraus bimestrais, sendo enviado convite a toda comunidade. Mediações de leitura em espaços do Bairro: creches, colégios, supermercados; farmácia e lojas, etc. Piquenique literário no Parque das Dunas e em espaços da escola, etc. A programação sistematizada vem sendo cumprida, salvo alguma implicação com dia/hora dos escritores na escola. Os

empréstimos aumentaram. (Profa. Maria Evania, Mediadora de Leitura – EE. Hegésippo Reis).

O projeto **Abrindo as portas para o saber literário** oportunizou-nos um trabalho diferenciado, pois estamos formando alunos mediadores, voluntários e professores. Sempre em reuniões pedagógicas e de pais, temos o momento de incentivo à leitura, propiciando ao professor outro ponto de vista do ato de ler, incentivando, assim, o uso da sala com prazer, desenvolvendo oficinas e encontros com escritores literários. A leitura está sendo disseminada em todos os segmentos da escola, de forma a propiciar momentos prazerosos de leitura, e já estamos conseguindo resultados. Há momentos no recreio, onde armamos uma roda de leitura e eles leem no microfone (isso tem melhorado bastante o intervalo), empréstimos de livros durante o intervalo que é controlado pela voluntária Margareth. A escola e comunidade estão envolvidas com o projeto vencedor, pois todas as ações envolvem o grupo e inclusive voluntários da comunidade: pais de alunos que levam o material que utilizamos em atividades fora da escola. (Profa. Maristella Costa, Apoio Pedagógico – EE. Stella Gonçalves)

Desde a sua implantação, a proposta do projeto **Os Sentidos da Leitura** foi a de despertar o gosto e prazer pela leitura literária, favorecendo o desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da socialização e da elevação da autoestima do alunado através da leitura prazerosa. O projeto vencedor vem sendo desenvolvido com o envolvimento de todos os segmentos da escola e se estendem à comunidade de acordo com as ações programadas. Porém, as ações destinadas à comunidade em pontos estratégicos estão em processo devido a alguns entraves: transição de direção escolar, dificultando a compra de material indispensável ao desenvolvimento das ações e mudança de endereço de um dos pontos de mediação que seria realizada pelos alunos à comunidade. (Profa. Elisimar Lopes, Diretora -EE Clara Camarão)

Atualmente, a menina dos olhos de todos de nossa escola é o nosso projeto **Sabores da Leitura**, apoiado pelo IDE em par-

ceria com o IC&A e Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, todos, em uníssono, estamos muito orgulhosos e satisfeitos com a aceitação de nossa comunidade escolar. **Sabores da Leitura** é um projeto que procura, através da leitura, resgatar o valor histórico da escola, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, da formação de opiniões e identidades, da compreensão do mundo e da expansão dos horizontes e expectativas sociais dos alunos e suas famílias. O projeto propõe-se a promover a leitura literária no âmbito escolar e no seu entorno, mediante a mobilização dos segmentos internos e externos da escola, favorecendo a formação de um público que leia por prazer. Apesar de ser um projeto novo, estamos, até agora, conseguindo manter as ações dentro dos prazos. (Profa. Rosa Silva, Mediadora de Leitura da EJA – EE. Izabel Gondim)

O Projeto **Restaurante Literário** envolve a comunidade, pois o evento, na sua culminância, leva o convite aos pais, autores locais, autoridades, etc, que sempre nos prestigiam com suas presenças. Acreditamos que este deixa, em todos, um grande desafio para que também sejam apreciadores e, mais do que isso, leitores com competência. Todas as nossas ações têm sido executadas dentro do prazo, com pequenas exceções de dias, devido aos entraves do cotidiano da escola. Os entraves são o desinteresse de alguns alunos, que ainda precisam ser conquistados, e alguns professores do turno vespertino que ainda resistem a um maior envolvimento. (Profa. Angélica Vitalino, Mediadora de Leitura – EE. M.^a Cristina)

O ponto comum entre estes bons resultados está na execução dos projetos, realizados de forma competente e com foco na leitura prazerosa.

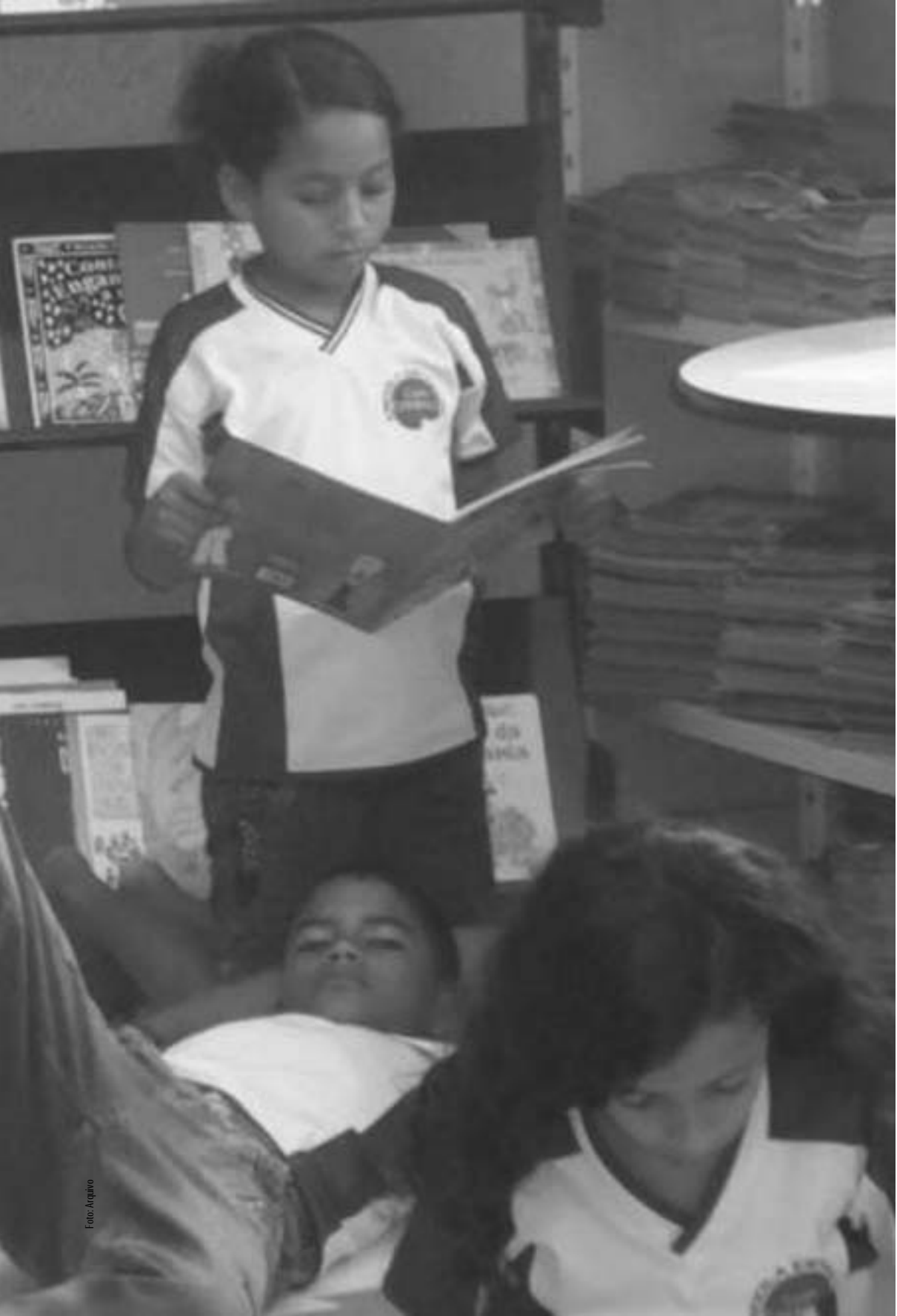
A leitura prazerosa é, de fato, um dos mais importantes caminhos para o desenvolvimento de outras habilidades intelectuais, com forte impacto em todo o aprendizado. É por ela que o aluno tem acesso às diferentes áreas do conhecimento. (LÁZARO; BEAUCHAMP, 2008, p. 77).

REFERÊNCIAS

AMORIM, Galeno (Organizador). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Pró livro, 2008.

ARAÚJO, Leusa (Redação e Pesquisa). *Prazer em Ler*, três anos. São Paulo: Instituto C&A, 2009.

LAZARO, A.; BEAUCHAMP, J. A A escola e a formação de leitores. In: AMORIM, Galeno (Organizador). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial/ Instituto Pró livro, 2008.



O sentido da Leitura Literária na Escola

Elisimar Lopes¹

A FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA

Considera-se que a Sala de Leitura, por não estar inclusa nas exigências da legislação educacional, com relação a currículo, disciplinas, horas de aula, enquadra-se como o ambiente ideal para o estímulo à prática da leitura prazerosa, pelo simples prazer da interação com o livro de literatura. Para tanto, deve valer-se de estratégias inovadoras e atividades lúdicas com o texto literário infantil e juvenil. Dessa maneira, a sala de leitura assume o seu papel educacional e cultural nos novos paradigmas da Sociedade da Informação.

Desse modo, preocupada com a deficiência na leitura e escrita de nossas crianças, elaboramos o projeto “Os sentidos da Leitura”, baseado na proposta do programa Prazer em Ler, do Instituto C&A. Assim sendo, o projeto tem como objetivo maior despertar o gosto e o prazer pela literatura, favorecendo o desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da socialização, da expressão corporal e a elevação da autoestima através da leitura literária e capacitar os professores para desenvolverem esse projeto em sala de aula, voltado para produção e leitura de textos, visando uma aprendizagem significativa.

A ESCOLA COMO ESPAÇO LITERÁRIO

Sabemos que o sucesso da educação tem seu princípio no ato de ler. O gosto pela leitura, por sua vez, não se origina da imposição advinda da escola, através de seus professores, nem de seus familiares, que no caso da grande maioria dos alunos da escola, são pessoas que não desenvolveram gosto pela leitura por não terem compreendido a importância da mesma para a tão sonhada emancipação social ou por não terem tido acesso à cultura escrita.

A paixão pela leitura desenvolve-se a partir do momento em que o sujeito internaliza que é preciso ler para conhecer a organização da sociedade, para que a partir desse conhecimento possa lutar pelos seus direitos, sabendo de seus deveres.

¹ Professora e Especialista em Psicanálise e Educação. É coordenadora pedagógica do projeto “Os Sentidos da Leitura” da E.E Clara Camarão. E-mail: elisimarlopes@yahoo.com.br

A dificuldade na leitura é uma realidade que atinge a grande maioria das escolas públicas. Todavia, diante da dificuldade na aprendizagem, temos que buscar estratégias para tentar minimizar a barreira colocada ao longo da história e que dificulta o desenvolvimento das atividades educativas. Pensando assim, tomamos a iniciativa de realizar este projeto de leitura literária.

A Escola Estadual Clara Camarão, situada no bairro de Felipe Camarão, Natal-RN, desenvolve a educação do 1º ao 5º do Ensino Fundamental e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos – Educação de Jovens e Adultos (EJA) atende a um público de 1.099 alunos, distribuídos nos turnos diurno e noturno. A escola dispõe de doze salas de aulas, uma sala de leitura voltada para a leitura prazerosa, uma sala reservada à pesquisa escolar e as salas de aula como um ambiente voltado para momentos de aprendizagem significativa e também de leitura literária.

Nesse trabalho, contamos com a participação de todos os professores regentes da sala de aula, em parceria com as mediadoras de leitura, seguindo uma proposta educativa e envolvendo todo alunado da escola. Foram obedecidos os objetivos na perspectiva de envolver os alunos e os professores na leitura prazerosa e na leitura mediada, fazendo com que os alunos descubram os sentidos da leitura e apropriem-se do conhecimento como um todo.

A importância do prazer em ler, imaginar história e escrever textos, externando sentimentos contribui para a formação do sujeito e o exercício da cidadania. No cotidiano da escola, os alunos apresentam grande dificuldade de aprendizagem, principalmente, de leitura e de escrita. Portanto, torna-se necessário incentivar a leitura prazerosa que propicie a compreensão do conhecimento.

OS CAMINHOS DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A princípio, o projeto funcionava de forma precária, com livros doados, devido à falta de acervo de qualidade para empréstimos e mediação de leitura, espaço sem ventilação e pouco iluminado para a realização das ações.

Atualmente, com a parceria do Instituto de Desenvolvimento da Educação - IDE, do Instituto C&A e Governo do Estado e após a premiação do concurso Escolas de Leitores, a escola apresenta condições excelentes de ambientação do espaço e aumento significativo e qualitativo do acervo literário.

Contamos também com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) através do Plano de Desenvolvimento da Educação

(PDE) e do Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), possibilitando a melhoria do acervo literário e a melhoria do material de expediente.

O projeto tem como objetivos incentivar o ato da leitura e estimular a criatividade dos alunos. As atividades do projeto foram aplicadas com a participação dos professores e responsáveis pela sala de leitura.

Na sala de aula, a leitura realizada pelos alunos analisa a estrutura do texto, desenvolvem várias atividades sugeridas, responde a fichário sobre o livro: nome do autor e ilustrador e título da obra e desenvolvem textos baseados nas crônicas ou nos personagens, ilustração, adaptação de texto para encenação, o desempenho de apresentação, entre outros.

O projeto envolveu a leitura prazerosa na sala de leitura, porém, na sala de aula, ocorre discussão dos temas, criação de textos e adaptação para teatro a partir de uma obra escolhida pelos alunos. A ideia é atrair todos os alunos e professores para uma participação ativa em um movimento literário na escola.

O incentivo à leitura para os familiares torna-se fundamental no processo de formação de leitores. Por isso, a mediação de leitura também foi realizada para os familiares, com a intenção de fazer com que os mesmos sejam também atraídos pelo prazer da leitura e possam ser, também, incentivadores de leitura para as crianças.

A proposta de incentivar o trabalho com Literatura na escola faz promover uma aprendizagem que sirva para a constituição de sujeitos que simplesmente não pertençam a uma sociedade, mas a questiona e a transforma, como bem dizia Freire (1988) em seu livro *Pedagogia da Autonomia*.

Torna-se fundamental, para o incentivo à leitura, que os professores leiam para que seus alunos possam ser envolvidos pelo texto, servindo de referencial para a turma. Como também, ao trabalhar projetos que privilegiem a Literatura na escola, estamos promovendo a emancipação do saber.

O SENTIDO DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Sabe-se que um dos maiores entraves na educação advém da ausência de leitura, ou seja, do fracasso no processo de alfabetização das crianças que ingressam no Ensino Fundamental e chegam ao final sem desenvolver a leitura, seja por prazer ou para adquirir novos conhecimentos, o que tem ocasionado o desestímulo de muitos que chegam e desistem da escola sem sucesso da educação. O gosto pela leitura se origina no incentivo oferecido por alguém que transforma um livro num condutor de prazer e de caminho da descoberta e

não advinda da imposição da escola para adquirir conhecimento. No caso da grande maioria dos alunos da nossa escola, são crianças que não desenvolveram o gosto pela leitura por não terem incentivo por meio da leitura literária.

A dificuldade na leitura é uma realidade que atinge a grande maioria das escolas públicas, inclusive a nossa. Todavia, diante dos desafios propostos na aprendizagem dos alunos, tivemos que buscar estratégias para tentar minimizar a barreira colocada ao longo da história e que dificulta o desenvolvimento das atividades educativas.

Pensando assim, a iniciativa de realizar o Projeto de Leitura “Os Sentidos da Leitura” teve como finalidade criar uma ponte entre o prazer pela leitura literária e o incentivo para adquirir novos conhecimentos, uma vez que, ao serem estimulados a ler por prazer também poderiam ler para conhecer. Como bem descreve Ricardo Azevedo que “*tudo entra na leitura, os olhos, os pensamentos, as palavras e também as lembranças, as emoções, nossas imaginações e fantasias*”. (In: GARCIA, 2006, p. 33).

Assim sendo, o sentido da leitura literária na escola passa a ser desencadeado a partir do momento em que se oferece aos alunos condições adequadas para o desenvolvimento da leitura prazerosa, com um acervo de qualidade para que os mesmos tenham acesso à diversidade de gêneros literários, um espaço adequado e com condições de ambientação favorável à leitura e um bom leitor que incentive o gosto pela leitura, pois o contato com os livros despertou, nos alunos, um interesse maior pela literatura, tanto nos alunos que têm uma leitura fluente quanto naqueles que não desenvolveram a leitura.

A LEITURA COMO MEIO PARA A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

O despertar pelo gosto e o prazer da leitura literária, favorecendo o desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da socialização e a elevação da autoestima, da autonomia e do senso crítico, através do ato de ler sem caráter utilitário, têm motivado os alunos à descoberta e à valorização do conhecimento através da leitura de gêneros literários e de diversas produções textuais.

Nesse contexto, percebe-se a importância da literatura para o desenvolvimento da aprendizagem significativa, visto que os alunos passam a gostar não apenas da leitura literária, mas envolve-se mais no contexto educacional e adquirem o gosto pela leitura e pela escritura através do contato com diversos textos literários e reconhecem, nos textos, os diferentes estilos literários contidos nos contos, lendas, cordel, fábulas, poesias, entre outros. Conforme Ezequiel

Silva, torna-se fundamental “ler um texto criticamente e raciocinar sobre os referenciais de realidade de texto, examinado cuidadosamente os seus fundamentos” (In: GARCIA, 2006, p. 25), como meio de compreender uma leitura contextualizada.

Contudo, a estratégia de criar e recriar história com o intuito de desenvolver a escrita identifica o aluno como escritor de suas próprias produções. Isso proporciona ao leitor a descoberta de si como protagonista de um processo, antes visto longe de sua realidade e a interpretação dos textos lidos por si ou por outros, desencadeia o desenvolvimento da interação e da socialização no processo de aprendizagem.

A LEITURA LITERÁRIA COMO ATIVIDADE COTIDIANA

O desenvolvimento de atividades cotidianas da sala de leitura apresenta uma proposta de incentivo e valorização do livro como essência no processo de formação de leitores. As atividades desenvolvidas proporcionam a socialização de leitura como forma de apresentação do livro escolhido no momento da leitura de livre escolha, a mediação de leituras como incentivo ao ato de ler através de momentos literários, proporcionando a descoberta de novas leituras.

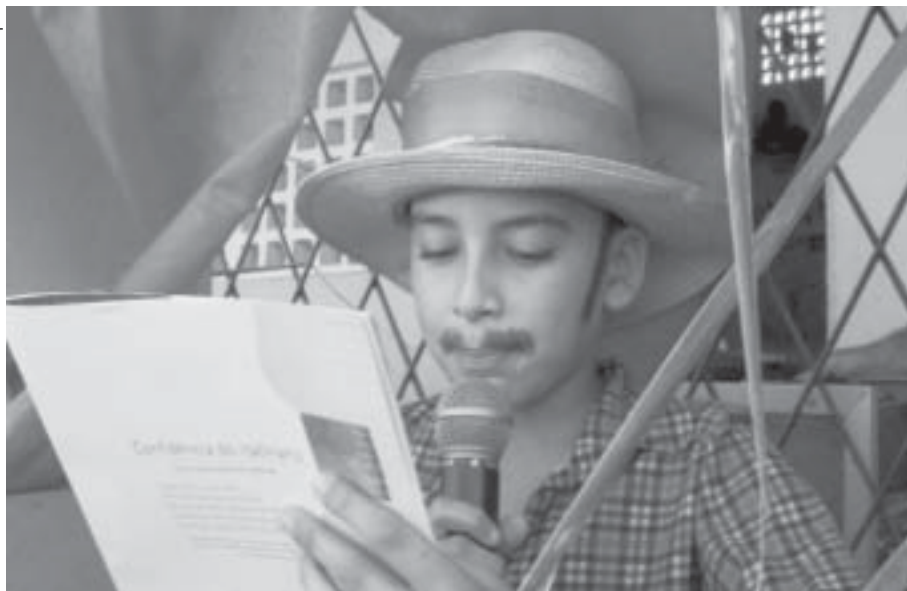
Com o intuito de cultivar esse ato, ações são desenvolvidas nos espaços da escola e da comunidade, fomentando a formação de leitores através de várias ações que despertam a leitura autônoma em cada um. Destacaremos algumas das atividades desenvolvidas nos espaços da escola:

Foto: Arquivo



Recreio Literário - Essa atividade proporciona momentos, na hora do recreio, de interação e satisfação pela leitura, como também desenvolve a expressividade no momento da mediação de leitura para outros.

Foto:Arquivo



Leituras Livres na sala de leitura, na sala de aula e em casa - A leitura para a criança, ainda é uma forma de fuga da realidade vivenciada por muitos no contexto familiar. Está com o livro, muitas vezes, proporciona na criança a sensação do prazer da companhia de uma boa leitura. A leitura livre promove a liberdade de escolha e a autonomia pela leitura.

Foto:Arquivo



Ciranda de Livros - Os empréstimos estimulam o fortalecimento dos laços afetivos com os colegas e a família, fortalecendo o vínculo da criança com o livro, a leitura e o autor. Nessa atividade a professora leva para sala de aula uma cestinha contendo os livros para as crianças lerem de forma que todos leem os livros. As crianças têm a liberdade e autonomia de passar adiante o livro que já leu e trocar com o colega.

Foto:Arquivo



Mediação de Leituras protagonizadas pelos alunos - Ser incentivado e incentivar os outros através da mediação de leitura transcende no aluno o desejo de também querer ser protagonista do processo de incentivo à leitura. Nessa atividade o aluno realiza a mediação de leitura nos eventos escolares para os colegas, familiares e comunidade escolar.

Foto:Arquivo



Mediação de Leituras pelos mediadores - Os mediadores têm o papel fundamental de proporcionar o desejo da leitura. E através da mediação ocorrida na sala de leitura o mesmo precisa se utilizar de uma boa prosódia para despertar o desejo da criança para a leitura.



Mediação de Leituras pelos professores - A proposta de mediar a leitura não se restringe apenas à sala de leitura. Na sala de aula o professor também atua como mediador de leitura para os alunos. Ao iniciar a aula, a leitura passa a ser a primeira atividade do cotidiano da sala de aula.

São atividades desenvolvidas nos espaços da comunidade:

- A leitura pede passagem, realizada no Terminal de Ônibus.
- Ler é o melhor remédio, realizado no Posto de Saúde.
- Promoção literária, realizada no Supermercado do Bairro.
- Piquenique literário, realizado do Parque da Cidade.
- Comício Literário, realizado na Praça.

Essas estratégias de leitura para o público objetivam e são desenvolvidas com a intenção de divulgação do projeto da escola, como também fomentar a leitura literária na comunidade.

O INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA COMO ATO DE LER

As atividades do projeto estão desenvolvidas de forma sistematizada no interior da escola e pontuais nos eventos escolares e na comunidade, tendo a participação de todos os envolvidos no processo educacional, os professores, os mediadores de leitura, os alunos e toda comunidade escolar.

O projeto tem como foco a leitura prazerosa na Sala de Leitura, porém, na Sala de Aula, ocorre a ciranda de livros, discussão sobre os gêneros literários, socialização de leitura, adaptação de histórias para outros gêneros textuais a partir de uma obra escolhida pelos alunos. Conforme descreve Paulo Freire, “a leitura de mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente” (FREIRE, 1988, 46).

A proposta é instigar todos os alunos para uma participação ativa em um movimento literário na escola e na comunidade. Pois, compartilhar as vivências realizadas num contexto onde se valoriza a leitura literária como fonte principal para emancipação do ser requer o entendimento sobre o que se faz e o que se cultiva para alcançar objetivos voltados para a formação do leitor.

DESCOBRINDO OS SENTIDOS DA LEITURA LITERÁRIA

Relatar o interesse dos alunos pela leitura literária pode ser um pouco vago, porém, quando contamos com registro fotográfico e registro escrito torna-se bem mais relevante. Por isso, apresentaremos, também, o resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB (BRASIL, 2010) e a tabela dos empréstimos de livros realizados pelos alunos no período do desenvolvimento do projeto, conforme quadro abaixo.

Os resultados alcançados têm sido bastante satisfatórios, pois foi constatado aumento no desempenho da escola, ou seja, na avaliação externa, o IDEB apresentou aumento de 2.9 em 2007 para 3.7 em 2009, conforme dados do Ministério da Educação divulgados no Sítio Oficial.

Escola	Ideb Observado			Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
E. EST. CLARA CAMARÃO	3.0	2.9	3.7	3.0	3.4	3.8	4.1	4.4	4.7	5.0	5.3

QUADRO 1 - Ideb da Escola Estadual Clara Camarão - Fonte: Inep/Ministério da Educação

Comparando o acesso aos livros, conforme quadro e gráfico a seguir, os empréstimos ocorridos, em cada mês e ano, demonstram um interesse maior pela leitura literária e apresenta um constante contato do aluno com os livros.

Entender o que representa para poucos a oportunidade de se ter um

Mês	2007	2008	2009	2010
Março	131	287	820	1 102
Abril	142	195	760	1 280
Maió	143	271	856	1 360
Junho	137	305	796	1 130
Julho	89	326	960	961
Agosto	121	287	796	1 237
Setembro	145	195	849	1.190
Outubro	127	271	961	1.150
Novembro	136	305	957	1.156
Dezembro	89	326	520	821

QUADRO 2 - Empréstimos de livros na escola

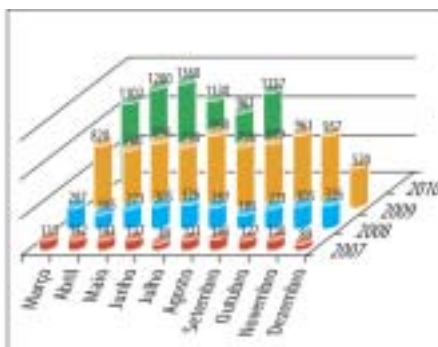


GRÁFICO 1 - Empréstimos de livros na escola

espaço diferente na escola, a sala de leitura, com um acervo disponibilizado para aqueles que nunca, sequer, tinham pegado num livro de qualidade, é de fato um advento para poucos, visto que, não se tem, ainda, política pública que viabilize a todos a oportunidade de ter acesso a bibliotecas que ofereçam espaços adequados a uma boa leitura, acervo de qualidade que instigue o gosto e o prazer pela leitura.

O RESULTADO DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

O instrumento de avaliação do projeto tem sido a observação através da participação dos alunos nos momentos de leituras, na procura por livros para empréstimos, no interesse pela leitura também em outros ambientes da escola, tais como sala de leitura, a sala de aula, o espaço de pesquisa e o recreio interativo.

Mediante as ações realizadas, percebe-se um maior interesse dos alunos pela leitura literária, a participação nas rodas de leitura e o interesse pelos empréstimos.

Outro instrumento que revela a satisfação pela leitura literária baseia-se nos depoimentos que tiveram como base questionamentos realizados com os envolvidos no processo durante o desenvolvimento do projeto, percebe-se um maior interesse dos alunos e dos familiares pela leitura, a participação nas rodas de leitura e o interesse pelos empréstimos, conforme depoimentos subsequentes.

Para os alunos foi questionado se eles gostavam de ler. Em depoimentos, os mesmos relatam que nunca tinham lido tanto livro antes, mas depois dos livros novos eles podem ler à vontade e ainda levar para casa.

O questionamento para os professores foi se os alunos apresentavam

autonomia para a leitura. Segundo os professores, os alunos estão mais interessados e envolvidos no processo de aprendizagem, apesar de a finalidade da leitura literária ser a formação leitora. Apresentam bastante interesse para realizar as leituras livres, a socialização da leitura. Depois que eles apresentam o livro escolhido, muitos querem levá-lo emprestado, então a ciranda de leitura tem ocorrido com frequência entre os leitores. Os alunos estão muito interessados e ficam ansiosos que chegue o horário de irem para a sala de leitura. Segundo os professores, todos os alunos querem levar livro emprestado, mesmo aqueles que não leem fluentemente.

Em depoimentos dos mediadores, antes os alunos liam livros com pequenos textos, agora só querem livros que tenham histórias longas, principalmente aqueles que leem fluentemente.

Os familiares relatam que, depois da sala de leitura, até eles têm lido os livros na espera da saída dos alunos, os filhos têm mais interesse para ler, trazem livros para casa, pois eles gostam de ler ou de ouvir as histórias lidas pelos filhos. Todos estão muito empolgados com as histórias e relatam que, quando os filhos levam os livros para casa, eles também gostam de ler para as crianças. Acrescentaram que a sala de leitura foi muito importante para as crianças, porque eles não têm condições de comprar livros, e até mesmo eles podem ler também, - “sempre que eu venho esperar meu filho fico lendo e ele lê para mim também”.

Os mediadores responderam que apenas alguns alunos não se interessam pelos livros, os demais apresentam interesse até mesmo os que não apresentam o domínio da leitura. O contato com os livros tem sido fundamental para estimular a leitura, principalmente a literária, e a responsabilidade e o cuidado pelo livro.

Todos esses dados são resultados de uma série de ações que desencadearam a melhoria na ambientação da Sala de Leitura, no aumento e na qualidade do acervo literário juntamente com a disponibilidade dos livros para empréstimos e a formação dos mediadores de leitura, que facilitaram a gestão desse ambiente, favorecendo um maior interesse, por parte dos alunos, dos professores e dos familiares, pela leitura literária.

Mediante as ações realizadas e com base no levantamento feito pelos mediadores e professores a respeito dos alunos que desenvolveram o gosto pela leitura, ou seja, aqueles que passaram a ler livremente, a se interessarem pela leitura sem mediação e sem indicação de leitura, apresentaram mais interesse pelos empréstimos de livros e se dispuseram a mediar leitura para os

outros, serviram de pré-requisitos para a constatação da formação leitora na escola.

Portanto, o quadro 3 mostra os dados quantitativos dos alunos envolvidos no processo de incentivo à leitura literária, tendo como base os registros feitos pelos mediadores e professores.

Público leitor	Quantidade	Leitores (Início do projeto)	Leitores (Final do projeto)
1º Ano	78	25	46
2º Ano	69	30	54
3º Ano	104	53	86
4º ano	125	86	116
5º Ano	180	123	156
EJA	450	100	150
Professores	40	15	30
Funcionários	20	09	10
Familiares	1.099	100	150
Outros (ex-alunos)	15	10	15

QUADRO 3 - Alunos envolvidos no processo de incentivo à leitura

Nesse aspecto, para viabilizar esse projeto foi necessário, primordialmente, realizar ações conjuntas: trabalho em equipe; realização de parcerias com a comunidade escolar e, fundamentalmente, parcerias firmadas entre a Escola Estadual Clara Camarão e os outros parceiros como: o Instituto C&A, Instituto de Desenvolvimento da Educação e a Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte para sistematizar, de maneira significativa, o desenvolvimento do Projeto no âmbito escolar e na comunidade.

SATISFAÇÃO PELA LEITURA LITERÁRIA

No contexto escolar, teve-se ganho na melhoria do desempenho da escola, as relações interpessoais entre os profissionais e alunos também se tornaram mais satisfatórias, a escola passou a ser vista no bairro como a escolha do livro e da leitura, pois até os ex-alunos vêm visitá-la para conhecer como ficou a sala de leitura, após ter ganhado tantos livros novos e a valorização desse espaço tão especial para todos da escola. Apesar da escola não apresentar uma

boa estrutura predial que ofereça ao alunado condição adequada de ambientação, adequamos um espaço, a sala de leitura, como cartão de visita para todos os que são acolhidos na escola.

Nesse aspecto, têm-se estimativas de que o incentivo à leitura literária proporcionou no alunado o desejo pelos estudos, a partir do momento em que foram estimulados para esse fim, também provocou o desejo do conhecimento como um todo.

Quanto às ações, algumas foram reprogramadas por não ter havido a possibilidade de execução, considerando que dependíamos de alguns parceiros da comunidade para o desenvolvimento das atividades.

Vale salientar que um projeto com essa dimensão, só poderá ter consistência quando todos participam integralmente, acreditando na possibilidade de mudança. Como também o suporte técnico oferecido pelos parceiros torna-se fundamental para a realização sistemática das ações no contexto escolar.

A avaliação do projeto ocorreu de forma coletiva em todos os momentos das ações. O instrumento de avaliação foi basicamente a observação e registro mediante a participação dos alunos nos momentos de leituras, na procura por livros para empréstimos, no interesse pela leitura também em sala de aula. É importante salientar que, por se tratar de séries iniciais do Ensino Fundamental, os níveis de leituras das crianças poderão ser variados, por isso, é salutar que cada grupo tenha sido avaliado de acordo com o nível de leitura em que se encontrava. No entanto, esta é uma oportunidade para que as crianças se sintam instigadas a adquirir o gosto pela leitura literária e sejam estimuladas à descoberta do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. *Resultados do SAEB 2009*. Sítio Oficial: www.mec.gov.br, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GARCIA, Edson Gabriel (coordenador e idealizador). *Prazer em Ler: um roteiro prático poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura*. Publicação do Instituto C&A – Volume 1. São Paulo: CENPEC, 2006.



Pedro Bandeira
Carlos Edgard Herrero

A PEQUENA BRUXA

A PEQUENA BRUXA

Na Pré-Escola de Bruxaria,
a bruxinha Lala era a primeira da classe!

Com a bruxa-professora, Lala aprendeu
a fazer feitiços bruxas

com a sua varinha mágica.

Agora ela tem de sair pelo mundo.

com a missão de fazer sete maldades bem maldades.
Vamos ver que maldades Lala aprontou?

oderna



Bairro Leitor

Maria Evania de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

Iniciativas de promoção à leitura literária, nas últimas décadas, vêm se desenvolvendo mais intensamente no Brasil, em virtude do empenho dos diversos setores da sociedade, por compreenderem a importância da leitura como uma via de acesso ao conhecimento e à cultura. A educação brasileira ainda apresenta enormes dificuldades em relação à qualidade. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) expressa a necessidade de mudanças na educação brasileira para resolver problemas relacionados à qualidade do ensino, rendimento dos alunos e evasão escolar, que resultam em analfabetismo, analfabetismo funcional e baixa escolaridade da população.

A fim de contribuir para transformar essa realidade, vários projetos de promoção à leitura têm sido implantados em instituições de ensino, resultados de parcerias entre organizações governamentais, não governamentais e empresas que realizam investimento social. Trata-se de uma maneira de enfrentar os problemas da educação, já que o poder público, sozinho, não tem dado conta de oferecer à população uma veraz educação de qualidade. Nesse contexto de demandas, a partir de 2007, a ONG Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) firmou parceria com o Instituto C&A (IC&A) e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN (SEEC), tendo em vista fortalecerem a Escola Estadual Hegésippo Reis para atingir as metas traçadas no “Casa de Saberes”, o seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Posteriormente, a ONG também firmou parceria com o Instituto HSBC e o Programa BNB de Cultura, atrairdo outros investimentos à Escola.

Através do projeto “Lugares Onde Moram as Palavras”, o IDE começou a atuar junto com a equipe da Escola Estadual Hegésippo Reis apoiados nas premissas do programa Prazer em Ler, do Instituto C&A, que visa contribuir para a

¹ Graduada em Pedagogia pela UFRN. Curso especialização em Intervenção Sociopsicoeducativa na Área de Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás em parceria com o IBEPIS. Participa, desde 2007, das formações para Educadores Mediadores de Leitura pelo IDE/IC&A e SEEC. Mediadora de Leitura na Escola Estadual Hegésippo Reis de 2007 a 2010. Integra o Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE). Contato: mariaevania@uol.com.br

formação do leitor e difundir para a sociedade a importância da leitura. O Prazer em Ler orienta os projetos de leitura a partir de princípios, diretrizes e indicadores de qualidades, no âmbito dos eixos espaço, acervo, mediação e gestão. A prática reflexiva da Escola, aliada à formação e ao acompanhamento constantes do IDE e do Instituto C&A, imprimiu ao projeto condições para resultados satisfatórios em curto espaço de tempo.

A campanha “Um livro, com prazer”, criada em janeiro de 2007, inscreveu-se na política do IDE, a fim de formar acervo literário com a participação da sociedade. Desde então, já contou com o apoio das livrarias Potylivros e Siciliano, Banco do Brasil, Shopping Cidade Jardim e a empresa CO2 Comunicação, arrecadando títulos literários para compor o acervo inicial da sala de leitura da Hegésippo Reis, a qual foi inaugurada em 14 de maio de 2007 com mais de 2.000 títulos, ampliando em 2008 para 3.000 e em 2009 para 4.000, incluindo-se as remessas da SEEC e do Ministério da Educação (MEC).

No ano de 2010 não se deu a mesma ênfase à Campanha em virtude da priorização de outras ações do projeto. Porém, o acervo foi ampliado em 500 títulos, desta feita com recursos oriundos do prêmio do Concurso Escola de Leitores, além do envio de títulos pelo IDE/IC&A e MEC. O padrão dos títulos adquiridos diretamente pelo IDE ou pela Escola, indiscutivelmente, têm características superiores à maioria daqueles decorrentes de doações, observados os critérios de uma obra recomendável.

O acervo, no ano de 2010, recebeu o tratamento de uma equipe de estagiários do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), supervisionada por uma professora. Os estagiários iniciaram um novo processo de classificação e catalogação do acervo, seguindo um sistema de informatização, ainda em fase de conclusão do trabalho.

Pela ausência de condições para compor e tratar um acervo com obras literárias e de referência, o espaço de leitura da escola caracterizou-se por sala de leitura, com 99% do acervo formado por livros literários e revistas em quadinhos. Entretanto, já se encontra na SEEC uma solicitação para que seja transformada em biblioteca escolar, justamente por entendermos a dimensão política dessa mudança.

A escola atende a um público interno de 120 alunos e está inserida no Bairro Nova Descoberta, em Natal/RN. Trata-se de um bairro em que a maior parte da população sobrevive de renda *per capita* baixa, sob uma realidade social de alto índice de prostituição, tráfico de drogas, evasão escolar e analfabetismo. Nesse contexto de tantas necessidades, palco para sonho de mudan-

ça, a equipe administrativa -pedagógica, através das inovações no seu PPP, passou a intervir com o intuito de alterar a precária realidade escolar, iniciando a intervenção pela organização do prédio, para que a sua estrutura física pudesse atrair crianças, passando a oferecer à comunidade uma nova perspectiva de escola, com espaço físico mais alegre e atraente e uma proposta político pedagógica inovadora.

Entre 2007 e 2010, o projeto de promoção da leitura da Hegésippo Reis, através de suas estratégias, tem conquistado e ampliado o olhar da comunidade para a importância da leitura, e aguçado o prazer de muitos leitores. E na perspectiva de ampliar o público de leitores mediadores, a partir de 2010, o projeto denominou “Bairro Leitor”, tendo como um de seus objetivos formar leitores/mediadores (as) de leitura para atuarem na comunidade e em outros espaços da cidade de Natal. Assim, foram oferecidas às crianças, jovens e adultos oficinas de formação de mediadores de leitura e definidas três instituições para acontecerem práticas de mediação de leitura ao longo do ano, com vistas a colaborar para que outras crianças desenvolvam o prazer pela leitura.

As atividades pontuais, como: recitais, saraus, bate papo com escritores, lançamento de livro de autoria das crianças, gincana, piquenique literário, visitas a livrarias e bibliotecas, mediação de leitura nas residências das crianças por intermédio do chá de chocolate com sabor de leitura, assalto literário em supermercados, padarias e farmácia do bairro, mobilização nas ruas e comércio local em defesa da leitura foram estratégias implementadas com a intenção de instigar nas crianças uma consciência política sobre a importância da leitura e a descoberta que o ato de ler pode ser prazeroso.

CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

A “Sala de Leitura Mágica”, assim denominada pelas crianças, por ocasião da sua inauguração, é um espaço pequeno, mas suficiente, pelo menos à demanda do público interno, permitindo livre acesso das crianças aos livros. Possui um mobiliário adequado e suficiente à leitura individual e em grupos.

A denominação da sala como um espaço mágico, segundo as crianças, decorre do bem-estar dos momentos de mediação de leitura. O entusiasmo é visível nas suas falas e depoimentos escritos, como sendo um “lugar de encanto, de magia e aconchego; que através dos livros adquirem asas e sobrevoam por lugares nunca antes visitados”.

Os livros e outros portadores de texto são bem distribuídos nas estantes e

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 1 - Criança mediando leitura

com boa visibilidade para atrair o público. As especificidades dos cantos deixam a sala acolhedora, com boa aparência e conforto. A cada ano há uma programação específica distribuída à comunidade escolar e do bairro para que possa acompanhar e participar da programação da sala de leitura.

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 2 - Cantinho da sala

Assim, a leitura literária permeia as ações da escola, desde o acolhimento inicial nas salas de aula à mediação na sala de leitura. Foi a partir de 2008 que

as oficinas de mediação de leitura passaram a ocorrer no contraturno, enquanto opção para as crianças, de estarem na escola em outros horários, ampliando seus conhecimentos e repertórios literários. Muitas estratégias ao longo desses quatro anos foram pensadas e refletidas pela equipe para aproximar as crianças e a comunidade escolar dos livros e da leitura.

O primeiro ano do projeto já foi surpreendente. Nos primeiros meses, a mediação de leitura ocorreu numa sala sem o mobiliário, tornando-a bastante ampla. Oferecíamos diversas atividades ao mesmo tempo para estimular as diferentes necessidades das crianças que, em sua maioria, eram iniciantes na leitura, tendo por isso um tempo de leitura exíguo, e logo preferindo lidar com materiais para desenhar, pintar, manipular objetos. Era um espaço múltiplo e um lugar de diversão que estimulava o que a inspiração mandasse. Naquele primeiro momento, um biombo grande com diversos fantoches e um baú de fantasias deram um toque artístico, de mistério, alegria e criatividade à sala, o que muitas vezes roubava a cena dos livros.

Mas, logo que a sala foi composta, adequadamente, o clima de diversidade lúdica foi substituído pelo contexto de leitura; e o desafio de centrar as crianças nas atividades de leitura, formar hábitos para bom uso da sala, perceber a sinalização momentos de ouvir, de ler silenciosamente, partilhar leituras, códigos foram sendo apreendidos com autonomia e com o desenvolvimento do gosto pela leitura.

No primeiro mês de empréstimos, os gibis eram os preferidos da maioria das crianças, mas à medida que elas foram motivadas a perceberem os livros, a preferência pelos gibis decresceu, conforme indica, para exemplificarmos, o gráfico 1, referente ao segundo semestre de 2007.

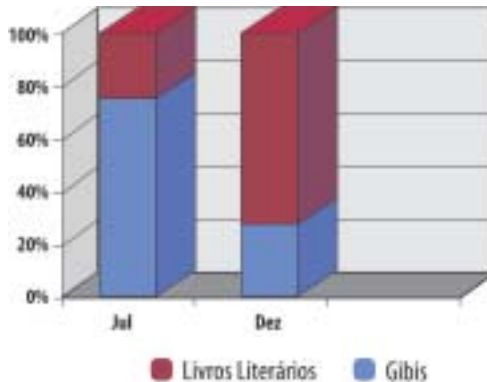


Gráfico 1 – Evolução das preferências de leitura das crianças, nas categorias Livros Literários e Gibis, no começo e final do 2º semestre de 2007.

Os empréstimos no decorrer do semestre também cresceram, as crianças experimentaram a liberdade de poder ler em casa, mostrar os livros para os familiares, ouvir histórias lidas pela avó, mãe, tia, irmão (a) ou outro (a) que também se interessasse por ler ou ouvir histórias. Inicialmente, elas não se contentavam em levar um ou dois livros, insistiam por bem mais. Tomavam entre 8 a 10 livros emprestados por semana. Se nem todas as crianças lessem aqueles livros, mas ao folheá-los fortalecia a sua identificação com eles, a afetividade crescia o que era importante.

Os empréstimos foram ganhando outros sentidos à medida que as crianças descobriam a leitura, o prazer de ler em seu cotidiano e de adentrarem nas histórias contadas nas páginas. No ano de 2008, já estabeleciam critérios de escolhas dos livros, valorizando a qualidade das leituras em detrimento da quantidade de empréstimos. Pelo Gráfico 1 percebe-se, no ano de 2008, uma média de dez empréstimos/mês, por criança, ao longo dos dez meses de atividades letivas da escola.

Tabela 1 - Total de empréstimos às crianças, de março a dezembro de 2008, nas categorias de literatura e gibis.

Literatura	Gibis	Leitura de Gibis
1023	331	1347

Fonte: Relatórios dos registros de empréstimos da sala de leitura da escola

O número de empréstimos em 2008 foi reduzido, percebia-se que o foco agora era “ler”, não apenas folhear. Estava atenuada a ansiedade de encher a bolsinha de livros, dois ou três por semana passou a ser suficiente para se contentarem, e muitas delas tinham necessidade de falar das estórias lidas que mais apreciavam. O autor mais lido por muitas crianças ainda foi o Maurício de Souza, imagina-se que, por serem os gibis uma leitura de entretenimento, textos curtos e de mais acessibilidade àquelas não alfabetizadas.

Verificou-se que, em 2008, um dos maiores estímulos para as crianças foi a criação do cantinho do(a) escritor (a), onde elas discutiram como seria montado e estabeleceram critérios de escolhas dos (as) homenageados (as), elegendo Ana Maria Machado como a primeira escritora a compor o cantinho. Durante todo o ano o cantinho foi inovado com surpresa sobre a vida da escritora, através de pesquisas na internet, leitura das suas obras, cartas, diálogos, comentários sobre as histórias lidas e produções de pecinha, além da organização de um pequeno acervo com objetos relacionados à sua vida que adornavam o cantinho.

O caderno e envelope foram estratégias para estimular a inspiração literária e o diálogo das crianças com a referida escritora e suas obras. Assim, a autonomia das crianças estava sendo estimulada, pois era respeitada a liberdade de escolha, de tempo e posicionamento delas, resultando em números surpreendentes: 45 registros no caderno, 38 cartas à escritora e 45 obras da escritora lidas pelas crianças.

Ao longo do ano, os escritores convidados para rodas de conversa, recitais e saraus com as crianças muito contribuíram para a formação leitora das mesmas. Participaram os escritores Juliano Freire, Salizete Freire, Monalisa Silvério, Taciana Chiquetti Júlio Ramezoni, Flávio Rezende, Ailton Ferreira, Hilana Andrade, Cantor e Poeta Antônio Martins, Carlos Zens e Artista Plástico Vatenor.

No segundo semestre de 2008, algumas crianças despertaram para comunicar seus conhecimentos literários das obras lidas, através das conferências. Até dezembro de 2010 realizaram 58 conferências literárias, atividade inspirada na técnica da “conferência” proposta por Cèlestin Freinet² para a comunicação dos conhecimentos apreendidos, na escola, pelas crianças. Também realizaram pecinhas e gincanas, e durante todo o ano contaram, intensamente, com a participação dos Voluntários das Lojas C&A, enriquecendo as oficinas de mediação de leitura, sábados literários, circuitos em livrarias e atividades literárias na praça, contagiando as crianças de alegria e motivação para a formação leitora.

O ano de 2009 foi marcado pela comunicação das crianças, de partilhar o conhecimento literário, fruto de uma bagagem intelectual adquirida nos anos anteriores, resultando num despertar para mediar leitura para outras crianças, desencadeando um processo natural de mediação, cooperação e desejo de partilha. Para esse fim foram estimuladas as estratégias de comunicação e trocas, no intuito de fortalecer o processo no âmbito da escola e fora dela. Logo, o jornal literário, recitação de poesia, conferência literária, roda de conversa, bate papo com escritores, saraus, roda de leitura em residências, através do chá de chocolate com sabor de leitura foram as estratégias mais utilizadas. Assim, muitas delas expressaram autonomia ao dar depoimentos, conceder entrevistas à mídia televisiva e impressa, ler em público, participação de seminário de educadores, ato público; fizeram campanha em carro de som, chamando a atenção da comunidade para eventos literários no bairro e na escola.

O ano de 2010 foi de muitas realizações e inovações; a formação de medi-

² Cèlestin Freinet – Educador Francês (1896-1966) autor de uma pedagogia alicerçada no bom senso.

adores de leitura foi o marco principal. As crianças, ao saírem para mediar leitura em outros espaços fora da escola, levavam os livros na mala literária em um carrinho conduzido por elas. Desenvolveram, com muita autonomia e espírito de cooperação, as atividades literárias do Projeto Bairro Leitor que será melhor abordado mais adiante.

A formação continuada ministradas pelo IDE, Instituto C&A e a Secretaria de Estado da Educação e Cultura do RN, no decorrer do quadriênio 2007-2010, tem sido muito importante e dado aos mediadores/leitores empoderamento das suas práticas, tornando-os mais seguros, autônomos e fortalecidos para a implementação dos projetos de leitura e qualificação do processo de mediação. Logo, as matrizes e referenciais teóricos fornecidos nas formações mensais e o conhecimento teórico-prático adquirido durante o intercâmbio na Colômbia, foram alimentos para a nossa qualificação, não somente enquanto leitores, mas como mediadores/promotores de leitura. Como diz Adélia Prado: "A possibilidade de permitir que o leitor descubra esse poder que vem dos livros seja entendido pelo mediador como um desafio constante", (GARCIA, 2007, p.20), assim, é preciso lançar-se ao desafio de ser um bom leitor que é antes de tudo seduzir-se para mergulhar num universo de muitas histórias.

Há quem afirme sobre o prazer da leitura como algo desprezioso, sem compromisso ou esforço. Percival Leme, (GARCIA, 2007, p.25) questiona e afirma: "Trabalho e Prazer se opõem de maneira excludente? Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer." Para ele a superação dessa dicotomia depende das respostas que se possa dar às questões: se a leitura é uma experiência de felicidade, e o que é felicidade. Se a felicidade pode ser compreendida como algo que exige esforço e realização, como outras coisas boas que dão prazer à vida, ela não está dissociada de trabalho, a exemplo, para se chegar à fruição literária, exige-se esforço pessoal e trabalho e pode-se obter realização pelo esforço despendido e resultados obtidos.

O PROJETO BAIRRO LEITOR

Inspirado no interesse das crianças, de mediar leitura durante as oficinas e da solicitação de outras crianças que procuraram a escola para participar da mediação na sala de leitura, no ano de 2009, surgiu a decisão política de ampliar aquilo que estava acontecendo de bom na escola para o bairro de Nova Descoberta e para a cidade de Natal, fortalecendo o dese-

jo de sistematizar o processo de mediar leitura literária para outrem.

Daí nasceu o Projeto “Bairro Leitor” e tem como objetivo principal promover a leitura literária e formar leitores na Escola Estadual Hegésippo Reis e no Bairro de Nova Descoberta, tendo como objetivos específicos:

- Fortalecer a sala de leitura da Escola enquanto espaço referência para crianças e adultos que desenvolvem o gosto pela leitura literária;
- Realizar uma programação de atividades de formação de leitores voltadas para as famílias das crianças da Escola;
- Formar mediadores multiplicadores, tendo como meta quinze crianças, dez adolescentes e dez moradores adultos para mediarem leitura junto à população do bairro Nova Descoberta.

O Bairro Leitor coaduna-se com os princípios do Prazer em Ler e com a obra de Paulo Freire³; um olhar sensível e crítico sobre a leitura de mundo e da palavra, e da valorização da realidade social de seus atores. Em Freinet, a valorização do ser criança, sensível e pensante, dotada de competências a serem desenvolvidas, principalmente em ambiente estimulador, com direitos a conquistar e ser respeitada, apta a vivências cooperativas como fundamento para a formação cidadã. Em Vygotsky⁴, pensar a criança enquanto sujeito de relações sociais, capaz de um desenvolvimento pleno, onde a mediação fortalece o processo das interações entre os seres humanos e a construção do conhecimento.

O bom senso pedagógico e o pensamento sociointeracionista elevam o olhar, e a leitura de mundo e da palavra encontra no leitor um sujeito de relações sociais, que se extasia com o belo, o sentido dos textos, as provocações da estética pelo visual das ilustrações.

Bem expressa Graça Lima, (INSTITUTO C&A; FNLIJ, 2008, p.38) que a “experiência da leitura vai além do texto e começa antes mesmo do contato com ele”, afirma ser um diálogo entre o leitor e o que é lido, por qualquer que seja a linguagem, escrita, sonora, gestual ou imagem, como também se refere às experiências que o leitor leva para o texto, no momento da leitura. A história do leitor interfere na leitura que ele fará do texto, e envolve um processo de compreensão que abrange diferentes linguagens.

Tenho vivenciado em rodas de leituras com crianças de diferentes ritmos de aprendizagem, o medo de algumas de se expor, por não saberem

³ Paulo Freire (1921-1997). Educador pernambucano. Criou método de alfabetização de adultos.

⁴ Lev Vygotsky (1896-1934). Psicólogo Russo. Ensino como processo social. Corrente sóciointeracionista.

ler o código escrito, e assumem apenas o papel de ouvinte. A minha atitude de mediadora tem sido de encorajamento para esse leitor em potencial que seja adulto ou criança, estimulando-o a comunicar o seu olhar sobre a linguagem ilustrativa. Isso tem surtido efeito positivo do ponto de vista da participação, autoestima e autonomia.

Percebi que quem sabe ler, naturalmente, se sobressai, e quem não sabe, tende a se inibir. A fim de incluir todas as crianças, tenho dado aos grupos a liberdade de ler pelas ilustrações ou palavras, deixando os participantes à vontade. Assim, todos têm-se incluído, participando da leitura ao seu alcance pelas ilustrações ou texto escrito. Também tenho reforçado a importância de saber ler o texto escrito a fim de compreender o que o autor escreveu nos livros.

O projeto “Bairro Leitor” foi inscrito em 2009 no Concurso Escola de Leitores, por iniciativa do Instituto C&A e em parceria com o IDE e a SEEC. E classificou-se como vencedor, junto a três outros projetos de Natal e um de Parnamirim/RN. A premiação para cada um foi de R\$ 10.000 (dez mil reais) para aplicar no projeto durante o ano de 2010, acompanhamento pedagógico e um intercâmbio Brasil/Colômbia, que será abordado em seguida. Do recurso da premiação, 70% destinaram-se à ampliação do acervo e 30% para outros itens, de acordo com a descrição do Projeto.

O Intercâmbio Brasil/Colômbia foi uma iniciativa extraordinária do Instituto C&A em parceria com a Associação de Leitura de Bogotá/Colômbia – Asolectura e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por despenderem de grande esforço para engajarem educadores no processo de buscar novos rumos à promoção da leitura no Brasil. Os participantes, em número de cinquenta, representaram escolas vencedoras das edições do Concurso realizadas em Natal e Parnamirim/RN, São Paulo/SP, Parati/RJ e Rio de Janeiro/RJ.

O intercâmbio foi uma oportunidade ímpar para aquelas pessoas que estavam sedentas de algo que viesse fortalecer-lhes o espírito de esperança e a certeza do compromisso político e social para a melhoria da educação brasileira, partindo de bases concretas e, assim, fortalecer-se politicamente, enquanto promotores da leitura ao beber da experiência, informações e conhecimentos adquiridos na Colômbia.

Nessa perspectiva, diante de tanto deslumbramento com as bibliotecas, seus funcionamentos em rede, espaços e acervo ficou marcado nas mentes críticas e atentas que a saída é pela via do fortalecimento de polí-

ticas públicas em defesa da promoção da leitura e da educação. No entanto, indaga-se: com quem contamos e por onde começamos para atingir tal propósito? Para quem participou do intercâmbio, sabe-se que já está no caminho, na busca de fortalecer as políticas públicas, abrindo espaços, fortalecendo as redes, aprimorando as práticas e as formações continuadas. Sozinhos? Nem pensar.

Assim, os frutos do intercâmbio geraram um maior compromisso político na sua coletividade e individualidade. Ao ampliar o olhar sobre a dimensão política da leitura, fortaleceram-se no cotidiano as ações do Projeto Bairro Leitor. As oficinas de promoção da leitura foram atividades contínuas e realizaram-se no contraturno da escola. Ao longo do ano, algumas delas contaram com a participação de amiguinhos(as) convidados(as), vinte escritores, poetas e artistas. O compromisso político de cada mediador/gestor teve um diferencial no êxito do seu projeto.

No segundo semestre, contou-se com a participação de três estagiários do curso de teatro da UFRN que levaram muitas contribuições e proporcionaram ricas trocas às crianças. A comunidade, no início do ano, recebeu um cronograma com estratégias pontuais de promoção da leitura: saraus, recitais, gincana literária, lançamento de livros de autoria das crianças, bate papo com escritores, sorvetada poética, passeio na trilha da leitura (trem); piquenique literário no Parque das Dunas, assalto poético e mediação de leitura em dois supermercados do Bairro de Nova Descoberta, e livraria. Cronograma mensal de mediação de leitura na Creche Municipal Professora Maria Ilka, Colégio Potencial e Projeto Nortear em São Gonçalo do Amarante, resultando em 23 oficinas realizadas pelo grupo de mediadores formados na escola.

O curso de formação de mediadores de Leitura que se realizou no primeiro semestre, com duas horas atividades, nas quartas-feiras, nos dois turnos, teve o intuito de sistematizar as estratégias para a formação de leitores e fortalecer a formação leitora desses participantes. O projeto atingiu a meta estabelecida de formar quinze crianças, dez adolescentes e dez moradores adultos e, assim, levar à comunidade a formação recebida ao mediar leitura.

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 3 - Criança colaborando com os empréstimos, efetuando a troca e devolução de livros, semanalmente.

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 4 - Membros dos grupos de formação de mediadores de leitura

Durante o ano houve a formação de quatro grupos de mediadores, dois no primeiro semestre e dois no segundo. Os dois últimos eram crianças da escola, a pedido delas.

Os campos de mediação deram-se dentro e fora da Escola, os participantes iam para a escola nas quartas-feiras e de lá saíam para os campos de mediação conforme cronograma do *folder*, a cada quinze dias atuavam com as crianças da escola, alternando a outra quinzena com os espaços fora da escola. Ver fotos:

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 5 - Criança mediando leitura no Projeto Nortear - São Gonçalo do Amarante/RN.

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 6 - Criança mediando leitura na Creche Municipal Professora Maria Ilka – bairro Nova Descoberta

RESULTADOS DO PROJETO BAIRO LEITOR

Houve um retorno positivo do público beneficiado pela mediação, através do acolhimento afetuoso com que os mediadores e mediadoras eram recebidos(as) e da motivação das crianças que participavam das atividades propostas pelos mediadores; e suas relações com os livros e com a leitura. Para

as crianças mediadoras o trabalho de mediar leitura foi de grande importância para o crescimento delas, assim como as oficinas de formação, onde elas expressaram a sua satisfação durante as mediações, diálogos do grupo, interações com as crianças, balanço das atividades e registros avaliativos.

Outras atividades pontuaram positivamente a experiência do Bairro Leitor, a exemplo, a Semana Nacional da Leitura que ocorreu de 13 a 16 de outubro, provocou maior envolvimento da comunidade escolar. As crianças fizeram uma abertura interessante, ressaltando a importância da mediação de leitura, leitura pelos pais, e recitação de poesia com a participação de estagiários da UFRN e professores da escola. Receberam quatro escritores para bate papos. Lançado livros eletrônicos e manuais de autoria das crianças. Assalto poético em dois supermercados do Bairro. Mobilizaram os moradores nas ruas e comércio, em defesa do Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores⁵, convencendo o público a votar em defesa do Manifesto. Fecharam a semana, fazendo uma mobilização na Livraria Siciliano do Shopping Midway Mall, recitaram poesias para os clientes e tentaram convencê-los a votar no Manifesto. Para os que não tinham computador em casa, votaram numa folha avulsa. A mobilização rendeu 350 assinaturas, fora aquelas pessoas que se comprometeram de votar via internet.

A seguir, alguns textos de mediadores (as) sobre as oficinas de formação e as práticas de mediação:

Hoje foi um dia muito especial, fomos mais uma vez para a Creche Municipal de Educação Infantil do nosso bairro e encontramos crianças muito atenciosas. Fizemos mediação para as crianças do berçário e foi muito legal, pois apesar de serem bem pequenas prestaram atenção na gente, elas foram muuuuito atenciosas conosco. As crianças amaram a nossa leitura e isso me fez perceber como é importante desde pequenas elas gostarem de ouvir histórias e de viajar conosco num mundinho imaginário (que pode ser grande e/ou pequeno ao mesmo tempo). Os livros bem cheios de figuras literárias que enriquecem a imaginação infantil. Hoje foi um dos dias que mais gostamos de fazer mediação. (Ana Beatriz L. dos Anjos – 13 anos e Pâmela C.M. de Oliveira – 13 anos/Gr. Mediadores,

⁵ Acesse o Manifesto por um Rio grande do Norte de Leitores www.ideducacao.org.br/?p=manifesto

matutino, em 21/09/2010).

Hoje foi um dia muito especial para nós, principalmente para mim, Gabriela, porque foi o meu primeiro dia aqui, e vivemos uma experiência inesquecível. Nós duas chegamos aqui na Escola Estadual Hegésippo Reis, às 15h30min, para a Oficina de Formação de Mediadores de Leitura, onde ficamos até 17h30min com a ajuda da professora Evania. Conseguimos aprender e até descobrir mais sobre a leitura e o resgate do texto pelo olhar, com isso aprimoramos o nosso saber sobre a leitura. Lemos histórias de vários modos: alto, baixo, grosso, fraco, entre outros, e depois cada pessoa interpretou partes de seu livro. Logo após, lemos histórias para os (as) alunos (as) do grupo Cores, da escola, para exercitar o que a gente aprendeu. (Gabriela e Amanda Kelly da Silva Gomes – 11 anos/ Gr. Mediadoras vespertino, em 20/04/2010)

Hoje foi um dia muito importante, muito bom, lemos livros incríveis que eu nem podia acreditar que existia que eram livros de verdade. Construímos painéis bonitos demais. Brincamos da brincadeira que a nossa amiga apresentou, a do sorveteiro e foi legal demais. Acho muito bom, toda vez que a professora Evania faz uma atividade de leitura e vamos para as almofadas ler silenciosamente, e quando acabamos de ler discutimos sobre o livro. (Samuel Augusto da Silva – 10 anos e Ítalo Matheus Arruda da Silva – 11anos/Gr. Mediadores da Escola, vespertino)

Todo dia é dia de ler?

Porque a leitura é importante para a nossa vida, e a pessoa que ler se sente muito melhor na educação, saúde e aprendizagem. Pessoas de todas as idades, idosos, adultos, crianças e adolescentes aprendem muito bem as coisas que leem. Há tanta coisa a aprender com a leitura, por isso que eu gosto de ler muito! Todos os dias eu leio um livro diferente que pego na sala de leitura, pois lá têm muitos livros para todas as idades, assim eu leio todos os dias da semana, porque é muito legal mesmo. É importante ler todos os dias assim se fica mais interessado na leitura. Para quem não gosta de ler vou dar uma sugestão: leia todos os dias, e aos poucos vai voando nas asas

da imaginação. A leitura me ajudou a conhecer a vida de escritores, a ser mais comunicativa com as pessoas, ampliou meus pensamentos e conhecimentos e me ajudou a viajar na imaginação, conhecer personagens imaginários, a memorizar, recitar poesias. Aprendi a gostar de ouvir poesias e a sonhar com as poesias e escrevê-las. Enfim, a leitura é assim tudo pra mim. (Vanessa Lidiane Medeiros Marques – 9 anos –, texto publicado no jornal Diário de Natal, edição de 13/10/2010 - Mediadora escola, matutino)

A avaliação do Projeto aconteceu no seu cotidiano. A cada evento realizado, refletia-se o envolvimento das crianças, seus familiares, equipe da escola, e a participação do bairro de um modo geral.

À medida que a equipe avaliava os entraves, buscavam-se novas estratégias para recomeçar e garantir a motivação e o estímulo das crianças e dos mediadores de leitura nas oficinas da escola e fora dela, assim se refletia a metodologia utilizada, se havia atingido o envolvimento necessário e o encantamento do público para a leitura.

As famílias participaram do processo de leitura, nos eventos literários e momentos iniciais das reuniões pedagógicas mensais e quando se destinavam a pegar livros na sala de leitura, ou pediam para os filhos levarem. Ao lerem em casa para os filhos, nos chás de Chocolate com Sabor de Leitura, no curso de formação que teve a participação de dois pais, duas avós, irmãos e primos. Durante a mediação de leitura no Trem e no Parque das Dunas, durante a Semana Nacional da Leitura e em outros eventos.

Os parceiros do comércio local também se beneficiaram, recebendo as crianças para recitarem poesias, interagir com elas, assisti-las nas mediações para seus clientes, ouvindo-as lerem trechos de livros.

EM PROCESSO

As crianças naturalmente passaram por transformações positivas de amadurecimento nas suas competências leitoras, apropriação de conceitos, compreensão do uso do espaço e utilização do seu acervo. Assumiram compromissos de mediar leitura, de ler e oferecer o melhor de si para outras crianças; foram cooperativos com os colegas ao dar baixa nas devoluções de livros e preenchimento da ficha com novos empréstimos, duas vezes na semana.

Ou servindo de exemplo, ao levar para outra escola a atitude de ler, deixando transparecer o prazer da leitura, como é o caso do depoimento da mãe de Amanda Kelly, ex-aluna da escola, que participou da formação de mediadores de leitura do Bairro Leitor: “A minha filha foi muito bem na nova escola. Todos os professores disseram que ela é muito estudiosa; e a bibliotecária se admirou por que quase todos os dias na hora do intervalo ela vai ler um livro”.

Os professores se envolveram nos eventos literários, participaram algumas vezes das conferências literárias e empréstimos de livros; abriram espaços nas suas aulas para os mediadores atuarem com as crianças, fazerem mediação, recitarem poesias e/ou apresentarem produções artístico literárias.

A comunidade, de um modo geral, colaborou com o projeto nas ruas, parando para assistir alguma criança que falava do projeto, ou fazia alguma campanha em prol da política de leitura, solicitando a sua assinatura ou a sua atenção.

As parcerias do Bairro, de algum modo, tiveram a sua responsabilidade cumprida, os supermercados ao receberem as crianças com lanches, atenção especial e o voto de confiança de deixá-las dentro dos supermercados, envolvendo os clientes nas mediações de leituras e mobilizando-as para as campanhas em prol da leitura, colhendo assinaturas.

As assessoras do IDE/IC&A responsáveis pelas formações continuada e acompanhamento dos Projetos vencedores do concurso durante todo o ano puderam monitorar os projetos, ir às escolas, estar ao lado dos profissionais mediadores, colaborando na sistematização e refletindo com eles(as), nas reuniões mensais de balanço, indo até as escolas contribuir com as melhorias do trabalho, dialogar com as crianças e contribuir para as formações pessoais e do grupo.

As escolas vencedoras do concurso foram as mais beneficiadas, tiveram importante formação teórica adicional, no decorrer do ano, que muito influenciou no crescimento profissional, não somente ao nível pessoal, como no contexto coletivo dos projetos de leitura, além das ricas experiências vivenciadas no intercâmbio Brasil/Colômbia, tanto no contexto teórico como prático.

As formações na Rede Potiguar de Escolas Leitoras também tiveram seu ponto alto, todos os encontros proporcionaram crescimento pessoal e coletivo pelas ricas trocas de experiências das escolas, vivência cooperativa ampliando as interações, como também estudos e discussões das práticas e a construção e o fortalecimento da rede de Escolas Leitoras. A seguir as perspectiva do “Bairro Leitor” a partir de 2011, tendo em vista avanços e superação de desafios:

- Perseguir os objetivos do Projeto e aperfeiçoar as práticas de leitura para fomentar uma política de formação de leitores do Bairro;

- Continuar a formação de grupos de mediadores de leitura para atuarem no bairro;
- Ampliar o número de crianças anfitriãs para o chá de chocolate com sabor de leitura;
- Ampliar a quantidade de empréstimos de livros às famílias, profissionais, crianças e outros moradores do bairro;
- Dar continuidade aos bate papos com escritores, realização de saraus e recitais e momentos culturais no bairro em prol da promoção da leitura;
- Lançar as obras de autoria das crianças;
- Politizar as famílias à promoção da leitura;
- Envolver parcerias locais, UFRN, fábrica, supermercados, padaria e outra (s) que possa (m) dar sustentação ao projeto;
- Fortalecer a campanha de doação de livros e mobilizações em prol da leitura;
- Dar continuidade e/ou inovar as estratégias de promoção da leitura;
- Secretaria enviar dois professores mediadores de leitura para atuarem nos turnos, continuamente, de segunda a sexta-feira;
- Dar continuidade às formações continuadas para todos os mediadores de leitura e profissionais envolvidos.
- Oficializar a sala de leitura enquanto biblioteca.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Edson Gabriel (Coordenador). *Prazer em Ler*, registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação de leitura – Vol. 2. São Paulo: Instituto C&A / Cenpec, 2007.

INSTITUTO C&A [realização]; FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL (FNLIJ) [apoio]. *Nos Caminhos da Literatura*. São Paulo: Editora Petrópolis, 2008.

Abrindo as portas do Saber Literário

Maristella Costa da Silva¹

Isabel Cristina Teixeira de Castro²

[...] ler para informa-se sobre um assunto... ler pelo prazer de ingressar em outro mundo possível [...] (LERNER, 1996).

UMA HISTÓRIA DE LUTA E CONQUISTA DE TODOS PELO ESPAÇO DE LEITURA

A formação e assessoria prestada pela equipe do projeto Escola de Leitores, vinculado ao programa Prazer em Ler³ em parceria com o IDE, instigou-nos à construção de um projeto de leitura que viesse a atender as necessidades da Escola Estadual Profa. Stella Gonçalves e de toda a comunidade. Nossa escola está localizada na Zona Leste, no bairro do Alecrim, próximo ao rio Potengi, situada entre duas estações de trens, uma que liga Natal a Ceará-Mirim e outra que liga Natal a Parnamirim. Convém salientar que o trem é um dos meios de transporte mais utilizado pela comunidade do bairro.

A comunidade onde a escola encontra-se inserida apresenta atividades culturais de destaque na nossa cidade, como a quadrilha junina estilizada, onde os moradores desfrutam, apesar do desemprego, da violência, da marginalidade e do uso de drogas que infelizmente existem ali, atingindo parte da população.

Durante o 1º Seminário Potiguar Prazer em Ler, tivemos a oportunidade de conhecer o projeto e de saber que poderíamos fazer parte do grupo de escolas públicas contempladas para efetivar a sala de leitura e ações de formação de leitores. Dessa maneira, ao longo do programa de formação, fomos adquirindo novos conhecimentos, ampliamos horizontes em todos os aspectos, principalmente na compreensão sobre a mediação de leitura.

Vimos que era preciso urgência para aquisição da sala de leitura, pois nossa escola estava perdendo a credibilidade com a comunidade, e a aprendizagem das crianças estava aquém das demais escolas, com o Índice de Desen-

¹ Graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos, Coordenadora da Escola Estadual Profa. Stella Gonçalves e da Escola Municipal José do Patrocínio.

² Graduada em Pedagogia e Diretora da Escola Estadual Profa. Stella Gonçalves.

³ O programa Prazer em Ler é pautado em três pontos fundamentais: espaço de leitura, acervo e mediação.

volvimento da Educação Básica (IDEB) baixo e o acentuado desestímulo dos alunos. Esse era o caminho mais certo para fortalecer a nossa escola e reverter aquele quadro. Pensávamos: ao incentivar o prazer pela leitura literária em todos da comunidade escolar, através de ações para além da sala de leitura, estaremos propiciando uma aprendizagem mais significativa.

Iniciamos o processo com a apresentação do programa Prazer em Ler na semana pedagógica de 2008, expondo os objetivos do projeto de formação de mediadores de leitura. Depois, enfrentamos o problema da disponibilidade de horário junto aos professores para a elaboração do projeto da escola e conseguimos, através de questionários, identificar o perfil dos futuros leitores. Participaram: alunos, pais, funcionários e professores. Para definirmos o que é Leitura, tivemos uma pequena amostra de opiniões, fizemos algumas pesquisas de projetos e, no mês de junho, começamos a elaborar o nosso, acompanhadas de um novo desafio: adequar a sala de leitura para atender, também, a um aluno surdo.

Durante uma reunião pedagógica, escolhemos o nome de um autor para cada sala, por exemplo: 1º ano – Monteiro Lobato. Todas as salas tiveram os nomes e biografias dos autores escolhidos afixados nas portas, fazendo uso da Língua de Sinais (Libras), com foto dos mesmos, como também, coletivamente, realizamos a escolha do nome do projeto.

O Projeto “Abrindo as Portas do Saber Literário” visa contribuir para o desenvolvimento e incentivo do prazer pela leitura literária, aprimorando a competência leitora, formando leitores. Esse projeto atendeu inicialmente aos alunos da faixa etária de 6 a 14 anos, do 1º ao 5º ano do turno matutino, professores, funcionários e pais dos alunos e, posteriormente, a comunidade onde nossa escola está inserida.

Depois dos encontros de estudos, sobre leitura literária, podemos observar o interesse dos docentes e funcionários nesse projeto, o qual contou com a contribuição de todos para a sua construção. Iniciamos com oficinas vivenciadas na formação e repassadas para todos os docentes e discentes, buscando despertar o prazer pela leitura literária. Nesse início de trabalho, realizamos exposições de livros durante o recreio, e cada aluno pegava seu livro e ia ler, deitado pelo pátio, ou em cadeiras arrumadas como uma praça. Foram bastante produtivos os resultados, o que reforçou que o projeto contribuiria de forma positiva para o nosso aluno e a comunidade, gerando credibilidade.

Contemplamos em 2008 no Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE) alguns itens para a Sala de Leitura itinerante e a Praça de Leitura Literária, planejamento realizado durante os nossos encontros para atender aos alunos, pais, funcionários e comunidade, antes da construção da sala fixa.

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 1 - Sala Itinerante

O IDE juntamente com o IC&A e o programa “Prazer em Ler” deram-nos oportunidade de sonhar novamente e acreditar que era possível ter a nossa sala de leitura com competência e qualidade, pois os encontros de formação promovidos ampliaram os conhecimentos de forma clara e certa de como deveria ser o funcionamento de uma sala de leitura.

Com muita luta e apoio do Conselho Escolar, conseguimos inaugurar nossa sala de leitura no final do ano de 2008, quando tivemos oportunidade de observar o quanto foi significativo para todos, desde a arrumação da sala à inauguração, da qual participaram todos os monitores voluntários, os auxiliares de serviços gerais, coordenadores e alguns professores. Foi observado que alguns funcionários encantavam-se com os livros durante a arrumação (isso foi muito positivo). A formação que tivemos ajudou-nos a compreender que nem todos os livros são literários, e assim os separamos nas estantes coloridas, deixando a sala atraente e encantadora.

Durante a inauguração, contamos com a presença do IDE, nas pessoas de Cláudia Santa Rosa e Eleika Bezerra, uma representante da Secretaria de Educação do Estado, como também representantes da liderança do bairro e toda comunidade escolar. Ficou assegurada em ata do Conselho Escolar que não pode mais ser fechada ou substituída por outro serviço, pois também estará assegurada no PPP (em processo de conclusão). A sala recebeu o nome de “Lindalva Tomás”, uma ex-professora da escola, escolhido através de votação.



FOTOGRAFIA 2 - Mediação de Leitura na Praça Gentil Ferreira

LEITURA NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

No começo de 2009, não tínhamos mediadores na sala, como não temos até hoje. Quem assumiu, desde o início, foi a coordenadora pedagógica. Vivenciamos a primeira experiência na escola quando, durante o intervalo, uma aluna chegou junto e indagou-nos: *“Por que a sala está fechada, ela não é para ser aberta? Para que inaugurou?”* Respondemos: -Não tem quem olhe, você gostaria de ser uma voluntária? Diante de uma resposta positiva, falamos como ela poderia ajudar-nos durante o recreio, explicamos como o acervo estava arrumado em cada estante e ela colaborou e até hoje, durante o intervalo, a sala permanece aberta. Foi um sucesso, alguns alunos começaram a pedir livros emprestados para outros lerem e, para nossa surpresa, um aluno não alfabetizado, de tanto ouvir, conseguiu ler para outro aluno.

Também fizemos oficinas literárias com os alunos junto aos seus professores e foi discutido como eles poderiam desenvolver suas leituras por prazer e houve envolvimento de todos. A partir daí começaram a se deliciar com a leitura e já não se jogam mais nas almofadas (no início foi difícil) e nem trocaram de livros tão rapidamente. Fizemos, ao final, como culminância das oficinas realizadas, uma manhã literária, onde cada professor mediou leitura a partir de um livro; o 5º ano fez a propaganda de livros, no 2º ano uma aluna foi narradora e os demais, personagens do livro. O 1º ano recontou uma fábula e cada sala apresentou um livro. Uma das professoras, que não demonstrava interesse,

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 3 - Plantão Literário na comunidade

contagiu-se e apresentou o livro que os alunos escolheram, foi muito significativo para todos os presentes. Também fizemos uma tarde literária no final de maio de 2009. Contamos com a presença da Escola Estadual Hegésippo Reis com um grupo de crianças, acreditamos que a integração entre escolas é importante. Vieram poetas e encantaram nossas crianças que participaram do evento lendo livros e parando no meio da leitura para convidar a comunidade a ir à sala de leitura e ouvir o final das histórias, além de recitarem poesias.

Estamos realizando empréstimos de livros desde 2009, pois nosso acervo melhorou com as doações do banco ITAÚ, da Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva e do Instituto C&A que, além dos livros, mobiliou o nosso espaço de leitura, pois ficamos entre as 25 escolas que mais se destacaram em 2008. Também recebemos acompanhamento mais intensivo. Atualmente contamos com uma voluntária que ficou responsável pelos empréstimos. É uma ex-aluna e vizinha da escola, que gosta de ler, o que lhe dá prazer em fazer parte desse grupo seletivo de leitores. Os pais têm acesso ao empréstimo de livros, pois temos acervo para jovens e adultos.

Acreditamos que é preciso formar cidadãos apaixonados pela leitura, em especial a literária, exercitando a vivência das emoções, da fantasia e imaginação, ampliando a visão de mundo e inserindo os leitores na cultura letrada, contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento afetivo, social e cognitivo.

Nessa perspectiva, buscamos em conjunto participar do Concurso Escola de Leitores, do IC&A, lançado em 2009, no 3º Seminário Potiguar Prazer em Ler.

Do Concurso estavam aptas a participar 70 escolas públicas da grande Natal, e através de editais próprios, escolas do Rio de Janeiro/RJ, Paraty/RJ e São Paulo/SP.

Iniciamos o grande desafio em busca desse prêmio. Decidimos transformar a leitura literária em nosso “carro chefe”, saindo dos muros da escola e entrando nas residências e lugares públicos, que servem à comunidade. Queríamos conquistar a comunidade e sermos conhecidos como o bairro de incentivo à leitura. Porque, até então, apenas a violência, mortes e drogas se destacavam, colocando medo em quem não conhece o bairro. É preciso mudar esta concepção, e acreditamos que a leitura irá ajudar, deixando um grande legado para a comunidade.

Um novo perfil do projeto foi construído por professores, funcionários e pais dos alunos do estabelecimento de ensino, como também voluntários e líderes da comunidade, durante as reuniões, encontros individuais e coletivos, respostas a questionários, com o objetivo de contribuir na formação de exímios leitores.

O projeto de leitura agora era parte integrante do Projeto Político Pedagógico (PPP), dentro da missão institucional. Reunimo-nos com a comunidade escolar e lideranças para decidirmos alguns pontos do PPP. Ficou decidido que a promoção da leitura literária seria o eixo principal e que, posteriormente, poderia ser melhorado, mas nunca retirada da proposta pedagógica.

Algumas das metas desse projeto são: elevar o nosso IDEB, combater o analfabetismo funcional, despertar o interesse pela leitura literária e alcançar as famílias dos alunos, que são, em sua maioria, desestruturadas pela violência, desemprego, o uso de drogas, moradia de péssima qualidade, prostituição etc. Todos esses problemas são situações de risco para nossas crianças e, por isso, é necessário propormos um resgate social, através da leitura literária, de forma a envolver todos da comunidade com as ações do projeto.

COMUNIDADE E ESCOLA UNIDAS PELA LEITURA LITERÁRIA

Contamos atualmente com o IDE, o IC&A e a SEEC, e com a adesão dos líderes comunitários, Conselho Tutelar, Associações da comunidade para colaborar e assegurar um ensino de qualidade. Esse projeto é desenvolvido desde 2008 com ações implantadas no plano de gestão da leitura.

Em 2010, pelo projeto “Abrindo as Portas do Saber Literário”, recebemos o prêmio de R\$ 10.000,00 do Concurso Escola de Leitores para ser investido na sala de leitura ou em ações vinculadas à leitura, além de termos sido contemplados com uma viagem de intercâmbio à Bogotá; cidade reconhecida pelo

trabalho de leitura que desenvolve.

O nosso projeto é de grande aceitação na comunidade. Nos momentos de avaliação todos participam de forma a assegurar a continuidade. Mas, ele está apenas começando, é como uma semente recentemente plantada, que precisa de cuidados especiais, porém, já temos resultados. Percebemos que muitos já estão desenvolvendo o prazer em ler. É contagiante verificar que houve aumento dos empréstimos de livros, não só para alunos, mas também para funcionários, professores, pais que estão levando livros para casa.

A sala de leitura também está atuante na escola, é o seu coração, ela tem contribuído de forma significativa na aprendizagem dos alunos, como relatam as professoras Isaura e Aparecida. Outro depoimento é da profa. Telma, sobre o progresso das crianças e seus interesses na leitura: “[...] os meninos melhoraram bastante, eles procuram a sala de leitura e eu tenho buscado ler, pois tem livros interessantes, e a aprendizagem teve melhor rendimento.”

A leitura também refletiu no comportamento dos alunos em relação às diferenças e transformação da comunidade. Hoje nossa comunidade já tem galgado um espaço na mídia, com outro olhar, não só de violência, mas de mudanças com a leitura e está caminhando para ser reconhecida como bairro leitor. Acreditamos.

Um passo para o reconhecimento aconteceu em uma reportagem, onde uma emissora de televisão queria apenas mostrar a situação precária do prédio da escola. Conseguimos reverter o tema em prol da sala de leitura e de mostrar que existem coisas boas na escola. Outro foi através de e-mail para divulgarmos o recebimento do prêmio do Concurso e outra emissora de televisão contactou-nos para uma matéria sobre o projeto.

Houve um aumento de matrículas significativo em 2010, depois da divulgação das ações do projeto de leitura, bem como do nosso IDEB, que passou de 2,8 para 3,6 de acordo com os dados fornecidos pelo MEC/INEP (2010). Esses resultados demonstram a importância do programa “Prazer em Ler”, que mudou a história da nossa escola, nosso olhar em relação à leitura literária e sua importância na formação do leitor para a vida.

O projeto “Abrindo as Portas do Saber Literário” pauta o nosso trabalho em oficinas para formação de leitores entre professor e alunos, tardes e manhãs poéticas e literárias, bem como algumas vezes com a participação de pais. Ações contínuas foram planejadas para formar mediadores de todas as idades e não só da escola, envolvendo contadores de história e escritores, como também voluntários, de forma a garantir a permanência e funcionamento da sala de

leitura e, assim, dar continuidade ao projeto. O aumento do rendimento escolar tem sido gradativo e a leitura literária tem sido nossa âncora, pois já temos mediadores mirins. As ações existentes são significativas para todos, dentre elas estão:

O “Picolé Literário” é uma caixa de isopor recheada de livros literários que vai para a residência de uma criança da escola ou de algum voluntário da comunidade para serem lidos por crianças da redondeza, à noite ou no final da tarde, pois são momentos em que elas ficam na rua. A casa que receberá a caixa é divulgada durante a semana, através de cartazes afixados na escola e nos comércios da comunidade, constando endereço. Também é anunciado por megafones ou carro de som. No dia de transportar a caixa, forma-se um cortejo, incluindo-se crianças da Banda Fanfara, tocando instrumentos. Todos caminham até a casa que recebe um cartaz, contendo: “NESTA CASA TODOS LEEM”. Já existe lista de espera para receber o Picolé Literário.

O “Plantão Literário” acontece nas ruas da comunidade, onde, à sombra de um espaço comercial ou residência, permanecemos das 9h às 16h, uma vez a cada bimestre, com estantes, contendo os livros literários, gibis etc., mesas, cadeiras, megafone, som e pufes. Os moradores oferecem-nos a frente de suas residências para colocarmos todo material necessário, e um cartaz contendo a seguinte frase: “Todos pela leitura”, de forma a expressar o direito de todos terem acesso à leitura. Fazendo uso de microfones ou megafone, os alunos ou pessoas da comunidade leem à vontade os livros escolhidos. Sr. João e sua esposa Andreia já nos cederam duas vezes a frente da sua casa para realizarmos o dia literário, por ser próximo à estação ferroviária, os usuários do trem param e perguntam sobre o projeto e falam que levarão a ideia para seus bairros. O casal opinou sobre essa atividade: [...] vocês estão de parabéns, isto é bom pra nós, ficamos felizes, porque os alunos aprendem, estudam com estes livros, e quero outras vezes, e também o Picolé Literário. [...] lá no interior não tem disso, meu filho agora gosta de ler e participar, depois que começou a estudar aqui.” Já realizamos essa atividade em diversos locais da comunidade.

A “Praça Literária” tem sido apreciada pelos pais que esperam a saída dos filhos e ficam sentados lendo um livro. Alguns dos funcionários ajudam a organizar a praça, que fica na entrada da escola, mas é preciso solidificar essa ação, pois, às vezes, não é possível dispor os livros, gerando cobrança de alguns pais.

A oficina literária recebe contadores de história e escritores de literatura. Essas pessoas foram convidadas para realizarem oficinas com alunos, pais, professores e toda comunidade escolar, pois acreditamos ser preciso envol-

ver a todos, desde o vigia à direção da escola e, assim, formar leitores multiplicadores da democratização do acesso ao livro e à leitura. Essas ações têm contribuído na formação de alunos e comunidade de leitores.

Os Eventos Literários dentro e fora da escola são realizados nas tardes e manhãs literárias dentro da escola, mensalmente e fora dela, semestralmente. Fechamos um trecho da rua e armamos um palco onde acontecem saraus e outras apresentações literárias. Esses eventos contam com a participação de lideranças comunitárias, comunidade escolar, voluntários e outras escolas que têm o mesmo trabalho para participarem dos eventos cujo tema é “Tarde Literária Cultural”, um sucesso em 2010.

Fizemos a atividade Leitura Literária na Estação de Trem I e II, na Praça Gentil Ferreira. Os alunos foram para a estação de trem que fica próxima à escola realizar momentos literários e fizeram um recital de poesia, apresentação de peças, leitura de livros literários e distribuição de poesias ou textos significativos de autores literários com as biografias dos respectivos autores.

Fizemos a divulgação da leitura literária no Restaurante Popular, (popularmente conhecido por Barriga Cheia). Os alunos receberam livros para fazerem um recital ao meio dia na frente desse restaurante que fica próximo à escola e a uma parada de ônibus, pois a clientela é de classe menos favorecida, distribuíram panfletos contendo incentivos à leitura. Utilizamos Megafones.

Durante os intervalos e festas, realizamos momentos de mediação de leitura e, muitas vezes, têm a participação de pais quando estão na escola, com microfones e megafone. Inicialmente, eram poucos, hoje a fila é grande para participar desse momento, durante as festas comemorativas, quando fazemos uso da leitura literária. Também é grande a busca por livros poéticos e de história curtas para esses momentos, alguns deles falam: “...Quer saber o final da história? Vá à sala de leitura...”, como também gincanas literárias.

Quanto ao acesso ao acervo, atingimos mais de mil livros emprestados, somente em 2010. Ampliamos nosso acervo com compras de livros com o prêmio que ganhamos e doações. Os alunos têm um horário para frequentar a sala de leitura com a professora de sala de aula, durante o recreio, e quando a sala encontra-se livre em outros horários, os pais e comunidade têm acesso ao livro e empréstimos, fazem atividades em suas salas com seus professores com livros escolhidos pelos alunos, que ficam expostos na sala de leitura e em outros ambientes da escola. Os empréstimos estão sendo sema-

nais, mas as atividades e visitas são diárias. Semestralmente, realizamos a Gincana Literária em datas significativas e nessas ocasiões as tarefas dos alunos envolvem literatura e escritores da comunidade.

Os alunos, pais, funcionários e professores têm participado dos momentos literários dentro e fora da escola, nos lugares públicos, como, na estação de trem e no restaurante popular. Em 2011, ampliaremos as ações de leitura para o posto de saúde e mercadinho próximos à escola. Focamos nessas atividades a oralidade e o incentivo à leitura por prazer e, em decorrência, nossos alunos e demais membros da comunidade já estão se apropriando da leitura, conseguem expor suas ideias e opiniões relativas ao gosto e prazer de ir à sala de leitura e ler livros de seu interesse.

É importante ressaltar, que, por menor que seja, tal mudança torna-se significativa quando se planeja e se avalia em equipe. E este é nosso objetivo, realizamos as avaliações do projeto com a direção, equipe pedagógica; professores, funcionários, representante da comunidade, pais e principalmente os alunos, que são os atores principais. Através de reuniões e encontros bimestrais entre os envolvidos, avaliamos utilizando os seguintes meios: fichas de matrículas, constatando o aumento de matrícula, onde iniciamos o ano letivo com 113 alunos e finalizamos com 157, registros escritos, fotos, produções dos envolvidos, reuniões em grupos, amostra de questionários.

Sabemos que erros e dificuldades existem, mas é através do reconhecimento destes que conseguimos refletir e repensar para acertar.

E nesta busca continuaremos até a nossa escola ser reconhecida como escola modelo e exemplo de leitores, pois estamos formando leitores para o mundo e não só para a escola, como disse Silvia Castrillion, durante palestra: "Precisamos formar leitores para o mundo e não para a escola".

INTERCÂMBIO COM BOGOTÁ, DIVISOR DE ÁGUAS

É sempre bom aprender mais sobre políticas de leitura e ver pessoas comprometidas com a educação se engajarem no processo de formação de leitores. Compartilhar momentos de trocas com o grupo de educadores brasileiros e ter visto em Bogotá, capital da Colômbia, o compromisso com que desenvolvem o trabalho de democratização da cultura escrita, foi gratificante e as contribuições foram imensas. A oportunidade que o Instituto IC&A proporcionou aos representantes das escolas vencedoras do Concurso Escola de Leitores foi de grande valia.



Foto: Arquivo

FOTOGRAFIA 4 - Eventos dentro da escola. Festa das Mães



Foto: Arquivo

FOTOGRAFIA 5 - Picolé Literário a noite

Podemos dizer que o intercâmbio com Bogotá foi um divisor de águas para o projeto de leitura da nossa escola. Vimos, por exemplo, que uma ideia brasileira, a do Fundo Pró-Leitura, que envolve um acordo de desoneração fiscal entre o Governo Federal e a indústria editorial brasileira, há muitos anos foi levada por Silvia Castrillion, adaptada e aplicada em Bogotá, enquanto no

Brasil ainda se encontra no papel.

A rede de bibliotecas de Bogotá – BiblioRed – é formada por vinte Bibliotecas, distribuídas pelos bairros do centro e da periferia – e a imponência da arquitetura dos prédios são exemplares. A anfitriã do intercâmbio, Silvia Castrillion, fez um histórico sobre a leitura em Bogotá. Falou sobre os esforços que foram feitos para a promoção da leitura e que é preciso, permanentemente, formar professores para atuarem nas bibliotecas. Explicou que, na década de 80, os avanços foram significativos, fundou a associação do livro de literatura infantil e ainda estão no processo de melhorar o acervo. Verificamos que no Brasil há mais autores e ilustradores de literatura infantil e juvenil, contribuindo para que tenhamos acervos literários de qualidade. Porém, para atingirmos o estágio que a Colômbia está vivendo hoje, com uma Política Pública voltada à formação do leitor, é preciso priorizar a Educação e a Cultura e querer mudar esta realidade.

Durante palestra, Castrillion lembrou Paulo Freire e afirmou: “para ler o mundo é preciso ler as palavras... o ler proporciona conhecimento de si e do outro e de transformação da sociedade”, por isso, em 1998 criou a Assolectura, que é uma instituição que trabalha com a democratização do acesso à cultura escrita, envolvendo leitura, reflexão e formação de leitores e mediadores. Um dos pontos que chamou a nossa atenção em sua fala foi ela dizer que o professor não deve ser “preguiçoso”, precisa ler e ajudar a melhorar a escola. A leitura exercita a capacidade de refletir sobre o que se lê, sobre as práticas e a pessoa se transforma à medida que compartilha o aprendizado.

Avaliamos que essa perspectiva de professor leitor já está presente, pelo menos em Natal e Parnamirim, pois, desde 2007, acontece formação no âmbito do programa “Prazer em Ler”, com foco na leitura literária. A partir de 2010, iniciamos a construção da Rede Potiguar de Escolas Leitoras. As escolas reúnem-se por polos para ler, refletir, criar estratégias para serem colocadas em prática nas escolas e nas comunidades. Juntos partilhamos experiências, discutimos sobre como lidar com os gestores públicos dos órgãos centrais um tanto quanto semelhante ao que fazem em Bogotá com os encontros do Clube de Leitores e o trabalho de formação de mediadores.

O importante é sabermos que não estamos sozinhos nesta luta de promoção à leitura, pois esse intercâmbio propiciou-nos conhecer outros professores brasileiros que também lutam e enfrentam as mesmas dificuldades para disseminar a leitura literária em nosso país, transpondo os muros das escolas, alcançando as comunidades, investindo de forma a contribuir na formação de futuros leitores participativos e transformadores da sociedade.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Edson Gabriel (Coordenador). *Prazer em Ler*, um roteiro prático poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artimanhas nas gostosices da leitura. São Paulo: Instituto C&A / Cenpec, 2006.

_____. *Prazer em Ler*, registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação de leitura / Coordenador e idealizador Edson Gabriel Garcia – Vol. 2. São Paulo: Instituto C&A / Cenpec, 2007.

LERNER, Délia. É possível ler na escola? *In: Revista Lecture y Vida*, Ano17, n.1, março, 1996.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



Restaurante Literário

Angélica Fernandes de Oliveira Vitalino¹

Miriam Antunes Rodrigues da Silva²

COMO TUDO COMEÇOU

Na obra “Prazer em Ler” (ARAÚJO, 2009, p.48) está escrito que se tornar leitor “significa ter acesso aos escritos sociais (...) significa, pois, ser usuário de equipamentos coletivos”. Partindo dessa concepção de leitura, a Escola Estadual Maria Cristina criou o “Restaurante Literário”.

Esses quatro anos de execução, tem revitalizado nossas pautas no que se refere à leitura literária. A proposta é realizar atividades prazerosas a partir do objeto “Livro”. E, quando se fala em fruição do texto, em se relacionar com a literatura de forma libertadora, a verdade é que muitos projetos de leitura cobram atividades posteriores. Com o “Restaurante Literário” é bem diferente – através dele se faz um apelo tão somente à sensibilidade, esforçando-se para conduzir o educando para leitura literária através de sua beleza e seu encanto.

Em 2007, a Coordenadora Pedagógica Marliete Farias elaborou esse projeto preocupada em diminuir a evasão dos alunos do curso de Educação para Jovens e Adultos (EJA), e também com a formação de leitores proficientes na instituição. Desde então, tornou-se um excelente recurso no processo de letramento. Os alunos, de um modo geral, começaram a descobrir a magia contida nos livros e passaram a realizar constantemente empréstimos de livros na Sala de Leitura – espaço, antes, pouco visitado. Os professores lamentavam o desinteresse dos alunos antes do projeto.

O “Restaurante Literário” foi tão exitoso que se estendeu aos outros turnos da escola. Atualmente, está em sua 4ª Edição, tornou-se um evento de tradição e de peso em nossa comunidade escolar.

Nossa instituição sempre teve a preocupação e a sensibilidade voltada para a leitura. Quando não tínhamos espaço destinado para esse fim, nem profissional devidamente preparado, nem tampouco, acervo suficiente, colo-

¹ Formação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), é Psicopedagoga também pela UFRN, Professora Regente da Sala de Leitura (turno matutino).

² Pedagoga formada pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), Especialista em Educação Física e Arte na Infância pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Professora Regente da Sala de Leitura (turno vespertino).



Figura 1: Logotipo do Restaurante

cávamos os livros em carrinhos de supermercado – cedidos por empresas parceiras – e levávamos para as salas de aula. Com o passar dos anos, o tripé tão fundamental à formação de leitores: espaço, acervo e mediação, chegou até nós.

É fundamental compreender que, na formação de cada cidadão ou de uma nação, a leitura é de máxima importância. Representa um papel essencial, pois revela-se como uma das vias no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação e formação cultural. Dessa maneira, o Projeto “Restaurante Literário”, além de possibilitar construções intelectuais, ele potencializa outras habilidades, pois do livro decorrem mediações, dramatizações, declamações, canções. Todos podem apreciá-las. Trabalhamos também aspectos orais e a desinibição dos envolvidos.



FOTOGRAFIA 1 - Pâmela Dorielly do 8º Ano, mediando a obra “Couro de Piolho”
Luís da Câmara Cascudo.



FOTOGRAFIA 2 - Mediadoras apresentando as obras da autora do 2º Bimestre, Ruth Rocha.

Antes de adentrar a obra do autor escolhido para o bimestre, conhecemos todo a *background* histórico do autor e sua biografia. Isso confere ao aluno uma ampliação de sua visão com relação ao livro lido.

Depois de estudarmos, juntos, a história desse autor, lemos suas obras separadas do acervo com mais de 3.000 obras. Os professores de todas as disciplinas trabalham os vários títulos. Nosso projeto, diferente de tantos outros, promove ações desenvolvidas não apenas pelo professor mediador da Sala de Leitura, mas também pelo corpo docente, nas suas várias disciplinas.

Como é fato geral que a literatura é algo que está sempre em movimento, que exige um trabalho ativo e criador da parte do leitor, na culminância do Restaurante Literário, mesas são dispostas como em um restaurante. Os alunos vestem-se como garçons e, através de um cardápio constando as peças, músicas, dramatizações, declamações, mediações de leitura dos autores escolhidos, nossos “clientes” degustam o que há de melhor na Literatura nacional.

Reclama-se sempre que a criança e o jovem não leem e não gostam de ler. Afirmações desse tipo, peremptórias como essas, gratuitas e, no mais das vezes, mal discutidas transformam-se em preconceito instalado que vai penetrando acriticamente em pessoas e grupos, acabando por se transformar em dogma. E uma vez o dogma absorvido, as escolas temem por ousar em projetos que envolvam a leitura. No decorrer desse projeto, esse falso dogma tem sido desmentido com os números crescentes de alunos leitores que frequentam a Sala de Leitura e que tem se envolvido no Projeto.

Constata-se, então, que o projeto, desde seu início, rompeu com esse preconceito. Isto é, introduziu a prática pedagógica da leitura de literatura na escola, o prazer como elemento fundamental na relação do leitor com o texto. É óbvio que houve resistência de alguns docentes e alguns chegaram até a julgar que, sem um objetivo após a leitura, sem a cobrança das avaliações, a leitura literária era uma atividade com pouco significado.

OS DESAFIOS ENFRENTADOS

Amarilha (1997, p. 48), lembra-nos que “a Literatura infantil, (...) pensada e elaborada para a infância, sempre ignorou seus anseios e impôs antes de tudo a visão do adulto sobre a criança”. Então, restava-nos romper com o preconceito. E, paulatinamente, tivemos bastante êxito nessa caminhada.

Outra questão que nos sobreveio é que o deleite advindo da leitura não se conquista num passe de mágica, espontaneamente. Requer atitudes coerentes e pertinentes ao objetivo proposto. Por essa razão, era necessário a adesão por parte de todo o corpo docente. Então iniciamos nosso trabalho: foram reuniões que abordavam a importância do ato de ler, insistentes mediações de leitura nas reuniões com docentes e pais de alunos e várias outras ações que apoiaram o projeto “Restaurante Literário”. Estava claro que, para formar leitores, era necessário que os professores tivessem, primeiramente eles mesmos, prazer naquele ato. Nosso primeiro desafio era conquistá-los.



FOTOGRAFIA 3 - Jornalista Lídia Pace da InterTV Cabugi / TV Globo, entrevistando os alunos do 6º Ano A

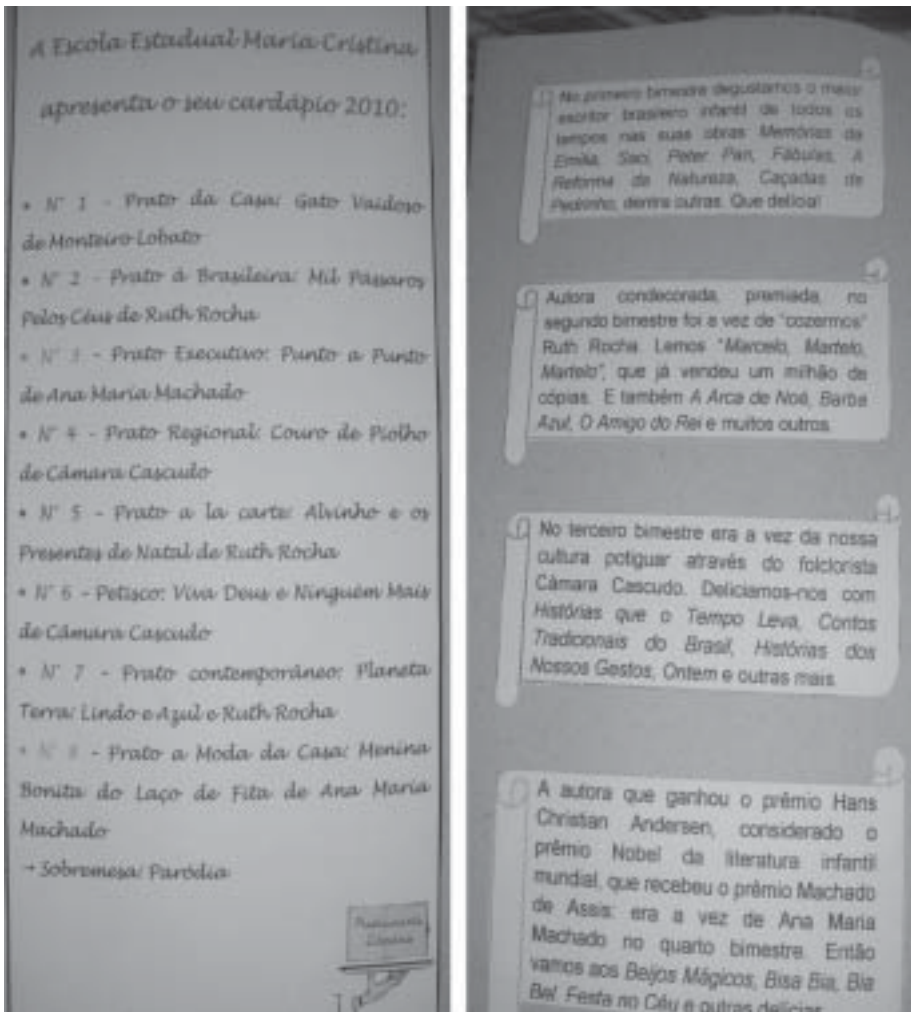


FIGURA 2 - Cardápio apresentado durante o Restaurante Literário em dezembro de 2010

Para garantir às próximas gestões a continuidade do Projeto, ficou devidamente documentado em nosso Projeto Político Pedagógico a missão da Escola Estadual Maria Cristina com relação à leitura literária: temos o dever de promovê-la.

Os próprios professores começaram a ver os resultados das ações. O trabalho com a Literatura favoreceu o desenvolvimento da consciência crítica, a construção da cidadania. Houve visível crescimento dos alunos aos olhos dos professores. O livro tem, sim, o poder de desenvolver no educando leitor a sensibilidade e a imaginação – elementos em falta na nossa sociedade atual.

UM PROJETO AUXILIADO POR MUITAS ATIVIDADES

O Restaurante Literário articula-se com outros projetos desenvolvidos pela Sala de Leitura da nossa Instituição:

O Projeto “Hora de Ler” é um convite da Escola Estadual Maria Cristina a todos os alunos, aos professores, corpo administrativo e a possíveis visitas para que leiam. O objeto da leitura pode ser um livro, uma revista, um gibi, um artigo, um jornal, a Bíblia, enfim, sendo disponibilizado pelo Prof.^a da Sala de Leitura uma cestinha com várias possibilidades, porém não impedindo que o leitor traga de casa seu próprio livro. A iniciativa surgiu da necessidade de apoiar o Restaurante com o autor do bimestre e também de conferir a todos esse momento tão agradável no início do expediente. A proposta é que a leitura dê-se em silêncio, sem interrupções nos quinze minutos iniciais da aula, podendo ser prolongado sob a permissão do professor e desejo da sala. O ambiente da escola deve ser o mais tranquilo possível, pedindo a todos que haja respeito para esse fim. Ao término do tempo da “Hora de Ler”, quem não concluiu a leitura do texto escolhido pode separá-lo para continuar nos dias subsequentes.

O projeto, na verdade, foi apenas revitalizado – pois vem de anos anteriores e foi tão bem sucedido que chamou a atenção da mídia local no ano de 2010. Fizeram matérias conosco os programas “60 Minutos” e “Viver Bem” da TV Ponta Negra/SBT, a TV Senado, a TV Universitária, e o RNTV, da InterTV Cabugi/TV Globo. Todas as matérias foram devidamente arquivadas na escola e exibidas à comunidade escolar em reuniões.

O MEDIADOR JÚNIOR

A formação de alunos mediadores de leitura, entre aqueles que pudessem frequentar essas atividades no contraturno escolar, foi introduzida com o objetivo de promover o livro, através de mediações de leituras. Tal prática tornou-se um sucesso na hora do intervalo. Os alunos mediadores levavam três obras para “estudá-las” em casa e lê-las para os alunos de menor idade.

A princípio, fizemos um convite aos alunos que desejavam a participação – o voluntariado era o critério para tal seleção. Após, os alunos voluntários receberam uma formação com a Profa. Grace Helen, assessora pedagógica do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) sobre o uso de estratégias que pudessem ser utilizadas para que a mediação fosse bem-sucedida.

O objetivo era o desenvolvimento da habilidade de leitura através de

uma aproximação afetiva e significativa com os livros, instigando o protagonismo juvenil, ou seja, não apenas os professores deveriam fazer a mediação, mas os próprios alunos deveriam estar envolvidos nessas ações.

Percebemos que, logo nos primeiros meses do trabalho, os alunos liam com mais naturalidade, conheciam o enredo com mais segurança e sentiam a história a ponto de envolver-se com a narrativa.

UM PROJETO QUE EXTRAPOLOU OS LIMITES GEOGRÁFICOS

Após a aproximação da Escola Estadual Maria Cristina ao Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), nossa Instituição ganhou novos ares. É fato que já tínhamos experiência leitora, porém, foi o IDE que nos auxiliou na organização e sistematização e também na promoção de nossos projetos fora dos muros da escola.

A participação do Concurso Escola de Leitores foi uma prova bastante visível do salto que vivemos. Junto a quatro outras instituições escolares, fomos contempladas com um prêmio de R\$ 10.000, destinados à construção de uma Sala de Leitura mais ampla, acompanhamento pedagógico específico, e de uma viagem a Bogotá, Colômbia, cujo objetivo era a realização de um Intercâmbio cultural para conhecimento dos programas de promoção da leitura naquela cidade.

De 16 a 22 de agosto de 2010, as Profas. Angélica Fernandes e Miriam Antunes representaram a Escola no intercâmbio, tendo como entidade patrocinadora o Instituto C&A. Depois de seis horas de voo e mais de oito mil quilômetros percorridos, chegamos a Bogotá – agora a E.E. Maria Cristina realmente extrapolava seus limites.

A viagem oportunizou-nos conhecer Silvia Castrillon – um misto equilibrado de simplicidade e sapiência. Nossa anfitriã representava a Asolectura – Associação Colombiana de Leitura e Escrita – a experiência encheu-nos de emoção e de desafios para contemplarmos algo semelhante no nosso país. Como também pensam alguns brasileiros, Silvia salientou que ler não pode ser uma obrigação, mas uma necessidade ontológica, do ser, imprescindível para a construção da identidade de cada um.

O “Clube de Leitores” são grupos onde a leitura da palavra é central e há um espaço aberto para a reflexão, o debate e o questionamento das práticas de promoção da leitura em bibliotecas, escolas e outros lugares. Percebemos que, a partir da instituição, iniciou-se naquele país, especialmente em Bogotá, um

amplo debate sobre a importância da organização da sociedade civil em torno do direito à leitura e à escrita, bem como da participação da sociedade civil na formulação de políticas públicas nessa direção.

Também foi impressionante conhecer a experiência das Bibliotecas da capital colombiana. Nosso olhar comparativo percebia as imponentes construções arquitetônicas dentro de parques públicos que realmente cumprem sua missão. Testemunhamos famílias inteiras reunidas em torno do livro. Realmente instigador...

As bibliotecas³ com suas diversas salas e suas várias finalidades: Sala Infantil (Bebeteca), Sala Bogotá com material bibliográfico e audiovisual especializado em temas da cidade: história, geografia, economia etc; Salas de Videoteca e Sonoteca; Sala de Internet com acesso gratuito à população; para estudo do professor, espaços de exposição, programação cultural com exposições, teatro, música, cinema e seminários, entre outras atrações, realmente encanta.

Muita esperança ao ver uma experiência tão bem sucedida na área literária.

Nas palestras desenvolvidas era salientada a personalidade própria e a força da narrativa dos textos literários; o seu “não utilitarismo”, devendo ser resguardado seu objetivo de libertar com fluências as ‘ideias’. Apreciamos saber que alguns desses pensamentos são abraçados no nosso Projeto. Experiências como empréstimos de livros, formação de mediadores, esforço em aproximar a comunidade são ações que percebemos em comum entre o projeto de leitura da Maria Cristina e Bogotá.

Para o Projeto “Restaurante Literário”, o intercâmbio foi uma experiência marcante. Trouxe, através dos seus representantes, uma maior consciência e um desafio ainda mais amplo quanto ao nosso papel junto aos livros. Está mais evidenciado o desafio de não didatizar a leitura e afirmar o indivíduo aluno como leitor. Uma inquietação com relação ao diálogo que deve haver entre a escrita, a leitura e a oralidade.

Naturalmente, tecemos uma relação com as práticas brasileiras e potiguares. E ainda existem práticas sem base teórica, conduzidas por ‘achismos’ e resultados, não direcionados. O professor mediador de leitura precisa, de alguma forma, interferir nesse processo que ainda acontece nas escolas, estimulando os demais profissionais docentes a repensarem suas práticas.

³ www.biblored.org.co

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que toda a sociedade brasileira, talvez a mundial, está carente de literatura. Sem literatura, privamo-nos de fantasia, de cor, de sensibilidade. Segundo Neira Cruz (2007, p. 83): “É a sociedade que não lê, que esqueceu o prazer de ler. E somos todos, em uma medida ou outra, os que estamos carentes de estímulos que nos façam entender a leitura como uma dimensão da vida importante para se estar no mundo.”

O “Restaurante Literário” vem, então, com uma práxis reflexiva, transformar a comunidade escolar em uma comunidade leitora e, assim como a personagem Sherazade foi capaz de salvar a própria vida por meio de uma série de histórias, o projeto propõe resgatar os nossos alunos com as maravilhas da literatura. E, cremos, através de depoimentos, dos indicadores e do claro desenvolvimento e crescimento dos nossos alunos, que temos tido êxito nessa caminhada.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. *Estão Mortas as Fadas?* Petrópolis RJ: Vozes, 1997.
- ARAÚJO, Leusa (Redação e Pesquisa). *Prazer em Ler*, três anos. São Paulo: Instituto C&A, 2009.
- NEIRA CRUZ, Xosé Antonio. Ler e escrever: o prazer da intimidade com o livro. *In: Nos Caminhos da Literatura* / [realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - São Paulo: Editora Peirópolis, 2008.



Uma Escola Pública com Sabor de Leitura

Alzenir Araujo Santos¹

Acho que tive um amor à primeira vista pelos livros.
A gente procura o livro e o livro procura a gente.
José Mindlin²

UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE LEITURA

É imprescindível fazermos uma breve, brevíssima consideração sobre leitura a partir da concepção freireana. Ler, segundo Paulo Freire, confunde-se com o próprio ato de viver, que “não se esgota na decodificação pura da escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. (FREIRE, 2001, p. 11) Ler é enveredar por um vasto universo sensorial, com interpretações e conclusões a partir do que já conhecemos. É um processo que não se repete de uma pessoa para outra, porque é único. No momento em que estamos lendo um texto, nossas “leituras” anteriores começam a ler conosco, estabelecendo relações, contribuindo para a interpretação do texto que estamos lendo. Assim, o novo texto que surge é uma teia que se origina de um processo amplo, de uma sequência de encadeamentos de significados. Tanto mais significativo será o texto quanto mais amplo for o repertório de leituras de quem o lê.

Nesse sentido, a leitura nos conduz a uma ação de reconstrução tanto do processo de produção da leitura, quanto do próprio leitor e da sociedade da qual ele faz parte. E então, através de múltiplas leituras, estabelecendo conclusões e inquietando-se, é possível que o leitor perceba-se como uma pessoa capaz de interagir, de transformar o mundo, de acordo com os anseios individuais e coletivos da comunidade onde vive. Esse foi um dos princípios filosóficos que nortearam nossas reflexões e ações desde que iniciamos o projeto “Sabores da Leitura.” Este foi um dos princípios filosóficos que nortearam nossas reflexões e ações desde que iniciamos o projeto “Sabores da Leitura”.

¹Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) UFRN – Pós-graduada em Linguagens e Educação-UNP. Mediadora de leitura e Coordenadora do projeto Sabores da Leitura na Escola Estadual Izabel Gondim – Natal/RN.

²Advogado, empresário e bibliófilo. Foi dono de uma das maiores bibliotecas privadas do país e membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira número 29. Autor de “Uma vida entre livros: reencontros com o tempo”. Faleceu em 28 de fevereiro de 2010.

CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO DA ESCOLA

A Escola Estadual Izabel Gondim foi fundada em 18/10/1934. Foi a primeira escola pública do bairro das Rocas, e leva o nome de uma das mais antigas escritoras do RN. Izabel Gondim, que também foi poetisa, usou a sua pena e a sua vida para defender o ensino público. A história de cada família do bairro passa por essa escola que é considerada um patrimônio das Rocas. Foi numa reunião ocorrida nessa escola, que surgiu a ideia de construir acampamentos cobertos de palha de coqueiro, o que resultou na Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, implementada em Natal na década de 1960. A comunidade é muito privilegiada porque reside num bairro que possui uma cultura rica e diversificada.

Geograficamente, situa-se perto das praias urbanas e do rio que atravessa a cidade, o rio Potengi, com sua esplendorosa Fortaleza dos Reis Magos, onde a cidade começou. Foi desse bairro pobre e simples que surgiu o presidente da República, Café Filho. Podemos citar ainda outros aspectos que contribuem para a diversidade cultural desse povo tão simples e alegre: o Porto de Natal, o Canto do Mangue, o Mercado do Peixe, o Mirante do rio Potengi, a Sociedade Araruna de Danças Folclóricas, de Cornélio Campina (falecido), as escolas de samba Balanço do Samba e Balanço do Morro, os grupos de quadrilhas juninas, os restaurantes Carne Assada do Lira e a Peixada da Comadre.

Além disso, temos a feira livre toda segunda-feira, que mais parece um ponto de encontro da comunidade. Esse bairro também foi contemplado com uma Rádio Comunitária e o Jornal Comunitário Via Leste. Anualmente, realiza-se o Carnarocas, carnaval produzido pela comunidade das Rocas.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2000), 25% das famílias do bairro das Rocas ganham até 1 salário mínimo mensal e 36,31% ganham de 1 a 3 salários mínimos, compreendendo, nessa faixa, 60% da população. Com relação à ocupação domiciliar, 24,44% das famílias residem em imóveis alugados. No que se refere à situação educacional, 12,82% não possuem nenhuma instrução; 17,17% têm apenas de 1 a 3 anos de escolaridade.

A LEITURA LITERÁRIA ANTES DAS PARCERIAS...

A escola tinha uma Biblioteca, Teodolina Cavalcante, subutilizada, com armários e balcões de madeira muito antigos e em péssimo estado de conservação, estantes de aço enferrujadas (revestidas com papel madeira), mesas dete-

rioradas e cadeiras muito desconfortáveis, que provocavam reclamações por parte dos alunos.

O acervo era composto de coleções sobre personagens históricos, atlas geográficos desatualizados, muitos livros didáticos, revistas antigas para recorte e colagem, minidicionários da Língua Portuguesa, enciclopédias Barsa e Larousse. Havia algumas coleções de romances: Biblioteca das Moças e Coleção Paratodos. E, por fim, alguns volumes da Coleção Literatura em Minha Casa. Muitos desses livros já estavam mofados, sem condições de uso.

Havia uma funcionária responsável pela Biblioteca no turno matutino e outra no turno vespertino. Essa última dificilmente vinha à escola, pois estava quase sempre de licença médica. Ambas sem condição de realizar um trabalho sistemático, dinâmico e integrador com o restante da equipe escolar e os alunos, em virtude de suas limitações pessoais.

Os professores que se aventuravam a realizar alguma atividade com a leitura literária solicitavam livros de literatura juvenil às editoras. Mesmo assim, na maioria das vezes, e com raras exceções, os alunos eram “obrigados” a ler para responder o suplemento que já vinha pronto com o livro, visando “ganhar ponto”.

Inconscientemente, a escola trabalhava conforme definição de Antunes (2005, pp. 27, 28):

[...] a escola escolariza a leitura, a qual passa a ser uma obrigação, cobrada desde o domínio da sua técnica até a percepção do professor sobre um texto interpretado pelo aluno. A leitura é usada como tarefa – é avaliada, sendo atribuídas notas como prêmios para a “melhor” leitura – sem, no entanto, se considerar que ler é muito mais a relação que se estabelece entre quem lê e o texto lido, é a compreensão, é o que fica depois que a leitura acabou.

Porém, havia um pequeno grupo que se inquietava com essa situação, que procurava trabalhar a leitura de forma mais agradável, através de pequenos projetos literários, embora ainda fosse para atribuir nota. Algumas pessoas desse grupo já se aposentaram, outras ainda estão na escola.

E CHEGARAM AS PARCERIAS...

Em agosto de 2007, a escola teve uma chance de mudar esse cenário. Foi

selecionada para integrar um grupo de escolas que iriam receber a parceria da ONG Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), o Instituto C&A e o apoio da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN (SEEC).

Aplicou-se um questionário para diagnosticar a situação da leitura literária na escola, que comprovou o que foi dito acima, além da necessidade de formação específica dos profissionais (direção, mediadores, professores, coordenadores pedagógicos) com relação à leitura e a dinamização da Biblioteca.

Um momento de reflexão e constatação de que algo não estava indo bem. Segundo Freire (1996, p. 39), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”

Assim, delineou-se um novo caminho, embora lento, um pensar diferente sobre leitura literária e as formas de mediá-la, dentro e fora da escola. Aos poucos, já não era possível fingir ou ficar indiferente àquela situação de falta de planejamento, acompanhamento e avaliação do processo de leitura no espaço que tínhamos.

Outro fator que contribuiu para o processo de mudança foi a divulgação do resultado da Prova Brasil aplicada em 2007. A escola obteve o índice de 2,4 nos anos iniciais e 1,9 nos anos finais do Ensino Fundamental. A partir de então, foram feitos alguns questionamentos: por que alcançamos índices tão baixos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)? O que está acontecendo com a primeira escola pública do bairro das Rocas? O que estamos fazendo ou deixando de fazer para termos chegado a tal ponto? Que escola queremos? Como resgatar a imagem da escola junto à comunidade? Até que ponto o poder público, as famílias, a escola e a sociedade civil são responsáveis por essa situação?

A aprovação da Lei Estadual nº 9.169, de 15/01/2009 – dispõe sobre a Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas – trouxe uma esperança, pois, de agora em diante, poderíamos contar com o apoio do Poder Público para a melhoria da qualidade do ensino nas escolas públicas do Rio Grande do Norte, através de investimentos na área da leitura, que é imprescindível para o desenvolvimento de qualquer país.

Aos poucos, fomos realizando encontros mensais com a equipe da escola, e a assessora pedagógica do IDE, Flauzineide de Moura Machado, que orientou o processo de elaboração do projeto “Sabores da Leitura”, que conduziria nossas ações literárias, de forma sistemática, a partir daquele momento, sob a coordenação da professora Alzenir Araujo Santos, readaptada na função de mediadora de leitura, mas muito interessada em participar daquele momento histórico da escola.

Foto: Arquivo



FOTOGRAFIA 1 - Espaço ambientado e acervo diversificado.

O projeto “Sabores da Leitura” foi elaborado de acordo com os pressupostos constitutivos do programa Prazer em Ler, isto é: “organização do espaço e do acervo, e planejamento da mediação; buscar para cada um desses elementos uma forma de gestão apropriada – o funcionamento adequado do espaço, conforme um plano de atividades, a análise e o controle de empréstimos, as rotinas de tombamento, catalogação e organização do acervo, a formação dos mediadores de leitura e o plano pedagógico para as práticas de leitura.” (ARAÚJO, p. 24, 2009).

Objetivo geral do projeto

O projeto “Sabores da Leitura” propõe-se a promover a leitura literária no âmbito escolar e no seu entorno, mediante a mobilização dos segmentos internos e externos da escola, favorecendo a formação de um público que leia por prazer. A principal mudança na condição da leitura a ser promovida pelo projeto é a conquista e a formação de um público que adquira o prazer na leitura literária no ambiente escolar e no seu entorno.

Objetivos específicos

- Ambientar os espaços de leitura, tornando-os acolhedores e confortáveis, propícios à prática de leitura.

- Ampliar e diversificar o acervo da Biblioteca e/ou Sala de Leitura, de acordo com as necessidades e preferências do público-alvo do projeto.
- Criar estratégias de mobilização e circulação do acervo.
- Organizar um cronograma de eventos e/ou atividades que estimulem a leitura literária na escola e no seu entorno.

Algumas atividades

- Participação dos mediadores de leitura e das assessoras pedagógicas nos encontros de formação, no âmbito dos programas Prazer em Ler (IDE/IC&A/SEEC) e Biblioteca para Todos (SEEC).
- Encontros semanais de mediação de leitura para os alunos do 1º ao 9º Ano do Ensino Fundamental, na Sala de Leitura.
- Empréstimo quinzenal de livros para os alunos, alternando ou não os turnos, conforme o acervo literário disponível.
- Criação de um Jornal Literário com a participação dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.
- Realização de um Concurso de Poesia anual, envolvendo todos os segmentos da escola.
- Realização da Mostra Anual de Filmes Infantis e Juvenis para os alunos do 1º ao 9º ano.
- Realização da Semana Literária, envolvendo todos os segmentos da escola e a comunidade no entorno da escola.
- Organização de Encontro com Autores.
- Distribuição de “sacolinhas literárias” no entorno da escola e para visitantes.
- Realização de uma Oficina bimestral de Leitura com os pais dos alunos e os funcionários da escola.
- Organização de um Cantinho da leitura na sala dos professores e funcionários.
- Contratação de um profissional para realizar uma Oficina de Literatura de Cordel e Xilogravura na Semana Literária, envolvendo alunos, professores e funcionários.
- Procurar parcerias com instituições públicas e/ou privadas, bem como estabelecimentos comerciais da própria comunidade ou, até mesmo de fora da comunidade, para participar direta ou indiretamente no projeto “Sabores da Leitura”.

A UNIÃO DE DUAS ESCOLAS CAMPEÃS NA LEITURA

No final do ano de 2009, a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC) extinguiu a Escola Estadual Leão XIII, que funcionava em um prédio anexo da Escola Estadual Izabel Gondim, e declarou que, a partir daquele momento, esta iria absorver o quadro de professores, alunos e funcionários daquela. Com essa fusão, tivemos o prazer de receber uma equipe experiente e vencedora do Prêmio Prazer em Ler – Escolas Públicas, em 2008, conferido a seis escolas estaduais do Ensino Fundamental da Grande Natal (RN), participantes das ações de formação ligadas ao Programa Prazer em Ler.

Assim, o turno vespertino ganhou uma pessoa muito especial: a doce Miriam Tereza Rolim Solon, professora mediadora de leitura, confirmando que, aos poucos, os mediadores de leitura tornaram-se referência para os frequentadores das salas de leitura ou das bibliotecas, assim como nas suas comunidades. Eles mostram, com suas práticas, que é possível buscar dias melhores, mesmo em meio às dificuldades vividas nas regiões de maior vulnerabilidade social. (ARAÚJO, 2009, p. 26).

Foto/Arquivo



FOTOGRAFIA 2 - As alunas Jardiele e Jéssica no momento do lançamento do livro de Flauzineide Moura.

Agora teríamos condição de criar a Sala de Leitura. No lugar em que funcionava a Biblioteca, criamos a sala de Leitura, visto que o kit de ambientação ficaria melhor distribuído em um espaço maior, e deixamos a Biblioteca no outro prédio, porque lá havia uma sala que estava em boas condições de uso e

ficava dentro de um salão onde ocorriam os eventos comemorativos.

O motivo para termos a Biblioteca e a Sala de Leitura em ambientes diferentes é oportunizar o uso dos dois ambientes simultaneamente. Assim, enquanto uma turma está na Sala de Leitura, outra turma pode usar a Biblioteca para fazer uma pesquisa, ver um vídeo ou desenvolver outra atividade, conforme a necessidade.

ENTRE VERSOS E PROSAS, SURGIRAM OS RESULTADOS...

Na Semana Pedagógica do ano de 2010, realizamos oficinas de leitura com os professores dos três turnos para motivá-los a fazerem da leitura literária o grande projeto da escola, visto que, em 2010, estaríamos executando as ações do projeto vencedor do Concurso “Escola de Leitores”. Porém, para que isso acontecesse, observamos que havia necessidade de momentos de formação sobre esse tema.

Assim, agendamos com Grace Helen, assessora pedagógica do IDE, e nossa assessora nesse novo empreendimento literário, oficinas nos turnos matutino e vespertino. A primeira oficina foi sobre a obra de Monteiro Lobato e sua importância em todas as disciplinas curriculares.

Na semana de 12 a 16 de abril, depois de muito trabalho coletivo, conseguimos iniciar as atividades com a leitura. Fizemos uma reunião com os pais dos alunos para apresentação do projeto, com a presença da ilustre escritora potiguar Salizete Freire Soares³, que dialogou com eles sobre a influência que os pais exercem sobre os filhos, principalmente no que se refere à formação para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Nesse mesmo dia, tivemos um delicioso momento literário com Salizete Freire, o corpo docente, mediadores e equipe técnica.

Enfim, no dia 16/04/2010, veio o momento mágico, uma tarde celestial: a inauguração da Sala de Leitura escritora Flauzineide de Moura Machado⁴,

³ Escritora e professora. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Literatura Infantil. Escreveu vários livros infantis, dentre eles: “Mundo pra que te quero”, “A lua no céu e ela na terra” e “A semana tem sete sonhos”. É membro fundador do Comitê Proler/RN. Técnica da Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEEC/RN).

⁴ Poetisa e professora (Natal/RN) – Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é assessora pedagógica do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE). Autora dos livros “Poética Minha”, “Plenitude” e “Viagem ao céu em um aviãozinho de papel” (infantil). Membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB/RN) e da Rede de Escritoras Brasileiras (REBRA). Patrona da Sala de Leitura da Escola Estadual Izabel Gondim e da Escola Estadual Maria Luiza. Também se dedica ao projeto que idealizou e implementou: “Difusão da Literatura Feminina Potiguar”.

que trouxe consigo uma constelação de renomadas e ilustres representantes da literatura potiguar; das fundadoras do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), Cláudia Santa Rosa e Eleika Bezerra; e a maravilhosa contadora de histórias, Daluzinha Avlis, que envolveu os presentes na sua performance. A escritora Elizabete Rose também nos proporcionou um lindo momento durante a dramatização onde a mosquinha, que voou do seu livro “Uma Feira Livre”, veio para contar histórias para as crianças e demais convidados.

Foto/Arquivo



FOTOGRAFIA 3 - Momento de mediação de leitura

E então começou nossa viagem literária. A partir desse dia abriu-se a porta da grande nave resplandecente, com livros ávidos para serem lidos e leitores ansiosos por leitura. A sala de leitura tornou-se um ponto de encontro para os pequenos e jovens leitores. Nada era mais atraente do que aquele ambiente propício à leitura literária. De agora em diante, Flauzineide de Moura



FOTOGRAFIA 4 - A assessora Grace Helen (IDE) : encontro de balanço das cinco escolas vencedoras

Machado, nossa patrona, seria uma presença constante na escola, *uma guardiã literária*. Muito amada e querida por nós. Ela falou no momento da inauguração: “Agradeço a Deus pela oportunidade de viver este momento que certamente marcará a minha existência. Esta é uma escola que aprendi a amar pelo convívio com seus gestores e com todos que aqui encontro e me recebem tão bem”. O poema “Festival de leitura”, que faz parte do seu livro “Poética Minha” (MACHADO, 2002) expressa muito bem a felicidade que este dia proporcionou a toda a comunidade escolar:

FESTIVAL DE LEITURA

Veja que beleza!...
É a leitura chegando
Para todos encantar.
Leia, aprecie,
Sinta o prazer
Em ler:
São mensagens,
Fantasias,

Informações,
Poesias,
Histórias a contar...
(...)

DIVULGAÇÃO E VISIBILIDADE

A inauguração da Sala de Leitura foi muito divulgada na internet e na mídia local. Criamos um blog⁵ para divulgar as atividades desenvolvidas pela escola, principalmente as ações do projeto “Sabores da Leitura”. A escola ganhou visibilidade na comunidade e na cidade. Passamos a ser convidados para participar de eventos. Um deles foi o almoço literário no Grande Moinho Potiguar, construído na região do Porto de Natal, onde, depois da refeição, alunos, mediadores de leitura e os funcionários puderam degustar diferentes poesias de diversos autores: José Paulo Paes, Flauzineide Moura, Carlos Drummond de Andrade e Rosângela Trajano.

Em julho, realizamos o Desfile da Copa do Mundo e da Leitura Literária em torno da escola, mediando leituras com a ajuda de um megafone e distribuindo “sacolinhas literárias” recheadas de poesias com sabor de futebol.

Em cada evento da escola, a leitura tinha seu lugar de destaque. Os próprios alunos perguntavam: “Professora, quando vai ser a próxima apresentação?” Um dos resultados mais importantes que conseguimos com a implementação do projeto, além da conquista dos leitores, foi a elevação da autoestima e da capacidade de iniciativa, de independência dos alunos.

Outro momento que aguardávamos com ansiedade era a inauguração do novo espaço da Biblioteca Teodolina Cavalcante, que ocorreu no turno noturno, para que os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) pudessem participar. Estavam presentes Erileide Maria Oliveira Rocha, coordenadora do Programa Bibliotecas Escolares e Biblioteca para Todos (SEEC/RN) e coordenadora do Comitê Proler/RN; a escritora e poetisa Geralda Efigênia, presidente da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN (SPVA); a escritora e poetisa Jânia Souza, diretora de eventos da SPVA/RN e um representante da comunidade, Ubaldo Fernandes.

No mês de agosto, mês do Folclore, nossa equipe planejou cuidadosamente as atividades literárias. Queríamos promover o encontro das crianças com a literatura de cordel. Na sala de leitura existe um varal com diversos exemplares de cordéis, de diferentes autores. Porém, ainda não tínhamos trabalhado esse gênero de forma mais aprofundada. Cada professor ou professora escolheu um cordelista para trabalhar na sala de aula. Jamais poderíamos imaginar que os alunos fossem demonstrar tanto interesse por esse gênero. O fol-

⁵<http://izabelgondim.blogspot.com/>

clore foi amplamente estudado.

Visto que nós tínhamos adquirido vários exemplares de cordéis da escritora e cordelista Sírlia Lima, nós a convidamos para estar presente na grande festa de culminância dos estudos sobre a cultura popular. A escolha dessa autora não foi aleatória. Nós a escolhemos pela interação imediata que ocorreu entre os alunos e o texto produzido por ela. Não é todo autor, mesmo de literatura infantil, que se sente a vontade para estar entre as crianças. Na verdade, este momento literário, o encontro do leitor com o autor, percorre uma longa trajetória: começa na escolha da obra a ser lida, no estudo da biografia do autor, na escolha do (s) tema (s) que desejamos abordar, na liberdade que os alunos têm de “fazer” a sua própria interpretação da história a partir do repertório que eles trazem consigo. E quando os alunos percebem que o mediador de leitura é também apaixonado por aquele autor, o encantamento é maior, a ansiedade pela chegada do escritor à escola provoca “delírio literário”! Foi assim com Sírlia Sousa de Lima.

Realizamos o encontro inicial na sala de leitura, onde ela falou sobre o projeto “Bem te vi”, que tem como objetivo principal disseminar o gosto pela leitura através da literatura de cordel nas escolas e em outros estabelecimentos. Depois fomos para o salão onde estávamos realizando a exposição dos trabalhos e as apresentações culturais. Um aluno do 6º ano surpreendeu a cordelista ao realizar uma minuciosa análise do cordel “África”. Ela ainda nos encantou ao fazer a mediação de leitura do cordel “O sapo Sabino”. Logo após, a autora ficou respondendo as perguntas dos alunos pacientemente, participou conosco do “lanche folclórico”, com as comidas típicas de nossa culinária e concedeu muitos autógrafos. Uma tarde inesquecível. Dias depois desse encontro, eis que nos chega um belo cordel falando desse momento mágico, escrito pela própria autora. Ficamos muito felizes porque agora nosso projeto também estava sendo contado em versos. A seguir mostraremos um pequeno trecho desse “mimo poético”:

Escola Estadual Izabel Gondim: lugar de leitura e cultura popular.

Os alunos de uma escola
 Queriam me conhecer
 Eles leram meus cordéis
 Fiquei feliz pra valer
 É a vontade de ser lido
 Que faz a gente escrever
 A visita a essa escola

Foi algo fenomenal
 Eu vi toda a minha obra
 Pendurada no varal
 Meu coração palpitou
 Foi emoção sem igual.
 (...)

Sírlia Sousa de Lima que também é escritora de livros infantis, dentre eles: “Quem vai carregar o pote?”; “Dora Doralice”; “A minha amiga Lunga”, estabeleceu um vínculo tão forte com a escola que ainda veio outras vezes durante o ano para nos agraciar com seus versos. Realizou oficinas de poesia com os alunos do 3º ao 9º ano, com o objetivo de oferecer subsídios para o Concurso de Poesia que iríamos realizar. Também participou conosco do Ato Literário na Praça das Flores em prol do incentivo à leitura literária nas escolas públicas do RN.

O INTERCÂMBIO DE LEITURA EM BOGOTÁ

O mês de agosto foi marcado pela grande expectativa da viagem de intercâmbio de leitura em Bogotá. Quais as contribuições que a escola teria depois desse momento, depois de conhecer de perto a experiência de Bogotá, capital mundial das bibliotecas.

A diretora da escola, Silvia Gerlande Gomes da Paz e a mediadora de leitura Rosa Maria da Silva embarcaram literalmente nessa viagem literária, rumo à maravilhosa capital mundial das bibliotecas.

Ao retornarem ao Brasil, as nossas representantes trouxeram em suas bagagens, uma riqueza de informações escritas e lembranças fortes do que presenciaram durante aqueles dias de intercâmbio. Da capital cujas bibliotecas públicas são dotadas de alta tecnologia e cujas ações buscam a formação do leitor e um atendimento qualificado. Elas assim se expressam:

O intercâmbio nos possibilitou conhecer um trabalho sistemático com a leitura literária provando que, sim, é possível isso acontecer, desde que haja a mobilização da sociedade, principalmente das pessoas ligadas direta ou indiretamente ao setor de produção e distribuição de livros, e o apoio do poder público. As bibliotecas públicas de Bogotá têm vida. Foi inevitável a comparação entre a Biblioteca Virgílio Barco e a nossa Biblioteca Pública Câmara Cascudo, que se encontra em situação de completo abandono. E perguntamo-nos: quando será que no Brasil e no RN veremos algo assim? O intercâmbio gerou um

fortalecimento e a vontade de melhorar cada vez mais as nossas práticas de leitura e nosso fazer pedagógico. Fez-nos refletir sobre o que queremos enquanto gestores e mediadores de leitura em nossas instituições de ensino, que fomos e somos privilegiados por estar participando do projeto 'Rede Potiguar de Escola de Leitores' - que integra o programa nacional 'Prazer em Ler', em parceria com o Instituto C&A, o Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC/RN).

Com relação ao projeto 'Sabores da Leitura', temos a certeza de que estamos no caminho certo, mas que podemos ser mais arrojados, fazer o projeto expandir-se, principalmente porque não estamos sozinhos. Fazemos parte da Rede Potiguar de Escolas Leitoras, através dos Polos de Leitura, recebendo a formação e a assessoria indispensáveis para que possamos crescer enquanto instituição de ensino.

Encontros poéticos

No mês de agosto, recebemos a poetisa e escritora de livros infantis Rosângela Trajano, que também se tornou muito querida pelos alunos. Essa escritora tem uma forma de ilustrar seus livros que faz com que as crianças sintam-se "parte" deles. São ilustrações parecidas com os desenhos infantis que nossos alunos costumam esboçar nos seus cadernos. O que faz uma criança gostar tanto de um livro ou de um autor? Cecília Meireles (1984, p. 31) pode explicar esse encantamento através de suas belas palavras: "Ah! Tu, livro desprezioso, que na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias esquecem as horas, os companheiros, a merenda. Tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal." Os livros de Flauzineide Moura, Rosângela Trajano e Sírilia Lima não paravam na estante reservada especialmente para os Autores Potiguares. O que elas tinham em comum? Escrevem poesias.

A poesia ganhou um lugar especial no coração de nossos leitores. Alguns começaram a escrever poesias e vinham nos mostrar. Foi então que pensamos em realizar oficinas de poesias onde eles pudessem conhecer melhor este gênero literário: o que é verso, estrofe, rima, a diferença entre poesia e poema. E as três autoras acima citadas foram convidadas para ministrá-las. Elas fizeram com que os leitores descobrissem outros autores: Fernando Pessoa, Mário Quintana, José Paulo Paes, Cecília Meireles, Manoel de Barros, Vinícius de Moraes.

Concordamos com a escritora Trajano (2010), quando nos diz:

A criança guarda na alma o encantamento do mundo. Nós, adultos, precisamos encontrar esse encantamento através da poesia. Um dia me perguntaram se há criança sem poesia. Afirmando que não. Pode haver criança sem poema. O olhar da criança às coisas ao seu redor é diferente do nosso. A criança não olha para a vida, mas para o que está na vida.

O poema Casinha de Poesia, da referida escritora, encantou as crianças:

A casinha de poesia
Tem rimas e versos
Pedra dura e macia
Em poemas diversos.
A casinha de poesia
Fica no horizonte
Com a alegria
Da lua na ponte.
A casinha de poesia
Tem chuva de criação
Dia e noite, noite e dia
Em goteiras de inspiração.

Veio o mês de setembro. Mais um período de intensa atividade. Iniciamos o mês realizando o Ato Literário da Zona Leste – proposta do projeto Escola de Leitores e realizado em todas as zonas da cidade – cuja participação foi intensa, mesmo debaixo de chuva. Aproveitamos para promover uma “chuva literária”, com a presença de várias escritoras potiguares, mediadores de leitura, alunos, professores, coordenadores pedagógicos, e a assessora do IDE, Flauzineide Moura.

E chegou o momento mais esperado do ano. O 4º Seminário Potiguar Prazer em Ler. Participar do Seminário Potiguar Prazer em Ler foi uma experiência muito gratificante por diversos motivos. Inicialmente porque foi um momento de formação muito rico, com a presença de palestrantes renomados. Tivemos o lançamento do “Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores”, elaborado conjuntamente por representantes das instituições e escolas que integram o Fórum da Rede Potiguar de Escolas Litorâneas. No Seminário tivemos a oportunidade de compartilhar nossa experiência com o projeto “Sabores da

Leitura”, a riqueza de conhecimentos adquirida depois da viagem de intercâmbio em Bogotá. Outro motivo muito gratificante foi a participação especial de nossa aluna do 4º ano, Jardiele Estefane Nascimento Ciríaco. Ela foi para participar do início das atividades do Seminário, mediando uma leitura e contando sua experiência como leitora.

A história da menina que não gostava de ler

Jardiele conta sua própria história:

Eu não gostava de ler de jeito nenhum. Quando minha professora levava a turma para a sala de leitura eu ficava na sala de aula. Eu não sabia ler muito bem, sentia dificuldade para compreender as histórias. Um dia, eu olhei para a porta aberta da sala de leitura e fui me aproximando. Quando entrei, o primeiro livro que eu vi foi “A Margarida Friorenta”. Gostei da capa e levei emprestado. Cheguei em casa e mostrei à minha tia, que sempre me incentivava muito para trazer um livro. Depois eu fui ler no sofá. Eu me esforcei muito para ler porque vi que a história era boa. Quando eu terminei, adormeci. E sonhei que estava dentro da história. Quando acordei, eu não sabia se estava em casa ou dentro do livro. Achei tão estranho... E desde esse dia, não parei mais de ler. Melhorei minha leitura. Gosto muito de poesia. Hoje eu me considero uma representante da leitura em minha escola. Onde tem um evento de leitura, eu quero estar lá. Só pelo prazer de ler. Quando eu soube que iria participar de uma apresentação no Seminário, fiquei muito nervosa, mas muito feliz também. Eu tinha medo de errar, de não ler direito. Escolhi uma poesia de Rosângela Trajano e treinei muito. As professoras Miriam e Alzenir treinavam comigo. E quando chegou o dia, meu pai foi junto comigo. Fiquei muito feliz porque ele pediu licença no trabalho só para ver minha apresentação. E depois eu pedi a ele para me deixar ficar junto com as professoras da escola. Foi um dos melhores momentos da minha vida! Conhecer aqueles escritores tão importantes. Uma professora achou tão bonito eu estar ali, prestando atenção, que até me deu um livro infantil de presente. Depois eu ganhei mais dois livros. E pedi muitos autógrafos, conheci o

Presidente do Instituto C&A. Fiz outra apresentação junto com Flauzineide Moura. Eu me vesti de anjo para me apresentar junto com ela, com minha querida Flauzineide. Quando eu vinha para casa com a professora Alzenir, disse a ela que queria ser escritora também.

O 4º Seminário Potiguar Prazer em Ler revigorou-nos. Continuamos com nosso cronograma de ações ainda mais convictas de que esse era o caminho para conquistarmos leitores.

Ainda em setembro, a escola recebeu outro convite do Grande Moinho Potiguar, onde haveria uma apresentação de uma peça teatral (interativa) sobre reciclagem.

Também fomos visitar a sede da Água Mineral Cristalina, cujo projeto Escola Fonte oferece aos alunos da rede pública e privada a possibilidade de conhecer todas as etapas do processo de produção de água mineral, e que tem como objetivo despertar a consciência ambiental dos alunos. Logo um animado grupo criou um acróstico com o nome Cristalina; outro grupo preparou uma mediação de leitura com o livro “Amiga Lata, Amigo Rio”, do escritor e poeta Tiago Cascabulho.

Em outubro, participamos da campanha de sensibilização pelo Dia Nacional da Leitura “Todo dia é dia de ler: lê pra mim!”. Novamente Rosângela Trajano veio ler para nossos alunos. Dessa vez, ela trouxe a história “A catadora de lixo”. A patrona da Sala de Leitura, Flauzineide Moura, participou da Festa das Crianças, trazendo seu livro mais recente: “Viagem ao céu em um aviãozinho de papel”.

Em novembro, realizamos a “1ª Semana Literária – A leitura tem muitos sabores”. Preparamos as atividades desse evento com muito carinho. Vários escritores potiguares foram convidados e compareceram: Flauzineide Moura, Jânia Souza, Marilu Lourenço, Leilton Lima, Juliano Freire e Ana Laura Jalles. Organizamos uma “Oficina de Literatura de Cordel e Xilogravura”, ministrada por representantes da Casa do Cordel: Abaeté, Erik Lima e Paulo Varela. Realizamos a “Mostra de Filmes” para os alunos do 1º ao 9º ano. Convidamos a Escola Municipal Santos Reis para participar conosco do Ato Literário na comunidade, colhendo assinaturas para o “Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores”, quando mais uma vez, recebemos o apoio das escritoras Flauzineide Moura e Jânia Souza. Tivemos uma participação muito interessante e positiva dos alunos da EJA, com apresentações musicais, e uma encenação do Cordel “A Peleja do Velho com o Novo”, do poeta e cordelista José Acaci. Duas alunas: uma senhora

de 68 anos e uma jovem, que inclusive estava com oito meses de gestação, enfrentaram o desafio de encenar a peleja¹. Uma representante do Setor de Educação de Jovens e Adultos veio assistir e ficou muito feliz ao presenciar os alunos do turno noturno tão animados com a leitura.

OS RESULTADOS APARECERAM

Ao avaliarmos o projeto na primeira quinzena de dezembro de 2010, observamos que os resultados foram bem significativos. A escola já conta com espaços de leitura acolhedores e confortáveis, que propiciam a prática da leitura literária no âmbito escolar: temos uma biblioteca e uma sala de leitura.

O acervo literário foi ampliado e diversificado. Comparando a situação anterior à implementação do projeto com a situação atual, vimos, no início deste artigo, que o acervo anterior era composto basicamente de coleções sobre personagens históricos, enciclopédias e atlas geográficos desatualizados, muitos livros didáticos, minidicionários da Língua Portuguesa, algumas coleções de romances e alguns volumes da Coleção Literatura em Minha Casa. E muitos desses livros já estavam mofados, sem condições de uso. Agora temos um acervo diversificado, com aproximadamente 800 exemplares de livros de literatura infantojuvenil, cerca de 200 exemplares de literatura para o segmento da EJA, 200 exemplares de literatura de cordel e 150 de revistas em quadri-nhos. Estamos conseguindo manter a estante dos autores infantojuvenil potiguares razoavelmente atualizada. Antes os alunos não tinham contato com escritores. Hoje já falam sobre eles naturalmente, citando os seus preferidos.

Conseguimos mobilizar principalmente o público infantil, na faixa etária dos 6 aos 12 anos, que estuda no turno vespertino. A presença constante da mediadora de leitura, atuando efetivamente, foi o fator que mais contribuiu para que isso acontecesse. Notadamente, verifica-se os resultados positivos quando estão presentes e bem trabalhados os eixos espaço de leitura, acervo e mediação qualificada.

Lamentavelmente, uma das mediadoras de leitura, do turno matutino, aposentou-se. Ela estava conseguindo mobilizar os alunos do 6º ao 9º ano. Porém, a mediadora que ficou em seu lugar, apesar de participar dos encontros de formação do Prazer em Ler, tem várias limitações que a impedem de realizar mediações de leitura. Ela apenas registra os empréstimos. Por isso, observamos

¹ Vídeo disponível no blog: <http://izabelgondim.blogspot.com/>

que houve uma grande diferença entre o número de empréstimos do turno matutino em relação ao turno vespertino.

Com relação ao turno noturno, verificamos que houve um decréscimo no que diz respeito ao empréstimo de livros, causado pela má localização do novo espaço da biblioteca que ficou muito distante das salas de aula e, à noite, a iluminação é insuficiente. Os alunos estavam mais acostumados com a antiga biblioteca e acham a sala de leitura meio infantil para frequentá-la. Estão solicitando que a direção traga a Biblioteca para um espaço mais próximo, tendo em vista que o horário de aulas, à noite, já é prejudicado devido à redução do tempo previsto para cada aula. Esta é uma situação que deverá ser corrigida no ano letivo de 2011, após a organização das turmas. Cogita-se a possibilidade da criação de um núcleo “cultural”, formado pelo Laboratório de Informática, Biblioteca, Sala de Leitura e Sala de Vídeo.

O quadro abaixo mostra um comparativo com relação aos empréstimos de livros nos três turnos nos anos de 2009 e 2010.

TURNO	2009	2010
Matutino	48	99
Vespertino	00	631
Noturno	67	26

QUADRO 1 - Empréstimo de livros em 2009 e 2010 nos três turnos

Um resultado muito positivo foi a promoção da leitura literária no entorno da escola, que passou a ser conhecida como a “escola das leituras saborosas”, devido a um artigo que saiu no Jornal Via Leste, o jornal da comunidade, escrito pela mediadora de leitura, Alzenir Araujo Santos, cujo título foi: “Leituras saborosas – quem vai querer?” O artigo lhe rendeu um convite para que ficasse escrevendo mensalmente sobre as atividades desenvolvidas pelas escolas públicas da comunidade.

Também surgiu a proposta para que a escola promova mediação de leitura na Rádio Comunitária, semanalmente, com duração de 15 a 30 minutos, que podem ser distribuídos entre os turnos matutino e vespertino. Assim, as parcerias foram surgindo. Pretendemos mantê-las e ampliá-las em 2011.

Antes não víamos os funcionários e os professores da escola lendo. Com a criação do Cantinho da Leitura dos Professores e Funcionários a leitura ficou mais acessível. Da mesma forma, já começamos a perceber o envolvimento, embora tímido, dos pais dos alunos com a leitura literária. Alguns pais estão

fazendo empréstimos na Sala de Leitura, pois criamos um cantinho com livros mais apropriados para esse público, embora eles também se deixem encantar pela literatura infantojuvenil.

Portanto, consideramos que a parceria da Escola Estadual Izabel Gondim com a ONG Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) e o Instituto C&A foi essencial, muito positiva, para que nossa instituição de ensino pudesse “acordar” do estado de apatia e conformismo em relação à leitura literária no ambiente escolar e no seu entorno. A jornada está apenas começando. Agora estamos esperando que os gestores públicos demonstrem mais sensibilidade, assumindo, conduzindo e fortalecendo as políticas de promoção da leitura literária no Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Walda de Andrade – *Biblioteca Escolar* – Curso para formação continuada do professor/leitor: manual / Walda de Andrade Antunes. São Paulo: Global, 2005.

ARAÚJO, Leusa (Redação e Pesquisa). *Prazer em Ler*, três anos. São Paulo: Instituto C&A, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 42ª. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* – (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Flauzineide de Moura. *Poética Minha* – Natal(RN): Departamento Estadual de Imprensa, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Problemas de Literatura Infantil*. , 3ª. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros*: Reencontros com o tempo / prefácio de Antônio Candido . 4ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

NATALI, MEU BAIRRO, MINHA CIDADE / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: SEMURB, 2009. 528p.: Il. 21x29,7 cm. Em: <<http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/ctd-102.html>> . Acesso em 20 de dezembro de 2010.

TRAJANO, Rosângela. *Poesias para crianças*: um encantamento. Em: <<http://www.rosangelatrajano.com.br/poesiaenc.html>>. Acesso em 20 de dezembro de 2010.

_____. *Casinha de Poesia* – Poesias para crianças. Natal: Lucgraf, 2009.

Aprendizagens da Instituição Formadora¹

Cláudia Santa Rosa

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse no sapo. (Manoel de Barros)

Contrariando uma parte da bela prosa poética de Manoel de Barros, em epígrafe, afirmamos que, por vezes, as conquistas são procuradas, não são achadas, embora, de uma forma ou de outra, sejam sempre oportunidades valiosas para descobertas. Nessa linha, a partir de 2005, o Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), organização não governamental, com atuação no Estado do Rio Grande do Norte, tem tido a oportunidade singular de trabalhar em parceria com o Instituto C&A e o poder público local, na perspectiva de cumprir a sua missão de contribuir para o fortalecimento da escola pública.

Durante esses anos, cada novo contato do Instituto C&A, especialmente aqueles que fugiram do ordinário, encheu-nos de expectativas, diante dos convites feitos e dos desafios colocados, sempre oportunidades de crescimento e aprendizagens. Foi assim em 2006, quando do lançamento do programa Prazer em Ler e o chamado para apresentarmos um projeto na área de promoção da leitura literária. Já em 2007, veio a proposta de realizarmos uma formação para educadores mediadores de leitura das escolas estaduais de Natal e Parnamirim, que ofereciam os anos iniciais do Ensino Fundamental. A receptividade da então gestora da Educação não poderia ter sido mais calorosa,

¹ Texto apresentado durante o 13º Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil, realizado de 13 a 16 de junho de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, no âmbito da programação do 13º Salão FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil. Integrou a brochura "Reflexões sobre as aprendizagens a partir do Concurso Escola de Leitores - Natal e Parnamirim/RN", distribuída aos participantes do citado Seminário. A autora integra a equipe do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), responsável pela formação e o acompanhamento das escolas vencedoras do Concurso Escola de Leitores - Natal e Parnamirim/RN.

um passo decisivo para o trabalho acontecer, no âmbito de uma parceria público / privada.

Iniciado o projeto, na convivência com as escolas e os parceiros, ampliamos a compreensão sobre o que fazíamos. Descobrimos, aprendemos que era preciso e possível ousar. O cenário educacional aliado ao perfil do IDE pediam que não reduzíssemos as ações ao processo de formação, por mais precioso que fosse. Assim fizemos! O Rio Grande do Norte e o município de Natal construíram os seus respectivos marcos legais para respaldar as políticas públicas de promoção da leitura literária nas escolas, ambos anteriores à Lei Federal 12.244/2010, que determina a universalização das bibliotecas nas escolas brasileiras. Natal e Parnamirim plantaram sementes da Rede Potiguar de Escolas Leitoras, através de quinze polos de leitura que agrupam 145 escolas. Trata-se de um jardim que precisa ser regado, sem esquecermos que outros 165 municípios aguardam ações do poder público para que tenham as mesmas oportunidades.

Esse preâmbulo é para dizer-lhes como chegamos ao Concurso Escola de Leitores, no segundo semestre de 2009. Naquela oportunidade, movemo-nos pelo desejo de ver as escolas submeterem os seus projetos de leitura às regras de um edital. Era mobilizadora a possibilidade de algumas alcançarem visibilidade e reconhecimento. Nesse sentido, também nos moveu, sobremaneira, os sinais de compromisso da Secretaria de Educação com a promoção da leitura, reiterados em diferentes ocasiões e gestos, não obstante a timidez das iniciativas espontâneas. Ressaltamos como relevantes: a expansão do projeto para Mossoró, segundo maior município do Estado, contando com 90% de investimentos financeiros do próprio Estado; a implantação do vale livros e do kit de ambientação dos espaços de leitura com repasse de recursos direto para as escolas, dando-lhes a oportunidade de realizarem as suas próprias compras, à luz das orientações do IDE, num contexto de formação.

O Concurso Escola de Leitores chegara, pois, num momento dos mais favoráveis. A sua abrangência não era aleatória e sim focada nas 70 escolas que já integravam o projeto de formação. Esse foi, talvez, o nosso primeiro aprendizado: a constatação de que a história do grupo, ao final, contaria.

Passamos, então, a pensar nos desafios: como conseguiríamos em tão exíguo tempo um número significativo de inscrições, considerando o cotidiano dos educadores, sempre tão cheio de afazeres, além do modelo de apresentação de projetos ainda pouco familiar? Estavam identificados dois possíveis entraves à participação. Segundo aprendizado: o resgate dos projetos de leitura, que as escolas já haviam elaborado, seria o ponto de partida para compreende-

rem que o formulário de inscrição do Concurso não era o marco zero. Fizemos do processo de inscrição, atividade de formação.

As dificuldades da maioria das escolas, quanto ao uso da ferramenta online para as inscrições dos projetos, permitiram-nos um terceiro aprendizado: a prática da solidariedade, o fazer junto encorajaria à participação. Orientamos as três assessoras pedagógicas da equipe técnica do projeto a reunirem, numa sala com computadores conectados à internet, representantes das escolas que acompanhavam. Cada uma juntou o seu grupo, entre 20 e 25 escolas, e pôde encaminhar o preenchimento do formulário, o que resultou em 70% das escolas inscritas. Ainda aqui, um quarto aprendizado: as escolas que estavam mais implicadas com a formação de leitores, que contavam com o comprometimento dos seus gestores e o acompanhamento sistemático da assessora pedagógica, inscreveram-se no Concurso.

Divulgados os cinco projetos vencedores, iniciamos o acompanhamento pedagógico, tempo para o quinto aprendizado: as escolas necessitavam de visitas técnicas; momentos de formação, in loco, à luz das demandas dos seus projetos; momentos em que estivessem juntas para estudos, balanço das atividades e troca de experiências; além de espaços, com um público ampliado, para que apresentassem as suas práticas, ideias, argumentações e posicionamentos. O potencial dos projetos e os resultados da formação ficaram evidenciados durante as participações das cinco vencedoras no Fórum Potiguar de Escolas Leitoras, bem como por ocasião do 4º Seminário Potiguar Prazer em Ler.

Foi com essa meia dezena de escolas que a instituição formadora entendeu, mais uma vez, que a força do coletivo, o pensar junto, faz uma enorme diferença. Antes, durante e depois da visita de intercâmbio à Colômbia, algumas reflexões nutriram o grupo, o que destacamos como sexto aprendizado: a ideia de democratização do acesso à cultura escrita incorporou e ampliou a de acesso à leitura literária, fazendo mais sentido ao se pensar no compromisso da escola com o letramento. Assim, a biblioteca escolar cumpre o seu importante papel, mas completa-se, intencionalmente, com o trabalho realizado nas salas de aula e demais espaços da escola.

Os resultados alcançados, pelos projetos vencedores, reforçaram que, de fato, são imprescindíveis, aos projetos de leitura, os eixos do programa Prazer em Ler: espaço, acervo, mediação e gestão. Todavia, ofereceram-nos, como sétimo aprendizado, a relevância dos itens formação do professor mediador e continuidade desse profissional, por um tempo mínimo, na biblioteca escolar, justamente para que conduza o enraizamento do projeto e disseminação junto

aos demais profissionais da instituição. Afinal de contas, não basta o projeto contar com a adesão de toda escola, é preciso profissionais qualificados para implementá-lo.

Enfim, sem a pretensão de haver esgotado as informações sobre o quanto aprendemos com essa experiência, ressaltamos a riqueza das oportunidades de ampliação de repertório, enquanto formadores, durante os encontros promovidos pelo Instituto C&A e as visitas, ao nosso Estado, da sua assessoria pedagógica e coordenação do programa Prazer em Ler.

De certeza, temos a dizer: do muito que aprendemos, pouco ainda sabemos. Voltamos a Manoel de Barros, ao constatar que, somente agora, neste instante, compreendemos muito do que fizemos.

REFERÊNCIA

BARROS, Manoel. *Memórias Inventadas* - As Infâncias de Manoel de Barros. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 85.

Aprendizagens das Escolas Vencedoras¹

Alzenir Araujo Santos
Angélica Fernandes de Oliveira Vitalino
Elisimar Lopes
Francisca Marilda Pinheiro
Maria Evania de Oliveira
Maristella Costa

Descobri que a leitura é uma espécie de sonho escravizador, se devo sonhar por que não sonhar os meus próprios sonhos.
(Fernando Pessoa)

Parafraseando Fernando Pessoa, descobrimos que a leitura é uma espécie de sonho, e por que não sonhar o nosso sonho de ver uma comunidade mudar, tornando-se argumentativa e questionadora no seu modo de pensar e agir?

Uma escola que pulsa de forma diferente busca acertar o compasso com a leitura. Sendo a sala de leitura e/ou biblioteca escolar o órgão central de um corpo escolar, do mesmo modo deve ser compreendida a biblioteca pública ou comunitária para o desenvolvimento sócio-intelectual de todos os que estão ao seu redor.

Reconhecemos a importância da parceria firmada entre Instituto C&A, Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE) e Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte – antes, durante e depois do Concurso Escola de Leitores –, nos caminhos que percorremos em prol da leitura e da formação leitora. Aprendemos, nesse processo de formação e com o trabalho em equipe, que a escola tem de ser a melhor, e não é de qualquer jeito que se faz uma melhor escola. É, sim, buscando a sua sistematização pedagógica e o fortalecimento da sua identidade social, política, enquanto produtora de conhecimento e comprometida com a formação na cidadania. E pensar a escola

¹ Texto apresentado durante o 13º Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil, realizado de 13 a 16 de junho de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, no âmbito da programação do 13º Salão FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil. Integrou a brochura “Reflexões sobre as aprendizagens a partir do Concurso Escola de Leitores - Natal e Parnamirim/RN”, distribuída aos participantes do citado Seminário. As autoras representam as cinco escolas estaduais do Rio Grande do Norte, vencedoras do Concurso Escola de Leitores - 1ª edição.

que se quer é fortalecer a sua identidade, por meio de parcerias que efetivem, de fato, a sua realização com a máxima qualidade, construindo junto à comunidade escolar o seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

Os momentos de formação que vivenciamos foram fundamentais para reconstruir e/ou ampliar os conceitos sobre leitura, a maneira apropriada de abordá-la na sala de aula, biblioteca, sala de leitura ou em qualquer outro lugar e momento. Com o projeto vencedor da Escola Estadual Clara Camarão, aprendemos sobre OS SENTIDOS DA LEITURA. Antes, os alunos costumavam ler obras indicadas somente para a nota. Que tortura! Era mais ou menos assim: Vocês têm de ler! Sem a leitura não vão a lugar nenhum! Se estamos aqui hoje é porque tivemos que ler muito! Queríamos dar um bom exemplo, mas... sem nenhum livro nas mãos?!

Com relação aos eixos que definem a prática, à luz do Prazer em Ler, programa do Instituto C&A: acervo, espaço, mediação e gestão, as orientações foram específicas para as nossas escolas, havendo um acompanhamento através de visitas técnicas regulares. Em nossas oficinas, o professor mediador pôde ampliar, então, a sua visão com relação a seu papel, criticando a sua própria prática e interagindo com outros que também ansiavam fazê-lo. O objetivo era que o professor se tornasse crítico e percebesse as necessidades de seu aluno leitor, aliando a tudo isso uma sensibilidade também conferida pela leitura literária.

Podemos afirmar que aprendemos a incentivar uma leitura espontânea e prazerosa, oferecendo um cardápio com todos os SABORES DA LEITURA, projeto vencedor desenvolvido pela Escola Estadual Izabel Gondim, onde cada livro na estante parece dizer: "Venham, olhem, leiam-me. Sintam deleite com minhas palavras!" De leituras insípidas e obrigatórias, a leituras livres e saborosas.

Nossos "clientes" degustaram gêneros literários diversificados, num verdadeiro RESTAURANTE LITERÁRIO, inaugurado pelo projeto vencedor da Escola Estadual Maria Cristina, pois, segundo citação de Edson Gabriel Garcia: "também se come com os olhos, também se lê com os olhos". (GARCIA, 2006, p. 67).

As atividades diferenciadas, associadas às mediações direcionadas, despertaram o interesse dos alunos que, desde então, procuram muito mais os ambientes de leitura das escolas. Muitos resultados ainda serão conquistados, pois sabemos que esta deverá ser uma ação contínua. Com as trocas, até mesmo os professores mediadores de leitura aprenderam a conhecer melhor as nuances do texto literário. Para os professores que há muito tempo não recebiam uma formação tão sistemática e prática assim, foi fundamental para desencadear uma discussão frutífera com os leitores.

Constatamos quanta diferença faz a escola possuir uma biblioteca organizada, atraente, confortável, com uma programação dinâmica e com a presença de um professor mediador bem preparado para exercer a sua função, com livros expostos, não guardados dentro dos armários. ABRINDO AS PORTAS PARA O SABER LITERÁRIO, projeto vencedor da Escola Estadual Stella Gonçalves, ensinou a importância de os livros andarem de mãos dadas com os leitores, circulando pela escola, nas ruas e praças da comunidade.

Quanto à verdadeira função do professor que atua no espaço de leitura escolar, demolimos a antiga concepção de guardador e espanador de livros para construirmos outro conceito: lugar de muito trabalho, de leitura, de acesso à informação, de prazer em ler. Não foi fácil. Ser um professor leitor e dar o exemplo era apenas o início.

Escutar, escutar, escutar, para depois propor. Inverter a antiga fórmula de trabalho, e pensar e agir coletivamente. Estamos em sintonia com as publicações do Prazer em Ler e, mais uma vez, com Edson Gabriel Garcia que afirma: "... ninguém é tão obtuso que nada saiba e ninguém é tão culto que tudo sabe" (GARCIA, 2006, p. 78). Entendemos que a promoção da leitura deve ser um trabalho coletivo, contemplando a comunidade escolar e o seu entorno. Um ir e vir de livros, de cumplicidades literárias, de construção de comportamentos leitores, que, segundo a pesquisadora argentina Delia Lerner, são entendidos como "os aspectos da proficiência leitora [...] tomados como objeto de ensino nas práticas escolares" (LERNER, 2002, p. 74). Foram muitas as trocas de ideias entre todos, nas escolas, para que as ações pudessem fluir suave e prazerosamente.

Antes, projetos aconteciam, porém sem a devida sistematização e a necessária conceituação, e foi nessa hora que ter uma assessoria pedagógica sistemática fez a grande diferença! Fazer parte do Concurso Escola de Leitores e das ações de formação da Rede Potiguar de Escolas Leitoras, ambos vinculados ao Programa Prazer em Ler, foi muito estimulante e fez uma enorme diferença.

Os encontros mensais, as oficinas dentro dos espaços de leitura das escolas, as visitas técnicas específicas para cada instituição, feitas com competência; acompanhando, corrigindo, orientando e estimulando a equipe para seguir em frente exerceram muita influência. Nossas assessoras, literariamente e de forma profissional, estimularam cada escola à participação no Concurso Escola de Leitores. O concurso não foi uma ação pontual, tínhamos uma história no passado e no presente com as instituições parceiras. Havia uma formação em curso. Com muita maestria e segurança, até os últimos minutos para as inscrições,

durante madrugadas, as assessoras pedagógicas estiveram de prontidão, prestando orientações através de oficinas e por meio de ferramentas online.

Os projetos do Escola de Leitores tomam por base o princípio do Prazer em Ler, segundo o qual “ler é uma prática social fundamental à formação do cidadão e importante via de acesso ao conhecimento e à cultura” (ARAÚJO, 2009, p. 56). Em consonância com esses ensinamentos, aprendemos a elaborar o nosso projeto político pedagógico, fazendo com que trouxesse em seu eixo principal a leitura literária.

Após estudos realizados durante a elaboração dos projetos, decidimos adotar, de forma hegemônica, a concepção freireana sobre leitura para orientar nossas ações. Segundo o filósofo e educador Paulo Freire, “Ler poderia ser traduzido como o ato mesmo de viver, respiração que não se esgota na decodificação pura da escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1988, p.22). Essas palavras de Paulo Freire foram as que mais se aproximaram de nossa realidade, emolduraram nossos projetos literários que têm sido a estratégia utilizada por nossas escolas para atingir o objetivo pelo qual lutamos: difundir a leitura literária entre os meninos e meninas de Natal e Parnamirim.

Foi imenso o sucesso no desenvolvimento das ações dos projetos vencedores do Concurso Escola de Leitores junto à comunidade – alunos, pais de alunos, equipe pedagógica e de gestão escolar, professores das salas de aula e da biblioteca e sala de leitura – para a discussão do projeto, execução e avaliação do trabalho desenvolvido. Com isso, houve uma sensível melhora na autoestima de todos os envolvidos, uma vez que a escola extrapolou seus muros e passou a ser reconhecida na comunidade.

A divulgação e visibilidade alcançadas pelos projetos vencedores foram extremamente positivas. O que antes se restringia apenas à escola ampliou-se para o BAIRRO LEITOR, denominação do projeto vencedor da Escola Estadual Hegésippo Reis. A ampliação dos projetos para as comunidades fê-los ganharem notoriedade com muitas matérias impressas e televisivas em veículos da imprensa local e, também, nacional. Pais de alunos e comunidade do entorno das escolas orgulharam-se quando viram o trabalho do cotidiano escolar chegar às telas e folhas potiguares. O orgulho cresceu depois da experiência internacional de representantes das nossas escolas terem aportado em terras colombianas.

A viagem de intercâmbio em Bogotá, cidade proclamada pela UNESCO, em 2007, como Capital Mundial do Livro, foi recebida pelas Escolas Vencedoras – junto com um prêmio em dinheiro e a assessoria pedagógica individualizada

a cada escola – como um divisor de águas com relação aos projetos de promoção da leitura. Esse crescimento em nossas vidas alcançou toda a comunidade escolar, uma vez que os alunos e demais funcionários experimentaram do nosso aprendizado. Isso aconteceu tanto pelos relatos que fizemos quanto pela mostra sobre os aspectos sócio-culturais e econômicos da Colômbia e uma exposição de moedas, mapas, artesanato local, degustação do café colombiano e, é claro, amostragem das obras literárias adquiridas na Feira Internacional do Livro de Bogotá.

Não foi por acaso que, durante o 1º Ato Literário, promovido pelos polos de leitura da Rede Potiguar de Escolas Leitoras, as instituições estiveram engajadas para o pré-lançamento do Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores. Antes, porém, foi marcante a participação das escolas vencedoras do Concurso na elaboração das propostas para o Manifesto e debate das mesmas no Fórum Potiguar de Escolas Leitoras. Esse evento, ocorrido na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, constitui-se num espaço importante de politização, mobilização e formação de profissionais da educação –, e, posteriormente, em seu lançamento no 4º Seminário Potiguar Prazer em Ler.

Os nossos alunos puderam exercer a sua cidadania quando, depois da discussão coletiva do texto do Manifesto, desencadeada pelas professoras mediadoras de leitura, puderam compreender a necessidade de um maior engajamento social e, então, tiveram a oportunidade de aderir ao mesmo, através do site do IDE.

No 4º Seminário, realizado em setembro de 2010, foi significativo podermos socializar as experiências dos projetos para um público de 600 educadores, participando de uma das mesas. Mostramos o quanto as escolas, dentro de suas possibilidades, já tinham realizado para promover a leitura literária, dentro e fora da escola, nas comunidades em que estão inseridas, além da experiência em Bogotá. Naquela ocasião, foi possível à mesa expormos as vivências, permitindo estabelecer reflexões e analogias acerca da nossa atual conjuntura potiguar e brasileira. Os educadores presentes encantaram-se com a estrutura física das bibliotecas públicas e escolares daquele país e com a política pública tão bem desenvolvida, no que diz respeito ao incentivo ao ato de ler, e que, por ironia, com financiamento, em parte, inspirado numa experiência brasileira: o Fundo Pro Leitura, que veio a ser contemplado na Lei do Livro, sancionada em outubro de 2003 e cuja regulamentação ainda está em tramitação no Congresso Nacional. A Lei permite a criação e o desenvolvimento de uma política nacional para o livro e a leitura. Bogotá fez, com sucesso, adaptações da ideia brasileira, ainda por ser implementada, que compreende a destinação de 1% sobre o faturamento

das editoras e livrarias para constituir o Fundo Pró Leitura e, em contrapartida, o governo desonera o PIS/COFINS dessa cadeia produtiva, objetivando o financiamento de ações e projetos para desenvolver a leitura no país.

Diante de tudo que foi vivenciado, como disse Silvia Castrillón – bibliotecária, diretora da Associação Colombiana de Leitura e Escrita (Asolectura) e incansável militante com poder de articulação ao tecer a rede em prol da leitura em seu país –, “se ler é um direito, precisa ser organizado dentro da nação como política pública” e é imperativo que o poder público, nas esferas Federal, Estadual e Municipal, entenda e garanta a continuidade de projetos que promovem o exercício da cidadania, para que, não só os projetos vencedores de concursos e tantos outros, não sejam apenas experiências exitosas pontuais e isoladas.

Não é mais possível nem aceitável que iniciativas como as que estão sendo implementadas por nossas escolas sejam paralisadas e descontinuadas por falta de uma política de Estado, evidenciada por ações equivocadas ou pela inércia dos órgãos centrais da gestão pública, a começar pela simples falta de profissionais qualificados nos espaços de leitura, cujo falta reconhecimento da função do professor mediador de leitura e a atual remuneração são injustificáveis.

Creemos que projetos de promoção da leitura como os que são desenvolvidos por nossas escolas, se universalizados, num curto prazo, trarão o objeto livro à circulação, portanto a muitos que dele necessitam. Pedimos mais oportunidade para os tantos excluídos que têm direito ao acesso a obras literárias, ao livro, à leitura; que possam descobrir e conhecer o mundo da literatura, e, assim, tornem-se leitores igualmente comprometidos, cidadãos críticos e capazes de atuar em uma sociedade sem fronteiras, de forma digna.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Leusa (Redação e Pesquisa). *Prazer em Ler, três anos*. São Paulo: Instituto C&A, 2009.

GARCIA, Edson Gabriel (Coordenador). *Prazer em Ler, um roteiro prático poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artimanhas nas gostosices da leitura*. São Paulo: Instituto C&A / Cenpec, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002 (Reimpressão 2008).

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus*. 20ª Ed. Rio de Janeiro, 2008.

Repercussões do Concurso Escola de Leitores para a Educação do Estado do Rio Grande do Norte¹

Tânia Maria Leiros Cunha Cavalcanti
Maria Aparecida Gomes Barbosa
Helena Fernandes Neta

A articulação entre as ONGs e os órgãos governamentais é de fundamental importância para a educação e, está crescente essa conscientização da iniciativa privada em trabalhar em conjunto com os órgãos do Governo. Para que o trabalho ocorra efetivamente se faz necessário que o Estado desencadeie e efetive políticas públicas de Estado para sair das fragmentações de ações que possam ser modificadas e/ou esquecidas com as mudanças de Governo.

O Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte, vem seguindo essa tendência ao firmar parceria com o Instituto C&A (IC&A), Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), e as prefeituras municipais de Natal e Parnamirim, com o projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras, cujos princípios estão calcados no Programa Prazer em Ler. Coadunam-se a essas diretrizes de leitura da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte: a leitura literária deve ser meta dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas e a maximização do IDEB. Face ao poder de reflexão e compreensão que a literatura proporciona.

O projeto atende a 145 escolas dentre elas 70 são estaduais, cujos resultados que serão relatados são a elas referentes, pois neste momento de compartilhar aprendizagens, é desejo e obrigação da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte mostrar o protagonismo e dedicação dessas escolas.

¹ Texto apresentado durante o 13º Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil, realizado de 13 a 16 de junho de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, no âmbito da programação do 13º Salão FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil. Integrou a brochura "Reflexões sobre as aprendizagens a partir do Concurso Escola de Leitores - Natal e Parnamirim/RN", distribuída aos participantes do citado Seminário. As autoras integram a equipe da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte.

Dentre as ações desenvolvidas em seus projetos de leitura, e, mais especificamente das escolas vencedoras do Concurso Escola de Leitores, como a Escola Estadual Hegéssipo Reis com seu projeto “Bairro Leitor”; a Escola Estadual Clara Camarão, com Os Sentidos da Leitura na Escola; a Escola Estadual Stella Gonçalves, “Abrindo as Portas do Saber Literário”, a Escola Estadual Isabel Gondim, “Tornando Uma Escola Pública com Sabor de Leitura” e a Escola Estadual Maria Cristina nos deliciando com seu Restaurante Literário. Destacamos algumas ações desses projetos: a dinamização dos espaços de leitura com sa-raus, encontros com escritores, mediação de leitura prazerosa; formação de mediadores mirins da escola e do bairro; a efetivação de novas parcerias, sendo estas com os supermercados, as livrarias, o comércio local e os moradores dos bairros. Parcerias que se traduzem em novas ações como o assalto literário, picolé literário, plantão literário, chá de chocolate com sabor de leitura, todas essas ações vem proporcionar a inserção da comunidade no contexto escolar, extrapolando, dessa forma os muros escolares. A arte de ensinar e a leitura literária foi, de fato, levada para diversos espaços e diversos públicos demonstrando que o processo de ensino-aprendizagem ultrapassa as paredes da escola, assim a leitura de literatura foi levada para as praças, postos de saúde, paradas de ônibus, hospitais infantis, asilos, parques, feiras livres e estação de trem. Essa, proporcionando uma conversa entre o leitor e o autor, cuja intermediação foi feita entre o livro e o mediador de leitura adulto e mirim. Em algumas situações como nos hospitais e asilos a leitura literária serviu como remédio e conforto para os ouvintes.

Os esforços imprimidos no Projeto vêm dando contribuições significativas no processo de ensino aprendizagem, tanto dos alunos quanto dos professores, uma vez que esses descobriram na leitura uma atividade essencial à condição humana, assim como proporcionou o desenvolvimento das habilidades oral e escrita. O estímulo à imaginação, à criatividade e o despertar de sentimentos vieram, a reboque, para o exercício da cidadania, de leitura de mundo e da efetivação do círculo cultural. Os elementos tangíveis mencionados foram refletidos na maximização e na manutenção do IDEB das 70 escolas envolvidas.

Escolas potiguares recebendo prêmios, como da magnitude do Concurso Escola de Leitores, é um dos caminhos para superar o discurso do fracasso, no intuito de reconstituir o Cenário de Educação. E o início se dá pelo protagonismo que essas vêm exercendo, a partir de seus projetos de leitura e dinamização das bibliotecas e/ou salas de leitura, formação continuada e troca de experiências proporcionadas pelo projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras e o Concurso

Escola de Leitores.

As vozes dos protagonistas demonstram os resultados que não podem ser mensuráveis, mas que envolvem sentimentos, despertam emoções ou reencantamento com a profissão e o prazer de ler, tanto dos professores, quanto das crianças. Essas vozes precisam ser destacadas e mencionadas, pois traduzem a importância e a necessidade de projetos e parcerias como as que estão em exercício.

A professora Regina, mediadora de uma das escolas do polo 10, afirma: “Depois do Escolas Leitoras mudei a maneira de trabalhar com leitura... antes era somente por obrigação... agora é pelo prazer.” Já Raquel, mediadora de leitura do Polo 04, assim expressou-se: “aprendo muito, exercito a oportunidade de falar em público... coisa que não tinha coragem... o projeto veio mandado por Deus na minha vida, é como um norteador para eu caminhar.”

O processo de formação de muitas professoras, enquanto leitoras, é destacado nas palavras de Francisca Nunes da Silva, professora mediadora da Escola Municipal Jornalista Erivan França:

Sinto-me honrada em fazer parte deste estudo com o Prazer em Ler, pois, lia pouco... E diante do entusiasmo deste programa de leitura passei a ler com mais entusiasmo e com mais frequência e pude perceber o quanto a leitura pode ser mais prazerosa e nos fazer ser mais criativos, pois eu que sou bem tímida, descobri o quanto de bonito tem dentro de cada um de nós depois que lemos um belo livro ou uma poesia... Como leitora estou crescendo a cada dia.

Também merecem destaques as falas de algumas crianças. Um dos alunos da Escola Estadual Jorge Fernandes, afirmou: “A sala de leitura é o melhor projeto dessa escola.” Ítalo, de 11 anos, mediador mirim da Escola Estadual Hegéssipo Reis, afirma: “Acho muito bom, toda vez que a professora Evania faz uma atividade de leitura e vamos para as almofadas ler silenciosamente, e quando acabamos de ler discutimos sobre o livro.” Um outro falou da sua experiência pessoal com a leitura:

Quando alguém me chamava para ler... eu chorava, eu não sabia ler... ai eu vim conhecer a Sala de Leitura comecei a olhar os livros... Fui me esforçando e aprendi a ler... hoje eu gosto

tanto da Sala de leitura que minha família se mudou para outro bairro e eu fiquei na casa de minha tia só para não sair de perto da Sala de Leitura... (M. A. S.– 10 anos)

O projeto da Escola Estadual Isabel Gondim também desperta novos talentos, a exemplo da aluna Jardiele que tornou-se leitora e sonha em ser escritora. Vale a pena conhecer um pouco da sua história:

Eu não gostava de ler de jeito nenhum... Quando minha professora levava a turma para a sala de leitura eu ficava sozinha na sala de aula... Eu não sabia ler muito bem, sentia dificuldade para compreender as histórias. Um dia... eu olhei para a porta aberta da sala de leitura e fui me aproximando... Quando entrei, o primeiro livro que eu vi foi... “A Margarida Friorenta”. Gostei da capa e levei emprestado. Cheguei em casa e mostrei à minha tia, que sempre me incentivava muito para trazer um livro. Depois eu fui ler no sofá... Eu me esforcei muito para ler porque vi que a história era boa. Quando eu terminei, adormeci. E sonhei que estava dentro da história... Quando acordei, eu não sabia se estava em casa ou dentro do livro. Achei tão estranho! E desde esse dia, não parei mais de ler. Melhorei minha leitura. Gosto muito de poesia. Hoje eu me considero uma representante da leitura em minha escola. Onde tem um evento de leitura, eu quero estar lá. Só pelo prazer de ler. Quando eu soube que iria fazer uma apresentação no Seminário [a aluna se refere ao 4º Seminário Potiguar prazer em Ler], fiquei muito nervosa... Eu tinha medo de errar, de não ler direito. Escolhi uma poesia de Rosângela Trajano e treinei muito... E quando chegou o dia, meu pai foi junto comigo... Foi um dos melhores momentos da minha vida! Conhecer aqueles escritores tão importantes... Quando eu voltava para casa com a professora Alzenir, disse a ela que queria ser escritora também...

Dentre tantas conquistas, do trabalho articulado pelas parcerias Instituto C&A, IDE e o Poder Público, seja por meio do Concurso Escola de Leitores ou do projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras, registra-se a formação integrada dos professores das bibliotecas e salas de leitura dos Sistemas Municipal e Estadual, favorecendo o trabalho em rede e a troca de experiências; a elaboração e

revisão das propostas de trabalho das bibliotecas e/ou salas de leitura, considerando o conteúdo da formação (práticas de mediação de leitura, leitura e alfabetização, organização de rotinas, seleção e organização de acervo, empréstimos de livros, dentre outros); envolvimento da comunidade local e da família em projetos e encontros de leitura desenvolvidos pela escola; eventos culturais de leitura na escola, envolvendo a apresentação de trabalhos dos alunos para a comunidade; correspondência literária interescolar de alunos; rotina da biblioteca e/ou sala de leitura melhor estruturada e mais dinâmica.

Portanto, as perspectivas e desafios desta Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte, sobretudo neste momento, é não deixar essas ações e esses sentimentos tão ricos, demonstrados pelas práticas e vozes dos atores sociais, serem minimizados, bem como o projeto Rede Potiguar de Escolas Leitoras e suas ações sofrerem interrupção ou descontinuidade, porque a leitura é condição básica para o processo de ensino-aprendizagem, para a cidadania, assim como para o desenvolvimento do ser humano.



O Livro Ambulante - Biblioteca Móvel, da Escola Municipal Erivan França - Parnamirim, durante o Ato Literário de 20 de abril de 2011

Quarta Parte

Base Legal e Mobilização





Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Gabinete Civil
Coordenadoria de Controle dos Atos Governamentais

LEI Nº 9.169, DE 15 DE JANEIRO DE 2009.

Dispõe sobre a Criação da Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte e dá outras Providências.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 49, § 7º, da Constituição do Estado, combinado com o artigo 71, II, do Regimento Interno (Resolução nº 46, de 14 de dezembro de 1990).

FAÇOSABER que o **PODER LEGISLATIVO** aprovou e EU promulgo a seguinte Lei:

CAPÍTULO I
DA POLÍTICA ESTADUAL DE PROMOÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS

Art. 1º. Fica criada a Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte, que obedecerá ao disposto nesta Lei.

Parágrafo único. A Política a que se refere este artigo tem por objetivo fazer com que o Poder Público assegure a formação do leitor em todas as escolas de educação básica, de modo que as crianças, os adolescentes, jovens e adultos desenvolvam o prazer em ler textos literários, favorecendo o acesso ao conhecimento e aos bens culturais da humanidade, conforme diretrizes a serem observadas:

I - Garantir que todas as escolas públicas tenham o seu espaço de leitura bem estruturado, seja biblioteca e/ou sala de leitura, ainda que optem por manter um canto de leitura em cada sala de aula ou se utilizem de instrumento móvel para a disponibilização de acervo;

II - Prover os espaços de leitura das escolas de um acervo de qualidade, constantemente ampliado e atualizado;

III - Realizar um plano de formação inicial e continuada de educadores para mediar a leitura literária junto ao público dos espaços de leitura;

IV - Oferecer as condições para que as escolas elaborem e implementem os seus projetos de promoção da leitura literária, levando em conta a democratização do acesso ao livro e à leitura por parte do público interno e, quando possível, da comunidade do entorno da escola;

V - Garantir a presença de educadores, mediadores de leitura, em todas as bibliotecas e/ou salas de leitura, bem como de bibliotecários e/ou de profissionais por estes orientados para realizarem o trabalho de organização, classificação, catalogação, controle e manutenção do acervo.

VI - Dar publicidade à importância da leitura literária por meio de campanhas educativas, veiculadas em diferentes mídias impressas e eletrônicas, de eventos, certames literários, entre outras iniciativas congêneres.

Art. 2º. A partir da aprovação desta Lei, cabe a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, em parceria com as escolas e a sociedade civil organizada, elaborar o Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE), a ser revisado sempre no mês de setembro de cada ano, tendo em vista nortear a definição das verbas orçamentárias para a sua execução.

§ 1º. A concepção e a gestão do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE) serão realizadas, de forma compartilhada, através de um Comitê Gestor formado por representantes do poder executivo, das escolas, da Biblioteca Pública Estadual e de organizações da sociedade civil.

§ 2º. O Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE) deverá considerar e incorporar as iniciativas das escolas, da sociedade civil organizada e aquelas realizadas em parceria com empresas e com o próprio poder executivo.

Art. 3º. Até seis meses da regulamentação e publicação desta Lei, o Poder Executivo, em parceria com a sociedade civil organizada que atua na promoção da leitura literária e empresas privadas deve criar o Fundo Pró-Leitura Literária nas Escolas, voltado, exclusivamente, para garantir a implementação do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE), à luz da presente Lei.

§ 1º. O Fundo Pró-Leitura Literária nas Escolas será composto por doações, verbas governamentais e arrecadação da alíquota de 1% do faturamento dos setores livreiro, editorial e de papelaria em contrapartida à desoneração de PIS e Cofins sobre tais produtos.

§ 2º. O Fundo Pró-Leitura Literária nas Escolas deverá ter personalidade jurídica que permita ser administrado diretamente pelo Comitê Gestor do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE).

CAPÍTULO II DOS ESPAÇOS DE LEITURA

Art. 4º. Para efeitos desta Lei, são considerados espaços de leitura:

I - Biblioteca: ambiente preparado para a realização de pesquisas, leitura espontânea, empréstimos e atividades de mediação de leitura. O acervo é composto de obras literárias e de referência (dicionários; enciclopédias; manuais; gramáticas da língua portuguesa, mapas, atlas, entre outros);

II - Sala de Leitura: ambiente preparado para a realização de atividades de mediação de leitura, empréstimos e leitura espontânea. O acervo é composto, majoritariamente, de obras literárias.

Parágrafo único. Os cantos de leitura por ventura adotados em salas de aula ou a disponibilização de acervos em instrumentos móveis são opcionais e de caráter complementar aos serviços prestados pela biblioteca e/ou sala de leitura da escola, portanto, não substituem os espaços definidos nos incisos I e II deste artigo 4º.

Art. 5º. Para cumprir o papel de formar leitores, os espaços de leitura devem ser equipamentos que apresentem as seguintes características:

I - Espaço físico acolhedor, amplo, cuidado e bem arejado, organizado com mobiliário apropriado para a exposição do acervo, para a leitura e para as atividades de mediação de leitura e/ou pesquisa;

II - Acervo disposto de maneira atrativa e que facilite o manuseio, com autonomia, por parte dos leitores;

III - Ambiente composto por diversos suportes midiáticos que favoreçam a interlocução com os portadores de textos e estimulem à leitura e a pesquisa: obras literárias, obras de referência, TV e DVD, aparelhos de som, computador com internet, entre outros;

IV - O espaço de leitura deve ser aberto diariamente, no horário de funcionamento da escola, e, para tanto, é necessário a presença sistemática de educadores mediadores de leitura que desenvolvam uma programação de atividades de leitura divulgada junto ao público, fazendo do espaço uma referência para a comunidade.

CAPÍTULO III DO ACERVO

Art. 6º. O acervo da biblioteca ou da sala de leitura deve ser diversificado e de qualidade e, sempre que possível, respeitando uma média de 10 (dez) exemplares, por título, para cada leitor que utiliza os serviços do espaço.

§ 1º. Para efeitos da promoção da leitura literária, objeto desta Lei, as aquisições para os acervos das escolas devem priorizar as obras literárias validadas pelo Comitê de Gestão do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE) à luz das demandas elencadas pelas unidades escolares.

§ 2º. A aplicação de percentuais de recursos em obras literárias nunca deve ser inferior a 50% do orçamento disponível para formação e ampliação dos acervos das escolas.

§ 3º. No momento de aquisição de obras literárias, o Poder Executivo e as escolas devem levar em consideração os seguintes critérios:

I – Variedade: privilegiar temas e gêneros nacional e internacional (ficção científica; terror; aventuras; fantasia; contos; policiais; romances);

II - qualidade material: observar a qualidade material, tendo em vista a durabilidade do objeto livro e dos outros portadores de informações;

III - qualidade visual: deve ser observada a qualidade gráfica e visual, principalmente nos livros destinados aos leitores iniciantes, pois as ilustrações desempenham um papel fundamental;

IV - qualidade de textos: identificar textos bem escritos, que respeitam a língua e criam imagens literárias estéticas, fugindo do compromisso de passar lições ou trabalhar conteúdos acadêmicos já priorizados em outros tipos de textos.

§ 4º. Ao elencarem títulos a serem adquiridos, as escolas devem fazê-lo depois de ouvir as preferências e necessidades do seu público leitor.

Art. 7º. O acervo deve ser organizado no espaço de leitura a partir de critérios de classificação, com sistema de catalogação e controle de empréstimos, num trabalho realizado diretamente pelo bibliotecário ou por um profissional sob a sua orientação.

Art. 8º. Fica o Poder Executivo autorizado a criar o cargo de Bibliotecário no quadro geral de servidores do Estado e realizar concurso para a contratação de um bibliotecário para as escolas com acervos a partir de 4.000 livros e um bibliotecário para assessorar grupos de até 5 escolas que tenham acervos inferiores a 4.000 livros.

Parágrafo único. Profissionais devem ser locados nos espaços de leitura das escolas com acervos de mais de 1.000 livros para, contando com as orientações do bibliotecário, realizar o trabalho de organização, classificação, tombamento, catalogação, controle e manutenção do acervo. Nas escolas com menos de 1.000 livros esse trabalho deve ser realizado pelos próprios mediadores de leitura.

CAPÍTULO IV DA MEDIAÇÃO DE LEITURA

Art. 9º. O planejamento e execução das atividades de mediação de leitura, realizadas na biblioteca e/ou sala de leitura, devem ser conduzidas por profissional com formação pedagógica, detentor de cargo público de Professor ou Especialista de Educação, profissional oriundo, preferencialmente, de cursos de Pedagogia, Letras, Normal Superior e Artes.

§ 1º. Quando não houver prejuízo no atendimento às escolas quanto à organização de acervos, o Bibliotecário também poderá realizar atividades de mediação de leitura.

§ 2º. Em todos os casos, para assumir e dar seqüência as atividades de mediação de leitura, o profissional tem que se enquadrar no seguinte perfil:

I - Relate um histórico pessoal como leitor de textos literários e experiência contínua com a literatura;

II - Participe de formações e fóruns tendo em vista fortalecer as suas competências na área de formação de leitores;

III - Organize o espaço de leitura, conheça o seu acervo em profundidade, planeje, realize e avalie atividades de mediação de leitura para os diferentes públicos do espaço, a partir de uma programação sistemática, à luz do plano de gestão do espaço de leitura da escola;

IV - Crie materiais e estratégias de divulgação do espaço de leitura, fortalecendo a identidade do mesmo junto à comunidade;

V - Fomente a formação de uma comunidade de leitores, preparando crianças, adolescentes, jovens e/ou adultos para atuarem como mediadores de leitura;

VI - Produza e publique reflexões teóricas, álbuns e relatórios que sistematizem os resultados a partir das atividades de mediação de leitura;

VII - Conduza o processo de seleção de acervo e elaboração de listas de títulos a serem adquiridos, ajudando na aplicação de eventuais recursos financeiros transferidos para a escola, tendo em vista materializarem a política de promoção da leitura literária.

CAPÍTULO V

DOS PROJETOS DE PROMOÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NAS ESCOLAS

Art. 10. Todas as escolas devem elaborar os seus projetos de promoção da leitura literária, observando o disposto na presente Lei, apresentando-os à Secretaria de Estado da Educação e da Cultura para que sejam contemplados no Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE) e, por conseguinte, no orçamento a ser disponibilizado para a sua efetivação.

§ 1º. As escolas que expressem dificuldades quanto aos conceitos e práticas relativas à promoção da leitura literária, devem ter prioridade nos programas de formação, de modo que construam as condições para elaborarem os seus projetos.

§ 2º. No que tange a total aplicação desta Lei, devem ser priorizadas as unidades escolares que disponham dos seus projetos de promoção da leitura literária elaborados, de modo que se evite desperdício de recursos.

CAPÍTULO VI

DA PUBLICIDADE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA

Art. 11. O Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE) deve estimular a criação da Rede de Escolas Leitoras, comprometida com a realização de ações articuladas, tendo em vista a discussão, criação e realização de atividades de formação de mediadores de leitura, campanhas educativas, feiras, mostras, concursos e publicações de obras literárias oriundas de escolas da Rede, entre outras atividades congêneres.

Parágrafo único. A Rede de Escolas Leitoras deve atuar em conjunto com o Comitê Gestor do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE) e, sempre que possível, com organizações da sociedade civil, empresas e outros agentes interessados em promoverem a leitura literária.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, Palácio “**JOSÉ AUGUSTO**”, em Natal, 15 de janeiro de 2009.

Deputado **ROBINSON FARIA**
Presidente

Carta de Lançamento¹

Fórum Potiguar de Escolas Leitoras

O **Fórum Potiguar de Escolas Leitoras** pretende ser um espaço de referência na mobilização, articulação e formação dos (as) que integram as equipes das escolas públicas estaduais e municipais do Rio Grande do Norte, tendo em vista políticas públicas de promoção da leitura literária junto aos (às) estudantes da educação básica.

O **Fórum** reconhece que o Estado brasileiro tem se esforçado para atender a 100% das crianças e adolescentes no ensino fundamental, mas entende, também, que ainda é preocupante a demanda não-assistida, sobretudo, na educação infantil e no ensino médio. Portanto, faz-se necessário que os sistemas de ensino garantam a matrícula para todos e todas, tanto quanto é imprescindível que as escolas reúnam as condições para o cumprimento do papel social de garantir as aprendizagens e a formação cidadã dos (as) educando (as).

É nesse sentido que se toma por base o princípio de que o fortalecimento da escola pública e a melhoria dos seus indicadores, a alfabetização, o alfabetismo funcional, as aprendizagens dos (as) educandos (as) em todas as áreas de conhecimento, o acesso à informação e aos bens culturais, passam por um projeto político-pedagógico de escola que investe, fortemente, no letramento e na formação de leitores (as) do texto literário, desde a mais tenra idade.

Para tanto, o **Fórum Potiguar de Escolas Leitoras** trabalha para a democratização do acesso à literatura. Isso só é possível a partir da articulação com o poder público e com instituições privadas, visando à criação de espaços de leitura – bibliotecas e/ou salas de leitura, sendo aceitáveis os cantos de leitura nas salas de aula de escolas com menos de 100 estudantes – em todas as escolas, das zonas urbana e rural, dispondo de acervos literários de qualidade e de mediadores (as) de leitura aptos (as) a conduzirem o processo de formação

¹ A Carta de Lançamento do Fórum Potiguar de Escolas Leitoras foi escrita pela Professora Cláudia Santa Rosa e apresentada no dia 09 de junho de 2009, em Natal, durante o encontro de instalação do Fórum, realizado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte.

de leitores (as).

Os compromissos do **Fórum** contemplam a realização do controle social, bem como a contribuição com o processo de implantação da Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte, à luz da Lei Estadual Nº 9.169, de 15 de janeiro de 2009, e com as políticas de leitura de cada município.

Disso decorre afirmar que o **Fórum** assume o caráter de permanente atividade, através de encontros estadual, regionais e municipais, bem como por meio do uso de ferramentas das tecnologias da informação e comunicação, aceitando o apoio de instituições, empresas, entre outros, que se sintam mobilizados a patrocinarem a realização das suas atividades.

A partir de hoje, com o lançamento do **Fórum Potiguar de Escolas Leitoras**, seremos muitos agentes sociais a fomentar ações de promoção da leitura, a propagar que a população do Rio Grande do Norte tem direito à leitura, tanto quanto tem direito a morar em condições dignas, a comer, a estudar numa boa escola, a respirar um ar puro. Seremos muitos (as) a disseminar a certeza de que **LER** é condição essencial para **SER**. Ler é indispensável para a emancipação, o protagonismo e a vivência da cidadania num mundo cada vez mais grafocêntrico.

Seremos, pois, muitos (as) a desejar milhares de leitores (as) espalhados (as) pelo Estado do Rio Grande do Norte.

www.escolasleitoras.org.br

Portaria de Criação do Comitê Gestor do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE)

Portaria n.º 860/2009-SEEC/GS.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso de suas atribuições legais.

RESOLVE

Art. 1º - Designar Rômulo Augusto Soares Gurgel, matrícula nº122.171-0, Cláudia Sueli Rodrigues Santa Rosa, matrícula 117.121-6, Erileide Maria Oliveira Rocha, matrícula 35967-0, Helena Fernandes Neta, matrícula 120.359-2, Lúcia Alves da Silva, matrícula 84508-6, Luiz Elson Dantas, matrícula 174.092-0, Maria do Socorro Silva Félix, matrícula 058.448-7, Rosinete Marinho de Oliveira, matrícula 124.661-5, Rosires Amaral de Paiva, matrícula 110.187-0, Salizete Freire Soares, matrícula 86265-7, Simonete Carvalho de Almeida, matrícula 118.040-1, Tânia Maria de Carvalho Gurgel, matrícula 86956-2, para sob a presidência do primeiro, coordenarem as ações do Comitê Gestor e a elaboração do Plano Estadual de Leitura Literária nas Escolas (PELLE).

Art. 2º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente a Portaria nº 433/2009-SEEC/GS, publicada em 12 de maio de 2009.

Publique-se. Registre-se. Cumpra-se.

Gabinete do Secretário de Estado da Educação e da Cultura, em Natal/RN, 28 de julho de 2009.

RUY PEREIRA DOS SANTOS
Secretário

DOEN.º 12019 Data: 01/08/2009 Pág.
--

Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores¹

O Fórum da Rede Potiguar de Escolas Leitoras, consciente do seu compromisso social para transformar o Rio Grande do Norte em um estado de leitores de literatura, manifesta as suas propostas no sentido de nortear as discussões sobre as políticas de leitura por entender que tal atitude pode imprimir uma realidade fundada no desejo de mudanças coletivas.

Este documento reúne as possibilidades de sinalizar - aos gestores públicos (do presente e do futuro), dirigentes estaduais e municipais de educação, parlamentares, dirigentes escolares, educadores e a toda a sociedade - a urgência de se encarar o acesso à literatura como prática social e como uma das prioridades nos processos de ensino e aprendizagem. Assim concebida, a literatura assume um lugar especial na formação do leitor à medida que ele se aconchega no mundo da fantasia para daí transgredir as concepções do real e se insinuar na linguagem estética e poética.

Desse modo, a literatura é uma das formas privilegiadas dentre as construções textuais, em oposição a outros textos utilitários, reunindo nas palavras o discurso lúdico que intervém no imaginário do leitor, propondo-lhe desafios e experiências. Por tais razões, defendemos que a democratização do acesso à literatura nas escolas precisa reduzir carências e dificuldades, superar o tecnicismo e o formalismo por vezes característicos da sala de aula e atrelar-se de forma mais consistente ao seu principal objetivo: formar leitores que encontrem prazer na leitura de textos literários.

Admitimos que, assim, o exercício da leitura assume o seu engajamento pedagógico, pois confere à literatura o seu caráter educativo, político e de subjetivação, com base nos referenciais de mundo que o texto literário

¹ O manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores, foi sistematizado pelo professor Dr. Adriano Lopes Gomes com a colaboração da professora Cláudia Santa Rosa, todo conteúdo teve origem nas propostas das escolas e dos polos de leitura, apresentadas e debatidas durante encontro do Fórum Potiguar de Escolas Leitoras.

proporciona. Porém, tal realidade não fundamenta o princípio de que se necessita ensinar literatura com os dissabores do didatismo e somente no âmbito da sala de aula, situação que nos autoriza a afirmar que, nas bibliotecas e demais aparelhos que constituem o espaço escolar, a leitura precisa estar presente na dinâmica que alicerça os processos formativos humanizadores e do sujeito cidadão.

Podemos ir além: a literatura requisita a transposição dos muros escolares para alcançar aqueles que desconhecem as letras, sejam crianças, sejam jovens ou adultos, alijados no mar das desigualdades sociais e sedentos de inclusão sem demora em todos os segmentos. E é nessa sociedade, assinalada pelas inovações tecnológicas e por tantos apelos de natureza diversa, que precisamos nos indagar: o que significa formar leitor de literatura? Concebemos como leitor de literatura todo aquele que faz uso dos textos literários em seus diversos gêneros, de forma autônoma ou mediada, enquanto suporte de lazer, prazer, fruição e informação. Revela-se como um ator social crítico que enxerga o mundo com um olhar aguçado, que processa os acontecimentos adicionando-os ao seu repertório de saberes, que busca dizer “sim” à razão sem as incertezas das suas deliberações.

Não podemos admitir a leitura de literatura sem outro propósito que não seja o de traduzir nos leitores o contentamento pelo desconhecido, a revelação daquilo que repousa entre as páginas para acordá-los na intimidade da compreensão, absorvidos pela surpresa animadora e dominados pela sensação catártica. Contudo, não pretendemos aqui configurar uma visão romântica da literatura senão um apelo de ressonância política em função da imediatividade que o tema requisita na pauta dos debates e reflexões, sobejamente exposto na mídia, ainda atrelando o Brasil como um país de “não leitores”.

O Rio Grande do Norte não está fora desse cenário. Segundo dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), em 2009, o estado apresentou leve alta nos números, em relação à avaliação anterior, cuja situação não pode ser aclamada como alívio no tocante ao ensino à competência leitora.

Vejamos os resultados: na primeira fase do ensino fundamental (até o 5º ano), a média do estado foi 3,9 (numa escala de 0 a 10); na segunda fase (até o 9º ano), 3,3; e no ensino médio, 3,1. Como se vê, os dados são críticos em todas as etapas de ensino da escola pública de educação básica, pelo que creditamos, entre outros condicionantes, o histórico descaso perante a continuidade e a

universalização de políticas de leitura em nosso estado que devem ser promovidas por todas as organizações, sobremaneira pelo poder público. Aliás, partimos do princípio de que as políticas de leitura devem ser uma prerrogativa de Estado e não de Governo, o que nos leva a assegurar a continuidade de ações implementadas, independente de gestores. Se isso não vem ocorrendo, defendemos que

1) as leis 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país; 9.169, de 15 de janeiro de 2009, que dispõe sobre a criação da política estadual de promoção da leitura literária nas escolas públicas do Rio Grande do Norte; 6.094, de 29 de abril de 2010, que dispõe sobre a política de promoção de leitura literária nas escolas públicas da rede municipal de ensino de Natal; e 9.105, de 9 de junho de 2008, que dispõe sobre a criação da política estadual do livro no Rio Grande do Norte, sejam compreendidas em seu conteúdo e cumpridas em sua totalidade;

2) sejam criadas bibliotecas públicas em todos os municípios do estado, nas zonas ou bairros das cidades maiores, revitalizando e ampliando aquelas já existentes, de modo a transformá-las em centros culturais de democratização do acesso à escrita, por meio do livro e de diferentes portadores;

3) os governos fortaleçam as escolas, garantindo-lhes as condições, para que sejam competentes na implementação dos seus projetos político-pedagógicos, comprometidos com a consolidação do acesso de todos à leitura e à escrita, desde a mais tenra idade;

4) as bibliotecas escolares tenham assegurado amplo espaço físico com todas as condições de funcionamento, incluindo recursos midiáticos e acervo variado sem desconsiderar os livros de autores norte-rio-grandenses, as obras literárias de expressão indígena e afro-brasileira e os livros adaptados aos portadores de necessidades visuais, auditivas e motoras;

5) as salas de leitura, ainda existentes nas escolas públicas, sejam, imediatamente, transformadas em bibliotecas escolares por serem equipamentos universais de acesso à cultura escrita e alinhados com o objetivo de formar leitores;

6) os professores mediadores de leitura, lotados nas bibliotecas escolares e salas de leitura – estas últimas enquanto forem uma realidade –, sejam inseridos no quadro funcional da administração pública, com os mesmos direitos dos professores de sala aula;

7) os governos estadual e municipais sejam incansáveis na captação de recursos públicos e privados e, sobretudo, incluam em seus orçamentos anuais os recursos para garantia dos respectivos planos de leitura literária nas bibliotecas públicas e nas bibliotecas escolares, bem como a liberação de verba para a criação e a manutenção de bibliotecas comunitárias;

8) os projetos de leitura desenvolvidos pelas escolas tenham reconhecimento e apoio irrestrito da gestão pública, sendo incentivados aos professores, alunos e comunidades, e deixando de ser compreendidos como menos importantes no âmbito das atividades pedagógicas.

As leis não alcançarão suas finalidades enquanto o poder público não cumprir o seu papel e a sociedade não clamá-las à execução incondicional. Para tanto, faz-se necessário viabilizá-las no âmbito das atividades institucionais públicas em larga margem de parceria com as instituições privadas. Por outro lado, observa-se que, em todo o país, o papel do educador ou professor mediador de leitura, como um leitor mais experiente, tem sido contemplado em diversos espaços físicos escolares, museus, praças públicas, hospitais, apontando caminhos exitosos para se reverter os quadros de insuficiência de leitura. Sendo assim, as atitudes de mediação constituem-se de igual importância para o desenvolvimento das práticas leitoras nos sujeitos, criando condições para se promover a formação de leitores. Não há mais como ignorar o profissional mediador de leitura, seja ele professor, seja bibliotecário, seja ainda especialista em Educação ou agente de leitura, na sua mais ampla concepção do termo, sob pretextos duvidosos do não cumprimento das suas funções educacionais.

Na articulação deste conjunto de ideias, a formação do professor mediador de leitura e o livro de literatura são alvo de todas as particularidades que engendram o presente documento. O professor medeia a relação do leitor com o livro literário, objeto que convida o leitor a pensar, a organizar os seus conteúdos psíquicos e emocionais, passando a se compreender na obra, razão pela qual insistimos que os livros, assim como os demais portadores de textos, devem estar circulando no âmbito da escola e para além dela.

As propostas apresentadas não esgotam nem limitam as possibilidades de mobilização. Apenas manifestam o que acreditamos como imprescindíveis,

somando-se aos incontáveis esforços pessoais e institucionais que já se sensibilizaram pela importância da leitura na vida de todos.

A leitura é um direito de qualquer cidadão, uma atitude de democracia que promove a emancipação pessoal e social, que estabelece hoje um novo horizonte para sonharmos outros sonhos possíveis. Postergá-la para amanhã implica tão somente acomodar o verbo que pulsa na consciência, requisitando expressão. É por tudo isso que queremos um Rio Grande do Norte de leitores.

Natal (RN), 02 de setembro de 2010.

www.escolasleitoras.org.br

Termo de Adesão ao Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores


Entre as adesões abaixo, podem ser verificadas as assinaturas dos candidatos ao governo do Estado do Rio Grande do Norte, em 2010, inclusive dos eleitos: a governadora Rosalba Ciarlini e o vice-governador Robinson Faria.

MANIFESTO POR UM RIO GRANDE DO NORTE DE LEITORES

TERMO DE ADESÃO

Venho por meio deste Termo de Adesão, acusar o recebimento de um exemplar do **MANIFESTO POR UM RIO GRANDE DO NORTE DE LEITORES** e declarar ter integral conhecimento do seu conteúdo, o qual orienta para uma política pública de promoção da leitura no estado do Rio Grande do Norte. Pelo presente, reconheço a importância do mesmo e assumo o compromisso com o Fórum da Rede Potiguar de Escolas Leitoras, representado pelos educadores e educadoras, que, se for eleito (a) Governador (a), pautarei, em caráter prioritário, ações na área de promoção da leitura, em conformidade com o referido Manifesto.

Natal (RN), 02 de setembro de 2010.

 RG 097 573-309 304-06

Declarante

 RG 338.326

Declarante

 RG 061.173 - IMLEC-RN

Declarante

 RG 1056 (CRM)

Declarante

 RG 265233

Declarante



Foto: Marcelo Barroso

Quinta Parte

Mapeando a Rede Potiguar de Escolas Leitoras

Foto: Marcelo Barroso



Polos de Leitura de Natal e Parnamirim

A REDE

A Rede Potiguar de Escolas Leitoras é uma iniciativa sintonizada com o que preconizam o “Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores” e “Manifesto por um Brasil Literário”, este de iniciativa do Instituto C&A e outras instituições. Objetiva a implementação da Política Estadual de Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas do Estado do Rio Grande do Norte. A sua organização parte da articulação de 145 instituições, entre escolas públicas – estaduais e municipais, localizadas em Natal e Parnamirim – bibliotecas públicas e comunitárias, organizações governamentais e não governamentais, entidades e empresas que estão, geograficamente, próximas, desde que se comprometam com a formação de leitores.

As instituições que aderiram à Rede, no início de 2010, estão organizadas por territórios, em quinze polos de leitura, sendo doze em Natal e três em Parnamirim. Cada polo realiza uma programação sistemática de formação de educadores, que tem por fim promover a democratização do acesso à cultura escrita, por meio dos projetos de leitura de cada escola e atividades junto às populações das suas áreas de abrangência.

AS BIBLIOTECAS

Além da necessidade de bibliotecas em todas as escolas, contando com acervo de qualidade, ambientação adequada e profissionais preparados para atuarem na formação de leitores, a Rede Potiguar de Escolas Leitoras espera que o poder público reúna as condições para que se garanta, no mínimo, uma biblioteca pública de referência para cada 150 mil habitantes, em diferentes zonas das cidades, além de revitalizar aquelas já existentes.

As bibliotecas públicas e as escolares precisam ser equipamentos que dialogam com as dinâmicas dos bairros e comunidades, reconhecidos pelas programações que realizam. É nesse sentido que os polos atuam, desenvolvendo atividades em conjunto, as quais disseminam a leitura literária, enquanto

prática social. Conceber atividades conjuntamente, convergir esforços, buscar alternativas para o fortalecimento da política de promoção da leitura literária são o que justificam o mapeamento dos municípios por polos de leitura.

A seguir, o mapeamento dos polos de Natal e Parnamirim.

NATAL E PARNAMIRIM

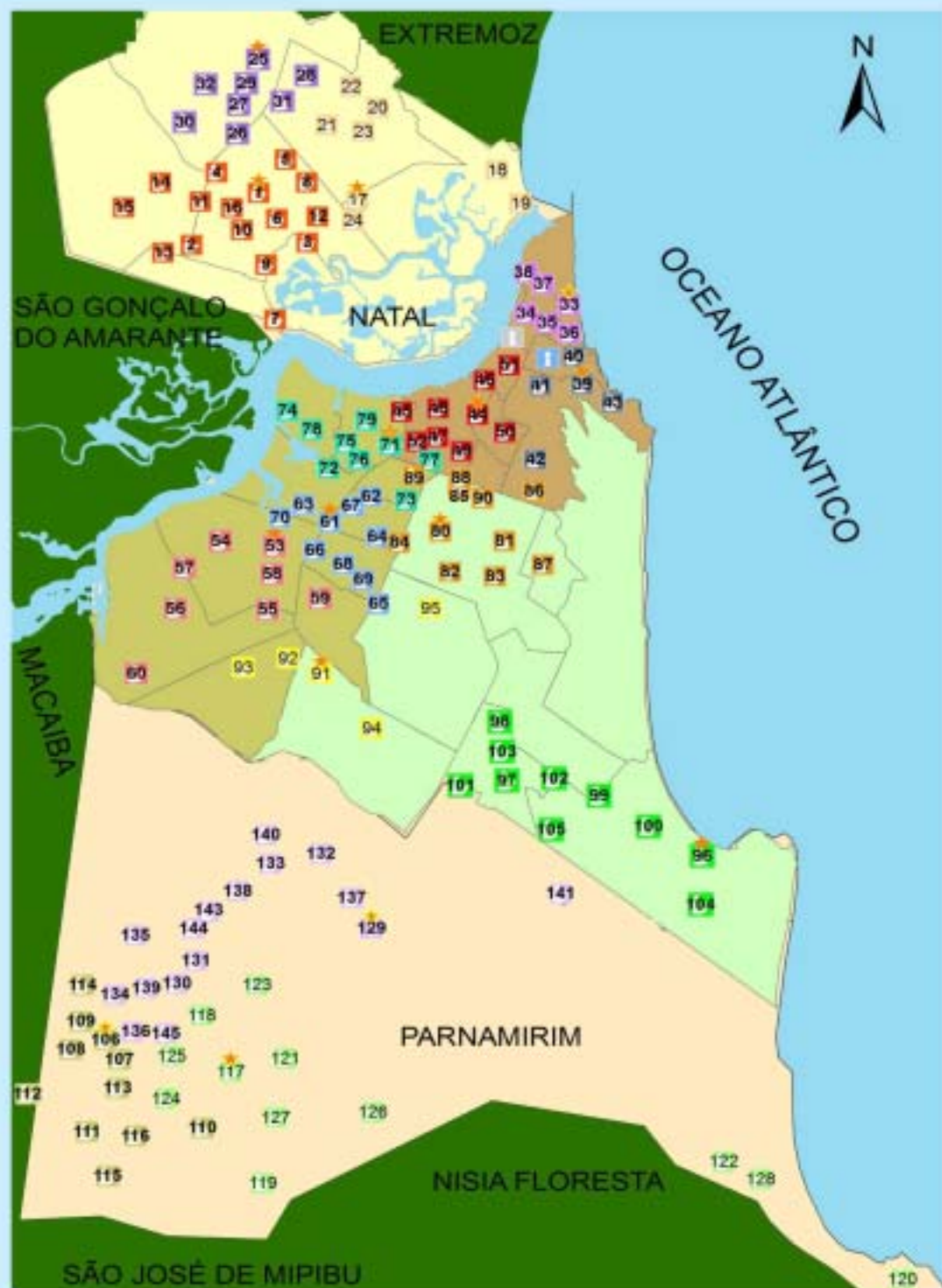
Mapeamento dos Polos de Leitura



Rede Potiguar de Escolas Leitoras

LEGENDA





POLO 1 - ZONA NORTE - NATAL/RN

- 01 - Escola Municipal Monsenhor José Alves Landim (EFA)
Rua Retirolândia, S/N – Conj. Soledade I - 59120-170 - Fones: (84) 3214-4841 / 3232-4824
- 02 - Escola Estadual 15 de Outubro
Av. das Fronteiras, 3142 Potengi - 59108-470 - Fone: (84) 3232 7391
- 03 - Escola Estadual Alferes Tiradentes
Rua Dr. João Medeiros Filho, 4640 Potengi - 59122-200 - Fone: (84) 3232 6131
- 04 - Escola Estadual Antonio Fagundes
Av. Das Fronteiras, 2295 Potengi - 59108-230 - Fone: (84) 3232 6974
- 05 - Escola Estadual Dom Jose Adelino
Rua Bragantina, 190 Potengi - 59124-530 - Fone: (84) 3232 7837
- 06 - Escola Estadual Rômulo Wanderley
Rua Paratinga, S/N Potengi - 59120-140 - Fones: (84) 3232 7392 / 3661 0564
- 07 - Escola Estadual. Potiguassu
Praça São Vicente de Paula, 77 - Igapó - 59104-010 - Fone: (84) 3232 7229
- 08 - Escola Municipal Adelina Fernandes
Rua Bragantina, 190 - Potengi - 59124-530 - Fones: (84) 3661-9240 / 3232-4825
- 09 - Escola Municipal Malvina Cosme
R. Paranduva, S/N - Santa Catarina - 59110-180 - Fones: (84) 3214-3823/3214-5586/3232-4839
- 10 - Escola Estadual Gal. Dióscoro Vale
Rua Angra dos Reis, S/N - Potengi - 59110-620 - Fone: (84) 3232-6976
- 11 - Escola Municipal Palmira de Souza
Rua Volta Redonda, S/N - Conj. Santa Catarina - 59110-470 - Fones: (84) 3214-3407/3232-4840
- 12 - Centro de Estudos. e Biblioteca Escolar Prof. Américo de Oliveira Costa
Av. Itapetinga 1430, Santarém - 59114-400 - Fone: (84) 3232- 7396
- 13 - Escola Municipal Jornalista Erivan França
Trav. Irmã Vitóriar, S/N-Vila Paraíso - Igapó - 59106-020 - Fones: (84) 3664-9046/3232-4826
- 14 - Escola Municipal José Andrade Frazão
Av. Boa Sorte, S/N Lot. J. Progresso - N. Sra. da Apresentação - 59114-250 - Fone: (84) 3232-8218
- 15 - Escola Municipal Laércio Fernandes
Rua Noel Costa, S/N. N. Sra. da Apresentação - 59115-120 - Fone: (84) 3232-9784
- 16 - Escola Estadual Peregrino Júnior
Rua Rio do Sul, S/N Santa Catarina - 59110-300 - Fone: (84) 3232-7228

POLO 2 - ZONA NORTE - NATAL/RN

- 17 - Escola Estadual Pe. João Maria (EFA)
Largo do Eucalipto, S/N Potengi - 59120-560 - Fone: (84) 3232-6314

- 18 - Escola Estadual Dulce Wanderley
Rua Cícero Bucha, S/N - Redinha - 59122-110 - Fone: (84) 3232-6977
- 19 - Escola Estadual Leonor Lima
Rua Francisco Ivo, 196 - Redinha - 59122-000 - Fone: (84) 3232-6970
- 20 - Escola Municipal Lourdes Godeiro
Av. Moema T. C. Lima – Gramoré -Lagoa Azul - 59.133-090 - Fone: (84) 3663-9019
- 21 - Escola Municipal Francisca de Oliveira
Rua Lindolfo Gomes Vidal, S/N Resid. Algimar - Pajuçara - 59133-560 - F. (84) 3663-5261 / 3232-4832
- 22 - Escola Municipal Vera Lúcia Soares
Av. Mar Mediterrâneo, S/N - Parque das Dunas VI - 59133-000 - Fones: (84) 3663-5184/3232-7791
- 23 - Escola Municipal Zuleide Fernandes
Av. Armando Ribeiro Gonçalves, S/N - Brasil Novo - Pajuçara - 59133-300 - Fone: (84) 3232-4835
- 24 - Escola Municipal José do Patrocínio do P. Pinto
Av. Mangabeira, 1905-Panorama - Potengi - 59102-420 - F. 3661-5411/3662-8272 / 3232-4823

POLO 3 - ZONA NORTE - NATAL/RN

- 25 - Escola Estadual Maria de Lourdes (EFA)
Praça Ipanema, S/N Gramoré - 59136-050 - Fone: (84) 3232-7223
- 26 - Escola Estadual Crisan Seminéia
Rua das Crendices, SN -Lagoa azul - 59135-070
- 27 - Escola Estadual Alceu Amoroso Lima
Rua do Barão, S/N - Nova Natal - 59135-200 - Fone: (84) 3232-6323
- 28 - Escola Estadual Maria Nalva Xavier
Rua Historiador Capistrano de Abreu, S/N - Pajuçara - 59131-240 - Fone: (84) 3232 7224
- 29 - Escola Estadual Aldo Fernandes
Av. Guaratinguetá, S/N Lagoa Azul - 59135-500 - Fone: (84) 3232-6971
- 30 - Escola Estadual Arquiteta Elizabeth de Fátima
Rua dos Coroas, S/N Lagoa Azul - 59138-140 - Fone: (84) 3232-6978
- 31 - Escola Municipal Ma. Dalva Gomes Bezerra
R. Barueri, S/N-Conj. Gramoré-Lagoa Azul - 59.135 - Fones: (84) 3663-9084 / 3232-4831
- 32 - Escola Municipal João Paulo II
Rua dos Bambelôs, S/N -Conj. Nova Natal - 59.139-160 - Fones: 3661-9118/3232-4821

POLO 4 - ZONA LESTE - NATAL/RN

- 33 - Escola Estadual Josefa Sampaio (EFA)
Av. Pres. Café Filho, 18 - Santos Reis – 59010-000 - Fone: (84) 3232-6279
- 34 - Escola Estadual Isabel Gondim
Largo Prof. Acrísio Freire, S/N Rocas - 59010-210 - Fone: (84) 3232-6623

338 - A Leitura Literária na Escola Pública Potiguar

35 - Escola Estadual Café Filho

Rua Décio Fonseca, S/N - Rocas - 59010-370 - Fone: (84) 3232-6622

36 - Escola Estadual Olda Marinho

Av. 25 de Dezembro, 14 - Praia do Meio - 59010-035 - Fone: (84) 3232-6273

37 - Escola Municipal Henrique Castriciano

Rua Décio Fonseca, 663 - Santos Reis - 59010-370 - Fones: (84) 3202-4047 / 3232-4791

38 - Escola Municipal Santos Reis

Rua João Carlos de Souza, 312 - Santos Reis - 59010-560 - Fones: (84) 3202-4710 / 3232-4802

POLO 5 - ZONA LESTE - NATAL/RN

39 - Escola Estadual Alfredo Pegado (EFA)

Av. João XXIII, 603 - Mãe Luiza - 59014-250 - Fone: (84) 3232-6275

40 - Escola Estadual Pedro M. Gouveia

Rua Major Afonso Magalhães, 111 - Areia Preta - 59014-170 - Fone: (84) 3232-6270

41 - Escola Estadual Alberto Torres

Praça João Galvão Filho, S/N Petrópolis - 59020-000 - Fone: (84) 3232-1559

42 - Escola Estadual Dr. Manoel Dantas

Rua Alberto Maranhão, 892 - Tirol - 59020-330 - Fone: (84) 3232-2815

43 - Escola Estadual Selva Lopes

Rua Guanabara, 880 - Mãe Luiza - 59014-180 - Fone: (84) 3232-6276

POLO 6 - ZONA LESTE - NATAL/RN

44 - Escola Estadual Newton Braga (EFA)

Rua Alameda Curupaiti, S/N Alecrim - 59030-160 - Fone: (84) 3232-6624

45 - Escola Estadual Stela Gonçalves

Rua Ferreira Nobre, S/N - Alecrim - 59040-310 - Fone: (84) 3232-7477

46 - Escola Estadual Passo da Pátria

Rua Ocidental de Baixo, 338 Cidade Alta - 59104-320 - Fone: (84) 3211-9956

47 - Escola Estadual Inst. Ary Parreiras

Praça Almirante Barroso, S/N - Alecrim - 59030-180 - Fone: (84) 3232-1225

48 - Escola Estadual João Tibúrcio

Rua Presidente Bandeira, 536 Alecrim - 59040-200 - Fone: (84) 3232-7964

49 - Escola Estadual Casa do Menor Trabalhador

Rua José Bento, 927 Alecrim - 59032-060 - Fone: (84) 3232-7470

50 - Escola Estadual Tiradentes

Rua Régulo Tinoco, S/N - Barro Vermelho - 59022-080 - Fone: (84) 3232-7479

51 - Escola Municipal Mareci Gomes

- Rua Projetada, S/N - Passo da Pátria - Centro - 59.025-520 - Fones: (84) 3203-2009 / 3232-4792*
52 - Escola Municipal Monsenhor Joaquim Honório
Rua dos Pajeús, S/N - Dix-Sept Rosado - 59052-800 - Fones: (84) 3223-1025 / 3213-1758 / 3232-4851

POLO 7 - ZONA OESTE - NATAL/RN

- 53 - Escola Estadual Maria Luiza Alves (EFA)
Av. Nossa Senhora do Rosário, S/N - Felipe Camarão - 59072-220 - Fone: (84) 3232-7885
54 - Escola Estadual Clara Camarão
Rua Itamar Maciel, 37 - Felipe Camarão - 59074-150 - Fone: (84) 3232-2266
55 - Escola Estadual Eurípedes Barsanulfo
Rua São Benedito, 377 - Felipe Camarão - 59072-170 - Fone: (84) 3605-8951
56 - Escola Estadual União
Rua Prof. Coutinho, 679 - Felipe Camarão - 59074-560 - Fone: (84) 3232-2277
57 - Escola Municipal Maria Cristina Ozório
Rua Antônio Carolino, S/N - Felipe Camarão - 59.074-330 - Fone: (84) 3232-4773
58 - Escola Municipal Djalma Maranhão
Rua Santa Cristina, S/N-Felipe Camarão - 59.072-150 - Fones: (84) 3205-7667 / 3232-4783
59 - Escola Municipal Emília Ramos
Av. Central, S/N - Cidade Nova 59072- 000 - Fones: 3605-4100 / 3232-4774
60 - Escola Municipal Almerinda Bezerra
Rua Ribeira, S/N - Guarapes - 59064-690 - Fones: (84) 3618-0255 / 3232-4764

POLO 8 - ZONA OESTE - NATAL/RN

- 61 - Escola Estadual Jean Mermoz (EFA)
Rua Barão de Mauá, S/N - Bom Pastor - 59060-220 - Fone: (84) 3232-1123
62 - Escola Estadual Irmã Sheila
Rua Industrial João Francisco da Mota, 2000 - Fone: (84) 3232-2279
63 - Escola Estadual Márcio Marinho
Rua Tenente Petronilo Diogo, S/N - Bom Pastor - 59060-110 - Fone: (84) 3232-7884
64 - Escola Estadual Raimundo Soares
Rua dos Patos, S/N - Cidade da Esperança - 59070-170 - Fone: (84) 3232 7886
65 - Escola Estadual Luis C. Cascudo
Trav. dos Potiguares, S/N - Candelária - 59064-285 - Fone: (84) 3232-1793
66 - Escola Estadual Mons. Mata
Rua Guaíba, S/N - Cidade da Esperança - 5971-490 - Fone: (84) 3232-7313
67 - Escola Municipal S. Francisco de Assis
Av. Miguel Castro, 126 - Nazaré - 59075-740 - Fones: (84) 3213-2163 / 3232-4867
68 - Escola Municipal Celestino Pimentel

340 - A Leitura Literária na Escola Pública Potiguar

Rua Pernambuco, S/N - Cidade da Esperança - 59070-300 - Fones: (84) 3086-8624 / 3205-3552

69 - Escola Municipal Ivonete Maciel

Av. Interventor Mário Câmara, 3133 Cid. da Esperança - 59064-600 - Fones: (84) 3205-4059 / 3232-4782

70 - Escola Estadual 12 de Outubro

Trav. São Domingos, km 6 - Felipe Camarão - 59010-430 - Fone: (84) 3232-2278

POLO 9 - ZONA OESTE - NATAL/RN

71 - Escola Estadual Theódulo Câmara (EFA)

Rua São Geraldo, 85 - Quintas - 59035-260 - Fone: (84) 3232-7484

72 - Escola Estadual Maria Ilka

Rua Manoel Miranda, 2758 - Bom Pastor - 59037-250 - Fone: (84) 3232 7488

73 - Escola Estadual Amb. Matias Moreira

Rua Josefa Botelho, 220 - Dix-Sept Rosado - 59054-160 - Fone: (84) 3232-9449

74 - Escola Estadual Imperial Marinheiro

Rua Araraj, S/N - Bairro Nordeste - 59042-440 - Fone: (84) 3232 7482

75 - Escola Estadual Maria Montezuma

Trav. Manoel Andrade, S/N - Quintas - 59035-020 - Fone: 3232-7489

76 - Escola Estadual Graciliano Lordão

Rua dos Pegas, 531 - Quintas - 59035-100 - Fone: (84) 3232-3683

77 - Escola Estadual Maria Lidia

Rua Baraúnas, 888 - Quintas - 59037-370 - Fone: (84) 3653-3106

78 - Escola Municipal Chico Santeiro

R. da Cruz, S/N-B. Nordeste - 59042-000 - Fone: (84) 3653-3096 / 3232-4855

79 - E.M Ferreira Itajubá

R. dos Pegas, S/N-Quintas - 59035-100 - Fone: (84) 3653-2259 / 3232-4859

POLO 10 - ZONA SUL - NATAL/RN

80 - Escola Estadual Instituto Kennedy - (EFA)

Rua Jaguarari, 2100 - Lagoa Nova - 59062-500 - Fone: (84) 3232-6247

81 - Escola Estadual Hegésippo Reis

Rua Claudionor de Figueiredo, 405 - N. Descoberta - 59075-260 - Fone: (84) 3232-2398

82 - Escola Estadual Presidente Café Filho

Rua Norton Chaves, 04 - Nova Descoberta - 59075-200 - Fone: (84) 3232-7878

83 - Escola Estadual Jorge Fernandes

Rua Cristal de Rocha, S/N Lagoa Nova - 59076-150 - Fone: (84) 3232-1767

84 - Escola Estadual Joaquim Torres

Rua dos Potiguares, S/N - Lagoa Nova - 59054-280 - Fone: (84) 3232 1697

85 - Escola Estadual Cônego Monte

Av. Bernardo Vieira, 130 - Lagoa Nova - 59025-971 - Fone: (84) 3232-7472

86 - Escola Estadual Ambulatório Pe. João Maria

Rua Zacarias Monteiro, 241 Morro Branco - 59015-290 - Fone: (84) 3232-6619

87 - Escola Municipal Ulisses de Goes

Rua Pe. Raimundo Brasil, S/N - Nova Descoberta - 59075-100 - Fones: (84) 3206-6724 / 3232-4770

88 - Escola Municipal Juvenal Lamartine

Rua Presidente Sarmiento, 1156 - Alecrim - 59.032-400 - Fones: (84) 3213-1364 / 3232-4850

89 - Escola Estadual Joaquim Lourival

Rua Araguari, 301 - Dix-Sept Rosado - 59054-280 - Fone: (84) 3232-7924

90 - Escola Municipal Mario Lira

Rua Antônio Basilio, S/N - Dix Sept-Rosado - 59.054-380 - Fone: (84) 3213-7050 / 4857

POLO 11 - ZONA SUL - NATAL/RN

91 - Escola Estadual Djalma Marinho (EFA)

Rua São Francisco de Assis, S/N- Cidade Satélite - 59085-000 - Fone: (84) 3232-7201

92 - Escola Estadual Vale do Pitimbu

Rua Juscelino Kubistchek, S/N - Pitimbu - 59069-170 - Fone: (84) 3232-7202

93 - Escola Estadual Prof. Luis Antonio

Rua Alamanda, S/N - Lagoa Nova - 59065-480 - Fone: (84) 3232-7879

94 - Escola Municipal Prof. Ascendino de Almeida

Rua Engº Joaquim Cardoso, 220-Vale do Pitimbu - 59069-110 - Fone: (84) 3218-5421/3232-4767

95 - Escola Municipal Emanuel Bezerra

Rua Mira Mangue, S/N -Planalto - 59073-230 - Fone: (84) 3232-4766

POLO 12 - ZONA SUL - NATAL/RN

96 - Escola Estadual Jerônimo de Albuquerque (EFA)

Rua Manoel Coringa de Lemos, 70 - Ponta Negra - 59090-190 - Fone: (84) 3232-7490

97 - Escola Estadual Berilo Wanderley

Rua Governador Valadares, S/N- Neópolis - 59088-010 - Fone: (84) 3232-7206

98 - Escola Estadual Maia Neto

Rua Paraná, S/N - Neópolis - 59080-340 - Fone: (84) 3232-7207

99 - Escola Estadual José Fernandes Machado

Av. Praia de Muriú, S/N - Ponta Negra - 59094-390 - Fone: (84) 3232-7407

100 - Escola Municipal São José

Rua Manoel C. Lemos, S/N-Ponta Negra - 59090-190 - Fone: (84) 3641-9023 / 3232-4810

101 - Escola Municipal Prof. Antônio Severiano

342 - A Leitura Literária na Escola Pública Potiguar

Rua Ouro Preto, S/N – Pirangi - 59088-690 - Fones: (84) 3217-7459 / 3232-4762

102 - Escola Municipal Prof. Arnaldo Monteiro

Rua Aracitaba, 2993 - Pirangi - 59084-080 - Fones: (84) 3217-8191 / 3232-4763

103 - Escola Municipal Prof. Carlos Belo Moreno

Rua Arapiraca, S/N - Conj. Jiqui, Neópolis - 59086-210 - Fones: (84) 3217-3906 / 3232-4761

104 - Escola Municipal Prof. Josefa Botelho

Rua Manoel Congo, S/N - Vila de Ponta Negra - 59090-300 - Fones: (84) 3641-9024 / 3232-4811

105 - Clínica Pedagógica Heitor Carrilho

Rua Estancia Velha, 2 - 59084-100 - Nova Parnamirim - Fones: (84) 3615-3270 / 3615-3270

POLO 13 - PARNAMIRIM/RN

106 - Escola Estadual Arnaldo Arsênio (EFA)

Rua Candido Martins de Souza, S/N - Rosa dos Ventos – 59150-000 - Fone: (84) 3644-6417

107 - Escola Estadual Trampolim da Vitória

Rua Cap. Marcino Machado, S/N - Santos Reis - Fone: (84) 3644 6415

108 - Escola Municipal Alzelina de Sena Valença

Rua Joel Imperador, S/N - Rosa dos Ventos - Fone: (84) 3644-8355

109 - Escola Municipal Cícero de Souza Melo

Rua Jonaldo Matias Oliveira, 32 - Passagem de Areia - Fone: (84) 3644-8345

110 - Escola Municipal Eulina Augusta de Almeida

Loteamento São Vicente II - 250 - Nova Esperança - Fone: (84) 3644-8280

111 - Escola Municipal Hélio Mamede Galvão

Rua Cícero José dos Santos S/N - Vale do Sol - Fone: (84) 3644-8380

112 - Escola Municipal Jussier Santos

Rua Garrastazu Médici, 250 - Bairro Santa Tereza - Fone: (84) 3644-8285

113 - Escola Municipal Límrio Cardoso Dávila

Rua Sebastiana Constância S/N - Rosa dos Ventos - Fone: (84) 3644-8270

114 - Escola Municipal Professora Luzanira Maria Costa Cruz

Rua Luiza Maria C. Santiago, 76 - Passagem de Areia - Fone: (84) 3644-8360

115 - Escola Municipal Maria Medeiros de Jesus

Rua João Canário de Carvalho - Nova Esperança - 59144-320

116 - Escola Municipal Enedina Eduardo do Nascimento

Rua Eugênia Palhares, 32 - Vale do Sol - Fone: (84) 3644-8300

POLO 14 - PARNAMIRIM/RN

117 - Escola Estadual Maria Cristina (EFA)

- Rua Manoel Costa, 455 - Boa Esperança - 59140-480 - Fone: (84) 3272 0821*
- 118 - Escola Municipal Augusto Severo
Rua Sargento Norberto Marques Nº 158, Centro - Fones: 3644-8308 / 3272-1018
- 119 - Escola Municipal Édmo Pinheiro Pinto
Rua Manoel Herculano de Oliveira S/N, Cajupiranga - 59156-237 - Fone: (84) 8845-0389
- 120 - Escola Municipal Erivan França
Rua Carmi de Souza S/N - Pirangi do Norte - Fone: (84) 3238-1072
- 121 - Escola Municipal Francisca Bezerra de Souza
Rua Padre Oliveira Rolim S/N - Liberdade - Fone: (84)3644-8305
- 122 - Escola Municipal Raimunda Maria da Conceição
Av. Joaquim Patrício de Almeida S/N - Pium - Fone: (84) 3237-4907
- 123 - Escola Municipal Francisca Canindé Avelino Batista
Rua Aristófanes Fernandes, 37 - Parque de Exposição - Fone: (84) 3644-8335
- 124 - Escola Municipal Homero de Oliveira Dantas
Rua 1º de Maio, 47 - Boa Esperança - Fone: (84) 3644-8310
- 125 - Escola Municipal Ivanira de Vasconcelos Paisinho
Rua Castor Vieira Régis, 1424 - Cohabinal - Fone: (84) 3644-8325
- 126 - Escola Municipal João Gomes da Costa Neto
Rua Estrada de Cajupiranga, 2342 - Liberdade - Fone: (84) 3644-8340
- 127 - Escola Municipal Neilza Gomes de Figueredo
Rua Salgueiro, 170 - Jardim Planalto - Fone: (84) 3644 -8370
- 128 - Escola Municipal Sadi Mendes Sobreira
Rua Santa Luzia, S/N - Nova Parnamirim - Fones: (84) 3615-3427 / 3208-2424

POLO 15 - PARNAMIRIM/RN

- 129 - Biblioteca Comunitária da Associação Cultural Dom Nivaldo Monte (EFA)
Rua Capitão Martinho Machado, 1699 - Passagem de Areia - 59145-720 - Fone: (84) 9110-9531
- 130 - Escola Municipal Irene Soares da Silva
Rua Aristófanes Fernandes S/N - Monte Castelo - Fone: (84) 3644-8295
- 131 - Escola Municipal Íris de Almeida Matos
Rua Feliciano Martins, 167 - Monte Castelo - Fone: (84) 3644-8330
- 132 - Escola Municipal Rubens Manoel Lemos
Rua Rio Camaragibe, S/N - Emaús - Fone: (84) 3643-5485
- 133 - Escola Municipal Josafá Sisino Matos
Rua Rio Água Vermelha S/N - Parque Industrial - Fone: (84) 3644-8375
- 134 - Escola Municipal José Augusto Nunes
Rua Aspirante Santos, 1050 - Santos Reis - Fone: (84) 3644-8265

344 - A Leitura Literária na Escola Pública Potiguar

135 - Escola Municipal José Fernandes

Rua José Pinto, 185 - Monte Castelo - Fone: (84) 3644-8390

136 - Escola Municipal Maria do Céu Fernandes

Rua Cabo Serafim Nunes Neto, 193 - Santos Reis - Fone: (84) 3644-8290

137 - Escola Municipal Maura de Moraes Cruz

Rua Luiz Jerônimo Bezerra S/N - Emaús - Fones: (84) 3644-8365 / 3643-9036

138 - Escola Municipal Nossa Senhora da Guia

Travessa Nossa Senhora da Guia S/N - Emaús - Fone: (84) 3644-8315

139 - Escola Municipal Osmundo Farias

Rua Pte. Getúlio Vargas, 2073 - Passagem de Areia - Fone: (84) 3644-8260

140 - Escola Municipal Manoel Machado

Rua Aeroporto de Pelotas S/N - Jardim Aeroporto - Fone: (84) 3644-8385

141 - Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes

Rua dos Avelós, S/N - Cidade Verde - Fone: (84) 3208-9597

142 - Escola Municipal Luiz Carlos Guimarães

Rua Mahatma Gandhi S/N - Nova Parnamirim - Fone: (84) 3615-3424

143 - Escola Municipal Eva Lúcia Bezerra de Mendonça

Rua Silva Bandeira de Melo, S/N - Parque de Exposições II - Fones: (84) 3645-1062 / 3643-5258

144 - Escola Municipal Maria Saraiva Fernandes

Rua Vereador Bandeira Júnior, S/N - Bela Parnamirim - 59146-590

145 - Escola Municipal. Antonio Basílio Filho

Rua Manoel Monteiro Filho, S/N - Passagem de Areia - Fone: (84) 3644-8275

BIBLIOTECAS PÚBLICAS



(AZUL) - Biblioteca Pública Câmara Cascudo

Rua Potengi, 535 Natal/RN - 59020-030 - Fone/Fax: (84) 3221-6153 - E-mail: bpcc.rn@ibest.com.br



(CINZA) - Biblioteca Pública Municipal Prof. Esmeraldo - Siqueira

Av. Câmara Cascudo, 434 - Centro Natal/RN - 59025-280 - Fone: (84)3232-4955 - Fax: (84)3232-4944

12 - Centro de Estudos. e Biblioteca Escolar Prof. Américo de Oliveira Costa

Av. Itapetinga 1430, Santarém - Natal RN - 59114-400 - Fone: (84) 3232 7396

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

129 - Biblioteca Comunitária da Associação Cultural Dom Nivaldo

*Monte Rua Capitão Martinho Machado, 1699 - Passagem de Areia - Parnamirim RN - 59145-720
Fone: (84) 9110-9531*

Bibliografia Complementar

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 2006.

ALVES, Rubem. *O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender*. Fundação Educar Dpaschoal. 2006.

AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas? Literatura Infantil e prática pedagógica*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

_____. *Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula*. Petrópolis: Vozes. 2006.

ANDRADE, C. D. *Antologia Poética*. 22^a ed.; Rio de Janeiro: Record, 1987.

ASOLECTURA. *Clube de Lectores: informes de una experiência*. Bogotá /Colombia, 2007.

_____. *Lecturas sobre lecturas*. Bogotá/Colombia. 2004.

AZEVEDO, Fernando. *Língua Materna e Literatura Infantil: Elementos nucleares para professores do ensino básico*. Lisboa: Lidel, 2006.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 51^a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAJARD, Elie. *Ler e Dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir as entrelinhas: o valor de escutar nas práticas de leitura*. Bogotá/Colombia, 2010. Mimeo.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. Tradução por Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. Tradução por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (Coleção ensino superior). p. 279-325.

_____. *Estética da Interação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BARROS, Laura Pozzana d e (Coord.). *Leituras e elos: o prazer em ler com crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Instituto C&A: CIESP, 2009.

BERENBLUM, Andrea. *Por uma política de formação de leitores*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMARGO, Luis. *Ilustração do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CAPARELLI, Sérgio. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: LP&M, 1982.

CASTRILLON, Silvia. *O direito de ler e escrever*. Bogotá/Colombia, 2010. Mimeo.

CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.

_____. *Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

_____. *Andar entre livros*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. *Letramento Literário – teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Janice do Rocio Colodel. *Leitura e Interpretação*. Disponível em: <http://bibliotecaescolar.tripod.com/id24.html>

CUNHA, Maria Zilda. *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Humanitas/Paulinas, 2009.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução por Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Leitura do texto literário*. Lisboa: Presença, 1983.

FERREIRO, Emília. *Cultura, escrita e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FONTANA, Roseli A. Cação. *Mediação pedagógica na sala de aula*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Tradução por Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *A criança, o professor e a leitura*. Trad. Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. *Paulo Freire para Educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 33 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FUNDAÇÃO ABRINQ. *Biblioteca viva: fazendo história com livros e leituras*. São Paulo: Fundação Abrinq, ????.

GARCIA, Edson Gabriel (coordenador e idealizador). *Prazer em Ler: Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da Leitura – Volume 2*. São Paulo: Instituto C&A e CENPEC, 2007.

_____. *Prazer em Ler: um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da Leitura*. São Paulo: Instituto C&A e CENPEC, 2006.

GOMES, A. L. *A atividade de contação de histórias no ensino de literatura e na formação do leitor: um estudo de caso*. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2001.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. Tradução por João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1993.

INSTITUTO C&A [realização]; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil [apoio]. *Nos Caminhos da Literatura* - São Paulo: Peirópolis, 2007.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. *Relatório do diagnóstico sobre práticas de promoção de leitura nas escolas estaduais de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, localizadas nos municípios de Natal e Parnamirim*. Natal: IDE, 2007.

INSTITUTO DISTRITAL DE CULTURA Y TURISMO. *Por qué leer y escribir*. Bogotá/Colombia, [s.d]

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert et alii;. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução por Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (coleção Literatura e teoria literária; v. 36).

JOUVE, Vincent. *A Leitura*. São Paulo; UNESP. 2002.

KLAES, Rejane Raffo. *Dados e informações usados na tomada de decisão em bibliotecas universitárias brasileiras: o contexto da atividade de desenvolvimento de coleções*. Brasília: UNB, 1991, p.31-59. (Dissertação de Mestrado).

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes/EDUNICAMP, 1993.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LARROSA, J. *Pedagogia Profana – Danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, Robson Luiz Rodrigues de. *As Teorias de leitura aplicadas ao texto*. Disponível em: http://www.bomjesus.com.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_teorias_leitura_aplicada_texto.pdf

LOPES, Boanerges. *O que é Assessoria de Imprensa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MACHADO, Ana Maria. *Ponto a Ponto*. 2ª ed.; São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1998.

_____. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. *Derecho de Ellos y deber nuestro* (Literatura Infantil: para quê?) - In: *Decir, Existir* : Actas I Congreso Internacional de Literatura para Niños / con colaboración de Valeria Sorin. 1ª ed. - Buenos Aires : La Bohemia, 2009.

_____. *Ilhas no tempo: algumas leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINEZ, Lucila. *Colombia, país das bibliotecas*. Bogotá/Colombia 2010. Mimeo.

MARCELINO, Gileno. *Governo, imagem, sociedade*. Brasília: FUNCEP, 1988.

MARTINS. M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: O diálogo possível*, São Paulo: Ática, 2000.

MORAN, J. MASETTO, M. T e BEHRENS, M e GHEDIN (Org.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

NOGUEIRA, A. L. H. Eu leio, ele lê, nós lemos: processo de negociação na construção da leitura. In: *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. 5 ed. Campinas São Paulo: Papirus, 1997.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Ieda (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? : com a palavra, o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

OLIVEIRA, Ruide. *Pelos jardins Boboli*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PAIVA, A; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PENNAC, Daniel. *Como um Romance*. Rio de Janeiro; Rocco. 1993.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à diversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PEREIRA, Andrea Kluge. *Biblioteca na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

RAMOS, Ana Margarida. *Literatura para a Infância e Ilustração: leitura em diálogos*. Porto: Tropelias & Companhia, 2010.

ROBLEDO, Beatriz Helena. *Livro/Escola: Um Binômio Fantástico*. Disponível em: http://www.cerlalc.org/revista_enero/pdf/01_p.pdf

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SANDRONI, Laura. *Ao longo do caminho*. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. *De Lobato a Bojunga, as reinações renovadas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

SERRA, Elizabeth (org.). *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Global, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O bibliotecário e a formação do leitor. Leitura: teoria & prática*, Campinas, v.6, n.10, p.5-10, dez.1987.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 3. ed. Tradução por Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. *Leitura Significativa*. Tradução por Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, M. B. *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLE, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VILELLA, Regina. *Quem tem medo da Imprensa?* Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovicht. *Pensamento e linguagem*. Tradução por Jefferson Luiz Camargo. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Formação social da mente*. Tradução por José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1994.

YUNES, Eliana. *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro. Ed. PUC/Rio, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. 11ed. São Paulo: Globo, 2003.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

A Leitura Literária

na Escola Pública Potiguar

"As leis não alcançarão suas finalidades enquanto o poder público não cumprir o seu papel e a sociedade não clamá-las à execução incondicional. Para tanto, faz-se necessário viabilizá-las no âmbito das atividades institucionais públicas em larga margem de parceria com as instituições privadas."

"A leitura é um direito de qualquer cidadão, uma atitude de democracia que promove a emancipação pessoal e social, que estabelece hoje um novo horizonte para sonharmos outros sonhos possíveis. Postergá-la para amanhã implica tão somente acomodar o verbo que pulsa na consciência, requisitando expressão. É por tudo isso que queremos um Rio Grande do Norte de leitores."

(Do "Manifesto por um Rio Grande do Norte de Leitores")

Apoio:



ISBN 978-85-99932-02-5

